Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Jaqueline de Sá Ribeiro

As transformações sociopolíticas e culturais no Japão da Era Meiji (1868-1912) a partir das *Cartas do Japão*, de Wenceslau de Moraes

Rio de Janeiro
2017

Jaqueline de Sá Ribeiro

As transformações sociopolíticas e culturais no Japão da Era Meiji (1868-1912) a partir das *Cartas do Japão*, de Wenceslau de Moraes

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Vilaça dos Santos

Rio de Janeiro

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CCSA

M827 Ribeiro, Jaqueline de Sá.
As transformações sociopolíticas e culturais no Japão da Era Meiji (1868-1912) a partir das *Cartas do Japão*, de Wenceslau de Moraes / Jaqueline de Sá Ribeiro. – 2017.
164 f.

Orientador: Fabiano Vilaça Santos.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
Bibliografia.

1. Japão – História – 1868-1912 – Teses. 2. Cultura – Japão – Teses. 3. Moraes, Wenceslau de, 1854-1929 – Viagem – Ásia, Leste – Teses I. Santos, Fabiano Vilaça. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 952"1868-1912"

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____
Assinatura Data

Jaqueline de Sá Ribeiro

As transformações sociopolíticas e culturais no Japão da Era Meiji (1868-1912) a partir das *Cartas do Japão,* de Wenceslau de Moraes

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política.

Aprovada em 08 de junho de 2017.

Banca examinadora:

_____

Prof. Dr. Fabiano Vilaça dos Santos (Orientador)

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

_____

Prof.ª Dra. Lúcia Maria Bastos P. das Neves

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

_____

Prof.ª Dra. Mônica da Silva Ribeiro

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

_____

Prof.ª Dra. Laura Moutinho Nery

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Rio de Janeiro

2017

DEDICATÓRIA

A todos que acreditaram nas minhas potencialidades acadêmicas e pessoais.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois, mesmo que eu esteja em um momento de apostasia, ele continua o mesmo.

A minha querida e amada mãe, meu exemplo de perseverança. Mulher guerreira e independente que me ensinou o verdadeiro significado de força interior e esforço.

Agradeço ao meu orientador, que acreditou na potencialidade da minha pesquisa, inicialmente meio confusa, e que com sensibilidade e paciência foi me auxiliando a torná-la mais clara e orgânica. Obrigada pelas horas dedicadas, pela cumplicidade e por ser sempre solícito e presente.

Aos professores da pós-graduação, que expandiram os meus horizontes e acrescentaram de forma significativa no meu crescimento pessoal e intelectual, especialmente as professoras Laura Nery, Lúcia Bastos e Marilene Rosa.

A duas pessoas muito queridas e solícitas, que leram o projeto quando estava bem incipiente e deram sugestões muito proveitosas: Elisa Massae Sasaki e Daniel Aarão Reis Filho, muito obrigada pela atenção e ajuda, de coração.

Aos meus amados amigos Margaret, Tábata e Renan que sempre estão presentes em minha vida e me encorajam a melhorar a cada dia. Aos meus presentes do mestrado, “Theus” e Lívia, que ouviram horas a fio de lamúrias acadêmicas sempre com paciência e bom humor, me animando e incentivando a prosseguir. Seus elogios e críticas foram muito importantes.

EPÍGRAFE

O que eu quero é devassar a alma japoneza como ella é hoje, como ella foi hontem, no seu presente e no seu passado. (...) No estado atual das coisas, querer perceber o japonez em comparação com o europeu, pelo que o japonez diz sobre o assumpto, seria trabalho inútil, porque o japonez, se acaso se conhece a si próprio, o que ele certissimamente não conhece é o europeu. De um modo análogo, querer perceber o japonez do que d'elle diz o europeu, seria igualmente trabalho inútil, porque o europeu desconhece certissimamente o japonez. A difficuldade para o homem do Occidente poder desvendar, mesmo de leve, o mysterio moral do caracter nipponico tem sido expresso em sumula por alguns talentos privilegiados. A alma japoneza é para nós europeus, e mais do que a de qualquer outro povo, um caprichoso e enorme ponto de interrogação.

(Wenceslau de Moraes, *Relance da alma japoneza*, 1926)

RESUMO

RIBEIRO, Jaqueline de Sá. *As transformações sociopolíticas e culturais no Japão da Era Meiji (1868-1912) a partir das Cartas do Japão, de Wenceslau de Moraes*. 2017. 164f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

Esta dissertação tem como foco compreender os processos políticos e culturais da Era Meiji (1868-1912) através da perspectiva estrangeira, principalmente, por meio das *Cartas do Japão*, escritas por Wenceslau de Moraes, cônsul português em Kobe e Osaka, de 1899 a 1913. Para isso, realizamos uma contextualização histórica e uma discussão historiográfica acerca dos processos que culminaram na restauração imperial e na modernização japonesa, em meados do século XIX. Questões referentes à interculturalidade e à alteridade foram trabalhadas no intuito de compreender e decompor o mosaico da ocidentalização japonesa em seu gene. Procuramos apreender o olhar do "outro", no caso, o *gaijin* (estrangeiro) sobre este momento de desestabilização das ancoragens socioculturais no Japão.

Palavras-chave: Wenceslau de Moraes. *Cartas do Japão*. Ocidentalização.

ABSTRACT

RIBEIRO, Jaqueline de Sá. *The sociopolitical and cultural transformations in Japan of the Meiji Era (1868-1912) from the Letters of Japan, of Wenceslau de Moraes. 2017.* 164 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

This dissertation focused on understanding the political and cultural processes of the Meiji Era (1868-1912) through a foreign perspective, by means of the *Letters of Japan*, written by Wenceslau de Moraes, portuguese consul in Kobe and Osaka, from 1899 to 1913). For this, we will carry out a historical contextualization and a historiographic discussion about the processes that culminated in the imperial restoration and the Japanese modernization in the middle of the nineteenth century. Questions concerning interculturality and otherness will be worked on in order to understand and decompose the mosaic of Japanese Westernization into its gene. We will try to apprehend the gaze of the "other", in this case, the *gaijin* (foreign) about this moment of destabilization of socio-cultural anchorages in Japan.

Keywords: Wenceslau de Moraes. *Letters of Japan*. Westernization.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	9
1	**TRANSIÇÃO E MODERNIZAÇÃO: CONTEXTUALIZAÇÃO DOS ANTECEDENTES E ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA ERA MEIJI**.....	17
1.1	**O longo processo de unificação do território japonês**.....	18
1.2	**Tokugawa Bakufu – A Era Edo (1603-1868)**.....	23
1.3	**O período Bakumatsu (1853-1868): Imperialismo e fim do xogunato**.....	31
1.4	**Era Meiji (1868-1912): modernização em curso**.....	40
1.5	**A emergência do Estado-nação e o nacionalismo**.....	52
1.6	**A Era Meiji e o imperialismo japonês**.....	58
2	**OCIDENTALIZAÇÃO: UMA BUSCA POR RENOVAR-SE SEM PERDER**.....	65
2.1	**Interculturalidade: relações entre o Wa e o Yo**.....	66
2.2	**Aspectos da ocidentalização: rearranjos sociopolíticos e culturais**.....	79
2.3	**A Terra do Sol Nascente sob a ótica dos *gaijin***.....	97
3	**O JAPÃO DA ERA MEIJI PELOS OLHOS DE WENCESLAU DE MORAES**.....	110
3.1	**Vida e obra de um peregrino escritor**.....	110
3.2	**Cartas do Japão: aspectos gerais**.....	120
3.3	***Cartas do Japão*: transformações sociopolíticas e culturais, modernidade e ocidentalização**.....	133
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	152
	REFERÊNCIAS.....	157

INTRODUÇÃO

Em 14 de julho de 2015, o *mangaká*[1] Nobuhito Watsuki, autor do mangá[2] que virou o anime[3] *Rurouni Kenshi – Meiji Kenkaku Romantan* (*O Andarilho – Crônicas de um Espadachim da Era Meiji*)[4], conhecido no Brasil como *Samurai X*, participou de uma palestra na Capela Ecumênica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).[5] Nesse encontro, Watsuki falou sobre os seus projetos futuros, rotinas de trabalho e processo criativo de um *mangaká* no Japão. Além dessas informações, o enredo de *Samurai X* foi debatido no evento. A revista em quadrinhos tem como contexto histórico os primeiros anos da Era Meiji (1868-1912). O protagonista é Kenshin Himura, um ex-samurai que tentava se desvencilhar do seu passado de *hitokiri* (aquele que corta, logo, um retalhador) a serviço do governo imperial.[6] Alguns conflitos entre o protagonista e os *shinsengume*[7] (forças armadas do shogunato) foram retratados. Afora isso, a temática da modernização foi explorada, mostrando como as pessoas reagiram às inventividades ocidentais e as suas influências socioculturais. Após falar um pouco sobre a história de *Samurai X*, Watsuki respondeu algumas perguntas da plateia. Primeiro perguntaram ao *mangaká* a que fator ele atribuía o sucesso de sua obra no exterior. Ele argumentou que os personagens se preocupam em proteger uns aos outros, e essa característica sensibiliza os leitores, independemente de suas nacionalidades. Uma outra

---

[1] Cartunista e escritor de mangás.

[2] Modernos mangás são revistas em quadrinhos japonesas, com traços característicos, que se lê da esquerda para a direita. Mas também é o "nome dado a todos os desenhos cômicos ou caricaturais. (...) Um dos mais célebres autores modernos de mangá, apelidado 'o Walt Disney japonês', é Tezuka Osamu (1926-1989), autor do famoso 'Astroboy', um personagem robô justiceiro que ele criou em 1951. Os japoneses de todas as idades gostam de mangá, que representam 40% das publicações anuais das editoras, de todos os gêneros". FRÉDÉRIC, Louis. *O Japão – Dicionário e civilização*. São Paulo: Editora Globo, 2008. p. 755.

[3] Desenhos animados de origem japonesa.

[4] No Japão, o mangá foi publicado pela editora Jump (uma das mais conceituadas do país) de 1994 a 1999. Já o anime, com 95 episódios, passou na Fuji TV de 1996 a 1998. No Brasil o mangá foi publicado pela Editora JBC de 2001 até 2003 e o anime transmitido pela emissora Cartoon Network em 2012.

[5] Evento realizado pelo Consulado Geral do Japão no Rio de Janeiro, Fundação Japão de São Paulo e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

[6] Esse personagem foi inspirado em Kawakami Gensai (1834-1871) um *hitokiri* que ficou muito conhecido por por suas técnicas de luta e pelo número de pessoas que matou. Após a restauração imperial e termino dos confrontos entre as forças do shogun e as forças imperiais, Kawakami sessou suas atividades guerreiras. Nobuhito Watsuki explicou que esse *hitokiri* se arrependeu de seus atos e se tornou um homem da paz que só queria se redimir de seu passado, assim como Kenshin Himura.

[7] A gramática japonesa não possui plural, portanto, mesmo as palavras romanizadas serão escritas no singular.

indagação se referiu ao porquê da predileção do autor pelo quadro de transição da Era Tokugawa (1603-1912) para a Era Meiji, visto que o Japão teve tantos outros momentos envolvendo conflitos entre os samurais que poderiam também se abordados e transformados em excelentes histórias. Nobuhito Watsuki explicou, então, que a Era Meiji representou um momento de transição único na história japonesa, um divisor de águas, por isso a escolha do período. O encontro da tradição com a modernidade modificou a história e estrutura social japonesa para sempre.

E é justamente sobre esse divisor de águas que trata essa dissertação, sob a perspectiva do estrangeiro. O trabalho tem como objetivo discutir a intensificação e a integração dos modelos sociopolíticos e culturais ocidentais no Japão, na Era Meiji[8]. Isto, por meio dos registros de impressões de homens ocidentais[9] que presenciaram esse período de transição, principalmente, as correspondências de Wenceslau de Moraes, mais especificamente as *Cartas do Japão*, publicadas no jornal *O Comércio do Porto*, de 1902 a 1913.[10]

Wenceslau de Moraes viveu no Japão por mais de 30 anos e veio a falecer no país que virou a sua morada. De 1899 a 1913 foi cônsul de Portugal em Kobe e Osaka e relatou em cartas, documentos e livros o que presenciava no Japão no período e as melhores formas de negociação com o arquipélago. O cônsul português forneceu informações pertinentes ao quadro de mudanças políticas e econômicas, ademais, tinha o intuito de entender a forma de pensa e agir do povo japonês. Buscava compreender a força motriz de todo o seu engenho, expresso em gestos e costumes tão singulares e díspares dos seus. Ou seja, para além de buscar analisar as dinâmicas constitutivas, desdobramentos e voltagens da modernização e da ocidentalização presentes na Era Meiji, pretende-se, utilizando as percepções do cônsul presentes nas *Cartas do Japão,* alcançar entendimentos acerca dos processos interculturais daquele período. Por meio de uma análise histórica utilizando alguns conceitos e ferramentas sociológicas, procura-se compreender, com base nos escritos de Moraes, que acompanhou de perto os momentos de intensas modificações no Japão, o olhar do "outro" sobre as reformas

---

[8] O calendário gregoriano é reconhecido pelo Japão desde o início do século XIX, sendo adotado em 1873 em substituição ao calendário lunar de origem chinesa, no entanto, a periodização japonesa é feita de forma distinta da ocidental. As *jidai* (eras/períodos) representam modificações políticas importantes, como mudanças de famílias ou imperadores no poder. A primeira Era é a Jomon (13000 a.C.-300 a.C.) e a última, até então, é a Heisei, iniciada em 1989 quando o imperador Akihito assumiu o trono. Ou seja, em 2017 o Japão vive o 28º ano da Era Reisei.

[9] Por exemplo: Aluízio Azevedo, Manuel de Oliveira Lima, Basil Hall Chamberlain, Lafcadio Hearn, dentre outros.

[10] No começo da pesquisa apenas as cartas até 1907 foram encontradas, mas ao longo das leituras as demais foram localizadas e incluídas no texto.

ocidentalizadas daquela época. Após uma breve contextualização da Era Meiji, explicaremos melhor o conteúdo e a historicidade das cartas.

Na Era Meiji, relações interculturais de atravessamentos estabeleceram-se e viabilizaram uma série de mudanças sociopolíticas abrangendo todos os setores da sociedade japonesa. Por meio de uma planificação política, com reflexos econômicos e culturais, a Terra do Sol Nascente injetou em seu programa de governo e convívio social moldes ocidentais que pudessem impulsionar seu desenvolvimento. De forma que, em meio século, de um arquipélago que foi obrigado a se abrir para o exterior, acuado em seu próprio território com tratados comerciais impositivos, tornou-se uma reconhecida potência oriental conquistadora. Foi o primeiro país não-ocidental a conseguir modernizar-se e industrializar-se antes de 1945. Como afirmou Letícia Canedo, "o Japão pode ser considerado o único país da Ásia que conseguiu manter-se independente: no início do século XX, a independência chinesa era fictícia, a Índia era colônia da Coroa da Inglaterra, a Indochina era protetorado francês". [11]

Desde o século XVI, apesar de um interregno de contato de 1639 até meados do século XIX, os estrangeiros já circundavam o território nipônico. O intercâmbio cultural com portugueses, espanhois e, principalmente, holandeses proporcionou uma ampliação comercial e de conhecimentos relacionados à linguagem, geografia, navegação, botânica, medicina, desenvolvimento armamentista, entre outros aspectos. Os chineses e coreanos, séculos antes dos ocidentais, também contribuíram para o enriquecimento cultural japonês, especialmente no que se refere à escrita, à configuração do sistema político, à produção artística e à religião.[12] Devido à capacidade aglutinadora presente na sociedade nipônica, houve uma adaptação dos moldes culturais, políticos e religiosos exógenos.

Mesmo com essas relações e trocas, foi somente na Era Meiji que um plano de governo objetivando o desenvolvimento econômico e social por meio da assimilação de moldes ocidentais foi posto em prática.[13] Os 45 anos de gestão do imperador Mitsuhito Tenno (1868-1912) marcaram um período definido como o "Governo Iluminado", que abriu as portas para o saber ocidental.

---

[11] CANEDO, Letícia Bicalho. *A descolonização da Ásia e da África*. São Paulo: Editora Atual, 2007. p. 65.

[12] A escrita ideográfica da China foi incorporada e adaptada à cultura japonesa. O confucionismo e o budismo chinês também se propagaram no Japão por intermédio da Coréia.

[13] Segundo Célia Sakurai, esse plano de governo foi impulsionado pela elite capitalizada, que via na modernização e ocidentalização a oportunidade de crescimento econômico e lucratividade. A autora faz a seguinte declaração sobre a Era Meiji: "Trata-se de um profundo redimensionamento das forças sociais no cenário político levado a cabo pela elite do país (...) a partir de uma escolha: participar com alguma força do circuito capitalista". SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 133.

Com o fim do *shogunato*,[14] devido a divergências internas crescentes e à influência estrangeira direta, a sociedade japonesa, até então estamental, alcançou patamares mais igualitários. No Tokugawa *Bakufu*[15] não havia muitas possibilidades de mobilidade social, pois vigorava o *Shinokosho* (divisão em quatro classes – samurais, camponeses, artesãos e comerciantes) que definia os papeis e lugares sociais. Com o *Taisei Hokan* (restauração formal da autoridade política do imperador) um novo sistema político passou a existir. O *Haihanchiken* (abolição dos clãs e criação das províncias) contribuiu para que o *Shimin Byodo* (igualdade entre as classes) se consolidasse, visto que todos os grupos sociais passaram à categoria de cidadãos com os mesmos direitos e deveres. Uma parte dos samurais foi incorporada às forças militares e burocráticas do Estado, mas os guerreiros perderam seu *status* devido ao serviço militar ter se tornado obrigatório. Os cargos públicos passaram a ser ocupados por meritocracia e não por genealogia e muitos samurais de posições mais baixas ingressaram nos quadros da elite política: "A ordem tradicional é desorganizada e em seu lugar surgem arranjos sociais de outra natureza. (...) Um profundo movimento de integração rearticula os elementos da sociedade japonesa no seio de uma nova totalidade", afirmou Renato Ortiz.[16]

Aos poucos o lema *Sonno Joi* (reverenciar o imperador e expulsar os bárbaros) que ecoava pelo Japão foi sendo substituído pelo *Wakon Yosai* (espírito japonês, ensino ocidental) e o *Fukoku-Kyohei* (país rico, exército forte).[17] Quando os japoneses se deram conta de que estavam em posição de vulnerabilidade, face à disparidade econômica e tecnológica em comparação aos *gaijin* (estrangeiros), expulsá-los conscientemente não era mais uma opção. Diante dos saberes ocidentais foram despertados sentimentos de medo e de admiração e um movimento de renovar-se sem perder-se teve início. As estratégias usadas pelos japoneses para desvencilhar-se do controle exercido pelos países ocidentais, por meio dos acordos

---

[14] Período dos governos militares estabelecidos em paralelo e sobrepujando a estrutura político-administrativa da corte imperial. O Japão era comandado pelo Shogum (abreviatura de Seii Taishogun) o generalíssimo dos exércitos, este tinha o poder para controlar os *damyô*, que literalmente significam grandes extensões de terras. Os proprietários dessas terras formavam os clãs que se submetiam as ordens do supremo líder militar. Nesse período o imperador possuía mais um poder simbólico e acompanhava a vida política no ostracismo.

[15] *Bakufu* (tenda do general) representava o sistema de governo do *shogunato* e Tokugawa era o sobrenome de Ieasu Tokugawa, o shogun que após muitos conflitos concluiu a unificação japonesa iniciada por Nobunaga Oda e Ideyoshi Toyotomi, na batalha conhecida como Serigahara (nome do local do ocorrido), em 1600. Os descendentes Tokugawa exerceram o poder militar e político até a restauração imperial em 1868.

[16] ORTIZ, Renato. *O próximo e o distante*: Japão e modernidade-mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 50.

[17] COLLCUTT, Jansen Kamakura. *Atlas do Japão*. *Grandes civilizações do passado*. Catalunya: Andrômeda Oxford Limited, 2008. p. 178.

comerciais, considerados injustos, foram a negociação diplomática recorrente e uma busca por igualdade de poder.

A unidade política permitiu a centralização da administração pública e uma maior intervenção estatal na economia. Na Era Meiji houve um fomento da indústria de base, financiada primeiramente pelo Estado e pouco a pouco passando para a gestão de particulares. Foi criada uma moeda nacional, o iene, um sistema bancário moderno e um sistema ferroviário que viabilizasse a maior integração nacional e facilitasse o comércio. A educação passou a ter prioridade na formação do japonês moderno, o ensino primário tornou-se obrigatório e várias instituições educacionais de todos os níveis de instrução foram construídas. Muitos estrangeiros foram contratados para ministrar aulas em escolas e universidades[18], fomentando o saber ocidental nessas instituições, porém, o movimento inverso também ocorreu: um abundante número de japoneses começou a fazer intercâmbios para a Europa e a América a fim de se especializarem. Quando retornaram, desempenharam um papel importante na aceleração do progresso nacional.

No processo de mudanças, novos cenários e configurações socioculturais foram se formando. Houve uma redefinição nas relações entre elementos autóctones e alienígenas.

> A presença ocidental fazia sentir-se não apenas nas tentativas de organizar o aparato produtivo, os transportes e a burocracia estatal, mas também era palpável na vida política, na existência de movimentos pelos direitos civis e nas reformas educacionais de inspiração franco-prussiana. A voga ocidentalizante estende-se ainda aos costumes, atinge a vida cotidiana de setores da população, transformando a maneira de se vestir e de se comportar em público.[19]

Todas essas reformulações provocaram contradições no seio da sociedade nipônica. Ao buscar no "outro" modificações internas, indagações sobre o "ser japonês" e suas essências começavam a emergir na sociedade. Uma relação conflituosa entre tradição e modernidade foi estabelecida. Buscava-se na ocidentalização meios para modernizar-se, mas também houve tentativas de reabilitar o tradicionalismo japonês em oposição a essas inovações ocidentais. É nesse contexto de adaptações e imbricações interculturais que se pauta esta pesquisa. As problemáticas teóricas fundamentais para este projeto estão ligadas a dois conceitos importantes: interculturalidade e alteridade. O primeiro está relacionado ao

---

[18] "Cinco por cento do total das despesas governamentais durante o Período Meiji foi para salário e outros encargos relacionados com empregos de estrangeiros. Estes salários e encargos representavam também um terço do orçamento da primeira universidade japonesa moderna, a Universidade de Tóquio, que foi criada em 1877 e que era uma empregadora de especialistas estrangeiros particularmente proeminente". HENSHALL, Kenneth. *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, 2004, p. 118.

[19] ORTIZ, Renato. *Op. cit.*, p. 27.

processo de ocidentalização, representado pelo binarismo presente nas designações *Wa* (o que é autóctone nipônico) e *Yo* (o que é estrangeiro, exógeno). O segundo permeia a maneira que o "outro", no caso o *gaijin* (estrangeiro), captou esse momento de mudanças.

Como a maioria das dissertações, apresentaremos além desta introdução, três capítulos e as considerações finais. Devido ao fato de o primeiro e o segundo capítulos já apresentarem um pequeno resumo inicial, a apresentação de ambos será sucinta. O capítulo 1, *Transição e modernização: contextualização dos antecedentes e elementos constitutivos da Era Meiji*, tem por finalidade situar historicamente o período abordado, seus antecedentes e desdobramentos. O enfoque está nas articulações, projeções e desenvolvimento político e socioeconômico. Será explicado o processo de transição da Era Tokugawa (1603-1868) para a Era Meiji (1868-1912), assim como a consolidação do governo Meiji e suas incursões imperialistas. Utilizaremos, para isso, uma variada bibliografia de especialistas sobre o Japão e também alguns poucos relatos de testemunhas oculares que se encontravam no país naquele momento.

Dentro desse quadro de mudanças políticas, um grande fluxo de trocas entre estrangeiros e japoneses estabeleceu-se, cada qual buscando no país do outro entender as vigências locais para fins diferentes. Diplomatas, missionários, escritores e cientistas ocidentais foram ao Japão e relataram suas visões acerca do processo de modernização. Essa perspectiva estrangeira estará presente na segunda parte da pesquisa. O capítulo 2, *Ocidentalização: uma busca por renovar-se sem perder-se*, problematiza questões referentes às transformações socioculturais oriundas da interação e da intensificação das relações com os estrangeiros. Busca-se uma compreensão do funcionamento das interações entre "yo" e "wa"[20], ou seja, do interno e do externo. Verificaremos a profundidade das assimilações ocidentais, suas finalidades e a percepção de alguns estrangeiros, incluindo Wenceslau de Moraes, sobre as mesmas. Para atingir tais finalidades, livros e cartas escritas por esses viajantes ocidentais no período Meiji serão analisados.

O terceiro e último capítulo, *O Japão na Era Meiji pelos olhos de Wenceslau de Moraes*, analisará o corpus documental intitulado *Cartas do Japão*, originalmente publicadas no jornal português *Comércio do Porto*, entre 1902 e 1913. Primeiramente, apresentaremos a vida e a obra do autor, posteriormente falaremos sobre os aspectos gerais das correspondências. No total foram escritas 180 cartas ao longo de 11 anos em que o cônsul português correspondeu-se com o jornal. Essas missivas foram compiladas em livros,

[20] Yo e Wa são designações que vem antes da palavra para poderem discriminar o que é ocidental de oriental, por exemplo: yoshoku (comida ocidental) washoku (comida oriental), yofuku (roupa ocidental) wafuku (roupa oriental).

totalizando seis volumes. Essas publicações podem ser encontradas em suporte digital na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, e impressas no Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro. As cartas são de cunho informativo, com enfoque na análise comercial, explicitando as formas mais apropriadas de se comercializar com o Japão. Uma espécie de manual de negócios informal. No entanto, informações referentes ao clima, à cultura e às relações cotidianas e internacionais sempre foram divulgadas com a finalidade de mostrar um quadro geral do Japão, seu desenvolvimento econômico e político.

Apesar dessas correspondências não serem de foro íntimo, destinadas a amigos, amores ou familiares, não perderam a sua marca autoreferencial. Devido essas propriedades subjetivas novas metodologias e categorias de análise serão utilizadas. Deve haver uma "suspeita" do fato em si e de sua veracidade, a prioridade é captar e compreender a ótica do autor, tentar esquadrinhar a sua "verdade" sobre o que relatava.

Na terceira parte do capítulo faremos uma análise crítica do conteúdo das cartas, das concepções de Moraes acerca das transformações sociopolíticas e culturais, da modernidade e ocidentalização por que passou o Japão, sobretudo, no final do século XIX. Serão explorados alguns trechos de cartas em que o autor expõe sua visão acerca do processo de desenvolvimento economico e do intercâmbio cultural japonês. Os escritos relatam as experiências de Moraes de forma autorreflexiva, devido a essa relação intimista do autor das cartas com seu objeto de análise – o Japão e suas construções materiais e espirituais –, cabe uma análise crítica de acordo com o que foi explicitado por Ângela de Castro Gomes, a respeito do "excesso do sentido real pelo vivido".[21]

Poucas foram as pesquisas encontradas cujo foco fosse direcionado para análises das *Cartas do Japão*. Geralmente, os estudos privilegiam a figura de Moraes e o seu corpo narrativo como um todo. Na historiografia portuguesa há alguns trabalhos sobre vida e obra do autor, no entanto, as maiores produções encontram-se no campo da literatura, sobretudo, a literatura comparada.

No que se refere à relevância, esta pesquisa orienta-se a partir de dois eixos: o primeiro consiste na busca de entendimento sobre um país de história e cultura ricas que nos é próximo, pois o Brasil possui relações econômicas e diplomáticas sólidas com o Japão. O segundo ponto consiste na necessidade de se ampliar o quadro de estudos historiográficos, tão focados na história europeia.

O entendimento do contexto da modernização japonesa, sua conjuntura e

[21] GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 10.

reverberação, também é importante no que se refere à questão do desenvolvimento de pesquisas orientais mais aprofundadas na historiografia brasileira. Algumas instituições de ensino já reservam disciplinas e possuem grupos de estudos[22] que se debruçam sobre Oriente, mas na maior parte dos casos o eurocentrismo ainda está em voga. Ao longo dos cursos de História pouco se fala sobre o Oriente Médio ou Extremo Oriente sem que o assunto esteja relacionado diretamente com o Ocidente. "A cultura europeia ganhou força de identidade comparando-se com o Oriente, como uma espécie de identidade substitutiva, até mesmo subterrânea, clandestina".[23] Esse processo de europeização da historiografia é oriundo do contexto de dominação política e cultural.

> O Ocidente conseguiu no século XIX, empreender o desmembramento e a dominação das nações asiáticas e africanas. Este processo, marcado pela violência e pela avidez, pôs em cheque as realizações das culturas orientais, com se estas fossem "atrasadas", inferiores. Criando um discurso marcada pelo racismo e pelo desconhecimento, e difundindo a falsa concepção de que as culturas ocidentais ofereciam as ideologias predominantes do futuro mundial, fomentando por conseguinte, a ideia de que só seria interessante igualmente estudar e analisar aquilo que fosse europeu ou norte-americano.[24]

Para que nossa historiografia se torne mais rica, inclusiva e dinâmica, pesquisas mais abrangentes, que saiam do eixo eurocêntrico precisam ser desenvolvidas. Ainda nos é muito distante o saber aprofundado sobre os povos orientais, o que acaba vigorando e perpetuando são informações, na maioria das vezes, oriundas de um "senso comum". Nesse sentido, esta dissertação mostra-se relevante para que se amplie o leque de conhecimentos sobre a parte oriental do globo, ainda carente de maiores atenções.

---

[22] Na Universidade Federal Fluminense (UFF), por exemplo, há o Grupo de Estudos sobre a História do Japão (GEHJA). Este grupo é associado ao Centro de Estudos Interdisciplinares sobre Antiguidade da UFF e foi fundado em 2009.

[23] SAID, Edward W. *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 15.

[24]BUENO, André. *História da China antiga*. Disponível em: China-antiga.blogspot.com.br/2007/07/introduo.html. Acesso em: 08/08/2013.

1 TRANSIÇÃO E MODERNIZAÇÃO: CONTEXTUAÇIZAÇÃO DOS ANTECEDENTES E ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA ERA MEIJI

Este capítulo de caráter introdutório tem por finalidade realizar uma contextualização histórica e uma discussão historiográfica acerca dos processos que culminaram na restauração imperial e na modernização japonesa, durante a Era Meiji. Para a compreensão desses processos é necessário identificar elementos do passado japonês, a fim de expor a articulação política que originou a centralização nipônica e a ascensão dos Tokugawa à liderança no Japão, no final do século XVI e início do XVII. Assim como, analisar os movimentos internos e externos que impulsionaram o fim do xogunato e a instauração do poder Meiji, em meados do século XIX.

O intuito é, portanto, demonstrar os encadeamentos e os processos responsáveis pelas mudanças políticas e socioeconômicas no contexto da passagem do feudalismo[25] para processo modernizador capitalista empreendido na Era Meiji, clarificando os aspectos

[25] Um dos cuidados necessários ao desenvolver estudos sobre o Oriente se refere ao uso de sistematizações teóricas e conceitos operacionais advindos do Ocidente, que são baseados no seu modelo histórico e sociocultural. Devemos evitar adequações arbitrárias, portanto, é necessário que se problematize certos usos "universalistas" para que não haja equívocos interpretativos. Nas palavras de Jack Goody, em *O Roubo da História* (2008. P. 33) "os termos como 'Antiguidade' e 'Feudalismo' são definidos num puro contexto europeu, atentos ao desenvolvimento histórico particular desse continente. Os problemas surgem quando se pensa sobre a aplicação desses conceitos em outros tempos e lugares, e suas reais limitações vêm à tona". Devido a este apontamento, segue uma breve análise quanto ao uso do conceito de "feudalismo" para compreender a sociedade agrária japonesa administrada por uma aristocracia militar, ou seja, o xogunato. O termo feudalismo é utilizado tanto por historiadores japoneses quanto por ocidentais, segundo John Whitney Hall, um dos maiores especialistas da história japonesa, em seu livro *Japan – From Prehistory to Modern Times* (1995), uma conceituação cuidadosa de feudalismo pode ser aplicada a ambos Japão e Europa (p. 76). Marc Bloch, em *La Sociedad Feudal* (1882. P.195) também chega à conclusão que "o Feudalismo não foi um 'acontecimento que ocorreu uma vez no mundo'. Assim como na Europa- embora, com diferenças inevitáveis e profundas- o Japão atravessou essa fase". Um trabalho bem elucidativo sobre essas questões foi desenvolvido por Alexandre Fontoura dos Santos em *Os Conceitos de "Feudalismo" e "Absolutismos" Aplicados a Realidade Histórica do Japão de 1885 a 1867* (2014). Neste texto, Santos debate a possibilidade de aplicação desses conceitos ao contexto histórico japonês. Segundo autor, a caracterização de um sistema feudal japonês não ocorreu no início do xogunato em 1185, mas foi sendo construído gradualmente em sucessivas mudanças. O processo de feudalização só pode ser dado por completo com a queda do xogunato Ashikaga em 1477 (maiores explicações sobre esse contexto serão apresentadas ao longo do capítulo) e maior fortalecimento dos *daimyô*. Essa perspectiva também é adotada por Perry Anderson, em *Linhagens do Estado Absolutista* (2004), John W. Hall e Peter Duus em *Feudalism in Japan* (1976). Existem grandes similaridade do sistema feudal europeu com o que foi experienciado no Japão, um exemplo de semelhança corresponde as obrigações militares, entre vassalos e senhores (samurais e daimyô), ligadas a propriedade da terra. No entanto, também existiram diferenças, algumas dessas foram destacadas por Anderson, em *Passagem da Antiguidade ao Feudalismo* (2001, p. 438), como: uma feudalização mais completa do território japonês, maior vinculo pessoal e uma configuração patriarcal dos laços entre suseranos e vassalos por causa da forte influência confucionista. Ainda segundo Anderson, o feudalismo insular do Japão se desenvolveu para dentro, já o Europeu para fora. Logo, podemos verificar que a designação "feudalismo" é aceitável, visto que há inúmeras semelhanças com os aspectos constitutivos do sistema feudal europeu, no entanto, levando sempre em consideração que o feudalismo japonês possui suas idiossincrasias.

fundamentais dessa transição. Ao mesmo tempo, correlacionar os movimentos de transformação internas do Japão com o contexto industrial-imperialista mundial do século XIX.

A chegada dos norte-americanos no arquipélago japonês, em 1853, e a sua imposição de abertura comercial, influenciaram diretamente na emergência de conflitos internos latentes. Esses conflitos geraram os elementos necessários para o fim do xogunato e a restauração imperial em 1868. O Governo Meiji, conhecido como o Governo Iluminado, conseguiu desenvolver várias potencialidades japonesas através da assimilação seletiva dos moldes ocidentais. Desta forma, obteve crescimento econômico e político, desvencilhando-se dos laços imperialistas que o circundava e conquistando paridade de poder. Em meio século, o Japão conseguiu romper os tratados comerciais assinados em termos desiguais, reconquistar sua autonomia e tornar-se uma reconhecida nação oriental conquistadora. Veremos então, como isso foi possível, analisando os processos antecedentes que viabilizaram a modernização, o desenvolvimento econômico e bélico, assim como as medidas tomadas pelo Governo Meiji e as motivações para adotá-las.

1.1 **O longo processo de unificação do território japonês**

Com o declínio do xogunato Muromachi, do clã Ashikaga (1336-1573), de meados do século XV até o final do XVI, ocorreu o *Sengoku Jidai* (Período dos Estados Beligerantes) devido a conflitos internos pela disputa de poder. Esse quadro de guerras instauradas acarretou um caos generalizado no arquipélago nipônico, que ficou dividido em mais de 250 *daimyô*.[26] Três líderes emblemáticos, diante dessa instabilidade, através de suas habilidades políticas e estratégias militares conseguiram fortalecer seus clãs e estabelecer um governo com uma política centralizadora. Oda Nobunaga (1534-1582), Toyotomi Hideyoshi (1536-1598) e Tokugawa Ieyasu (1543-1616), de formas distintas e completando o trabalho do

[26] Kenneth Henshal examina as configurações deste período expondo que "depois da morte de Yoshimitsu (xogun Ashikaga), em 1408, o poder do xogunato declinou de maneira notória. (...) Sem o controle do poder do xogunato, as famílias da província combatiam mais entre si, à medida que frágeis alianças eram feitas e desfeitas. A inconclusiva Guerra Civil Onin, entre 1467 e 1477, arruinou a maior parte de Quioto e revelou a incapacidade do xogunato para dominar a agitação civil. Nos cem anos seguintes – conhecidos como Era dos Sengoku ('Estados em Guerra') –, iria ocorrer uma série quase ininterrupta de distúrbios civis. (...) Um poema anônimo, encontrado num registro de funeral, escrito cerca de 1500, na Época dos Sengoku, é uma alegoria do conflito civil que caracterizou o país: Um pássaro com/ Um corpo, mas/ Dois bicos, ferindo-se a si mesmo/ Até a morte". HENSHAL, Kenneth. *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, 2004. p. 64.

predecessor, colaboraram para a unificação do território japonês. Segundo Sette, "quase sempre aliados, ocasionalmente rivais, os três se sucederam no poder e o último entre eles moldou a história do Japão por dez gerações"[27], até a restauração Meiji. Os três desenvolveram modelos de desenvolvimento: o primeiro, conhecido como *Kokusai Nihon* (Japão Internacional), devido à expansão do comércio estrangeiro; o segundo, *Dai Nihon* (Grande Japão), em referência à idealização de um império Pan-asiático; já o terceiro, *Shô Nihon* (Japão Pequeno), consistiu no isolamento nacional em que o Japão se voltou para o seu interior.[28]

Existe um *haikai*[29] muito conhecido no Japão, escrito pelo poeta Shôka no final do século XVI, que ilustra a história de um *hototogisu* (espécie de rouxinol) que se recusava a cantar e representava a ação de cada um desses líderes em relação ao animal e sua involuntariedade. Este poema expõe alegoricamente a forma de governar de cada chefe militar. Começa assim:

> Nakanunara, koroshiteshimae, hototogisu
> Se um pássaro não cantar, mate-o.
> Nakanunara, nakasetemiyou, hototogisu
> Se um pássaro não cantar, faça-o cantar.
> Nakanunara, nakumade matou, hototogisu
> Se um pássaro não cantar, espero-o cantar.

O primeiro verso faz referência ao governo de Oda Nobunaga, que por meio de várias manobras políticas expulsou em 1573 o último xogun do clã Ashikaga e assumiu o comando do Japão. Aos poucos, Oda Nobunaga foi expandindo seus domínios, subjugando diversas províncias de *daimyô* menores e distribuindo-as a seus aliados. A imagem que foi propagada de Oda é a de um tirano violento que usava a força e a intimidação para controlar as rédeas das situações políticas, impedindo a articulação de opositores:

> Nobunaga era um homem extraordinário. Era o último senhor da guerra, sem rival no que tocava a rivalidade e interesses pessoais. Matou elementos de sua própria família (como seu irmão mais novo, Nobuyuki, em 1557), mas isso não era nada de especial. O que era especial era o hábito de queimar vivo os inimigos vencidos, que

---

[27] SETTE, Luiz Paulo Lindenberg. *A revolução samurai*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão; Massao Ohno Editor, 1991. p. 10.

[28] Para maiores detalhes, vide FUNABIKI, Takeo. Da necessidade do Nihonjinron. In: PEREIRA, Ronan Alves; SUZUKI, Tae (orgs.). *O Japão no Caleidoscópio*: estudos da sociedade e da história japonesa. São Paulo: Pontes Editores, 2014. p. 94-95.

[29] *Haikai* é uma modalidade de poema escrito em linguagem simples. Não apresenta rima, é estruturado em três versos que somem dezessete sílabas poéticas; cinco sílabas no primeiro verso, sete no segundo e cinco no terceiro.

> chegaram a totalizar cerca de 20.000, incluindo os civis que fossem pegos durante o massacre.[30]

Por isso, a ação tão enérgica em relação ao pássaro que se recusou a cantar. Executou seus inimigos ferozmente, destruiu o poder militar das seitas populares, inclusive queimou mosteiros budistas[31] da seita Ikkô de Tokai, assim como matou vários *sohei* (soldados-sacerdotes) do Monte Hiei que se opunham à sua dominação.

Oda também obteve notoriedade pela estratégia inovadora de usar armas de fogo portáteis, mosquetes construídos a partir do modelo europeu[32]. Implementou novas estratégias militares, tanto no uso de armamento quanto na formação de suas tropas com o recrutamento pela habilidade demonstrada, formando um sistema de classes guerreiras especializadas. No plano econômico, estimulou o comércio interno, abolindo as barreiras e monopólios, e impulsionou o internacional. Foi adepto da introdução do cristianismo no Japão, principalmente para se opor aos monges budistas[33], mas também porque percebeu que boas relações com os missionários facilitavam o contato com os comerciantes europeus. Tinha interesse pelas tecnologias, vestuários e conhecimentos ocidentais, por isso investiu no comércio com os *naban* (bárbaros do Sul), termo utilizado para designar os comerciantes portugueses que chegaram pela ilha de Tanegashima, ao sul de Kyûshû.

O primeiro líder militar da unificação ordenou a construção de um grande castelo, a leste de Quioto, que serviria como centro político-administrativo do Japão. No entanto, antes de completar a obra e a centralização territorial japonesa, foi morto em 1582 junto ao seu filho Nobutada, por um de seus generais, Akechi Mitsuhide (1526-1582).

Após a morte de Oda Nabunaga, quem o sucedeu foi Toyotomi Hideyoshi, um dos seus principais generais. O segundo verso do *haikai*, "Se um pássaro não cantar, faça-o cantar", faz referência à habilidade de Hideyoshi de negociação e articulação do jogo político

---

[30] HENSHAL, Kenneth. *Op. cit.*, 2004. p. 65.

[31] O budismo, de origem indiana, chegou ao Japão por intermédio de monges coreanos a partir do século VI. Estes contribuíram muito para o desenvolvimento cultural e administrativo no período. O Japão se tornou um polo atrativo para monges budistas, artistas e artesões da China e da Coréia, ansiosos para plantar a semente de sua fé ou arte na Terra do Sol Nascente.

[32] Os portugueses chegaram ao Japão em setembro de 1543 e aportaram na ilha de Kyûshû. O cristianismo começa sistematicamente a ser introduzido em 1549, com a chegada do jesuíta Francisco Xavier (1506-1552), em Kagoshima.

[33] Yamashiro esclarece que "Nobunaga favorece a propagação da fé cristã, como um meio de se impor contra à arrogância de alguns mosteiros budistas que, militarizados e armados, se haviam tornado tão fortes como qualquer *daimyo*, no terreno militar e político". YAMASHIRO, José. *Japão passado e presente*. São Paulo: IBRASA, 1986. p. 145.

de acordo com seus interesses. Ao contrário de Oda, que nasceu em berço nobre, Hideyoshi era de origem camponesa; filho de um camponês guerreiro. Teve grande ascensão social: de um simples soldado (carregador de sandálias de Oda) alcançou uma das maiores posições no Japão.

Tanto Oda quanto Hideyoshi não procuraram legitimação com o título de xogun, no entanto, Hideyoshi teve uma série de altos títulos, entre eles *kampaku* (principal conselheiro do imperador). Os dois primeiros líderes se aproximaram da corte procurando legitimação do seu poder, porque o apoio do micado (imperador) representava um trunfo político e militar importante, pois aqueles que os afrontassem poderiam ser tratados como traidores do trono.

Hideyoshi também perpetuou a estratégia de Oda Nobunaga de distribuição de terras para seus aliados em Kyûshû, com o intuito de vigiar seus potenciais inimigos. Estabeleceu um novo sistema de recolhimento de imposto baseado na produção anual de sacas de arroz.[34] Outra inovação, instituída em 1588, para evitar os conflitos internos foi a *katana gari* (caça às espadas). Os camponeses foram proibidos de portar e manejar qualquer armamento, o que resultou na redução das constantes sublevações, além de restringir o poder de alguns *daimyô* que faziam uso de milícias camponesas em sua defesa. Somente os samurais (aquele que serve ao senhor) poderiam prestar serviços militares aos senhores dominiais. Com isso, os camponeses ficaram impossibilitados de se tornar guerreiros por bravura demonstrada em batalhas. Samurais e camponeses foram separados, o que ampliou consideravelmente a imobilidade social.

> Até então, apesar da diferenciação como elite militar havia ainda muitos *samurais da terra*, ligados a agricultura. (...) O intuito era de não permitir a interseção de castas que ocorria principalmente entre samurais de classe baixa e camponeses, e evitar o que no Japão chama-se *Genkokujô*: a derrubada do maior pelo menor, onde poderosos samurais da terra derrubam os daimiôs locais, assumindo para si próprio o título de daimyô.[35]

A ação de separar camponeses de samurais parece um tanto contraditória, visto que Hideyoshi tinha origem camponesa e estava impedindo os primeiros de ascender socialmente como ele próprio. A restrição não se concentrava apenas no uso de armamentos. Em 1591,

---

[34] De acordo com Collcutt, Jansen e Kumakura "todos, desde os *daimyô* até os *bushi* das classes mais baixas, eram englobados no mesmo processo, isto é, saberem a que quantidade de *koku* (unidade de medida de volume para cereais) de arroz tinham direito. Baseado nestes princípios, o unificador sabia a capacidade de produção e o poder militar que podia mobilizar e qual a força laboral que podia pagar impostos. (...) O sistema de produção baseado no arroz (*kokudaka-sei*) durou trezentos anos, até 1872, e pode dizer-se que estabeleceu as bases do sistema agrário do Japão pré-moderno". COLLCUTT, Martin; JANSEN, Marius; KUMAKURA, Isao. *Japão*: o Império do Sol Nascente. Lisboa: Edições Del Prado, 1997. p. 132.

[35] SANTOS, Alexandre Fontoura dos. *Op. cit*., 2014. p. 47.

um regulamento definiu e delimitou as funções de guerreiros, camponeses e comerciantes. Não era permitido desenvolver atividades fora de suas atribuições já estipuladas. Os camponeses estavam juridicamente ligados à terra e não podiam migrar ou trocar suas propriedades. Os samurais passaram a residir nas áreas urbanas e foram proibidos de desenvolver culturas e comercializar. Por outro lado, os comerciantes também não podiam exercer atividades agrícolas. Essa rearticulação aumentou a estratificação social.

Em 1590, Hideyoshi promoveu um censo da população e no ano seguinte já estava controlando as províncias do Norte, com isso a unificação do país estava quase completa. Segundo Perry Anderson, a dominação de Hideyoshi sobre outros *daimyô* constituiu uma reintegração do mosaico de autoridade regional, num sistema feudal unitário, pela primeira vez.[36] Todavia, era necessária vigilância constante para manter a ordem e o controle sobre outros senhores que ameaçavam a estabilidade conquistada. Na visão de Hideyoshi, uma dessas ameaças estava na propagação do cristianismo. Ao contrário de Oda, não foi condescendente com a religião ocidental. Em 1687 um Édito de Expulsão foi publicado como forma de aviso. Hideyoshi já pressentia que a cruz antecedia a espada europeia.

A unificação japonesa já não era suficiente, então, Hideyoshi ambicionou conquistar a China da dinastia Ming, anexar Coréia e Filipinas para formar um império pan-asiático. Tentou invadir o arquipélago via Coréia, em 1592, porém, sem êxito, visto que os dois países se uniram e repeliram sua incursão. Em 1597, investiu mais uma vez, todavia, Hideyoshi faleceu um ano depois, o que desarticulou todo o plano expansionista japonês.

O período que Oda e Hideyoshi governaram o Japão é conhecido como Azuchi-Momoyama (1573-1603). Apesar de curto, foi um momento de muitas reformas e transformações políticas, econômicas e culturais. Esse período de transição de um Japão dividido e imerso em conflitos internos para uma centralização política abriu espaço para uma nova configuração de governo que viria com Ieyasu Tokugawa.

Nessa nova fase da história japonesa, a relativa paz permitiu um aumento da produtividade agrícola, do desenvolvimento comercial e cultural. Estabeleceu-se um sistema monetário e burocrático relativamente unificado, pois os senhores feudais ainda possuíam uma certa autonomia fiscal, administrativa e judicial em seus territórios. Esse sistema centralizado instituído ganhou o nome de *bakuhan* (*Bakufu* mais *han* = feudos). O direito consuetudinário definia o *status* e os privilégios, mantendo uma estrutura social rígida e hierarquizada. A burocracia estatal foi substituída por uma aristocracia militar, moldada nos

[36] ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado absolutista*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 439.

preceitos confucionistas, com o intuito de desvinculá-la das atividades belicosas dos séculos precedentes e manter a pacificação. Esse *Estado Híbrido*[37], composto de laços feudais e meios burocráticos, manteve-se por 264 anos.

1.2 **Tokugawa Bakufu – A Era Edo (1603-1868)**

Antes de falecer Hideyoshi instituiu um Conselho dos Anciãos (*rôjû*), que governaria até seu filho Hideyori (1593-1615) completar a maioridade. Um dos membros do conselho era Tokugawa Ieyasu, que assim como seus predecessores tomou o poder para si, no entanto, precisou lutar para conquistar esse objetivo. Em 1600 ocorreu a conhecida Batalha de Serigahara em que Ieyasu se afirmou perante os outros *daimyô*. Em 1603 recebeu do imperador Go-Yozei (1586-1611) o título de *shogun*, até então não requerido pelos líderes anteriores. Dos três líderes unificadores foi o único que conseguiu perpetuar o poder entre seus descendentes, de forma que o período em que seus herdeiros governaram ficou conhecido como Era Tokugawa ou Edo (atual Tóquio). Essa Era também recebeu o nome "Paz Ininterrupta", pois mesmo havendo alguns levantes camponeses (devido à alta carga tributária) e conflitos entre os senhores feudais, perpetuou a estabilidade política e social por longos anos até seu declínio.

A terceira frase do *haikai* exposto no início do capítulo, "Se um pássaro não cantar, espero-o cantar", está relacionada à capacidade estratégica e à persistência demonstradas por Ieyasu. O Período Tokugawa foi o apogeu dos samurais, o processo de centralização se fortaleceu em sua administração, pois conseguiu manter os demais *daimyô* sob sua rede de lealdade. Perry Anderson afirma que a feudalização do território japonês foi até mais completa que a da Europa.[38] Além disso, o vínculo entre o senhor e o súdito era superior ao vínculo econômico entre o servo e a terra[39]. Havia uma relação quase patriarcal entre servos e senhores, Wenceslau de Moraes expressou que:

---

[37] Conceito elaborado por Peter Duus em seu livro *Feudalism in Japan*, de 1976.

[38] ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2001. p. 438.

[39] São Francisco Xavier ao escrever uma carta ao Collégio de São Paulo de Goa enfatizou essa questão de lealdade. "A gente que não é fidalga, faz muita honra aos fidalgos, & todos os fidalgos, se prezam muyto de servir ao senhor da terra, & lhe são muy sujeitos, & isso me parece que fazem, por lhe parecer que, fazendo o contrario perdem de sua honra, mais que pelo castigo que do senhor receberão se ao contrario fizessem".

> Nos senhores feudais embora duríssimos no mando e administração dos seus domínios, transparecia uma feição em regra paternal, protectora, que cativava a chusma dos vassallos; para mais, a impersoalidade dos japonezes, essa curiosíssima feição psycha, que os leva a desinteressarem-se de si próprios, facilitava admiravelmente o mister a que se davam aos daimyô, em amassar o barro humano a seu capricho; constituindo-se assim, desenvolvendo-se, vindo gravar no espírito mais uma feição idelevel, um verdadeiro culto de lealdade, representado pelo dogma de cega obediência do japonez pelo seu chefe. [40]

Essa maior subserviência devia-se à forte influência do confucionismo que correlacionava a relação familiar à de governo. Tokugawa Ieyasu e seus sucessores se valeram dos princípios confucionistas para legitimar suas ações e estabelecer uma ordem social baseada em piedade filial e obediência a hierarquias. Essa nova sistematização da sociedade foi introjetada no seio intelectual e na população em geral.

Outra forma de estabelecer ordem foi a divisão *daimyô* (cerca de 275) em três categorias, os *shinpan* (pertencentes à família Tokugawa), *fudai* (servidores tradicionais/aliados) e *tozama* (exteriores – de lealdade duvidosa).[41] O xogun possuía ¼ das terras mais produtivas em Kanto (planície em Edo), além das minas, cidades e portos japoneses. Havia 25 *shinpan* e 150 *fudai*, realocados de forma que ficassem mais próximos da região central de Edo; já os 100 *tozama* foram desarticulados, divididos e enviados para áreas distantes, no extremo do Japão. Ao menor sinal de insubordinação, os senhores dominiais perdiam parte ou a totalidade de seus *han* (domínios feudais). Para facilitar o monitoramento, o tráfego ficou restrito as cinco estradas principais (Tokaido, Nakasendo, Koshukaido, Nikkokaido e Oshukaido). Outra forma de cercear o poder dos *daimyô* se deu pela cobrança de tributos para construção de estradas e de fortificações.

Dentre todas essas formas de controle, a mais desmobilizadora foi a instauração do *sankin-kôtai* (serviços alternados), no intuito de assegurar uma vigilância permanente sobre a conduta dos *daimyô* e restringir suas autonomias. Esse sistema compelia os senhores feudais a fixarem residência em Edo, com presenças alternadas para servir ao xogun. Porém, o mais grave era que as famílias (esposas principais e herdeiros) dos grandes *daimyô* ficavam "aprisionadas" como hóspedes permanentes e não podiam voltar para os seus feudos de

---

SOUZA, Pe. Francisco (org.). *Oriente conquistado a Jesus Cristo pelos padres da Companhia de Jesus da província de Goa*. Lisboa, parte II, conquista IV, divisão II, 1710. p. 69.

[40] MORAES, Wenceslau de. *Relance da alma japoneza*. Portugal, Lisboa-Brasil: Sociedade Editora Arthur Brandão, 1926. p. 65.

[41] Possuíam cerca de 40% do território japonês, no entanto, suas riquezas e produção real eram encobertas pelos registros oficiais do *Bakufu*. Os *tozama* também detinham uma força militar maior do que a permitida pela administração central. No fim do período Tokugawa esses dados foram relevantes, pois o governo foi surpreendido com as suas reais potencialidades. ANDERSON, Perry. *Op. cit*., 2004. p. 451.

origem. O *sankin-kôtai* exauria as receitas dos *daimyô* com o transporte, cerimônias e ostentação de poder e assegurava que Edo não sofreria ataques. O lado benéfico do *sankin-kôtai* é que a cultura e a forma de desenvolvimento da capital passaram a ser levados para outras regiões, contribuindo para o progresso de todo o território japonês. O desenvolvimento de Edo também serviu para impulsionar a economia urbana, enriquecendo os comerciantes da capital.[42]

Com o fim dos grandes conflitos do período *Sengoku Jidai* e o crescimento urbano houve um florescimento cultural, a vida mais tranquila gerou tempo para a apreciação e o desenvolvimento artísticos. A poesia *Haikai* sobressaiu, principalmente as de Matsuo Bashô (1644-1694), o poeta mais famoso da Era Edo, assim como o teatro de *Kabuki* (ka = canto/ bu = dança/ ki = habilidade) e as xilogravuras, conhecidas como *Ukiyo-e* (retratos do mundo flutuante). Foi o tempo áureo das gueixas, cujo nome literalmente significa artista. Os samurais, sem a pressão dos combates constantes, tornaram-se burocratas e administradores, começaram então a dedicar mais atenção às artes poéticas, caligráficas, plásticas e à filosofia do *bushidô* (caminho do guerreiro), que era uma combinação idealizada de confucionismo e ética feudal.

O congelamento social que já vinha sendo firmado desde o governo de Hideyoshi foi ampliado por um sistema hierárquico formal inspirado na China, conhecido como *shinokosho* (shi = guerreiro/ no = camponês/ ko = artesão/ sho = mercador), que dividiu a sociedade em quatro classes (determinadas pelo nascimento) por ordem decrescente de status. Os *kuge* (nobres), artistas e sacerdotes, não estavam inseridos em nenhuma das classes. Havia também duas subclasses, os *eta* ou *burakumin* (povo da aldeia) e os *hinin* (não-pessoas), que eram desprezadas por exercerem atividades consideradas imundas.[43] Os camponeses possuíam uma posição secundária, pois de acordo com o confucionismo, eram considerados produtores essenciais, já os comerciantes eram mal vistos, por isso, apesar de seu poder aquisitivo,

---

[42] Perry Anderson explicou esse processo de enriquecimento, informando que "as companhias *chonin* nas cidades acumularam capital através da comercialização do excedente agrícola (negociando arroz e culturas mais novas como algodão, seda ou índigo), de serviço de transporte (a navegação costeira desenvolveu-se intensamente), transações de troca (...), manufatura de têxteis, porcelana e outras mercadorias, (...) empresas madeireiras e de construção e empréstimos aos *daimyô* do shogunato. As maiores casas comerciais chegaram a controlar a rendas equivalentes às dos mais importantes senhores territoriais, para os quais elas atuavam como agentes e fontes de crédito". ANDERSON, Perry, *Op. cit.*, 2004. p. 450.

[43] Ruth Benedict expõe de forma clara a discriminação sofrida pelos párias do Japão. "Eram varredores, sepultadores dos executados, esfoladores de animais motos e curtidores de peles. Eram eles os intocáveis do Japão ou, mais exatamente os seus intocáveis, pois até mesmo a extensão das estradas que atravessavam suas aldeias não era aferida, como se a terra e os habitantes da região não existissem. Eram miseravelmente pobres e, embora se lhes fosse garantido o empenho de seus ofícios, achavam-se fora da estrutura formal". BENEDICT, Ruth. *O crisântemo e a espada*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973. p. 57.

ficaram na posição mais baixa da hierarquia. O casamento interclasses foi proibido e somente as famílias guerreiras dispunham de sobrenome e tinham o direito de portar o *daisho* (conjunto de duas *katana* = espadas). Dentro da classe dos *bushi* também havia uma estratificação e devido ao seu sistema hierarquizado e hereditário, somente as categorias superiores poderiam exercer os altos cargos.

Para além do reforço da hierarquia social, leis suntuárias foram promulgadas, delimitando em pormenores o comportamento e o vestuário[44] de cada grupo. Essas leis serviam para ordenar os deveres e privilégios que evidenciavam as discriminações sociais. Aluízio Azevedo (1857-1913) no tempo em que foi cônsul no Japão, no final do século XIX (1897-1899), escreveu sobre como o *Bakufu* Tokugawa controlava a sociedade:

> Depois de disciplinar hierarquicamente a população, fixar em regras os limites dos canteiros sociais, traçando o lugar preciso de cada grupo, de cada família, de cada indivíduo, com a tábua rigorosa dos seus direitos e dos seus deveres, Ieiás penetra com a lei pelo íntimo da vida privada e regula como se deve comer, beber e até sentir.[45]

O que mais caracterizou a Era Edo foi o *sakoku jidai* (época da nação fechada), instituído por Iemitsu Tokugawa (1604-1651), em 1639. Desde o século XVI o Japão já tinha contato com países ocidentais, comercializava com portugueses, ingleses, espanhois e holandeses. Com os últimos possuía mais vínculos, de forma que estudos sistemáticos, chamados *rangaku* (estudos holandeses/ocidentais) foram desenvolvidos. Isto ampliou o conhecimento japonês em diversas áreas do saber. Porém, a partir de 1639, foram proibidos o contato e o comércio com estrangeiros, os japoneses não podiam mais sair do arquipélago, e os que se encontravam fora do território foram impedidos de regressar, sob pena de morte.

Os motivos para essa ação extrema eram diversos; dentre eles estavam os conflitos causados pelo cristianismo dentro do arquipélago japonês. Ieyasu obteve informações do capitão inglês William Adams (1564-1620), que ficou conhecido como Anjin-sama (senhor piloto), sobre os perigos do catolicismo – o xogun estava ciente de que as ordens religiosas

---

[44] Renato Ortiz falou sobre essa rígida hierarquia social e como ela se refletia no vestuário. O autor expôs que "a própria indumentária revelava essa diversidade de 'mundos'. As ordenações vestimentárias da casa militar regulavam de maneira estrita o uso das roupas. A classe e a posição de cada indivíduo definiam a cor, o corte e o tipo de modelo apropriado ao seu status. Não era permitido ao camponês usar tecidos de seda, as cores que lhes convinham tinham sempre uma tonalidade opaca. Como no Antigo Regime francês, a vestimenta estava sujeita a uma codificação austera ordenando de maneira clara as relações estatutárias. (...) A visibilidade tornava-se critério de distinção, os mínimos detalhes refletiam o destino e os privilégios de cada um". ORTIZ, Renato. *O próximo e o distante*: Japão e modernidade-mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 48.

[45] AZEVEDO, Aluízio. *Op. cit.*,1986. p. 76.

representavam um perigo iminente. Adams possuía grande influência sobre Ieyasu, pois o instruiu sobre diversas temáticas cartográficas e guiou várias embarcações japonesas em expedições comerciais servindo de intermediário entre o xogun e mercadores holandeses e ingleses. Devido à sua colaboração, ganhou o título de samurai.[46]

Perry Anderson reforçou que o isolamento formal do Japão foi um "expediente inspirado inicialmente no medo bem fundado de que as missões católicas que tinham se estabelecido no Japão era um ponta de lança ideológica para infiltração militar e política europeias".[47] Em 1614 Ieyasu já havia proibido a propagação do cristianismo, visto que três dos cinco principais *daimyô* haviam aderido à fé cristã, tornando o poder clerical muito forte. Os missionários passaram a ser expulsos e os convertidos locais foram forçados à apostasia. Os suspeitos de seguirem a fé ocidental tinham que pisar numa placa de cobre com uma imagem de algum ícone cristão, ato conhecido como *fumie* (pisar na imagem), e só assim ficavam livres de perseguições. Os que se recusassem ao ato de abjuração cristã eram torturados ou mortos.[48] O *Bakufu* ordenou que todos os japoneses se convertessem ao budismo, tornando obrigatória a filiação aos templos locais.

Para além das problemáticas envolvendo o cristianismo, a presença ocidental, apesar de benéfica em alguns aspectos, sempre representou uma ameaça aos padrões de vida e à segurança interna do Japão. O contato com outros países orientais, sobretudo Coréia e China, modificaram sobremaneira a religião e estrutura política japonesa. No entanto, o convívio com os ocidentais desencadeou uma série de acontecimentos indicadores de que o arquipélago deveria se fechar, a fim de se manter protegido dos perigos de uma futura colonização. Os valores ocidentais de individualismo e exclusividade de reverência religiosa se contrapunham aos ideais de lealdade e de obediência hierárquica, que eram a base das relações sociais no Japão. Além disso, o expansionismo marítimo europeu seguia o tríplice esquema da cruz, da espada e do comércio. O sistema de centralização e de controle do xogunato Tokugawa também estava ameaçado, pois o comércio com os estrangeiros dava certa autonomia e riqueza aos *daimyô*, tudo o que o xogun queria evitar. Por esses fatores, em meados do século

---

[46] William Adams foi uma figura tão emblemática que inspirou o personagem de John Blackthorne, protagonista do famoso romance *Shôgun*, escrito pelo britânico James Clavell em 1975.

[47] ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado absolutista*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 440.

[48] Para além dos fatores políticos, um dos motivos da perseguição aos cristãos apontado por Sansom, se refere a própria estrutura religiosa e tradicional japonesa. Para o autor, foi um terrível engano cometido pelos missionários foi a insistência de que todos os mortos não cristãos iriam para o inferno. "Para um povo que nunca acreditou seriamente nas chamas do inferno, e que demonstram pela memória de seus ancestrais as maiores devoções, esta era uma doutrina revoltante". SANSOM, G. B. *Japan*: a short cutural history. Londres: Cresset Press, 1931, p. 426. Tradução minha.

XVI o país se fechou e entrou no seu período de isolamento.

Segundo alguns historiadores ocidentais, partindo de uma perspectiva bem conciliatória e complementar, o *sakoku* (época da nação fechada) não foi absoluto. Ronald Toby alegou que o Japão nunca esteve inteiramente isolado[49], já Marius Jansen indicou que o *sakoku* foi mais um símbolo do que um fato.[50] Essas interpretações estão embasadas no fato de que os negócios com a China, a Coréia e a Holanda permaneceram. Chineses e coreanos continuaram suas atividades comerciais através de Tsushima e Ryûshû, já os holandeses eram aceitos na pequena ilha de Deshima em Nagasaki. O que foi drasticamente interrompido foi o contato com as demais nações ocidentais. Até os livros europeus foram proibidos em 1641, voltando a ser permitidos em 1720 escritos científicos holandeses que não fizessem referência ao cristianismo. Essa permissão ocorreu por causa de uma carta de tradutores de Nagasaki direcionada ao governo informando a importância do *rangaku* (estudos holandeses).

> Somos todos *tsushi* ("intérpretes") de Nagasaki, autorizados pelo governo desta cidade e designados por ele a ocuparmo-nos dos negócios comerciais com os holandeses. Pudemos constatar que os holandeses são um povo extraordinariamente inteligente; possuem muitos instrumentos novíssimos, espantosos, e têm muitos livros que não conhecemos, mas que nos parecem muito interessantes. Pensamos que se nos instruíssemos com os holandeses, isso seria muito útil para a sociedade do Japão. Cremos que os holandeses não são um povo muito religioso; não procuram nunca nos impor sua religião e nunca tratamos das questões religiosas. Por conseguinte, queiram ter a bondade de nos permitir de aprender a língua holandesa, para que possamos nos instruir com as coisas da Europa. Se isso se tornasse nocivo, cessaríamos imediatamente. Não o desejamos para o nosso interesse pessoal, sinceramente, mas pensamos no interesse do Japão. (Julho de 1719) Assinado: Aoki-Bunzu, Nishi-Zengaburo, Yoshio-Kosaku.[51]

Sendo assim, o Japão não se fechou completamente, apenas garantiu um distanciamento necessário para remover todas as pressões externas que estava sofrendo. Apesar do *sakoku*, o isolamento não significou imobilismo, não se deve imaginar a sociedade da Era Edo como imóvel e petrificada no tempo. Como já foi exposto, nesse período o Japão tinha mecanismos financeiros integrados, um comércio desenvolvido e um grande número de habitantes.[52] O nível de alfabetização e instrução nipônica era notável, a maioria da população

---

[49] TOBY, Ronald P. *State and diplomacy in early modern Japan*: Asia in the development of the Tokugawa Bakufu. California: Stanford University Press, 1991. p. 8.

[50] JANSEN, B. Marius. *China in the Tokugawa World*. Cambridge: Harvard University Press, 1992, p. 4.

[51] AZEVEDO, Aluízio. *O Japão*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão; Ministério das Relações Exteriores, 1986. p. 196-197.

[52] Célia Sakurai apontou que em 1871 a população japonesa era de 33 milhões de habitantes, maior que a da Grã-Bretanha (até então com 26 milhões) e comparável com a dos EUA (39 milhões) e da França (36 milhões). SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 132.

já possuía o conhecimento das letras em meados do século XIX. No século XVI, São Francisco Xavier já expressava admiração com o nível de leitura da população, segundo o pároco "muyta parte da gente sabe ler & escrever que é um grande meyo para com brevidade aprender as orações, & as cousas de Deos".[53]

Apesar de todos esses avanços, o *sakoku* impossibilitou a implantação do sistema capitalista no arquipélago devido à falta de alguns elementos necessários para o seu desenvolvimento. Como expôs Perry Anderson, a acumulação primitiva do capital europeu só foi possível devido à internacionalização das trocas comerciais que começaram com as navegações. "A política de isolamento impossibilitou a transição para o modo capitalista. Mesmo com um alto índice populacional e o enriquecimento dos comerciantes, o *sakoku* condenou os *chonin* a uma existência subalterna".[54]

Com o passar do tempo, manter todo o sistema de controle militar e administrativo foi exaurindo as despesas do *Bakufu*, sobretudo, porque havia uma discrepância entre o poder projetado pelo xogunato e o que ele possuía de fato. A extensão tanto do seu exército quanto do seu tesouro era limitada. Dependia da lealdade do contingente dos *fudai* e *shinpan* para compor seu poderio militar. Os tributos recolhidos também estavam reduzidos, visto que devido a catástrofes naturais a produção agrícola declinou, gerando fome e revoltas camponesas. As minas que também mantinham as altas despesas do *Bakufu* sofreram inundações e a produção caiu vertiginosamente. Houve, então, um desequilíbrio entre as responsabilidades do governo e a sua capacidade de tributação e de gerar recursos. Um clima de instabilidade e de revoltas, devido a problemas econômicos e à incapacidade do governo de saná-los, voltou a pairar sobre as ilhas depois de um longo período de estabilidade. O rígido controle sobre as hierarquias também começava a decair, pois os arranjos sociais também se modificaram com a emergência dos comerciantes.[55] O historiador Jean Chesneaux (1922-2007), especialista em Ásia oriental, salientou que havia muitos movimentos contrários ao governo do xogun:

---

[53] SOUZA, Pe. Francisco (org.). *Oriente conquistado a Jesus Cristo pelos padres da Companhia de Jesus da província de Goa*. Lisboa, parte II, conquista IV, divisão II, 1710. p. 77.

[54] ANDERSON, Perry. *Op. cit.*, 2004. p. 452.

[55] Os samurais tinham o hábito de dar mais valor aos cereais em detrimento do dinheiro, o que na prática enfraquecia seu poder econômico. Os *chonin*, no entanto, obtiveram um sucesso econômico-financeiro devido à monetarização de suas atividades. Com o enriquecimento dos comerciantes, apesar do seu status mais baixo, passaram a ter um papel mais relevante na hierarquia social, inclusive, os mais bem-sucedidos passaram a ter privilégios que eram permitidos somente aos *bushi*, como porte de armas e o uso de roupas mais sofisticadas. Ruth Benedict informa que quando os comerciantes enriqueceram conseguiram de diversas formas ascender socialmente e se infiltrar nas classes superiores. BENEDICT, Ruth. *O crisântemo e a espada*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973. p. 65.

> Contra o poder do *shogun*, conjugavam-se: a agitação de tipo agrário antigo; as tendências protocapitalistas dos comerciantes das cidades e de alguns daimiôs; as ambições políticas destes últimos, desejosos de abalar o julgo dos Tokugawa; o descontentamento dos samurais empobrecidos e ociosos desde as guerras interfeudais; as aspirações modernistas de certos intelectuais.[56]

Logo, o Japão nesse período não era estático, era cheio de contradições, conflitos e insatisfações. Mas, todas essas potencialidades convulsivas eram contemporizadas e administradas pelo xogunato. Um fator externo fez emergir o estopim que faltava para a rígida estrutura hierárquica controlada começasse a ruir. Toda a crise interna erudiu a estabilidade do arcabouço social e institucional, mas não de forma suficiente para causar uma reviravolta política. Foi o contexto político e econômico externo – oriundo do imperialismo ocidental, que condensou as contradições latentes, – o responsável pela queda do *Bakufu*.

Desde o início do século XIX, franceses, russos, norte-americanos e ingleses já estavam às portas do Japão fazendo pressão para que o *sakoku* tivesse fim e os nipônicos retomassem a comercialização com estrangeiros, porém, sem êxito. O xogunato resistiu até meados do século quando, em 1853, aportou em Edo a esquadra dos *kurofunê* (navios negros), do comodoro Mathew Calbraith Perry (1794-1858). Ele portava uma carta do então presidente dos Estados Unidos, Millard Fillmore, em que exigia a abertura dos portos japoneses com a finalidade de estabelecer depósitos de carvão e de abastecer os navios mercantes e baleeiros que cruzavam o pacífico, nas viagens de ida e volta da China. Os Estados Unidos também buscavam a expansão de seus mercados para fazer frente à Grã-Bretanha.[57] Richard Storry elabora a ideia de que quatro fatores combinados estimularam o interesse norte americano no Japão; o desenvolvimento do comércio com a China através de Cantão, o crescimento da caça de baleias no Pacífico, a abertura da Califórnia e o progresso da navegação a vapor.[58]

A chegada dos ocidentais gerou comoções e divergências em todo o Japão. Uma série de acontecimentos referentes ao fim do *sakoku* e à imposição de tratados injustos iniciaram

---

[56] CHESNEAUX, Jean. *A Ásia oriental nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Editora Pioneira, 1976. p. 15.

[57] Em uma de suas cartas, o comodoro Perry escreveu: "Quando consideramos as possessões da nossa grande rival marítima, a Inglaterra, no Extremo Oriente, e os progressos constantes e rápidos de suas bases navais, devemos compreender a necessidade que há para nós, de tomarmos medidas urgentes. Felizmente, o Japão e outros arquipélagos do Pacífico não caíram ainda nas mãos desse governo insensato; e alguns se encontram no caminho de um comércio destinado a se tornar de uma grande importância para os Estados Unidos. Não deveríamos perder um só minuto a tomar medidas ativas para assegurarmo-nos um número suficiente de portos de abastecimento". Vide AZEVEDO, Aluízio. *Op. cit*., 1986. p. 199.

[58] STORRY Richard. *A history modern Japan*. Sidney: Penguin Books, 1961. p. 85.

um período conhecido como *Bakumatsu* (1853-1867), que começou com a chegada dos norte-americanos e marcou o fim dos 264 anos do xogunato Tokugawa.

1.3 O período Bakumatsu (1853-1867): Imperialismo e fim do xogunato

Antes de prosseguir com a problematização das ebulições internas japonesas, é necessária uma compreensão do contexto internacional do século XIX. Mesmo o Japão tendo se mantido estanque nas questões ocidentais por dois séculos e meio, não conseguiu sustentar esse afastamento diante das prerrogativas de desenvolvimento do capitalismo imperialista. Pressões internacionais para a abertura do país estavam relacionadas às mudanças geopolíticas e econômicas do mundo pós-industrial.

A segunda onda expansionista europeia, impulsionada pela Revolução Industrial que trouxe avanços científicos e tecnológicos, se deu por uma necessidade de escoamento dos produtos industrializados, de saídas para o capital financeiro e a busca de materiais básicos para a manutenção do modo de produção capitalista. Não se tratava mais de estabelecer, na Ásia e na África, "feitorias e fortalezas para defender um comércio de mercadorias exóticas (...). A questão era agora de bancos e indústrias em busca de remuneração e de mercado, lucros e de matéria prima".[59] A busca por novos mercados ocorreu de forma impositiva. Como afirmou Letícia B. Toledo, os problemas econômicos, "de interesse dos países industrializados, passaram a ser regulamentados pelos métodos dos acordos internacionais. Mas entre países industrializados e os 'outros', os termos de troca resultaram em produto de uma relação de força".[60]

Os "outros" nesse contexto de análise eram os orientais, mais especificamente os do Extremo Oriente. As grandes potências iniciaram suas incursões imperialistas, com Grã-Bretanha, França, Estados Unidos e Rússia disputando territórios. Com isto, as regiões asiáticas se tornaram alvo de suas atenções, sendo subjugadas de acordo com as condições geográficas, políticas, econômicas e culturais que apresentavam.

A repressão foi o meio utilizado para atingir os objetivos de dominação europeia. Em meio século, todos os países asiáticos já haviam estreitado relações com os ocidentais e

---

[59] SETTE, Luiz Paulo Lindenberg. *A revolução samurai*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão; Massao Ohno Editor, 1991. p. 68.

[60] CANEDO, Letícia Bicalho. *A descolonização da Ásia e da África*. São Paulo: Atual, 2007. p. 67.

estavam de alguma forma reféns deles. A Grã-Bretanha foi a precursora, conquistando a Índia em 1845-1848, anexando, tempos depois, a Birmânia e a Malásia, numa tentativa de desmobilizar a influência francesa na região. Isto porque a França já havia instaurado uma espécie de protetorado na Indochina, no Laos e no Camboja. Entretanto, "é sobretudo para a China que se converte a cobiça ocidental, alimentada pelo mito da inesgotável riqueza chinesa, ainda tão vivo na Europa desde Marco Pólo".[61]

Depois das Guerras do Ópio (1839-1842), diante da superioridade bélica da Grã-Bretanha, a China foi obrigada a se render as exigências estrangeiras, perdendo então sua posição soberana na Ásia.[62] Apesar da resistência à ação militar do imperialismo britânico, o "Império da China estava inerte em face de uma agressão econômica e militar do Ocidente. Nada, ao que parecia, poderia obstar a invasão de canhoneiras ou de regimentos ocidentais que lhe traziam o comércio e as bíblias".[63] Vários tratados comerciais impositivos foram assinados, nos quais foram concedidas vantagens aos países da Europa, sem contrapartidas aos outros signatários. Sem força para reagir, a China, maior potência asiática, foi vencida e obrigada a aceitar toda sorte de acordos desiguais. Aproveitando-se da fragilidade e do clima de instabilidade naquele país, os Estados Unidos também assinaram, em 1844, um Tratado de Paz, Amizade e Comércio com a China e passaram a comercializar e a trafegar por lá.

Com isso, o território japonês passou a ter maior relevância, pois como já foi apontado, poderia abastecer os navios norte-americanos nas viagens a China. O Japão também parecia um mercado promissor devido aos seus recursos e contingente populacional. Quando o comodoro Perry aportou na Baía de Edo, em julho de 1853, com quatro navios, deixou claro que se o Japão não se rendesse, retornaria mais equipado e imporia à força as negociações. Deixou uma carta com o conselheiro sênior Abe Masahiro (1819-1857), que deveria ser entregue ao imperador, pois não sabia que o Japão era realmente governado pelo xogun. Abe pediu um ano para avaliar a proposta. Perry concordou, voltou para a China e retornaria depois. Segundo as palavras dos próprios oficiais do comodoro, ele estava resolvido a tomar uma atitude completamente diferente da que todos os outros que visitaram o Japão anteriormente tomaram. Iria exigir a abertura como um direito e não um favor, como um ato

---

[61] CHESNEAUX, Jean. *A Ásia oriental nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Editora Pioneira, 1976. p. 21.

[62] O domínio chinês era extenso, recebia tributos da Coréia, Vietnã, Laos, Sião, Birmânia e Nepal. Isso antes da chegada dos europeus e o desmantelamento da sua autoridade política e econômica. CANEDO, Letícia Bicalho. *Op. cit.*, 2007. p. 69.

[63] HOBSBAWM, Eric. J. *A era das revoluções, 1789-1848*. 24ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 416.

de cortesia de uma nação civilizada para outra.[64] Essa atitude incisiva não inspirava estranhamento, visto que os Estados Unidos, assim como os europeus, não demonstravam buscar relações de igualdade com os orientais. Esse fato foi explorado por Panikkar, quando este afirmou que os ocidentais "sempre se portaram em relação aos asiáticos como se os princípios do direito internacional não se pudessem aplicar fora da Europa, como se a dignidade moral dos povos da Ásia não pudesse colocar-se no mesmo pé com a deles".[65]

Quando os *kurofunê* (navios negros) a vapor aparecerem, causaram um misto de medo e admiração nos japoneses. A esquadra estava bem armada e logo se via que os antiquados navios costeiros não eram páreo para os dos ocidentais. Devido a Revolução Industrial o Ocidente teve um rápido desenvolvimento científico, que não foi acompanhado pelos países orientais. O Japão, em isolamento, não tinha como se equiparar econômica e militarmente aos estrangeiros.

Os meses que se seguiram até o retorno dos americanos foram bem agitados. Logo, duas coalizões se formaram, a dos *kaikoku* que eram a favor da abertura do Japão, e a da escola *jôi* (expulsar os bárbaros), que queria resistir à invasão estrangeira. Os *kaikoku* eram ligados ao *rangaku* (estudos holandeses), portanto, estavam mais cientes das inviabilidades de um enfrentamento. Os *jôi*, extremamente xenófobos, viam nos estrangeiros uma ameaça e não queriam seguir o exemplo chinês, que teve sua cultura modificada pelos costumes e religião ocidentais.[66] Abe Masahiro aconselhou o xogun Iesada Tokugawa (1824-1858) a adotar uma política conciliatória com os estrangeiros, no entanto, diversos *daimyô* acreditavam que essa atitude seria desastrosa. Com as divergências de opinião acerca dos caminhos que o país deveria seguir, o xogun, buscando uma possível solução, convocou uma reunião com diversos conselheiros dos *daimyô*.

> [Entre estes], dois eram a favor de acatar as exigências americanas; outros dois de aceitar por um tempo limitado; três favoreciam as negociações com os Estados Unidos, mas com restrições; um sugeriu negociar por um curto tempo, enquanto

---

[64] HAWKS F. L. Narrative of an expedition of an american squadron to the China seas and Japan, performed in the Years 1852, 1853, and 1854. In. CAMBRIDGE THE HISTORY OF JAPAN. *Early modern Japan*. USA: Cambridge University Press, 1991, vol. 5. p. 269.

[65] PANIKKAR, K. M. *A Ásia oriental nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Editora Pioneira, 1989. p. 49.

[66] Aizawa Seishisai (1782-1863) inspirou o movimento *jôi* com seu livro, escrito em 1825, *Shiron* (novas teses), em que descreveu o barbarismo ocidental, alertou que utilizavam o cristianismo para anexar territórios, confiscar terras e impor suas crenças e costumes. Segundo Aizawa, os ocidentais queriam apenas subjugar as nações de acordo com suas regras e classificações. Os estrangeiros simbolizavam uma ameaça cultural, sua ciência era aceitável, mas sua moral maldosa e enganosa. Os japoneses deveriam praticar o *kokutai* (espírito unido) e preservar seus valores tradicionais. Para maiores detalhes, vide PYLE, Kenneth B. *The making-of modern Japan*. Canada: D. C. Hearth and Company, 1995. p. 62.

> preparavam um ataque; três queriam tratar os estrangeiros de forma educada por um longo tempo, e depois, em um momento oportuno, preparar uma defesa e expulsá-los; quatro propuseram uma prolongada negociação, enquanto preparavam uma defesa adequada, para depois refutar o que propuseram; onze exortaram um combate para a expulsão de Perry; três estavam indecisos.[67]

Como podemos observar, não houve um consenso, a conferência foi um "tiro no pé" do governo militar, que além de não obter apoio revelou sua fragilidade diante dos senhores feudais. Quando Perry voltou, em fevereiro de 1854, com uma frota maior de nove navios, antes do prazo previsto, não havia alternativa cabível que não fosse aceitar a imposição de abertura comercial, pois estava evidente a incapacidade combativa do *Bakufu* contra os *gaijin* (estrangeiros). O governo japonês teve que agir com complacência e contemporizar as relações com os ocidentais, pondo fim ao *sakoku*. Porém, tanto a corte quanto uma parte dos samurais e a maior parte da população eram absolutamente contra essa medida e queriam que o governo se auto afirmasse. Não tendo como fazê-lo, em março, o xogun assinou o Tratado de Amizade e Comércio de Kanagawa, sendo então obrigado a abrir dois portos para os Estados Unidos: Shimoda, em Edo, e Hakodate, em Hokkaido. Também foi compelido a permitir um consulado americano em Shimoda e ficou estipulado que qualquer concessão que fizesse a outros países se aplicaria também aos Estados Unidos. Aos poucos o Japão teve que assinar acordos semelhantes com Rússia, Grã-Bretanha, França e Holanda.

Em 1858, o primeiro cônsul americano, Townsend Harris (1804-1878), tratou com Hotta Masayoshi (1810-1854), o novo *tairô* (grande ancião), que substituiu Abe Masahiro no Conselho dos Anciãos, a abertura de mais quatro portos: Kanagawa, Hyogo, Nagasaki e Niigata. Tempo depois, os outros países também obtiveram os mesmos direitos. As tarifas alfandegárias foram estipuladas pelos próprios Estados ocidentais. Além disso, foi permitido aos estrangeiros o *Chigai-Hôken* (Lei de Extraterritorialidade), ou seja, seriam julgados pelos seus consulados e dentro das prerrogativas de suas próprias leis.[68] Esses são alguns elementos do sistema de tratados desiguais que restringiam a soberania japonesa e colocavam o país em status semicolonial. A negociação do Tratado de Kanagawa foi vista como uma confissão de

---

[67] BOLITHO, Harold. *The Bakufu in japanese history*. California: Stanford University Press, 1972. p. 182. Tradução minha.

[68] Sobre estes fatos Wenceslau de Moraes escreveu que: Os estrangeiros viviam de ordinário, ou pelo menos tinham os seus escritórios em bairros especiais – as concessões – com polícia sua, com municipalidade sua, com justiça sua, exercida pelos cônsules, até com cemitério seu. A concessão era, por assim dizer, um Estado dentro de um Estado, uma pequenina republica independente, em regra muito bem administrada, onde as autoridades japonesas não tinham voz activa. Claramente, este estado de coisas, estipulados nos tratados, feria duramente o amor próprio dos nipônicos". MORAES, Wenceslau de. *Relance da história do Japão*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira Ltda., 1972. p. 166

fraqueza do governo. A corte e alguns *daimyô* eram contra e responsabilizaram Hotta Masayoshi, que devido à pressão teve que renunciar ao cargo em favor de Li Naosuki. Este estabeleceu uma política agressiva, prendendo, exilando e condenando à morte os opositores. Naosuki não deu abertura para o diálogo com os *daimyô* e também não deu voz à corte.

Além das pressões políticas, a chegada dos estrangeiros desencadeou uma crise econômica. A viabilidade do sistema monetário ficou afetada, pois não havia paridade de valores entre as moedas estrangeiras[69] e japonesas, devido às cotações diferentes do ouro e da prata. Afora esse problema, os mercados têxteis declinaram por causa dos produtos industrializados que passaram a ser importados. Os preços no mercado interno subiram e, assim, o custo de vida.

Todas essas concessões aos estrangeiros e crises internas causaram sublevações no país e muitos descontentes, inclusive, os da própria casa dos Tokugawa, começaram a atacar os estrangeiros. Um dos principais ramos da família Tokugawa, os Mito, foram os primeiros a cometerem assassinatos em Yokohama. Em março de 1860, Li Naosake foi atacado e morto nos portões do Castelo de Edo por samurais ativistas do *jôi*. Em janeiro de 1861, o secretário de Townsend Harris, Henry Heusken, também foi morto. Em 1862, um grupo de britânicos foi abatido por samurais Satsuma, o que motivou a retaliação inglesa no ano seguinte.

Devido ao descontrole das rédeas políticas e sociais, a relação com o imperador e com a corte mudou bastante. Anteriormente, o *tenno* (imperador) vivia no ostracismo – apesar do culto e da reverência que possuía, o *Bakufu* tirou todo o seu poder temporal. O imperador era sagrado e intocável, mas impotente, assim como a sua corte. Todos eram sustentados pelo xogunato, tornando-se figuras simbólicas, sem poder de fato. Essa situação se modificou após a chegada dos estrangeiros. O imperador, passou a exercer uma importante função, pois tanto o xogun quanto os *daimyô* opositores queriam utilizar sua influência e legitimidade em suas causas. Desde o século XVIII, o xogun não ia até Quioto, mas para amenizar os conflitos com a corte, em 1863, Iemochi foi até o castelo imperial consultar a corte sobre as políticas nacionais. Esse ato simbolizava o quanto o poder do *Bakufu* estava enfraquecido. Para estreitar os laços com a corte, o xogun se casou com a princesa Kazu-no-Mya, irmã do imperador Kômey, numa tentativa de unir Edo e Quioto.

---

[69] Chesneaux explicou que os ocidentais introduziram nos países orientais unidades monetárias: o dólar mexicano na China e no Japão, a piastra na Indochina e a rúpia na Índia. O valor dessas moedas, em princípio utilizada em trocas externas, mas que rapidamente penetraram no mercado interno, era tributário da relação ouro-dinheiro, oscilando muito em relação metropolitanas fundamentadas no padrão ouro. CHESNEAUX, Jean. *Op. cit.*, 1976. p. 26.

Em 21 de abril de 1863, o xogun chegou a Kyoto e foi convencido a agir em favor dos partidários do anti-alienismo (movimento a favor de medidas mais enérgicas e ofensivas contra os estrangeiros) a partir de 25 de junho. No entanto, as ordens do xogun eram para as forças armadas do xogunato só combaterem caso fossem atacadas, ou seja, era uma medida defensiva. Para quem seguia o *jôi* (expulsar os bárbaros), esse dia foi aguardado com grande expectativa. Os domínios *tozama* (exteriores – de lealdade duvidosa), de Chôshu e Satsuma, atacaram os navios estrangeiros e sofreram graves represarias britânicas, francesas e americanas. A vida dos estrangeiros ficou muito ameaça nesse período de maior afirmação xenófoba.[70]

Depois de todos esses atentados o imperador revogou a decisão inspirada no *jôi* alegando que queria buscar uma solução pacífica. Em 1865/66, os samurais de Chôshû também foram atacados pelos *shinsengume* (forças amadas do xogunato), mas conseguiram resistir. Em 1866, Iemochi faleceu sem descendentes e quem assumiu foi Yoshinobu, que se viu acuado diante de tantos opositores. A resistência de Chôshû inspirou outros domínios, principalmente os Satsuma e Tosa.[71] Para além desses fatores, indicou que os tempos de controle impostos pelo xogun estavam por acabar e que a sociedade estava mudando.

A rígida hierarquia imposta tinha um preço e negligenciava os talentos pessoais em prol das hereditariedades. Um grupo de jovens samurais que já estavam cansados da subserviência se uniu para estabelecer uma nova ordem. Eles não possuíam um programa revolucionário claro: primeiro se voltaram contra o comodoro Perry, mas rapidamente a raiva dos estrangeiros foi direcionada para o xogun. Esses ativistas políticos fanáticos chamados de *shishi* (homem de elevado propósito) compunham a força de ação contra o regime estamental e iriam assumir a liderança com a restauração imperial. Essa geração influenciou os *tozama* e sua insubordinação.

Como vimos, Chôshû entrou em conflito direto com o xogun, mas só obteve êxito quando abandonou seus idealismos e se uniu aos Satsuma. Dentre os *han* opositores, Chôshû e Satsuma eram os mais fortes econômica e politicamente e possuíam muitos armamentos

---

[70] O comandante Marques Pereira mostrou surpresa ao chegar ao Japão em 1860 e verificar como os estrangeiros eram tratados. "A maneira bizonha como n'esta capital do Japão são por emquanto tratado os estrangeiros, o que obriga o governo do paiz dar-lhes guardas officiaes de polícia para os acompanhar, e até a cercar a habitação dos ministros estrangeiros com quem já tem tratados, quando elles ali residem, de cospos de guarda dos mesmos officiaes de polícia". PEREIRA, Feliciano Antônio Marques. *Op. cit.*, p. 27.

[71] Célia Sakurai observou que "os três feudos se rebelaram com grande ímpeto em meados do século XIX tinham também como peculiaridade o fato de abrigarem comerciantes detentores de grandes fortunas, como a família Mitsui e os jovens samurais educados com ideias voltadas para o rompimento da estrutura feudal". SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 131.

(rifles, canhões e navios). Primeiro os samurais de Satsuma queriam uma união entre a corte e o *Bakufu* para modernizar o país e aplacar os ânimos divergentes. Já os samurais de Chôshû eram a favor do *sonnô jôi* (reverenciar o imperador e expulsar os bárbaros), queriam a queda do xogun e a volta do poder imperial. Os dois grupos sozinhos não obtiveram resultados em suas empreitadas, então, em 1866, ambos decidiram se unir em prol de um objetivo único. Alguns *kuge* (nobres), como Iwakura Tomomi (1825-1883), também apoiaram essa união, dando legitimidade ao movimento de resistência. Quem orquestrou essa coalizão, servindo como mediador foi Sakamoto Ryôma (1835-1867) de Tosa, que apesar de ser um *shishi*, era a favor da abertura do país a reformas, pois julgava o conhecimento ocidental importante para a reconquista da autonomia japonesa. Ele aproximou os líderes Saigô Takamori (1828-1877) dos Satsuma e Kido Takayoshi (1833-1877) dos Chôshû.

O imperador Kômei faleceu em 1867, piorando a situação do xogunato, uma vez que o *tenno* era favorável à política de Yoshinobu. Quem o sucedeu foi seu filho Mutsuhito (1852-1912), o futuro imperador Meiji. Esse novo fato fortaleceu a coalizão pró-imperial. Alguns membros da corte se uniram aos *tozama* Satsuma e Chôshû, que tomaram o Castelo de Quioto, e em 3 de janeiro de 1868 proclamaram a restauração imperial. No primeiro documento sobre a Restauração os novos dirigentes declararam, em 21 de março:

> Vimos de assumir a sucessão ao Trono Imperial, no momento em que o império é submetido a uma reforma total. Reservamo-nos direito de decidir de modo supremo e exclusivo, os assuntos civis e militares. A dignidade e felicidade da nação reclamam a inferência de nossa elevada função (...). Devido [a] intrigas imoderadas que o *shogun* Tokugawa Keiki (Yoshinobu) alimentou, o Império se reduz em pedaços e, em consequência, veio a guerra civil, que padecimentos sem conta, impôs ao povo. Assim, somos forçados a fazer, pessoalmente, campanha contra ele.[72]

Antes da invasão, o grande lorde de Tosa, Yamauchi Yodô (1827-1872), já havia enviado uma carta pedindo ao xogun que renunciasse ao seu título e instituísse o *Taisei Hokan* (restauração formal da autoridade política do imperador). Inicialmente, o xogun Tokugawa aceitou a exigência de renúncia sem consultar os líderes do governo de Edo, provavelmente para evitar retaliações, até que pudesse retornar ao poder. No final de janeiro de 1868, Yoshinobu decidiu atacar Quioto numa tentativa de reconquistar sua posição, mas a ação resultou em malogro.

Com toda essa série de eventos, findou o sistema de governos militares centralizados. Corroboramos com Célia Sakurai quando enfatiza que a chegada dos estrangeiros foi o

---

[72] MACLAREN, Walter Wallace. Japanese Government Documents. Japan, University Publications of American. In: CHESNEAUX, Jean. *A Ásia oriental nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Editora Pioneira, 1976. p. 45.

corolário desse processo.[73] A ordem feudal já estava em declínio desde o início do século XIX, no entanto, o fim do *sakoku* (época de nação fechada) foi um catalisador de confrontos oriundos de questões domésticas: "A chegada dos estrangeiros só precipitou conflitos latentes e obrigou os japoneses a resolvê-los. Nesse sentido, pode-se afirmar que a influência ocidental foi decisiva".[74] As concessões progressivas do xogunato aos estrangeiros expuseram sua fragilidade, gerando sublevações que não puderam ser controladas.

O *Taisei Hokan* (restauração formal da autoridade política do imperador) fortaleceu uma nova perspectiva diante do quadro de invasão estrangeira. Aos poucos o *sonnô jôi* foi sendo substituído pelo *wakon yosai* (Espírito Japonês, Ensino Ocidental) e pelo *fukoku-kyôhei* (país rico, exército forte). Forças emergentes e distintas se uniram para a tomada de poder com a finalidade de erguer a dignidade moral e recuperar a plena soberania japonesa. A maioria dos membros que assessoravam o imperador era de jovens de posições baixas; geração que não se enquadrava mais nos parâmetros rígidos de estrutura social e almejavam reconhecimento e oportunidades. Esses jovens tinham uma dupla motivação: "Por um lado, um desejo nacionalista genuíno de fazer o melhor pelo seu país, em face da ameaça estrangeira. Por outro, desejavam obter sucesso pessoal, um sucesso que sentiam que lhes fora negado"[75] devido ao modelo hierarquizado do xogunato Tokugawa.

O símbolo máximo do governo recém-estabelecido estava centrado na figura imperial e em tudo que ela representava. A esfera de autoridade, para além da soberania do cargo, residia em sua essência divina, pois segundo os mitos de criação xintoísta[76] o *tenno* é descendente direto da deusa do Sol Amaterasu,[77] através de uma linhagem ininterrupta. O

---

[73] SAKURAI, Célia. *Op. cit.*, 2007. p. 131.

[74] SANSOM, G. B. *Japan*: a short cutural history. Londres: Cresset Press, 1931, p. 325. Tradução minha.

[75] HENSHAL, Kenneth. *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, 2004. p. 108.

[76] A formação do xintoísmo é relatada através do *Kojiki* (Narrativa das Coisas Antigas) e do *Nihon Shoki* (Crônicas do Japão). Ambos reúnem as histórias mais antigas japonesas, retratando a origem mitológica das ilhas e a genealogia dos imperadores. Por não possuir um conjunto estruturado de dogmas, o xintoísmo, que significa "caminho dos deuses", não estabeleceu preceitos morais definidos. O bem e o mal não estão correlacionados com a transcendência da alma no pós-morte: "Cada pessoa ou coisa, constituía, em si mesma, manifestação do divino. Cada coisa possuía um espírito, mas não havia a concepção de uma alma imortal nem a especulação filosófica sobre a vida e morte". PERALVA, Osvaldo. *Um retrato do Japão*. São Paulo: Editora Moderna, 1982. p. 15.

[77] "Kami principal que das crenças shintô que representa o sol e a luz. Essa divindade feminina de acordo com o *Kojiki*, nasceu do olho esquerdo de Izanagi e governava as altas planícies do céu (Takamaga-hara). Ela teria se oposto ao seu irmão Susanoo, o senhor de Izumo. Seu neto Ninigi no Mikoto teria descido à terra e se tornado o primeiro soberano do Japão. Segundo as narrativas antigas, o tataraneto de Amaterasu, Jimmu Tennô, por volta de 660 antes da nossa era se tornou imperador. Amaterasu se tornou o chefe dos *kami* imperiais e a divindade

xintoísmo exerceu um papel significativo na constituição da identidade nacional. Wenceslau de Moraes escreveu que a excepcionalidade do povo japonês residia principalmente na forma que ele próprio se enxergava; como descendente direto dos deuses. O cônsul português expressou que:

> O povo japonez é filho dos deuses, o que não acontece aos outros homens!... Imagina-se – se possível é imaginar-se – quanto este dogma assombroso, amassado em atrevimento e em orgulho, terá vindo influenciando a alma nacional, encrustando-se sob a forma de elementos étnicos, que ainda hoje persistem, que persistirão sempre, embora atenuados pelo tempo".[78]

Lendo este pequeno texto podemos dimensionar o quanto as questões religiosas e filosóficas influíram no culto ao imperador. Mutsuhito *Tenno* tinha apenas 15 anos quando assumiu o poder e o tempo que liderou ficou conhecido como *Meiji*, O Governo Iluminado. O *Meiji Ishin* (Restauração Meiji) iniciou uma era de modernização e de ocidentalização sem precedentes na história japonesa.

Apesar da legitimidade do governo se basear na figura imperial, a liderança, no entanto, foi compartilhada, pois a elite militarizada, que por meio de suas lutas recolocou o imperador no centro da ordem política, também o auxiliou na consolidação do Estado. O historiador Mikiso Hane (1922-2003), expôs que os novos líderes podem ter lutado pelo poder, "mas, essencialmente, eles eram indivíduos patrióticos possuidores de um forte senso de responsabilidade pública. Sua liderança era coletiva, (...) eles governaram de acordo com a antiga tradição de liderança e consenso".[79] A restauração permitiu maior liberdade de ação aos gestores e isso ajudou muito nas reformulações governamentais.

As reformas e inovações buscavam alcançar igualdade de direitos com os estrangeiros invasores. O modelo de governo adotado apresentava algumas contradições: era baseado na representatividade, visando o reconhecimento ocidental, mas com forte inclinação ao autoritarismo. Um lema do período, "*oitsuke, oikose*" (alcançar, ultrapassar) expressa bem as expectativas do governo na Era Meiji. Veremos adiante como se desenvolveram os planejamentos em prol desses objetivos.

---

pessoal dos imperadores". FRÉDÉRIC, Louis. *O Japão – Dicionário e civilização*. São Paulo: Editora Globo, 2008. p. 62.

[78] MORAES, Wenceslau de. *Relance da história do Japão*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira Ltda.,1972. p. 38.

[79] HANE, Mikiso. *Modern Japan a history survey*. Colorado: Westview Press, 1992. p. 84. Tradução minha.

1.4 Era *Meiji* (1868-1912): modernização em curso

Um ponto que precisa ser esclarecido refere-se à natureza política da instauração do governo *Meiji*. Nenhum termo da linguagem política é ideologicamente neutro, por isso, existem algumas divergências entre os historiadores com relação aos conceitos de *Revolução* e *Restauração* utilizados para caracterizar a mudança de regime político, ocorrida em 1868. Segundo o *Dicionário de Política*, "a Revolução é a tentativa, acompanhada do uso da violência, de derrubar as autoridades políticas existentes e de as substituir, a fim de efetuar profundas mudanças nas relações políticas, no ordenamento jurídico-constitucional e na esfera socioeconômica".[80] Os argumentos utilizados para justificar a perspectiva de que o que ocorreu no Japão não se constituiu em um movimento revolucionário, partem do princípio de que a nova autoridade política, no caso, o imperador encontrava a sua legitimação no pretérito[81] e que não houve uma restruturação profunda no quadro de poder e organização social.

Para Carol Gluck, a Era Meiji não instituiu uma revolução social profunda. Apesar de todas as rearticulações políticas e mudanças socioeconômicas instauradas, o poder continuou nas mãos de quem já ocupava uma posição privilegiada na pirâmide social. A disputa de poder não teria ocorrido entre grupos antagônicos.

> A expansão de redes culturais e espaços de intercâmbios públicos, que ocorreram desde o final do século XVIII, se mostrou crucial na resposta a crise do *Bakumatsu*. A crise proporcionou uma oportunidade para elites mais jovens agirem com base em sua sensação de necessidade de mudança, ignorando, de fato, as regras de senioridade e status para ganhar acesso ao poder. Grupos jovens impulsionaram muitas mudanças que ocorreram nos anos da Restauração e o sistema acomodou essas mudanças sem o tumulto de uma revolução social, em parte porque essas figuras, a despeito de quão ampliados fossem os horizontes, pertenciam (mais ou menos) às camadas da elite da sociedade *Bakumatsu*.[82]

Jean Chesneaux também apresenta uma concepção parecida com a que foi enunciada por Gluck:

---

[80] BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (orgs.). Revolução. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora UNB, 1998. p. 1131.

[81] "O imperador, descendente da divindade Amaterasu, torna-se a princípio o ícone unificador da nação. Por isso, Meiji é visto, pelos historiadores tradicionais, como restauração e não como revolução. Tudo se passa como se o poder imperial, usurpado pela liderança militar do *bakufu*, emergisse à tona séculos depois. Íntegro, imaculado, intacto". ORTIZ, Renato. Aluísio de Azevedo e o Japão: uma apreciação crítica. *Tempo Social*; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 9 (2): 79-95, outubro de 1997. p. 82.

[82] GLUCK, Carol. Meiji e Modernidade: da História e Teoria. In: PEREIRA, Ronan Alves; SUZUKI, Tae (orgs.). *O Japão no caleidoscópio*: estudos da sociedade e da história japonesa. São Paulo: Pontes Editores, 2014. p. 19.

> A nova ordem japonesa, ao contrário (da Revolução Francesa) foi instaurada por aqueles daimiôs do Sul, que participavam com outros, da direção do Antigo Regime. Apenas se desembarcaram das formas do Antigo Regime e de seus partidários retrógados, de maneira a dar o seu poder social uma base nova, mais sólida, que pudesse responder as exigências do mundo moderno e ao "desafio" do Ocidente.[83]

Em suma, a composição do governo não teria sido modificada, mas sim ampliada a outros dirigentes da mesma classe. A restauração aboliu aos poucos as antigas estruturas feudais, todavia, sem alterar profundamente as bases sociais japonesas. Renato Ortiz, já possui uma visão um tanto destoante, pois, entende que mesmo que o movimento político tenha se originado da discordância da elite, o que promoveram foi sim uma Revolução. As lutas sociais no Japão se deram dentro de um quadro rígido estamental.

> A Revolução Meiji é o resultado da mobilização de parte da elite japonesa e não das classes populares, ou de um conjunto de pessoas socialmente desclassificadas. A rigor, a separação entre camponeses e samurais impede qualquer comunicação mais profunda entre eles. (...) A crise política se circunscreve ao universo das elites.[84]

Beasley já utiliza o termo "Revolução Incompleta" para se referir a natureza política da instauração Meiji. Segundo o autor, o que ocorreu no Japão teve um desenrolar diferente do contexto europeu. A Revolução Meiji não foi precedida, como foram as revoluções na Inglaterra do século XVII e França do século XVIII, por debates públicos sobre a justiça social ou a conveniência de uma nova ordem potitical. A nova liderança depois de 1868, portanto, não herdaram um modelo reformador. Isso levou um período de experimento na administração, que só gradualmente tomou uma forma coerente.

> O sucesso dos líderes se deu em termos, e pode ser caracterizado como uma revolução incompleta: o feudalismo foi prejudicado, mas não totalmente destruído; havia uma burguesia em surgimento, que ainda não era forte o suficiente para assumir o poder; plebeus cujos descontentamentos foram refletidos em agitações, mas não em uma organização significativa. As propostas de reformas do governo Meiji, argumenta-se, foi para manter esse estado de equilíbrio e, portanto, os privilégios daqueles que lucraram com ele.[85]

Paul Akamatsu, expressa a ideia de "Revolução Progressiva", no sentido que a revolução política teria aberto espaço para a econômica e social, dentro do processo de

---

[83] CHESNEAUX, Jean. *A Ásia oriental nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Editora Pioneira. p. 45.

[84] ORTIZ, Renato. Aluísio de Azevedo e o Japão: uma apreciação crítica. *Tempo Social*; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 9 (2): 79-95, outubro de 1997. p. 82.

[85] BEASLEY, W. G. *The rise of modern Japan. Political, economic and social change since 1850*. England: Palgrave Macmillian, 2000, p. 70. Tradução minha.

modernização, iniciado através do contato com a civilização ocidental. Akamatsu sinaliza que apesar de geralmente os termos revolução e restauração serem utilizados simultaneamente para descrever a mudança de regime em 1968, pessoalmente ele prefere evitar a palavra restauração. De acordo com o pesquisador, o contexto histórico japonês não se enquadrava muito no processo de restauração imperial. A explicação para isso consiste no fato de que não teria havido uma interrupção na continuidade da dinastia imperial, por tanto, ela não teve que ser restabelecida. O xogun estaria subordinado ao poder do imperador, que nunca teria perdido sua autoridade soberana.[86]

Concluindo o assunto, corroboramos com os especialistas que entendem a Revolução Meiji como progressiva. As mudanças socioeconômicas, apesar de graduais, foram presentes no novo regime político, uma sociedade composta de estamentos bem delimitados se decompôs em um corpo relativamente orgânico de cidadãos com deveres e direitos. Os ornamentos jurídico-constitucionais também foram amplamente modificados. No entanto, o termo Restauração também é cabível, visto que, apesar da dinastia imperial não ter sido interrompida, o seu poder temporal foi. O imperador, antes de 1868, vivia em ostracismo, sem autoridade de fato, servindo como figura simbólica de legitimação. Na mudança de regime político o poder real foi restaurado.

A nova liderança era pequena, com alto nível de instrução, em sua maioria composta por alguns membros da corte e dos feudos Satsuma, Chôshû, Tosa e Hizen, entre outros. Os nomes mais expressivos que controlaram inicialmente o poder foram Iwakuta Totomi, Ôkubo Toshimichi, Saigô Takamori e Kido Koin.[87]

Os desafios a serem enfrentados eram enormes: precisavam subordinar as autoridades locais ao governo central e construir uma nova máquina administrativa. O sistema político, as forças armadas e a economia precisavam ser modernizadas, porém, o governo Meiji não possuía recursos (o tesouro estava quase vazio), havia a necessidade de regularizar as fontes de renda e criar um sistema monetário eficiente. Para isso, as rivalidades internas deveriam ser controladas, principalmente, os dissidentes Tokugawa que insistiam em não aceitar a

---

[86] AKAMATSU, Paul. *Meiji 1868. Revolution and counter revolution in Japan*. New York: Harper & Row Publishers, 1972. p. XIV.

[87] De acordo com Beasley, Iwakura era um nobre que possuía grande influência na corte, foi Ministro dos Assuntos Estrangeiros até sua morte; Saigo era o mais popular entre os samurais, visto como um homem de honra; Okubo era o que possuía natureza mais política, foi Ministro das Finanças e do Ministério Interior; Koin seria o mais flexível e aberto a novas concepções modernistas. "Apesar dos diferentes temperamentos, os quatro possuiem muitas coisas em comum. Eles eram da mesma geração e possuiam origens e posições sociais semelhantes. Apesar de Iwakura ser um nobre, estava acima dos outros três, no entanto, a liderança foi bem compartilhada. Os outros três advinham de famílias de samurais sem muito status". BEASLEY, W. G. *The modern history of Japan*. New York: Frederic A. Praeger Publishers, 1963. p. 98. Tradução minha.

perda de autoridade. As terras pertencentes aos Tokugawa foram confiscadas pelo novo governo e reorganizadas em prefeituras com governantes nomeados.

O início da gestão Meiji foi marcado pela transferência da capital em 1869, pois apesar de Edo ser o centro administrativo do governo Tokugawa, Quioto (onde a corte residia) era a capital oficial. A cidade de Edo passou a se chamar Tóquio (capital oriental) e se tornou o centro político e administrativo do Japão. Quioto era um pólo cultural, símbolo da tradição e do conservadorismo, e Tóquio representava a renovação.

O primeiro documento oficial emitido pelo imperador, em 7 de abril de 1868, que norteava as diretrizes que seriam tomadas pelo governo, foi o *Gokajo no Goseimon* (Juramento em cinco artigos) conhecido como a Carta Jurada. Kido Takayoshi preparou a forma final do juramento, assinado por todos os membros do governo. Apesar de possuir termos gerais e ambíguos, esse documento foi "o ponto de partida para o desenvolvimento moderno do Japão, uma espécie de luz indicadora do rumo a ser seguido, romper com o passado e traçar em linhas gerais a orientação da nova política nacional".[88] A Carta Jurada continha as seguintes prescrições:

> 1) Haverá uma ampla formação de assembléias deliberantes. Toda questão será dedicada mediante discussão pública; 2) Todas as classes, altas e baixas, se unirão para administrar vigorosamente os assuntos de Estado; 3) Tanto o povo como os funcionários civis e militares poderão desenvolver sua vocação, de modo que não exista insatisfação; 4) Os maus costumes do passado serão descartados e tudo será baseado nas leis justas da natureza; 5) Serão assimilados conhecimentos procedentes de todo mundo, a fim de garantir as bases do governo imperial.[89]

Mesmo analisando superficialmente o documento é possível concluir que havia uma intenção de descolamento dos moldes do passado, fosse no campo político, social ou cultural. Esse documento reflete que a sociedade estamental abria espaço para uma maior equidade social. Os "maus costumes" do passado estavam relacionados as atitudes xenófobas e tradicionalismos, visto como retrógradas e ineficiente para a constituição de uma sociedade inserida no contexto da modernidade. Um chamamento à participação popular na gestão política era algo inédito.[90] A população foi estimulada a participar por meio de suas atividades

---

[88] YAMASHIRO, José. *Japão passado e presente*. São Paulo: IBRASA, 1986. p. 218.

[89] COLLCUTT, Martin; JANSEN, Marius; KUMAKURA, Isao. *Japão*: o Império do Sol Nascente. Lisboa: Edições Del Prado, 1997. p. 169.

[90] No documento imperial, de 21 de março, o governo já havia convocado a participação de todos em prol da restauração da ordem política. Um trecho do documento dizia: "Portanto, que vossos clãs reunidos nos assistam em nossas imperfeições; que unidos nossos corações e vossas forças desempenheis os papéis que vos estão

e do empenho em construir uma nação forte. O quinto artigo mostrava o posicionamento oficial a favor de uma ampliação dos saberes através da assimilação de conhecimentos estrangeiros, em prol da modernização e do fortalecimento do Estado, centrado na figura imperial.

Em consonância com o quinto artigo do *Gokajo no Goseimon* foi organizada uma comissão formada por membros importantes do governo, mais 50 expedicionários, nobres e estudantes, conhecida como Missão Iwakura (1871-1873). Essa empreitada de pesquisa e observação foi liderada pelo príncipe Iwakura Tomomi e os subchefes foram Okubo Toshimichi, Kido Takayoshi e Ito Hirobumi. Como apontou Mikiso Hane, "acreditava-se que a missão também viria a ser uma importante experiência de educação para os novos líderes, uma vez que, desfrutariam da oportunidade de observar sociedades ocidentais diretamente na ação".[91] De todos os principais líderes, o único que ficou para manter a ordem política foi Saigo Takamori, o que denota a relevância conferida à missão e as expectativas quanto aos seus resultados.

Os objetivos da comissão eram: descobrir as bases constitutivas ocidentais responsáveis pelo seu poder econômico e político, assim como a renegociação dos Tratados Comerciais impositivos. Nesse último aspecto, a missão não obteve muito êxito. Foram visitados os Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, Bélgica, Holanda e Alemanha. Em cada país buscou-se apreender algo que viabilizasse o desenvolvimento técnico, científico e estrutura combativa que faltava na península nipônica. O *Beio Kairam Jikki* (relatório final da missão) serviu como fundamento para as reformas de base e a assimilação seletiva de saberes estrangeiros.

Apesar de os líderes mais proeminentes estarem na missão, algumas reformas foram iniciadas pelos componentes que permaneceram na base do governo. Antes de Kido Takayoshi viajar, com o auxílio de Iwakuta Tomomi e Sanjô Sanetomi, convenceu os quatro principais *han* (feudos), Satsuma, Chôshû, Tosa e Hizen, a abdicarem de seus domínios e cederem-nos voluntariamente à casa imperial. Após os grandes *daimyô* aceitarem esse pedido para abdicarem de seus títulos, todos os outros tiveram, mesmo à revelia, que seguir a mesma ação. Esse foi o início da centralização administrativa, o chamado *haihan-chiken* (abolição do sistema *han*), que em menos de dois anos já estava concluído. Em agosto de 1871, os *daimyô* foram chamados à presença do imperador para assinarem um decreto que abolia os *han*, assim

---

atribuídos, desdobrando vosso zelo para o bem do Estado". MACLAREN, Walter Wallace. *Japanese government documents*. Japan: University Publications of American, 1979. p. 45. Tradução minha.

[91] HANE, Mikiso. *Modern Japan a history survey*. Colorado: Westview Press, 1992. p. 89.

como a estrutura de criada pelo *Bakuhan*.[92] Os antigos domínios foram convertidos em *ken* (prefeituras) e *fu* (municípios), a coleta de impostos passou a ser feita por emissários do governo. Em retribuição, o Estado assumiu as responsabilidades pelos domínios e o salário dos samurais, além de perdoar as dívidas que possuíam. Essas medidas generosas para com os *daimyô* ajudaram a reduzir os riscos de resistência armada contra o governo.

Questionamentos em relação à extinção dos *han* e a abdicação da posição elevada dos *daimyô* foram feitos por alguns historiadores. Por que os senhores dominiais mais poderosos colaboraram para abolição do seu próprio poder, uma vez que eles não eram impotentes para resistir e tampouco não estavam cientes do que se propuseram? Stuart Hall aponta que a explicação japonesa comum é que foi por motivos de lealdade ao imperador, mas que essa suposição é um tanto ingênua. O mais provável é que tenham abdicado de suas possessões por sentirem que se beneficiariam com as mudanças. Os passos para a abolição dos *han* foram dados de forma gradual e as alternativas oferecidas também eram vantajosas: receberam financiamentos do governo central, ao mesmo tempo em que ficaram livres do pagamento das dívidas.[93] O questionamento de Kenneth B. Pyle já está relacionada aos rearranjos de poder. O historiador problematiza os porquês dos grandes feudos Satsuma e Chôshû não preservaram as obrigações e instituições tradicionais e não reconstruíram o *Bakufu*, mas preferiram destruir a velha ordem. O autor explica que, parcialmente, houve um impulso nacionalista e que o patriotismo foi a primeira motivação. Todavia, para além disso, a estrutura do governo feudal militarizado se mostrou ineficiente na defesa nacional; era necessário um novo tipo de coalizão e posicionamento político para combater as forças estrangeiras.[94] O descontentamento com a velha ordem estava muito difundido em grande parte da população; o corpo social ansiava por mudanças.

Após o *haihan-chiken*, outro avanço se deu no campo da organização política, foram incorporadas concepções ocidentais de representatividade e divisão de poderes. O *Daijôkan* (Conselho de Estado) tornou-se o centro da organização do governo e as atividades administrativas foram divididas em oito ministérios (Assuntos Civis, Financeiros, de Guerra,

---

[92] Collcutt, Jansen e Kumakura expuseram o conteúdo desse decreto. O documento expressava: "As moradas em que nós, os assinantes, vivemos são a terra de nosso soberano. As pessoas a que governamos são seu povo. Porque haveria de ser seus donos? Rogamos ao governo imperial que, de acordo com seu entendimento, dê o que tiver de dar e tome o que tiver que tomar. (...) E ainda assim que toda a regulação, desde a promulgação das leis, ordens militares e institucionais sejam provenientes do governo imperial". COLLCUTT, Martin; JANSEN, Marius; KUMAKURA, Isao. *Op. cit.*, 1997. p. 171.

[93] HALL, John Whitney. *Japan – from prehistory to modern time.* Michigan: The University of Michigan, 1991. p. 272.

[94] PYLE, Kenneth B. *The making-of modern Japan*. Canada: D. C. Hearth and Company, 1995. p. 72.

Assuntos Estrangeiros, Casa Imperial, Justiça, Trabalho e Educação). Em 1874 foi criado o Ministério do Interior e, em 1881, o da Agricultura e Comércio.

Houve também uma Reforma dos Impostos Territoriais, sendo estipulado um imposto fixo sobre a terra. O tributo passou a ser cobrado individualmente e não por *mura* (vilas). Para melhorar a arrecadação, um cadastro geral dos contribuintes foi realizado a fim de eliminar as rendas parasitárias. O pagamento que anteriormente era feito em *koku* (unidade de medida de volume para cereais), passou a ser liquidado em dinheiro, independentemente do preço do arroz. O valor cobrado foi calculado de acordo com as colheitas anteriores. Os impostos eram recolhidos e transferidos para o governo central e os proprietários ganhavam certificados que autenticavam suas responsabilidades e direitos. Também foram instituídos mecanismos legais para venda e alienação das terras.

Apesar de o sustentáculo econômico residir no campesinato, visto que 70% da arrecadação advinha das atividades agrárias, de maneira geral os camponeses continuaram na penúria, caindo sobre os seus ombros as contas da modernização industrial. A comercialização da produção agrícola enriqueceu os grandes proprietários de terras e os comerciantes de arroz, mas os pequenos fazendeiros permaneceram pobres. "Em outras palavras, o governo fez o campo sustentar a cidade; e boa parte da oposição política às oligarquias do governo Meiji é oriunda dos proprietários rurais e dos setores ligados às atividades manufatureiras tradicionais (exercidas no ambiente rural)".[95]

Algumas reformas financeiras também foram feitas, com uma padronização monetária e a criação de um sistema bancário atualizado. Em 1873, foi construída uma casa da moeda, o iene tornou-se a moeda corrente (tinha paridade com o dólar mexicano) e foi criado o primeiro banco nacional, o National Bank Act. A bolsa de valores de Tóquio foi inaugurada em 1878. Essas reformas foram supervisionadas por figuras fundamentais, "como Ôkuma Shigenobu que foi ministro das Finanças, e Ito Hirobumi, que tinha sido enviado aos Estados Unidos para estudar sistemas monetários e serviu como adjunto de Ôkuma".[96]

As mudanças sociais também foram profundas, o primeiro passo, em 1870, foi o banimento do sistema *shinokosho* (sistema hierárquico formal- shi = guerreiro/ no = camponês/ ko = artesão/ sho = mercador) e das leis suntuárias que o acompanhava. Outras designações sociais foram adotadas, a família imperial passou a ser *kozoku*, os ex *daimyô* e

---

[95] ALMEIDA, Francisco Antonio de. *Da França ao Japão*. Rio de Janeiro: Typographia do Apóstolo, 1879. p. 198.

[96] HENSHAL, Kenneth. *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, 2004. p. 111.

nobres passaram a ser chamados de *kazoku*[97], os samurais de *shizoku* e as demais classes, incluindo os parias (*eta* e *hinin*) ficaram conhecidas como *heimin* (pessoas comuns). Em 1871, foi permitido às pessoas comuns adotarem sobrenomes, pois até então o lugar de nascimento era o que as identificavam, e andarem a cavalo (privilégio dos samurais). Os párias deixaram de ser considerados subclasses e foi lhes atribuído igualdade plena de direitos. Nas palavras de Oliveira Lima, "os *eta* foram considerados em 1871 cidadãos com iguais direitos políticos, se bem que a velha antipathia popular não desapparecesse com a acção do decreto imperial, persistindo sob um aspecto infinitamente mais brando".[98]

O casamento interclasses foi permitido e as restrições indumentárias foram abolidas. Os samurais perderam o *kirisute-Gomen* (Permissão de Cortar), ou seja, o direito de punir com morte as pessoas de classes consideradas inferiores que os desrespeitassem. Além desses fatores, tanto *kazoku* quanto *shizoku* poderiam exercer as atividades econômicas agrícolas, industriais ou comerciais, não havendo mais limitações quanto às funções e papeis sociais. Apesar dos esforços legais para alcançar o *Shimin Byôdô* (igualdade entre as classes), a realidade de discriminação se perpetuou. A equidade social era para ser estendida a todas as classes, porém, *shizoku* e *kazoku* continuaram com muitos privilégios de tratamento.

A reorganização das Forças Armadas na Era *Meiji* foi inovadora. Em 1869, foi criado o Departamento de Guerra dirigido por Ômura Masujirô, de Chôshû. Os planos do ministro da Guerra eram introduzir o recrutamento e o treinamento dos *heimin* para formar um exército independente das forças hierarquizadas dos ex-*daimyô*. No entanto, os posicionamentos de Ômura desagradavam os samurais reacionários, que viram seus privilégios ameaçados pelo novo sistema que seria implantado. No final de 1869, Ômura foi assassinado por um guerreiro descontente. Quem o sucedeu foi Yamagata Aritomo (1838-1922), que criou, em 1873, um exército baseado no sistema de recrutamento militar obrigatório. Benedict Anderson destacou que "muito antes do Reino Unido, o Japão instaurou o serviço militar obrigatório. Ao mesmo tempo, o regime acabou com a classe privilegiada e legalmente definida dos samurais, numa medida (lenta) do corpo de oficiais a todos os talentos".[99] Nesse modelo, todo homem maior de 21 anos tinha que se registrar para o recrutamento, servindo por três anos e ficando seis na reserva. Havia a possibilidade de se desvencilhar do recrutamento pelo pagamento de uma

---

[97] O termo *zoku* refere-se a família ou clã.

[98] LIMA, Manuel de Oliveira. *No Japão – Impressões da terra e da gente.* Rio de Janeiro: Laemmert & C. Livreiros Editores, 1903. p. 152.

[99] ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 142.

taxa de 270 ienes e também pelo sistema de adoção[100]. Os primogênitos também foram eximidos do alistamento para que o sistema familiar não se deteriorasse.

O recrutamento obrigatório foi uma medida impopular, desagradou os *shizoku*, que se ressentiram com a perda de *status* de classe militar privilegiada, mas também afetou a população de maneira geral. Além das questões de cunho econômico, porque seria um braço a menos para ajudar nas despesas domésticas, ainda haviam boatos de maus tratos. Em 1883, os *shizoku* foram incorporados e as lideranças militares ficaram acabo dos membros dos antigos han Chôshû e Satsuma. Também houve investimentos na constituição de uma marinha moderna, navios ingleses foram importados e escolas de treinamento criadas.

Outro setor que se desenvolveu foi o industrial, principlamente pelo avanço obtido com os sistemas hidroelétricos. Esse progresso é bem perceptível na fala de Moraes quando ele descreve que a eletricidade já havia ocupado um "lugar comum" nos lares nipônicos.

> É facto, todavia, que a luz electrica não só alumia Tokushima, mas está-se tornando uma coisa trivial em todo o imperio. Onde haja força hydraulica dos rios a aproveitar, ou onde passe uma linha de viação electrica, é quase certo encontrarmos estabelecidas a iluminação electrica, não só nas cidades provincianas, mas até em insignificantes aldeias e ínfimos logarejos. [101]

As bases da economia moderna já tinham sido fundamentadas na Era Tokugawa[102], mas para o Japão crescer era preciso mais tecnologia, orientação e investimentos. Por longo tempo houve uma coexistência entre as formas econômicas tradicionais e modernas, uma vez que os subsídios obtidos para a industrialização vinham diretamente da agricultura doméstica. Foram abolidas as múltiplas restrições impostas pelo *Bakufu* em relação aos preços das mercadorias, taxas sobre transportes e operações de mercado. No período de 1886 a 1905 ocorreu o início da modernização e do crescimento econômico japonês. Esse processo foi gradual, alguns passos foram imprescindíveis, como:

---

[100] Como um filho único não podia ser alistado no exército, passou a ser comum que um homem que tivesse pelo menos dois filhos fizesse com que um deles fosse adotado por uma outra família sem descendentes do sexo masculino, evitando assim o recrutamento obrigatório. Sobre o sistema de adoção no Japão vide: FRÉDÉRIC, Louis. *O Japão – Dicionário e civilização*. São Paulo: Editora Globo, 2008. p. 39.

[101] MORAES, Wenceslau de. *O Bon-Odori em Tokushima*. Cadernos de Impressões Íntimas. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, 1916. p. 144.

[102] Henshall pontuou os fatores de produção que o Japão já possuía e contribuíram para o desenvolvimento econômico na Era Meiji. Entre eles estavam: uma grande força de trabalho; uma força de trabalho instruída; uma força de trabalho em gral obediente; um grande expediente agrícola que poderia ser deslocado para o setor industrial; capital acumulado no setor privado (na maioria comerciantes); práticas de negócio estabelecidas com alguma sofisticação; apesar dos recursos naturais limitados, uma oferta de fontes energéticas básicas como madeira, água, carvão e ferro. HENSHAL, Kenneth. *Op. cit.*, 2004. p. 134.

> (1) A aplicação do pensamento moderno e tecnologia para indústria, transporte e agricultura; (2) aumento contínuo e rápido da renda per capita em conjunto com altas taxas de crescimento populacional; (3) rápida e eficiente transformação da estrutura industrial; (4) contatos internacionais.[103]

Assim que Ôkubo retornou da Missão Iwakura ficou encarregado do Ministério da Indústria. As primeiras medidas visaram o desenvolvimento da mineração, da siderurgia, das ferrovias e telégrafos. Foram priorizados setores que pudessem atender às necessidades do progresso bélico, que impulsionassem a fabricação de navios de guerra, armamentos e munições. As metas industriais estavam concatenadas com o *fukoku-kyôhei* (país rico, exército forte). O pontapé inicial para o desenvolvimento industrial foi dado pelo Estado que por meio da captação de recursos, advindos dos impostos pagos pelos camponeses, construiu as primeiras fábricas e linhas férreas. O governo investiu em setores em que a iniciativa privada não dispunha de recursos, visando à modernização industrial. Quando as empresas alcançaram autonomia e rentabilidade, foram transferidas em 1882 para particulares. O governo Meiji alegou que caberia aos homens de negócio a gestão de empresas estratégicas, enquanto o Estado deveria se dedicar a questões militares, criando um exército forte, uma política eficiente e uma educação que contemplasse a todos. Essas empresas formaram as *zaibatsu* (corporações familiares e oligopólios modernos). As principais corporações familiares eram a Mitsui, Mitsubishi, Yasuda, Daí Ichi e Sumitomo. Elas continuaram a receber apoio do Estado e foram de suma importância nas guerras travadas pelo Japão, no transporte de tropas e no fornecimento de materiais.

A construção de um sistema de transporte e de comunicação era essencial para o projeto de modernização. A primeira ferrovia foi inaugurada em 1872, indo de Tóquio a Yokohama, e em 1889 foi aberta a linha que realizava o trajeto de Tóquio a Kobe. Surgiram também as companhias de navegação estatais. A expansão dos transportes interferiu em novos padrões de urbanização, surgindo uma concentração populacional em redor das estações. Os transportes interurbanos permitiram que as pessoas trabalhassem mais afastadas de suas residências e não ficassem mais confinadas em suas próprias comunidades. Em 1869, uma linha telegráfica entre Tóquio e Yokohama foi concluída, anteriormente os *hikyuku* (pés voadores), mensageiros a pé ou a cavalo, entregavam as cartas oficiais. Um sistema postal foi construído em 1871.

O desenvolvimento do capitalismo e o aumento da industrialização também

---

[103] HANE, Mikiso. *Modern Japan a history survey*. Colorado: Westview Press, 1992. p. 97. Tradução minha.

modificaram as relações trabalhistas. Com os contratos empregatícios, transações comerciais focadas na lucratividade e na exploração máxima da força de trabalho, os valores tradicionais de benevolência e lealdade começaram a enfraquecer. Assim como na Europa, a situação dos trabalhadores fabris eram as piores possíveis. Nas fábricas têxteis 80% dos trabalhadores eram mulheres, muitas empregadas por volta dos 13 anos de idade. Essas jovens eram recrutadas nas zonas rurais para trabalhar e residir em dormitórios nas fábricas. Essas residências fabris funcionavam como sistemas prisionais com trabalhos forçados e punições. Não havia folgas, as condições de trabalho eram opressivas e insalubres, muitas operárias contraíam tuberculose e pleurisia. Os dormitórios acomodavam mais de 50 pessoas que precisavam dividir camas. Em razão do alto índice de fugas, as portas dos dormitórios ficavam trancadas após o turno de trabalho.

Em uma de suas cartas Wenceslau de Moraes relata a trajetória de uma dessas meninas. O consul expôe como foi a experiência de O'kuni, uma criança que sofria maus tratos da família e que foi obrigada a sair de casa para trabalhar. Ele começa o relato assim:

> Foi finalmente resolvido levar O'Kuni para uma fábrica de sêdas, como aprendiza, contratada por cinco annos; fornecendo-lhe a fábrica alimento, domicilio e duas libras por uma só vez, adiantadas, as quaes o pai guardou no bolso, pressuroso. Há poucos dias, porém, a creança cahiu doente; e a direcção da fabrica, julgando-a coisa inutil, fez o favor de dispensar os seus serviços. [104]

Foi dentro desse contexto de exploração, assim como no Ocidente, que se desenvolveu o capitalismo moderno japonês. A diferença primordial é que no Japão, para além do trabalho árduo em função da subsistência, os trabalhadores eram pressionados a se empenhar pelo bem da nação. O sacrifício associado ao patriotismo era utilizado como meio de disciplina e de doutrinação. Era papel do trabalhador, e do japonês de maneira geral, promover o desenvolvimento da nação com suas atividades. Em virtude dessas questões trabalhistas e sociais, surgiu no fim da década de 1870 o *Jiyu miken undo* (movimento pela liberdade e direitos humanos). Em 1880, já havia cerca de 150 sociedades locais de direitos populares.

Todo esse conjunto de reformas e inovações políticas e econômicas, com o intuito de modernizar e fortalecer as bases nacionais, afetou drasticamente a vida da população. Como foi exposto anteriormente, tanto no campo, quanto nos meios urbanos, o desenvolvimento dos meios econômicos trouxe ganhos e perdas. Algumas camadas sociais, principalmente camponeses e samurais, não se sentiram beneficiadas com todas as mudanças em curso. O

---

[104] MORAES, Wencesalu de. *Cartas do Japão* (1910-1913). Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928. p. 24.

governo precisou conter várias greves e movimentos de protesto, o mais grave de todos, foi Rebelião Satsuma, em 1876. Esta rebelião foi o último lampejo dos *bushi* (guerreiros).

Alguns samurais foram integrados a nova administração pública, no entanto, uma boa parte, principalmente do interior, continuava com suas atribuições nos padrões feudais. Aos poucos os privilégios e o prestígio dos guerreiros foram decaindo. Toda a simbologia que sustentava a primazia social dos *bushi* foi se esfacelando com o nivelamento social. Mikiso Hane delineou um panorama desse momento:

> Apenas 10% do ex-samurais conseguiu obter posições do governo. Alguns foram para o ensino, o exército e as forças policiais, mas a grande maioria achou necessário entrar ocupações totalmente alheias à sua formação e aptidão, como a agricultura, comércio e trabalho artesanal. Alguns se tornaram tão pobres que foram induzidos a vender suas filhas para casas de prostituição.[105]

Com o fim do xogunato e a abolição dos feudos, o pagamento dos salários dos guerreiros ficou a cargo da administração central de Tóquio. Esses encargos eram extremamente onerosos: entre 1872 e 1876 os estipêndios constituíam 25% de toda a receita do governo. Segundo Pyle, "era evidente que o novo governo, confrontado com as demandas correntes para as reformas aos moldes ocidentais, especialmente nas áreas militares e educacionais, não poderia continuar indefinidamente a apoiar a elite hereditária"[106]. Querendo conter gastos e investir na modernização nacional, em 1876 o governo extinguiu o pagamento dos samurais e ainda estabeleceu o *Haitôrei* (decreto proibindo o uso de espadas).

A inconformidade com essas medidas se converteu em revoltas, a maior delas foi a de Satsuma, devido a querelas políticas. Um dos líderes que orquestrou o *Meiji Ishin*, Saigo Takamori, deixou o governo e voltou para Kagoshima, onde ficava o extinto feudo Satsuma e lá reuniu seus homens formando um exército rebelde. Os motivos que levaram a essa atitude consistiam na recusa dos outros líderes em invadir a Coréia em 1873. Saigo considerava importante essa incursão militar, pois além da Coréia não ter reconhecido o novo governo, o que foi visto como uma afronta, também era uma oportunidade de utilizar as forças guerreiras ociosas. Os outros líderes que haviam voltado da Missão Iwakura discordavam dessa ideia. Depois da viagem ao Ocidente perceberam o desnivelamento dos efetivos japoneses em relação aos estrangeiros e queriam se fortalecer antes de entrar em qualquer empreitada militar. Ficou acertado, então, que esse assunto seria retomado depois da modernização das

---

[105] HANE, Mikiso. *Op. cit.*, 1992. p. 93. Tradução minha.

[106] PYLE, Kenneth B. *The making-of modern Japan*. Canada: D. C. Hearth and Company, 1995. p. 105. Tradução minha.

forças armadas e da economia nacionais. Saigo Takamori tomou a recusa como ofensa e se desligou do governo, acompanhado por Itagaki Taisuki, Etô Shimpei, Gotô Shôjirô. A prefeitura de Kagoshima, sob o controle de Saigo, recusou-se a pagar os impostos para o governo central, o que gerou conflitos e logo a revolta.

Em 1877, Saigo Takamori iniciou uma marcha para a capital com um exército composto de 15.000 homens. Samurais discordantes do novo sistema político e que não foram beneficiados pelas mudanças uniram-se àquelas forças, elevando-as a 40.000 guerreiros. No início do trajeto até Tóquio depararam com as tropas imperiais, constituídas de mais de 60.000 soldados. Os combates iniciaram-se em 29 de janeiro de 1877, encerrando-se em 24 de setembro do mesmo ano. Os rebeldes em sua maioria foram mortos em batalha e os sobreviventes cometeram *seppuku*[107] com Saigo para não serem capturados pelos inimigos. O filme *O último samurai* (2003) foi inspirado na Rebelião Satsuma.[108] Saigo Takamori, apesar da quebra de obediência às hierarquias, foi perdoado postumamente e é visto até os dias atuais como um herói que defendeu seus ideais e sua honra perante os japoneses. Esse foi o último confronto interno importante que representou a luta de uma tradição sufocada pelos preceitos modernos; o último fôlego de um mergulho que não teve emersão.

1.5 **A emergência do Estado-nação e o nacionalismo**

Benedict Anderson, na introdução de *Um Mapa da Questão Nacional*, aponta as problemáticas encontradas ao abordar a temática do nacionalismo. Segundo Anderson, "é difícil pensar em algum fenômeno político que continue tão intrigante quanto este e sobre o

---

[107] A palavra *Harakiri* raramente é empregada pelos japoneses por ser considerada vulgar. *Seppuku* é a maneira mais polida e formal de se referir a esse tipo de suicídio. Acreditava-se que o espírito residia no estômago, por isso, o ritual de estripação equivalia à purificação da alma. Segundo Louis Frédéric, o corte do ventre corresponderia a separação do seu próprio eu da energia cósmica. FRÉDÉRIC, Louis. *Op. cit.*, 2008, p. 382.

[108] O contexto geral do filme está relacionado ao processo de ocidentalização do Japão e o confronto cultural entre tradição e modernidade. Neste filme o capitão norte-americano Nathan Algren, interpretado por Tom Cruise, desembarca em terras nipônicas para auxiliar no treinamento do recém-formado Exército Imperial Japonês. Durante um combate contra as tropas de Satsuma é aprisionado; no convívio com esses samurais, Algren cria empatia com a cultura e valores tradicionais dos guerreiros. Então, decide se juntar aos mesmos na luta contra o Exército Imperial, que representava o fim da era dos *bushi*. No filme, o líder dos rebeldes se chama Katsumoto, esse personagem foi inspirado em Saigo Takamori. O desfecho da história seguiu o mesmo da Rebelião Satsuma, com o acréscimo que o capital levou a espada de Katsumoto para o imperador no intuito de mostrar para ele o valor da tradição japonesa.

qual haja menos consenso analítico. Dele não há nenhuma definição amplamente aceita.[109] Discutir a questão da *nação* e *nacionalismo* implica entrar num campo denso de discussões e contribuições acadêmicas. Existem inúmeras dificuldades "em se chegar a um consenso histórico, sociológico e político de seu (pretenso) real significado. Tais noções devem variar muito segundo o contexto que surgem, trazendo vastas gamas de leituras e *apropriações* diferentes, onde a história e cultura japonesa não seria uma exceção".[110]

A unificação do território e a centralização fiscal, política e militar japonesa foram concluídas no xogunato de Tokugawa Ieyasu, mas somente na Era Meiji formou-se o movimento nacionalista e do Estado-nação, haja vista que anteriormente a estratificação social era um poderoso obstáculo para a formação de uma identidade nacional.[111] Segundo Renato Ortiz,

> a nação pressupõe um movimento de integração, uma "consciência coletiva" que envolve os habitantes de um determinado território. (...) Ela é uma unidade moral, mental e cultural dos habitantes que aderem conscientemente ao Estado e as suas leis. Diferentemente do Estado, no qual a coesão administrativa, a nação se funde em vínculos sociais de outra natureza.[112]

Dessa forma, só podemos cogitar a ideia de nação japonesa na Era Meiji, visto que nesse período se estabeleceu um tipo inteiramente distinto de organização social. Uma organização que gravitava em torno de um senso de unidade construído a partir de uma nova estruturação política. "Meiji significa modernidade e unidade nacional. A ordem tradicional é desorganizada (...). Não se trata apenas de uma revolução industrial, um profundo movimento de integração rearticula os elementos da sociedade japonesa no seio de uma nova totalidade"[113], afirmou Ortiz.

A restauração imperial, com o objetivo de fortalecer as bases nacionais contra os *gaijin* (estrangeiros), impulsionou a união do povo em torno de um propósito maior. Nesse

---

[109] BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 7.
[110]SANTOS, Alexandre Fontoura. *A contribuição do confucionismo para as inter-relações doutrinárias presentes no pensamento japonês durante a formação do período Edo (séc. XVII)*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011. p. 57.

[111] Fontoura apresenta uma colocação relevante sobre esse aspecto quando sinaliza em seu trabalho que "o compromisso para com o território e unidade política japonesa não supera, no período Tokugawa, o compromisso do vassalo para com o seu suserano. Não apenas do âmbito das obrigações feudais, mas na sociedade como um todo, não há separação clara entre o poder público e o privado. Esta fidelidade, ou "divida moral" (termo muito empregado para o caso japonês), só é transporta à nação com a Restauração Meiji, a partir de 1868, onde, segundo diretrizes políticas intencionais, a transição da identificação das obrigações outrora feudais a figura do Imperador é o ponto inicial deste processo". SANTOS, Alexandre Fontoura. *Op. cit*., p. 61.

[112] ORTIZ, Renato. *O próximo e o distante*: Japão e modernidade-mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 52.

[113] Idem, p. 53.

sentido, Hobsbawm fez uma declaração contundente quando afirmou que o nacionalismo no Oriente foi, portanto, um produto da influência das conquistas ocidentais.[114] Chesneaux também salientou que "a Ásia Oriental inteira se transformou em 'prêmio' das rivalidades internacionais. Esta situação forneceu um dos temas principais de agitação para os movimentos nacionalistas".[115] No caso japonês, a segurança geopolítica estava ameaçada e uma forma de consolidar o posicionamento interno da oligarquia foi o nacionalismo.

Benedict Anderson apontou os fatores que colaboraram para o desenvolvimento do nacionalismo oficial. O primeiro, referia-se ao grau relativamente elevado da homogeneidade étnico-cultural,[116] o que facilitou a alfabetização da população – veremos mais adiante que a educação teve um papel fundamental na consolidação de um espírito nacional. O segundo fator seria a antiguidade exclusiva da casa imperial, pois a monarquia foi monopolizada por uma só dinastia ao longo de toda a história documentada. A figura imperial foi representada como a pedra fundamental que alicerçava a nação. Foi construída uma ideologia afetiva em torno do imperador, haja vista que a legitimidade do novo governo também dependia do poder simbólico que ele ostentava. O último fator foi a penetração ameaçadora dos estrangeiros, que impulsionou um programa de autodefesa concebido nos recentes termos nacionais.[117] Como expomos anteriormente, uma série de mudanças sociopolíticas foram implementadas. Dentre elas, duas foram de vital importância para a emergência do Estado-nação: a reforma na educação e a promulgação da constituição. Tanto na educação quanto na área legislativa, dentre outras, fez-se presente a estratégia de "invenção" da tradição a fim de garantir uma homogeneização e uma organicidade de pensamento e devoção à figura imperial. O conceito de nação japonesa também foi concebido a partir da reinterpretação do passado. "O passado, convenientemente lido pela ótica do presente, se apresenta como um *continuum* que teria sempre existido. A memória nacional 'inventa', portanto, os seus

---

[114] HOBSBAWM, Eric. J. *A era das revoluções, 1789-1848*. 24ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 204.

[115] CHESNEAUX, Jean. *A Ásia oriental nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Editora Pioneira, 1976. p. 33.

[116] De acordo com Hobsbawm, o Japão, assim como a Coreia e a China possuíam uma tradição estatal, representavam casos extremos de Estados históricos compostos por uma população quase ou inteiramente homogênea etnicamente. HOBSBAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 82.

[117] ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 143.

mitos".[118] Compreender como se desenvolveu a invenção das tradições na Era Meiji é uma forma de entender a constituição do nacionalismo no Japão.

Muitos aspectos, comportamentos e ritos foram rearticulados e redimensionados no processo de construção do Estado-nação. Sakurai salientou que "houve uma 'capitalização do passado', como diz Lévi-Strauss, no sentido de glorificar a história do povo japonês para fomentar o orgulho nacional. O alicerce da argumentação baseava na ideia de *uniqueness*, exclusividade, da cultura japonesa".[119] Wenceslau de Moraes observou que esse exclusivismo foi se modificando ao longo do tempo, mas que o orgulho de ser japonês perpetuou-se em outros moldes. O cônsul português escreveu:

> Dos últimos fatos que apontei, deve logicamente concluir-se que um supremo orgulho anima este povo eleito, privilegiado sem igual no mundo inteiro. É justamente o que acontece. Com o correr dos tempos, as ideias modificaram-se certamente, infundiram-se nos espíritos sentimentos menos exclusivos; mas o orgulho ficou, a todos os momentos se revela. Abençoado orgulho, que transformou o shintôismo em patriotismo, fazendo o Japão a nação mais patriótica do inteiro mundo civilizado.[120]

Naturalizações de atos do presente como práticas do passado foram constantes. Uma dessas naturalizações estava relacionada ao culto ao imperador, representado como algo muito presente no cotidiano da população em geral, mas que só foi incorporado de fato na Era Meiji. Para a maioria da população, a casa imperial estava muito distante de sua vida e pensamento. A lealdade e o sentimento de obrigação para com o governo imperial foram sendo estimulados, ganharam corpo e geraram frutos ao longo do período. [121] O senso de lealdade e reverência ainda não estavam completamente embutidos no corpo social. Para promover o nacionalismo as elites manipularam e reorganizaram as ideias, instituições e símbolos culturais do passado a fim de forjar uma ideologia nacionalista. Uma dessas ideias está relacioanda a visão do Estado como uma grande família, cujo imperador representava a figura paterna.

---

[118] Idem, p. 53.
[119] SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 146.

[120] MORAES, Wenceslau de. *Relance da alma japoneza*. Portugal, Lisboa-Brasil: Sociedade Editora Arthur Brandão, 1926. p. 51.

[121] Essa ausência de uma subserviência "cega" do povo ao imperador foi relatada pelo médico alemão Ermin Baelz, que em 1876 esteve no Japão a trabalho e ficou surpreso ao perceber a indiferença da população em relação à casa imperial. Baelz escreveu em seu diário em novembro de 1880: "É aniversário do imperador. Fico consternado em perceber o pouco interesse que a população tem pelo fato. Somente quando a polícia insiste as casas são decoradas com bandeiras. É padrão que os donos das casas façam somente o mínimo". PYLE, Kenneth B. *The making-of modern Japan*. Canada: D. C. Hearth and Company, 1995. p. 129.

Dentro desse contexto a educação teve um grande papel – em 1890 foi publicado o Edito de Educação. Este documento fundiu elementos do xintoísmo, da ética confucionista e preceitos modernos direcionados para a subserviência ao Estado. "Redigido numa linguagem religiosa e metafórica, ele é uma peça ideológica importante e que orienta o modelo educacional japonês para uma configuração nitidamente conservadora".[122] O Edito possuía um designo nacionalista baseado na ideia de que servir ao imperador era sinônimo de ser um verdadeiro japonês. O documento dizia:

> Sabei, súditos, Nossos. Os nossos Antepassados Imperiais fundaram o Nosso Império numa base ampla e duradoura e nele implantaram fundo e firmemente a virtude; os Nossos súditos, sempre unidos na lealdade e na devoção filial, ilustraram, de geração em geração, a sua beleza. Esta é a glória e o caráter fundamental do Nosso Império e também aqui reside a fonte da Nossa educação (...). Promovei o bem público e os interesse comuns; respeitai sempre a Constituição e observai as leis; em caso de emergência, oferecei-vos corajosamente ao Estado; e, assim, guarde e mantenha a prosperidade do Nosso Trono Imperial, tão antigo como o céu e a terra. Assim, não serei apenas Nossos bons e fiéis súditos, mas tornareis ilustres as melhores tradições dos vossos antepassados.[123]

Esse texto tinha que ser memorizado por todos os estudantes e era lido em voz alta em algumas cerimônias. [124] "Os valores xintoístas do Rescrito fundiam imperador e Estado e identificaram o Estado como a origem de sua própria vida. Os seus valores confucionistas fizeram do imperador uma figura paternal benevolente", ressaltou Kenneth Henshal.[125] Iniciou-se uma forma de conscientização de massa por meio do inculcamento de uma nova ideologia. Houve um aumento do controle da política educacional, o livro didático tornou-se padronizado e seu conteúdo voltado para atender aos propósitos da unificação nacional, da modernização e do culto ao imperador.

Outro documento de suma importância para a criação do Estado-nação foi o *Dai-Nihon Teikoku-Kempô* (A constituição do Grande Japão), outorgada em 1889, igualando o

---

[122] ORTIZ, Renato. *O próximo e o distante*: Japão e modernidade-mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 56.

[123] HENSHAL, Kenneth. *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, 2004. p. 121.

[124] Wenceslau de Moraes fala sobre a importância deste documento para educação e reverência ao imperador. "O glorioso imperador Meiji Tennô, ao rasgar da cegueira da ignorancia os olhos dos seus súbditos, mandou publicar um rescripto sobre a educação, o qual passou a ser lido em todas as escolas do império, desde então, até hoje, por occasião dos mais importantes dias solemnes. N'este grandioso documento, que é geralmente considerado como a summula da moral japoneza, o soberano recorda aos japoneses o nome dos antepassados imperiaes e seus excelsos intuitos (...) Lindíssima ideia foi esta sem duvida a de aliar o nome do soberano á instituição do ensino, fazendo assim da educação um culto e da escola um templo". MORAES, Wenceslau. *Op. cit.*, 1926, p. 242.

[125] HENSHAL, Kenneth. *Op. cit.*, 2004, p. 122

Japão aos países do Ocidente que também possuíam tal conjunto de leis. Após anos de estudo no exterior Ito Hirobumi, com o auxílio de alguns ocidentais, elaborou o documento formal inspirado no modelo prussiano (discutiremos melhor essa predileção no segundo capítulo). Pela Constituição outorgada, o povo japonês adquiriu direitos, sob determinadas condições: participar do governo por intermédio da Dieta, formada por duas câmaras, a alta (Câmara dos Pares) e a baixa (Câmara dos Representantes). A primeira constituída por nobres, família imperial e homens escolhidos pelo governo e a segunda por membros eleitos pelo voto popular; ambas com o poder de legislar. Apesar do acesso da população à vida política, o voto era restrito aos homens com mais de 25 anos que contribuíam anualmente com uma taxa superior a 15 ienes. Isso garantia que apenas uma pequena parcela da sociedade, cerca de 2%, tivesse o direito de eleger os seus representantes. A Constituição Meiji, composta de 76 artigos, resguardava e assegurava o poder supremo do imperador e figurava como um presente dado por ele ao povo. O imperador detinha todo o poder Executivo (Artigo 6), escolhia os ministros e tinha o comando do exército e da marinha (Artigo 11). Assim como no Edito da Educação, a Constituição também estava permeada de preceitos xintoístas. O primeiro artigo definiu que no Japão devia reinar uma linha ininterrupta de imperadores. O terceiro afirmava que o imperador era sagrado e inviolável. O quarto, que caberia aquele governante tinha o direito de soberania, de acordo com as disposições da Constituição. O sétimo artigo deixava claro que o imperador possuía direitos absolutos, pois poderia dissolver as Câmaras e abri-las quando lhe conviesse.[126]

Em suma, tanto o Edito de Educação quanto a Constituição, para além de legitimar e nortear as ações do Estado, serviram para ampliar a lealdade à casa imperial. "Os ideólogos do período enfatizaram por todos os meios a figura do imperador Meiji, cujo poder seria legitimado pelo passado (mítico), sendo, portanto, perfeitamente fundamentado o seu papel de líder (simbólico) do processo de modernização do país".[127] Por meio da "tradição inventada",[128] a autoridade divina do imperador foi resgatada e amplamente difundida, auxiliando assim, a unidade nacional e a construção do Estado-nação.

---

[126]Constituição Japonesa de 1889. Disponível em: http://winterempires.com/online-historical-books-and-documents/constitution-of-the-empire-of-japan-1889/?lang=pt. Acesso em: 25/03/2016.

[127] SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 150.

[128] Eric Hobsbawm em seu livro *A invenção das tradições*, utiliza o termo "tradição inventada" para designar as "tradições" construídas e formalmente institucionalizadas. O autor explica que muitas vezes "tradições" que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas. Estas concepções se aplicam a realidade histórica japonesa no contexto de construção do Estado-nação, principalmente quando Hobsbawm afirma que "por 'tradição inventada' entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e

1.6 **A Era Meiji e o imperialismo japonês**

No primeiro momento da Era *Meiji*, as maiores preocupações foram com a reorganização das estruturas governamentais e sociais por meio das reformas domésticas. Alcançada uma maior estabilidade econômica e política, a partir de 1890 um novo senso de prioridades voltado para questões de âmbito internacional se instaurou. O nacionalismo começou a adquirir um caráter imperialista agressivo. O povo japonês, apesar de ter vivido 200 anos de relativa paz, na Era Tokugawa, não perdeu seu gene guerreiro e belicoso. Manuel de Oliveira Lima expressou sua admiração sobre o espírito guerreiro japonês. Ele disse,

> mas o que sobretudo impressionou todos os assistentes foram o extraordinário espírito militar Japonezes, a sua valentia, a sua tenacidade, a sua indifferença pela morte, a qual não provem tanto fatalismo como do desprezo a covardia. Dir-se-hia que fazem a guerra pelo amor da guerra, como os poetas parnasianos diziam a arte pela arte. [129]

À medida que o arquipélago crescia militar e economicamente as barreiras nacionais começaram a limitar o seu desenvolvimento. No início do século XX, a situação econômica japonesa era muito semelhante à dos países ocidentais quando iniciaram suas campanhas expansionistas. O rápido progresso capitalista estimulou as ambições imperialistas da elite japonesa, o que lançou o país em uma busca desenfreada por expansão econômica e territorial.

Segundo Benedict Anderson, baseado nos escritos do cientista e teórico político japonês Maruyama Masao, dois fatores foram fundamentais para impulsionar o imperialismo nipônico: a longa tradição isolacionista e a força do modelo nacional oficial. Por causa do *sakoku* (época da nação fechada), o Japão não possuía uma consciência de sociedade internacional; os séculos de isolamento moldaram a sua percepção do mundo. Os modos de se posicionar internacionalmente foram direcionados pelas próprias gerências e experiências internas. O Japão, de acordo com Maruyama,

> estava totalmente ausente qualquer consciência de igualdade nos assuntos internacionais. Os defensores da expulsão [dos bárbaros] viam as relações

---

normas de comportamento através de repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade de relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado". HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 10.

[129] LIMA, Manuel de Oliveira. *No Japão – Impressões da terra e da gente*. Rio de Janeiro: Laemmert & C. Livreiros Editores, 1903. p. 33.

> internacionais numa posição dentro da hierarquia nacional baseado na supremacia dos superiores sobre os inferiores. Por conseguinte, quando as premissas da hierarquia nacional se transferiram horizontalmente para a internacional, os problemas desta ficaram reduzidos a uma única alternativa: conquistar ou ser conquistado. Na ausência de qualquer padrão normativo mais elevado para aferir as relações internacionais, a regra será inevitavelmente a política do poder, e a tímida posição defensiva do passado se tornará o expansionismo desenfreado do presente.[130]

Mesmo tardiamente, o Japão iniciou sua empreitada imperialista. O desejo nacionalista de paridade com o poder ocidental e a necessidade de expansão econômica impulsionaram o império colonial. Kenneth Pyle apontou que essas "eram características que sinalizavam *status* no mundo civilizado. A ambição Meiji para fazer do Japão uma 'nação de primeira classe' (ittô-koku) ajudou a inspirar o expansionismo".[131] Peter Duus argumentou que os líderes *Meiji* temiam que se o Japão não fosse mais ativo econômica e politicamente no exterior, as oportunidades de comércio e de investimentos no Extremo Oriente seriam usufruídas apenas por ocidentais. A ameaça de colonização pelas potências ocidentais já havia se esvanecido, porém, estas continuavam a se expandir no continente asiático. "Era importante que em vez de ferrovias russas e francesas na Coréia, fossem japonesas, assim como, as fábricas de algodão inglesas em Xangai ou o controle americano do mercado têxtil na Manchúria".[132] Ou seja, para o governo Meiji, o mercado da Ásia Oriental deveria ser dominado pelos japoneses e não por estrangeiros ocidentais. Para além das oportunidades econômicas, o domínio das regiões próximas também garantiria a segurança do território nacional: "Havia um ditado que dizia que a Coréia era 'um punhal apontado para o coração do Japão', um punhal para ser usado pelos ocidentais e não pelos coreanos".[133] Portanto, era importante a conquista de territórios e mercados também como forma de defesa.

Mas, antes de iniciar suas incursões ultramarinas, o Japão precisou se desvencilhar dos entraves das relações comerciais desiguais com o Ocidente. Por meio de negociações diplomáticas constantes, os tratados econômicos assinados em termos desiguais foram revogados entre 1894 e 1899. A extraterritorialidade dos ocidentais foi abolida e houve uma

---

[130] MARUYAMA, Masao. Thought and behaviours in modern Japan politics. Londres: Oxford Uiversity Press, 1963, p. 148. Apud. ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 145.

[131] PYLE, Kenneth B. *Op. cit.*, 1995, p. 134.

[132] DUUS, Peter. Economic dimensions of Meiji Imperialism: the case of Korea, 1838-1922. In: MYERS, H. Ramon; PEATTIE, Mark R. (orgs.). *The japanese colonial empire, 1895-1945*. Princeton: Princeton University Press, 1984. p. 133.

[133] HENSHAL, Kenneth. *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, 2004, p. 128.

restauração da autonomia aduaneira. Desse modo, o Japão tornou-se o único país asiático a conseguir igualdade jurídica e comercial com os europeus, sendo capaz de se integrar ao circuito econômico em seus próprios termos. Grande parte desses êxitos está associado à Guerra Sino-Japonesa (1894-1895), na qual o Japão saiu vitorioso.

Por conta de interesses mútuos da Coréia ocorreu a guerra Sino-Japonesa. Desde 1876 o Japão já vinha praticando uma política ofensiva para conseguir tratados comerciais com aquele país. Pelo Tratado de Kanagawa, assim como os ocidentais, impôs negociações desiguais e extraterritorialidade. Em 1894, ocorreu um embate entre coligações opostas na Coréia[134] e China e Japão enviaram tropas para conter os conflitos. Quando a situação foi controlada ambos os países se recusaram a retirar suas forças armadas do território coreano. Após um desentendimento entre as tropas, em agosto, o Japão declarou oficialmente a guerra. As forças terrestres e marítimas japonesas, assim como os esquemas táticos, revelaram-se superiores aos da China. Com a vitória, o Japão obteve, pelo Tratado de Shimonoseki, assinado em 17 de abril de 1895, uma alta indenização financeira e a China teve que abandonar seus interesses oficiais na Coréia e ceder alguns territórios (Formosa, Ilha dos Pescadores e a Península de Liaotung no Sul da Manchúria).

A vitória relativamente fácil sobre a China modificou o olhar do mundo sobre o Japão. Esse foi o primeiro passo em direção à construção de seu império. A população de maneira geral, tirando poucas vozes discordantes, ficou exultante com as conquistas, que estimularam o orgulho nacionalista depois de anos de submissão ao Ocidente. Entretanto, logo essa euforia foi cerceada. A Rússia, devido a interesses na Coréia e na Manchúria, influenciou a França e a Alemanha para se oporem à dominação japonesa. Com o pretexto de garantir a paz no Oriente, forçaram o Japão a renunciar à posse da Península de Liaotung. Esse ato foi sentido pelos japoneses como uma grande humilhação, mas não havia forças suficientes para combater as três nações unidas. Ansioso por manter a boa relação com os países ocidentais, o Japão retrocedeu e renunciou ao direito conquistado sobre a Península. Mas o ressentimento em relação a Rússia cresceu vertiginosamente, principalmente porque logo após a guerra

[134] "Dentro da Coréia existem duas correntes que se hostilizam mutuamente: uma favorável a modernização das instituições com o apoio do Japão e outra xenófoba. As duas correntes entram em luta por duas vezes em Seul (em 1882 e 84). Na primeira vencem os partidários da xenofobia e na segunda, os que apoiavam a cooperação com o Japão. Mas com a intervenção do de exército chinês, estes últimos são derrotados e seu líder Kingyok-kin se refugia no Japão. (...) Tóquio envia forças militares a Península a fim de proteger seus interesses". Vide YAMASHIRO, José. *Japão passado e presente*. São Paulo: IBRASA, 1986. p. 233.

Sino-Japonesa os russos se apossaram da Península de Liaotung. Além desse fator, depois que irrompeu em 1900 o levante dos Boxers, a Rússia ocupou a Manchúria e se recusou a sair.[135]

Em julho de 1902, uma aliança anglo-japonesa foi firmada, sendo o primeiro pacto militar assinado em condições de igualdade entre uma nação não-ocidental e um país europeu. Apesar dessa aliança só garantir a proteção do Japão caso fosse atacado por duas potencias,[136] foi de grande relevância; simbolizava que o Japão havia conseguido alcançar reconhecimento e igualdade diplomática entre os poderes imperialistas. Após esse acordo, os líderes japoneses sentiram-se mais confiantes caso entrassem em confronto com a Rússia, visto que tanto os Estados Unidos quanto a Grã-Bretanha eram contrários à ocupação russa na Manchúria. Wenceslau de Moraes escreveu ao jornal *O Comércio do Porto,* em 8 de julho de 1902, sobre a aliança anglo-japonesa. O autor informou sobre o sentimento de conquista sentida pelo povo e governo com esse acordo diplomático.

> O que mais ultimamente tem occupado o espírito d'este povo é a alliança anglo-japoneza; festas, discursos elogiosos, largos commentarios na imprensa, emfim todas as manifestações do orgulho nacional, que n'este paiz é supino, excitado pelo magno acontecimento de vir uma prestigiosissima nação da Europa dar as mãos ao Japão, para em commum cuidarem dos seus mutuos interesses no Extremo-Oriente, tudo isso tem agitado o theatro de multipleces intrigas e cobiças. É, pois, bem justificável o enthusiasmo japonez.[137]

Desde a Tríplice Intervenção, as relações diplomáticas entre Japão e Rússia já estavam abaladas e acabaram rompidas em 7 de fevereiro de 1904. No dia 8, navios russos foram atacados em Port Arthur e dois dias a guerra entre os países foi declarada. Os combates foram

---

[135] Jean-Baptiste Duroselle explica esses movimentos políticos de maneira minuciosa. Duroselle narra que: "ora, o Japão, potência nova, venceu a China e concluiu o vantajoso tratado de Shimonoseki (1895). Apoiado pelos alemães e franceses (não pelos ingleses, que ficaram inquietos com tais progressos), os russos imediatamente exigiram uma revisão. O Japão cede, mas não pode perdoar essa humilhação. Então, os russos tomam a dianteira. Obtém, em 1896, a concessão de uma estrada de ferro que atravessaria de Oeste a Leste a Manchúria chinesa. Em 1898, favorecem o *break up of China*, inaugurado pela Alemanha, e que vale ás principais potências territórios arrendados. Os russos, de sua parte, adquiriram desse modo Porto Artur, que o tratado de Shimonoseki havia temporariamente cedido ao Japão. Infiltraram-se na Manchúria e recusaram-se a evacuá-la inteiramente, malgrado os protestos nipônicos". DUROSELLE, Jean-Baptiste. *A Europa de 1815 aos nossos dias.* São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976. p. 52.

[136] Manuel de Oliveira Lima, em carta direcionada ao Ministro de Estado das Relações Exteriores Olinto de Magalhaes, expôs que: "Pela leitura do documento em questão, vereis que não se trata de uma aliança ofensiva, nem mesmo incondicionalmente defensiva, pois que um dos dois países só terá que pegar em armas em defesa do outro no caso deste ficar envolvido em guerra com mais de uma nação. Isto, porém, já é muito importante como o é reconhecimento formal pela Grã-Bretanha dos interesses capitais, quer políticos, quer mercantis, quer industriais do Japão na Coréia". FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO. Tóquio (1897-1903). *Cadernos do Centro de História e Documentação Diplomática* (CHDD). Brasília-DF, ano 11, n. 20, 2012. p. 342.

[137] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão.* Antes da Guerra (1902-1904). Porto: Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1905. p. 2.

árduos e houve muitas baixas dos dois lados. Após vários confrontos e dificuldades, o Japão saiu vitorioso. Por terem sido as batalhas, em sua maioria, navais, o sucesso nipônico foi comparado a Batalha de Trafalgar.[138] O presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, escreveu ao almirante Togo Heihachiro (considerado o herói responsável pela vitória) sobre o triunfo na guerra contra a Rússia:

> Este é o maior fenômeno que o mundo já viu. Mesmo a batalha de Trafalgar não poderia igualar. Eu não podia acreditar quando eu recebi o primeiro relatório. Quando o segundo e terceiro relatórios chegaram, no entanto, eu fiquei tão entusiasmado que me senti quase como um japonês. Eu não pude atender as funções oficiais, passei o dia inteiro conversando com os visitantes sobre a Batalha do Mar do Japão, pois acredito que esta batalha naval decidiu o destino do Império Japonês.[139]

Roosevelt foi convidado para intermediar um acordo entre os dois países beligerantes. Em setembro de 1905, foi assinado o Tratado de Portsmouth que garantia finalmente ao Japão a possessão da Península de Liaotung, sendo a Rússia também obrigada a retirar suas tropas da Manchúria. Com as altas despesas de guerra, o Japão precisou pegar empréstimos com a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, esperando quitá-los com as indenizações pagas por Moscou. Contudo, em vez de reparações financeiras o Japão recebeu metade da ilha de Sacalina (hoje Karafuto), ao norte de Hokkaido.

A guerra Russo-Japonesa teve custos humanos e financeiros muito altos, no entanto, apesar de a Rússia não ser a potência ocidental mais forte, foi a primeira vez que uma nação oriental imputou uma derrota a uma nação ocidental. A vitória do Japão aumentou seu prestígio na Ásia e incentivou movimentos pela liberdade. O triunfo também facilitou a introdução de capitais estrangeiros e expandiu o volume de intercâmbio comercial.

Em 1905, a Coréia foi obrigada a se tornar um protetorado japonês. A administração governamental foi tomada e o exército coreano dissolvido. Mesmo sob protesto, a anexação ocorreu em 1910. Em 30 de julho de 1912, faleceu o imperador Mutsuhito, um símbolo da *Era Iluminada* que levou o Japão à modernização. Outro acontecimento simbólico também ocorreu com a morte de Mutsuhito, o general Nogi e sua esposa cometeram *junshi* (suicídio por fidelidade), um antigo costume em que os fiéis servidores de um soberano suicidavam-se com a morte dele para acompanhá-lo na outra vida. Esse foi o último caso de *junshi* que se tem relato, esse ato também representa o fim de alguns costumes arraigados a tradição,

---

[138] Batalha Naval que ocorreu entre Espanha e França contra a Grã-Bretanha, em 1805, na qual o almirante Horátio Nelson, considerado um gênio em estratégia naval, impediu a invasão napoleônica e tomou o controle do Atlântico.

[139] OKAMOTO, Shumpei. *The japanese oligarchy and the Russo-Japanese war*. New York: Columbia University Press, 1970, p. 119. Tradução minha.

descolados do novo mundo que se apresentava. Moraes explica como a morte de Nogi repercutiu no Japão. A carta de 15 de outubro de 1912 começa assim:

> Também os leitores conhecem por certo o extraordinário acontecimento do suicídio do general conde Nogi, na sua residência em Tôkiô, seguido do suicídio de sua esposa, Shizuko; isto precisamente no momento em que o cortejo fúnebre sahia do palácio imperial. Nogi, seguindo o exemplo, como um *samurai* de velha tempera que era, deu-se a morte pelo haraquiri, rasgando com a espada as próprias entranhas, afim de acompanhar o seu soberano no mysterio de além da campa. (...) O suicídio de Nogi foi comentado, em geral, pela imprensa e pela opinião pública japoneza, como um acto de grande exemplo de lealdade ao soberano falecido e de amor patriótico.[140].

Com a morte do imperador finda a Era Meiji, esse momento histórico se iniciou num contexto de crises em que o Japão teve que se superar para alcançar reconhecimento internacional. Por meio de uma planificação política, com reflexos econômicos e culturais, a Terra do Sol Nascente injetou em seu programa de governo e convívio social moldes ocidentais que pudessem impulsionar seu desenvolvimento econômico e militar. Panikkar ao descrever os motivos sobre a vitória japonesa sobre os russos enfatizou o papel da ocidentalização:

> Enfim, os japoneses tinham derrotado e humilhado o regime reacionário dos czares da Rússia, e como? Porque os aristocratas vestiram palito em vez de quimono para sentar-se nos bancos de um parlamento moderno e porque já não fizeram haraquiri, matando-se por questões de honra, mas mataram outros, usando as armas mais modernas de Armstrong, Krupp e Shoda, e construíram uma esquadra e fábricas e mais fábricas e o Micado, deixando de ser personagem de opereta, negociava em pé de igualdade com imperadores e reis da Europa.[141]

Nesse trecho fica bem evidente o quanto os japoneses mudaram em prol de seus objetivos desenvolvimentistas. A ocidentalização afetou profundamente as estruturas sócio-políticas e culturais japonesas. Para além das medidas governamentais e das orientações econômicas e militares, a visão de mundo, os comportamentos e as representações culturais também foram modificadas ao longo do processo de crescimento e de emancipação japonesa.

No próximo capítulo, questões referentes às transformações socioculturais oriundas da interação e intensificação das relações comerciais, políticas e diplomáticas com estrangeiros serão pormenorizadas, numa tentativa de compreender o funcionamento das interações entre

---

[140] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1911-1913)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928. p. 115.

[141] PANIKKAR, K. M. *A dominação ocidental na Ásia*. Rio de Janeiro: Editora Saga S.A, 1989. p. 8.

“yo” e “wa”[142], ou seja, do interno e externo. O intuito é a verificação das “profundezas” das assimilações ocidentais na vida política, social, nos costumes e cultura nipônica, e como estas influenciaram no desenvolvimento do Japão Moderno.

[142] Yo e Wa são designações que vem antes da palavra para poderem discriminar o que é ocidental de oriental, por exemplo: yoshoku (comida ocidental) washoku (comida oriental), yofuku (roupa ocidental) wafuku (roupa oriental).

2 OCIDENTALIZAÇÃO: UMA BUSCA POR RENOVAR-SE SEM PERDER-SE

Nos dias atuais, quando pensamos em Japão, uma série de imagens referentes à tradição (nas roupas, festividades, rituais, alimentação, expressões artísticas) e à modernidade (tecnologia de ponta, moda, videogames, mangás, animes) compõem o imaginário sobre o arquipélago. A relação entre o passado e o presente configura-se, ainda na atualidade, uma característica marcante da identidade cultural nipônica. A sua modernidade, assim como o desenvolvimento capitalista e seu êxito com as tecnologias industriais, é tema recorrente de debate no Ocidente em vários campos de saber.

Neste capítulo, questões referentes a interculturalidade e alteridade serão abordadas, no intuito de compreender e decompor o mosaico da ocidentalização japonesa em seu gene, ou seja, verificaremos o período em que a relação entre o Wa e o Yo se consolidou. O Japão de um país fechado e extremamente xenófobo se transformou, em décadas, em uma nação xenófila. Tentaremos verificar como transcorreu esse momento de desestabilização das ancoragens socioculturais.

Com a abertura da península as nações estrangeiras, a partir de 1853, aumentaram consideravelmente as viabilidades de aproximação com uma terra distante; geográfica e mentalmente. Em meio a esse processo de mudanças e adaptações, muitos estrangeiros atraídos pela possibilidade de “desvendar” a história e cultura nipônica foram atraídos para o Japão. Muitos desses estudiosos, de profissões variadas, deixaram contribuições valiosas para a compreensão desta época. Através de suas pesquisas bibliográficas e de campo, análises sócio-históricas foram construídas. Investigaremos então, um pouco das perspectivas e conjecturas que esses homens desenvolveram no tempo que permaneceram no Japão e puderam observar de perto todo o processo de transformação Meiji.

2.1 **Interculturalidade: relações entre o Wa e Yo**

Em poucas décadas, desde a chegada dos norte-americanos em 1853 à Baía de Edo (Tóquio), o Japão de um arquipélago isolado e extremamente xenófobo, mesmo com todas as contradições implícitas, se transformou num país xenófilo. Esse processo de grandes mudanças políticas, sociais e de mentalidade ocorreu devido a assimilação moderadamente seletiva dos moldes ocidentais e capacidade de adaptação a um novo contexto histórico, já discutido no capítulo anterior, que se apresentava. Manuel de Oliveira Lima, em julho de 1901, escreveu uma carta ao Ministro de Estado das Relações Exteriores, Olinto de Guimarães, relatando a situação financeira e comercial do Japão. Oliveira Lima faz um resumo das transformações ocorridas no país nas últimas décadas. O Encarregado de Negócios em Tóquio descreve que:

> País pobre e de limitados recursos, viu-se compelido a despender muitos milhões para europeizar-se e, assim, garantir a sua independência, livrando-se das intervenções das potências ocidentais, executadas em nome da civilização. Teve, nação bruscamente arrancada a um estado de atraso medieval, que estabelecer linhas férreas; fundar companhias de navegação mercante; construir faróis nas suas perigosas costas e escolhos dos seus mares; organizar um exército que é um modelo de bravura e de disciplina, e uma marinha de guerra que bem contará entre as melhores do mundo; levar a cabo uma árdua campanha estrangeira; levantar escolas, laboratórios, hospitais, universidades; numa palavra, preparar todo o moderno aparelho social.[143]

Kenneth B. Pyle, ao escrever sobre esse período de assimilação e adaptação, fala sobre a rápida flexibilização do pensamento nipônico. Segundo Pyle:

> Uma das características mais extraordinárias da história do Japão moderno foi sua mudança repentina de visão de mundo. O povo japonês demonstrou uma extraordinária "mobilidade intelectual" – uma flexibilidade incomum de pensamento. (...) Passaram do ódio aos bárbaros a adulação da cultura ocidental.[144]

Essa mudança de visão de mundo foi impulsionada pela incoporação do Japão, mesmo que a revelia, dentro das prerrogativas de desenvolvimento do capitalismo imperialista mundial. A resposta japonesa ao impacto desses acontecimentos foi uma modernização

---

[143] FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO. Tóquio (1897-1903). *Cadernos do Centro de História e Documentação Diplomática* (CHDD). Brasília, ano 11, n. 20, 2012. p. 276-277.

[144] PYLE, Kenneth B. *The making-of modern Japan*. Canada: D. C. Hearth and Company, 1995. p. 77. Tradução minha.

ocidentalizada defensiva. Após a restauração imperial, como já relatamos anteriomente, os líderes do governo se empenharam em promover a ocidentalização, com o intuito de se fortalecer e resguardar a soberania japonesa na ordem internacional, dominada pelo Ocidente.[145] "Era necessário convencer os estrangeiros de que o Japão assimilara bastante a cultura ocidental para ser encarado como um Estado civilizado", afirmou Sansom.[146] Para isso, o Estado investiu em missões ao exterior,[147] captação de mão de obra estrangeira qualificada e assimilação de comportamentos, técnicas e formas de pensamento ocidentais.

O historiador W. G. Beasley, em seu livro *The modern history of Japan*, dá um exemplo interessante de como esse momento de mudanças foi percebido pelos japoneses, ou melhor, por uma perspectiva jornalística do assunto que pode vir a corresponder com a da população.[148] Ele explica que em 1894, um jornal japonês, Yorozu Shimbun, publicou uma charge mostrando os estágios de relacionamento do Japão com o Ocidente durante os últimos vinte ou trinta anos. Ela era composta de três quadros. No primeiro, mostrava uma criança japonesa indefesa na presença de um professor estrangeiro irritado e arrogante. No segundo, este mesmo professor dormia enquanto a criança crescia. Já no terceiro, quando o mestre acorda encontra um aluno robusto e forte que o intimida.[149] De acordo com esse imaginário, o Japão indefeso aprendeu com seu opressor e teria então se libertado deste, através do lema *Oitsuke, Oikose* (alcançar e ultrapassar). Porém, esse processo não ocorreu de forma tão "amarrada" assim. Como pontuou John Whitney Hall, o medo e o senso de inferioridade não foram as únicas razões para a rápida assimilação das práticas ocidentais: "De todos os povos

---

[145] Quando Lévi-Strauss escreveu sobre o Japão e informou que ao ler um livro de um autor japonês pode finalmente entender o propósito da ocidentalização. Nas palavras do próprio autor: "Foi lendo o belo livro de Maruyama Masao, *Studies in the intellectual history of Tokugawa Japan*, que realmente compreendi que, se, no início da Era Meiji, o Japão quis se igualar ao Ocidente, não foi para se identificar com ele, mas para encontrar a melhor maneira de se defender contra ele". LÉVI-STRAUSS, Claude. *A outra face da lua*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 49.

[146] SANSOM, G. B. *Japan*: a short cutural history. Londres: Cresset Press, 1931. p. 401.

[147] Por exemplo, "[1] eles enviaram estudante ao Reino Unido para estudar marinha e comércio marítimo, [2] para a Alemanha para estudar sobre o exército e medicina, [3] para França para aprender sobre governo local e leis, 4] aos Estados Unidos para métodos de negociação. O mundo era uma grande sala de aula para eles, mas eles escolhiam o que e onde eles gostariam de aprender e como eles usariam esse conhecimento para mudar a vida no Japão". HANE, Mikiso. *Modern Japan a history survey*. Colorado: Westview Press, 1992. p. 123.

[148] Essa ressalva foi apontada pois, através dos escritos de Hobsbawm, chegamos ao entendimento de que há uma distinção entre a "visão de baixo", ou seja, das pessoas comuns que compõem a população, de uma perspectiva literário ou jornalística. Segundo Hobsbawm "Felizmente os historiadores sociais aprenderam como investigar a história das ideias, das opiniões e dos sentimentos no plano sub-literário, de modo que hoje estamos mais seguros de não confundir – como os historiadores habitualmente faziam – os editoriais de jornais escolhidos com a opinião pública". HOBSBAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 20.

[149] BEASLEY, W. G. *The modern history of Japan*. New York: Frederic A. Praeger Publishers, 1963, p. 84.

asiáticos, os japoneses foram o que demonstraram uma franca fascinação desenfreada pela civilização e produtos ocidentais, e a maior inclinação para dedicar-se aos seus conhecimentos".[150] Os japoneses manifestaram a vontade de assimilar o pensamento e modo de vida estrangeiro, visto que, isto lhes proporcionavam vantagens voltadas para o desenvolvimento do comércio, do turismo e inserção no cenário político mundial.

Nas duas primeiras décadas da Era Meiji (1868-1912) houve um processo de "intoxicação" das concepções exógenas não-orientais. Oliveira Lima fala sobre todo esse ímpeto de mudança, na visão do brasileiro:

> Para receber a invasão das idéias civilizadoras, abrem-se todos os espíritos, preparam-se todas as inteligências, aguçam-se todas as vontades. (...) Se são parcos de originalidade inventiva, já verificamos que são ricos de adaptabilidade engenhosa. Para receber, porém, a invasão das armas estrangeiras, levantar-se-iam todas as energias, abrasar-se-iam todas as almas. Também não há instituição que o Governo Imperial haja amoldado, zelado, protegido, estimulado, amimado e ao mesmo tempo (é mister não esquecer) disciplinado como o exército.[151]

Os moldes institucionais europeus e norte-americanos tornaram-se referências para as reformas instauradas. Wenceslau de Moraes fez uma súmula de tudo que havia sido realizado no Japão desde a restauração do poder imperial.

> O que o Japão realisou, n'estes ultimos 36 annos, sabe-se. No campo do trabalho ou da indústria, aprendeu tudo, imitou tudo: confessemos que ainda lhe cumpre aperfeiçoar-se, mas já creou uma industria sua importantissima, que hoje se exerce de uma maneira brilhante, principalmente nos mercados orientaes. No ramos administrativo, no ramo de educação, nas sciencias, registra-se indentica apropriação de ideias. Da efficiencia que atingiram os seus elementos de defeza, do seu exercito, da sua marinha, é inutil discursar agora.[152]

Para além das mudanças institucionais, o cotidiano, as relações interpessoais e as atitudes também foram afetados. "As primeiras décadas do período Meiji foram essencialmente um tempo empregado no aprendizado do Ocidente, na adoção de elementos da civilização ocidental e acomodação desses elementos".[153] Nesse primeiro momento, até meados de 1880, apesar das características tradicionais estarem muito presentes na vida dos

---

[150] HALL, John Whitney. *Japan – from prehistory to modern time.* Michigan: The University of Michigan, 1991. p. 286.

[151] LIMA, Manuel de Oliveira. *No Japão – Impressões da terra e da gente.* Rio de Janeiro: Laemmert & C. Livreiros Editores, 1903. p. 51-52.

[152] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão*. Um Anno de Guerra. (1904-1905). Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1906. p. 159.

[153] HANE, Mikiso. *Op. cit.*, 1992, p. 126.

japoneses, estes passaram a ser um tanto relegados, vistos como algo menor em relação a todas as inventividades modernas advindas do estrangeiro.[154] Tudo que era *hakurai* (vindo do estrangeiro)[155] passou a despertar um grande interesse; esportes, expressões artísticas, arquitetura, roupas, comidas e formas de pensamento e comportamento ocidentais. Todas essas inovações, em maior parte, foram adotadas pela população urbana, visto que, o campo ainda se encontrava um tanto alheio ao processo de ocidentalização.[156] Como salientou Renato Ortiz, "num país em que a maioria da população viva ainda na zona rural, aí se concentrando a força de trabalho, o setor moderno era uma dimensão da dinâmica social".[157] O historiador Richard Storry descreveu um pouco desse momento:

> O nível de interesse da sociedade japonesa pelo estilo de vida ocidental, nos primeiros vinte anos do reinado Meiji foi de tal ordem que alguns líderes da Restauração chegaram ao ponto radical de defender a substituição *total* dos hábitos tradicionais japoneses (vestuário, alimentação etc.) pelos hábitos ocidentais; tais como as sugestões de Inouye Kaoru (1836-1915), que advogava a substituição do arroz pelo pão e a introdução em larga escala de gado ovino, além da substituição do arroz por trigo, aveia e cevada.[158]

Ao mesmo tempo que incorporavam as novidades estrangeiras, algumas práticas cotidianas passaram a ser proibidas, pois não se adequavam aos parâmetros ocidentais de civilização. Wenceslau de Moraes observando esse processo, escreveu: "mas, diga-se de

---

[154] Joy Nascimento A. de Souza, mestre em literatura japonesa, desenvolveu um trabalho interessante baseado na análise do romance *Eu sou um gato*, de Natsume Sôseki, professor de Literatura Inglesa na Universidade Imperial de Tóquio na Era Meiji. A autora ao contextualizar a temática da obra de Natsume, relata o panorama da época e enfatiza que houve uma valorização exacerbada do que era ocidental. "Literatura, ciência e principalmente os hábitos europeus eram adquiridos: os quimonos foram trocados pelas roupas em estilo europeu e difundiu-se o uso de objetos ocidentais como guarda-chuva de poliéster e sapato de couro. Em contraposição a isso, o que era oriental e tradicional passou a ser desvalorizado e alguns prédios e monumentos antigos foram até destruídos, tudo em busca de uma modernização acelerada". SOUZA, Joy Nascimento A. de. *Natsume Sôseki – O olhar felino sobre as múltiplas faces do homem Meiji*. Dissertação (Mestrado em Língua, Cultura e Literatura Japonesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011. p. 7.

[155] "Termo utilizado desde o período Nara para designar (com uma nuance de admiração) todos os produtos e técnicas importados. Esse termo foi também utilizado para qualificar todos os objetos, considerados de alta qualidade, vindos do Ocidente durante o início da Era Meiji, tais como relógios, aparelhos de barbear, canetas, etc". FRÉDÉRIC, Louis. *O Japão – Dicionário e civilização*. São Paulo: Editora Globo, 2008. p. 372.

[156] Wenceslau de Moraes ao escrever sobre o *Bon-Odori* (Festa dançante dos mortos) explica que nos lugares mais afastados dos centros urbanos as tradicionalidades foram mais preservadas. Nas palavras do autor "persistindo desde os remotos tempos bárbaros, pela qual a família japoneza honrava por todo o império os seus defuntos; honrava e honra ainda, em certos sítios – algumas cidades de provincianas e rústicas aldeias, – onde a occidentalisação dos costumes, na sua ação demolidora menos facilmente abre brecha nas velhas crenças, nas usanças populares". MORAES, Wenceslau de. *O Bon-Odori em Tokushima*. Cadernos de Impressões Íntimas. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, 1916.p. 5-6.

[157] ORTIZ, Renato. *O próximo e o distante*: Japão e modernidade-mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 81.

[158] STORRY, Richard. *A history modern Japan*. Sidney: Penguin Books, 1961. p. 107.

passagem, que as autoridades japonezas cuidam presentemente, por vários modos, de acabar com tudo que lhes cheire a velhas usanças, a antigas práticas populares, incompatíveis, pensam elas, com o progresso da civilização".[159] Um exemplo de costumes tradicionais abolidos foi o dos banhos públicos, feitos com homens e mulheres juntos, pois chocavam os estrangeiros e eram percebidos, sob a perspectiva moralizante ocidental cristã, como uma prática libidinosa. Os japoneses ao contrário dos ocidentais lidavam com a nudez com muita naturalidade. Era comum que familiares de diversas faixas etárias compartilhassem o mesmo espaço de banho. Havia uma visão distinta entre japoneses e estrangeiros em relação à sexualidade dos corpos. Moraes faz uma observação interessante sobre o tema, ao mesmo tempo que, esboça uma crítica a moralização ocidental sobre o Japão, alegando que:

> Ainda há uns trinta annos, as muitas amplas tinas dos estabelecimentos de banhos públicos, nas cidades, eram communs para os dois sexos; depois, por condescendência a crítica moralizadora dos estrangeiros, passou-se um cordel ao meio de cada tina, banhando-se os homens de um lado e as mulheres do outro lado; ainda depois, como a critica moralizadora dos estrangeiros não cessava de clamar, isolaram-se os sexos por completo levantando-se uma parede para o efeito... Todavia, embora a critica moralizadora dos estrangeiros se viesse insinuando e modificando os usos, a moralidade publica não subiu de nível, antes baixou e vae baixando, cabendo por certo uma grande parte de responsabilidade a onda de civilização moralizadora, vinda da Europa, vinda da America, entrando a jorros pelo Japão a dentro!...[160]

Outro intelectual que desenvolveu escritos sobre o Japão foi Basil Hall Chamberlain. Este chegou ao Japão em 1873 e ao escrever *Things japanese*, uma mini-enciclopédia, relata o quanto, ao seu ver, em tão pouco tempo o contexto sociopolítico e cultural japonês se modificou. Para Chamberlain, o Japão antigo havia sucumbido[161] diante do avanço da modernização de cunho ocidental. O mesmo afirmou que:

> O samurai antigo que iniciou os meus escritos sobre os mistérios da linguagem japonesa, que usava um rabicho e duas espadas, essa relíquia do feudalismo, agora dorme no Nirvana. O sucessor moderno dele fala inglês fluentemente e veste um terno distinto, é quase um europeu, salvo a obliquidade dos olhos e a ausência de barba. As coisas antigas passaram do dia para a noite. Os japoneses se orgulham de

---

[159] MORAES, Wenceslau de. *Op. cit.*, 1916. p. 336.

[160] MORAES, Wenceslau de. *Relance da alma japoneza*. Portugal, Lisboa-Brasil: Sociedade Editora Arthur Brandão, 1926. p. 93.

[161] Na introdução de *Things japanese*, Chamberlain expressa que pode observar um mundo que dia a dia se esfacelava diante de seus olhos. Para o mesmo o Japão antigo estava morto e "a única coisa decente a fazer com o cadáver é enterrá-lo. Em seguida, podemos fazer um monumento sobre ele, e, se quisermos, venha a adoração no momento de sepultura. O Japão antigo esta morto e enterrado, e o jovem Japão reina em que lugar". CHAMBERLAIN, Basil Hall. *Things japanese*. London: K. Paul Trench Ltd., 1904. p. 6-7.

> terem feito em trinta ou quarenta anos o que os europeus demoraram séculos para realizar.[162]

Apesar dessa constatação de um processo de ocidentalização intenso, indicando rupturas com o passado, está presente em muitos relatos de viajantes e também na fala de muitos japoneses do período[163]- algumas ressalvas, afim de que se evite certos exageros em relação as continuidades, alterações ou substituições de atitudes, valores e comportamentos tradicionais em meio a modernização- precisam ser feitas.

A percepção de mudanças bruscas e repentinas foi bem demarcada por quem atravessava o momento de transição das estruturas políticas e socioculturais. No entanto, como alerta, a historiadora especialista em história japonesa Carol Gluck, ao discutir questões históricas e teóricas sobre modernidade (generalizações, similaridades e diferenças):

> Os japoneses de Meiji gostavam de descrever sua época como se tudo nela fosse novo: como se o período tivesse surgido como um gêiser de mudança após a Restauração de 1868. (...) Embora tais afirmações de mudança radical frequentemente caracterizem estados recentemente unificados ou independentes, os historiadores fariam bem em ter cautela com declarações sobre a característica da mudança modernizadora como fenômeno em que acontece 'tudo de uma só vez'. A despeito da narrativa prevalecente 'tudo-ao-mesmo-tempo' rumo à 'civilização', a modernidade não aconteceu assim, nem no Japão Meiji nem em qualquer outro lugar.[164]

Ainda, segundo a autora, as "condições preexistentes" ao momento em que a supostamente a modernidade começou precisam ser analisadas. Um exemplo relacionado a essas "condições" está no fato de que muitos integrantes da base do governo Meiji, no período Tokugawa (1603-1868) após a abertura do Japão, de forma ilegal, realizaram viagens com nomes falsos ao estrangeiro; principalmente aos Estados Unidos. Esses homens se deslocaram por ordem de seus *daimyo* (senhores de grandes extensões de terras) afim de pesquisarem elementos exógenos que pudessem fortalecer seus domínios. Choshu permitiu que Ito Hirobumi e Inoe Kaoru fossem para Londres em 1863; já Satsuma enviou 19 estudantes para Europa, em 1865, para compreenderem os avanços militares e de navegação, assim como

---

[162] Idem, p.8.

[163] Um dos exemplos foi o célebre escritor, tradutor e teórico político Fukuzawa Yukichi (1835-1901), que relatou ter vivido em um momento de mudanças sem precedentes duas vidas em uma, devido as alterações radicais de ordem econômica, social e política que presenciou e experienciou após a restauração imperial. FUKUZAWA, Yukichi. *An ontline of civilization*. Tokyo, Sophia University Press, 1973. p. 3.

[164] GLUCK, Carol. Meiji e Modernidade: da História e Teoria. In: PEREIRA, Ronan Alves; SUZUKI, Tae (orgs.). *O Japão no caleidoscópio*: estudos da sociedade e da história japonesa. São Paulo: Pontes Editores, 2014. p. 18.

outros aspectos tecnológicos. Alguns desses enviados se debruçaram sobre a medicina, legislação e educação. Outros domínios também enviaram homens para os mais diversos lugares da Europa e Estados Unidos. Alguns japoneses, os mais abastados, foram até mesmo por conta própria de forma clandestina. Para além dessas incursões, o próprio *Bakufu*, em 1860 e 1862, intentando a revisão dos tratados desiguais, enviou missões oficiais aos Estados Unidos, Inglaterra, Holanda e França. Um dos escolhidos para compor o grupo foi Fukuzawa Yukichi, que posteriormente seria um grande influente e entusiasta da ocidentalização japonesa.

Essas missões garantiram a nova liderança do governo Meiji conhecimento prévio sobre o contexto internacional. De acordo com W.G. Beasley, "em 1868, o Japão já possuía a sua disposição um núcleo de homens qualificados que possuíam habilidades ocidentais. (...) Foi a existência de tais homens, a maioria deles jovens, que tornou a modernização possível".[165] Apesar deste fator, está claro que na Era Meiji essa ação de exploração, principalmente pela Missão Iwakura, foi coordenada e intensificada pelo Estado. Porém, o histórico de busca pelo conhecimento ocidental num período anterior remete justamente a estas "condições preexistentes" a modernização e ocidentalização que precisam ser analisadas para compreender o processo de continuidade, descontinuidade e adaptações de certos padrões de comportamento e ações institucionais.

Muito embora, nas duas primeiras décadas da Era Meiji tenha ocorrido um fluxo intenso de importações ocidentais, a tradição ainda era muito presente. O *Wa* (o que é autóctone nipônico) e o *Yo* (o que é estrangeiro, exógeno) compunham o cenário dessa época. Na fala de Wenceslau de Moraes, a questão já apontada por Kenneth B. Pyle, sobre a rápida flexibilização do pensamento é trabalhada, assim como a relação dialética entre o interno e externo. O autor sinaliza que:

> Sob o especial ponto de vista em que essas minhas impressões vão sendo escriptas. O que, no momento presente, mais do que tudo impressiona o espírito é a estupenda maleabilidade dos japonezes em se adaptarem a coisas novas, differentes, tam novas, tam differentes, que correspondem nada menos do que a troca de sua civilização. (...) Já se vê, os japonezes ainda são japonezes, a grande maioria dos costumes, dos seus usos ainda é japoneza; mas o Japão, nas suas linhas geraes, passou a ser um Estado occidental, com a única differença de ser, por imposições geographicas e outras, um Estado extremo-oriental.[166]

---

[165] BEASLEY, W. G. *The modern history of Japan.* New York: Frederic A. Praeger Publishers, 1963. p. 135.

[166] MORAES, Wenceslau de. *Relance da alma japoneza*. Portugal, Lisboa-Brasil: Sociedade Editora Arthur Brandão, 1926. p. 67.

Moraes especifica que a "essência" japonesa constituída pelos costumes, de certa forma, ainda se mantinha preservada, mas que elementos externos ocidentais foram agregados na formação de uma nova, e completamente diferente, configuração política e civilizacional. O Japão se transformou numa potência geograficamente oriental, porém fortemente guiada por ideais sociopolíticos ocidentais. É demasiadamente complexo definir, e até mesmo leviano, tentar delimitar onde começa e terminar o "novo-ocidental-moderno" do "antigo-oriental-tradicional". O que podemos construir em termos de análise é como ocorreu o processo de interculturalidade e como ele foi apreendido no período. Portanto, disporemos de algumas linhas gerais agora sobre essas imbricações referentes ao *Wa* e *Yo*.

Néstor Garcia Canclini elaborou considerações sobre o conceito de interculturalidade, sublinhando que ele "remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações de trocas".[167] Em meio a alianças e negociações constantes constitui-se a cultura de um povo, num *continum* de conflitos e de empréstimos. A cultura é concebida como um "sistema de relações de sentido que identifica diferenças, contrastes e comparações, veículo ou meio pelo qual a relação entre os grupos é levada a cabo".[168] Muitas vezes essa concepção conflituosa é contemporizada quando se refere à cultura nipônica, de acordo com alguns autores, o caráter harmônico foi o que predominou. A cultura japonesa, segundo essa visão, se configuraria por uma harmonia emocional e estética verificada no encontro entre a tradicionalidade e modernidade estrangeira.[169]

Segundo a conceituação de Lévi-Strauss, em *A outra face da lua*: *escritos sobre o Japão*, o Japão poderia ser considerado a única nação que teria encontrado "o equilíbrio entre a fidelidade ao passado e as transformações induzidas pela ciência e técnicas".[170] Lévi-Strauss afirma que o governo imperial filtrou o melhor de fora e preservou o melhor de dentro. A abertura ao exterior teria sido feita de forma cautelosa e controlada; dessa maneira teria obtido êxito na árdua tarefa de salvaguardar a tradição cultural da ocidentalização desenfreada. Esse processo Strauss conceituou de *capitalização do passado*, explicando que:

---

[167] CANCLINI, Néstor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados. Mapas da interculturalidade.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. p. 17.

[168] CANCLINI, Néstor Garcia. *Op. cit*., p. 24.

[169] "A característica cultural japonesa que temos hoje é o resultado de uma série de encontros entre a cultura japonesa tradicional e as culturas estrangeiras através dos quais as últimas formam importadas, absorvidas e misturadas harmoniosamente à primeira. Pode ser dito que algumas das características dignas de nota deste processo incluem uma flexibilidade e abertura para as culturas alienígenas". TAZAWA, Yutaka; MATSUBARA, Saburo; OKUDA, Shunsuke; NAGAHATA, Yasunori (orgs.). *História cultural do Japão – uma perspectiva*. Tokyo: Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão, 1985. p. 1.

[170] LÉVI-STRAUSS, Claude. *A outra face da lua.* São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 101.

> A Restauração Meiji, ao procurar integrar o povo japonês à comunidade internacional em lugar de destruir o passado capitalizou sobre o que já existia. Ou seja, colocou a serviço da nova ordem recursos humanos plenamente disponíveis no país e lançou mão de ideologias antigas, como a do poder imperial para justificar o esforço e abrir o caminho a sociedade industrial.[171]

Nesse processo, as dinâmicas socioculturais foram afetadas. Apesar do passado e do presente, da tradição e modernidade fazerem parte até os dias atuais da cultura japonesa, analisando o contexto interno político e sociocultural da época, nota-se que essa adaptação cultural não ocorreu de forma tão harmônica e "filtrada".[172] Houve muitos conflitos relacionados as perspectivas difusas em relação ao estrangeiro e ao que ele representava. Por exemplo, os filhos gerados de união entre ocidentais e japoneses, geralmente de uma japoneza com um ocidental, eram chamados de *ainoko* (filhos do amor), apesar da designação mais polida do que a que chinesa *fan-kwai sai* (filhos dos diabos brancos), essas crianças eram mal vistas pela sociedade. Na fala de Wenceslau de Moraes, "os japonezes vêem em cada *ainoko* um ultraje vivo ao seu supino nacional, o produto da acquiescencia criminosa de uma mulher de seu paiz ao capricho momentâneo do estrangeiro detestado".[173] De maneira geral, os sentimentos em relação aos ocidentais e a ocidentalização, em graus variados, transitavam entre o ódio e a adulação. Muitas vezes a cordialidade e cerimonialismos tornavam latentes o verdadeiro repúdio que sentiam pelo estrangeiro. Mais uma vez, utilizando a fala de Moraes "é um sentimento de aversão, iludido de ordinário num cerimonial de reverencias e de cortesias, mas atingido muitas vezes, as proporções do asco, do ódio".[174]

Um embate muito controverso que ocorreu na Era Meiji foi entre os defensores dos valores tradicionais em contraposição aos que viam na ocidentalização a oportunidade de modernização acelerada e fortalecimento do país. A elite capitalizada ansiava por uma maior participação do Japão no mundo capitalista e por isso incentivou em larga escala a ocidentalização. Além desses, muitos intelectuais acreditavam que a captação e incorporação

---

[171] Idem, p. 134.

[172] Tem uma fala de Wenceslau de Moraes que corrobora bem com essa linha de pensamento. Ele esboçou que os japoneses da Era Meiji "encontram-se presentemente na rude azafama (atropelo, confusão) de colher o metal precioso – digamos assim, – que as minas da Europa e da America lhes oferecem, a esmo, a granel, sem escolha, sem methodo, ás pazadas, deixando para mais tarde os processos de separar o bom do mau, de joeirar, de peneirar, de lavar". MORAES, Wenceslau de. *Relance da alma japoneza*. Portugal, Lisboa-Brasil: Sociedade Editora Arthur Brandão, 1926. p. 219.

[173] MORAES, Wenceslau de. *O Bon-Odori em Tokushima*. Cadernos de Impressões Íntimas. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, 1916. p. 317.

[174] MORAES, Wenceslau de. *Dai Nippon*: o grande Japão. Lisboa: Imprensa Nacional, 1897. p. 215

de características ocidentais eram necessárias para o desenvolvimento do país.[175] Porém, alguns grupos de intelectuais, geralmente ligados ao xintoísmo e ao confucionismo, não enxergavam efeitos benéficos nesse processo, acreditando que estavam perdendo a "pureza" que os definia[176]. A forma autoritária e arbitrária que os norte-americanos e europeus se relacionavam com os orientais também impulsionava animosidades.[177] Para além desses grupos, também haviam aqueles que se sentiram excluídos do processo de modernização ocidentalizada. Como salientou Beasley:

> Havia uma série de descontentes na sociedade japonesa. Muitos, não só entre os samurais, para quem a mudança não foi agradável, se sentia desajustados quando percebiam que eles não tinham a capacidade de atingir na nova ordem o status que possuíam anteriormente. Eram ignorantes em relação aos dispositivos modernos, como telégrafo e estradas de ferro, vendo os mesmos com temor e superstição.[178]

Esses "choques" culturais e problemáticas relacionadas a dificuldade de algumas pessoas em se "encaixarem" no novo modelo civilizacional eram muito presentes no seio da sociedade japonesa pós restauração.[179] A modernização ocidentalizada desestabilizou

---

[175] Um exemplo desses grupos de intelectuais foi o Meiroku-Sha (Sociedade do ano 6), fundada em 1874 por Mori Arinori, com o objetivo de promover a civilização e modernização ocidental. O lema *Bummei-Kaika* (iluminação e civilização) foi muito difundido pelo Meiroku-Sha através de seu jornal. Um dos integrantes influente foi Fukuzawa Yukichi, ele expôs em sua autobiografia que "não era apenas para reunir jovens juntos e dar-lhes o benefício dos livros estrangeiros, mas para abrir o país fechado e trazê-lo totalmente para a luz da civilização ocidental". FUKUZAWA, Yukichi. *The autobiography of Fukuzawa Yukichi*. Tokyo: Trans e Kyooda, 1934. p. 264.

[176] O historiador Mikiso Hane explicou que "nos círculos intelectuais e culturais também havia aqueles que viam com desagrado a moda de ocidentalização, assim como as mudanças superficiais estavam sendo impostas de valores tradicionais. A tradição precisava ser protegida contra a busca cega pelo novo. Alguns desses homens reacionários estavam ligados ao *Shinto* e ao Confucionismo, mas muitos também eram indivíduos que discriminavam a excessiva exposição á civilização ocidental e acreditam que deveriam preservar a tradição cultural e o seu modo de vida". HANE, Mikiso. *Modern Japan a history survey*. Colorado: Westview Press, 1992. p. 111. Tradução minha.

[177] Vejamos a explicação de Moraes: " a Europa e a América téem usado até hoje para com os povos extremo-orientaes, pela razão do mais forte, de um procedimento altamente arbitrario e altivo, o que explica em grande parte as poucas sympathias que estes povos testemunham pela raça branca, synonimo de raça opressora". MORAES, Wenceslau de. *A vida japoneza*. Terceira Série de Cartas do Japão (1905-1906). Porto: Livraria Chardrom Lello & Irmão, 1907. p. 47.

[178] BEASLEY, W. G. *The modern history of Japan*. New York: Frederic A. Praeger Publishers, 1963. p. 221.

[179] O romance de Natsume Sôseki, *Eu Sou Um Gato*, escrito em 1906, retrata constatemente essa necessidade de adequação a um novo sistema sociopolítico. Através do ponto de vista de um gato as contradições presentes nesta sociedade são apresentadas. No enredo, o dono do gato, um professor universitário, tenta de todas as formas se adequar as prerrogativas do mundo moderno, porém, sem êxito. Por isso, suas atitudes se tornam cômicas e são ridicularizadas pelo gato. Assim como uma grande parcela da população urbana, se sente perdido no seu próprio tempo, dividido entre o que deveria ser e o que realmente era. "Ele representa uma mudança na sociedade, já que sua profissão, Professor de Língua Inglesa, passa a ser mais requerida nos anos de Meiji. Entretanto, (...) até sua proficiência é duvidosa, o inglês usado por ele em sala de aula está ultrapassado, demonstra apenas conhecimento teórico, sendo incapaz de utilizá-lo na prática". SOUZA, Joy Nascimento A. de.

ancoragens estabelecidas há séculos, alterando as fronteiras sociais, espaciais e temporais. Os deslocamentos e remanejamentos afetaram sobremaneira a vida cotidiana.

> Foi como se uma série de tremores no solo social produzisse alterações tectônicas que desestabilizaram práticas passadas e deslocando posições familiares. Essas deslocações da modernidade se multiplicaram por décadas à medida que as pessoas manobravam e manipulavam, administravam ou falhavam em administrar seus esforços para recuperar o equilíbrio perdido.[180]

Após o período de euforia com as inventividades estrangeiras, uma onda de nacionalismo cultural começou a crescer numa tentativa de "aparar as arestas" e resgatar as tradições, como uma forma de reação a todas as modificações de cunho ocidentais consideradas excessivas. "A 'febre' por novidades do Ocidente iniciada no período de transição dos anos 1850 - 1870 já havia se exaurido, a intelectualidade e os setores populares iniciavam um movimento de revalorização dos elementos materiais, históricos e míticos da cultura nacional".[181] O *kokugaku* (estudos nacionais) é retomado e o *Kokutai* (Ideia Nacional)[182] se fortalece; ocorre uma revalorização do que era autóctone. Pyle considera que o final dos anos 80 é uma espécie de divisor de águas na história japonesa: "neste momento, o conservadorismo político se funde ao culturalismo nacionalista, marcando de forma decisiva o debate sobre a japonidade".[183] Ou seja, ao buscar no "outro", modificações internas, indagações sobre o "ser japonês" e suas "essências" começavam a emergir na sociedade[184].

Natsume Sôseki – O olhar felino sobre as múltiplas faces do homem Meiji. Dissertação (Mestrado em Língua, Cultura e Literatura Japonesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011. p. 12.

[180] GLUCK, Carol. Meiji e Modernidade: da História e Teoria. In: PEREIRA, Ronan Alves; SUZUKI, Tae (orgs.). *O Japão no caleidoscópio*: estudos da sociedade e da história japonesa. São Paulo: Pontes Editores, 2014. p. 27.

[181] ABREU, Bernardino da Cunha Freitas. *Oliveira Lima: um olhar brasileiro no Japão*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. p. 34.

[182] "Conceito nacionalista que se refere ao caráter sagrado da cultura japonesa, com a autoridade divina do imperador, e que tende a simbolizar a própria nação". FRÉDÉRIC, Louis. *O Japão – Dicionário e civilização*. São Paulo: Editora Globo, 2008. p. 690.

[183] PYLE, Kenneth B. Meiji conservantism. In: *The Cambridge history of Japan*: the nineteenth century. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, vol. 5. p. 430.

[184] Na visão de John Whitney Hall, a busca pela identidade nacional face a influência ocidental passou por três fases distintas. Na primeira, os japoneses estavam ansiosos por tudo o que era ocidental, na segunda efetuaram as modificações recorrentes das assimilações e na terceira tentaram retomar certos aspectos da tradição. A amalgama dessas fases teria resultado no que Hall tipifica como "conservadorismo esclarecido". Ainda buscavam elementos do progresso ocidental, mas o sentimento de inferioridade deu espaço para o orgulho nacional, impulsionado pelo tradicionalismo confucionista e xintoísta. HALL, Jonh Whitney. *Japan – from prehistory to modern time*. Michigan: The University of Michigan, 1991. p. 293.

Iniciou-se uma busca pelo equilíbrio entre *Wa* e o *Yo* numa tentativa de solucionar as contradições advindas do processo de renovar-se sem perder-se. Segundo Ortiz:

> Industrialização, urbanização, imigração do campo para a cidade, fim do regime estamental e a monetarização da economia eram fatos irreversíveis. A solução encontrada foi uma espécie de compromisso fundado na dicotomia entre a alma e o corpo. (...) O corpo, isto é, o arcabouço externo da sociedade, em princípio diria respeito apenas à sua organização e as inovações técnicas. Essas eram vistas como benéficas e essenciais para o progresso material. (...) A alma teria seu refúgio assegurado no recôndito da natureza nipônica, permanecendo intacta à degradação material.[185]

O historiador Partha Chatterjee, ao pesquisar sobre a construção do nacionalismo asiático, também estabelece correlações entre influências internas tradicionais e externas modernizadoras. Ortiz, como podemos observar, designa a relação entre o *Wa* e o *Yo* como o "corpo" e a "alma", já o pesquisador indiano a caracteriza como "material" e "espiritual". Para Chatterjee:

> O material é do domínio "externo", da economia e da política, da ciência e tecnologia, um campo em que o Ocidente provou sua superioridade e em que o Oriente sucumbiu. Nesse campo, portanto, a superioridade ocidental teve que ser reconhecida, e suas realizações, criteriosamente estudadas e reproduzidas. O espiritual, por outro lado é o domínio "interno", que traz as marcas "essenciais" da identidade cultural. Quanto mais sucesso se obtém na imitação das aptidões ocidentais no campo material, maior a necessidade de se preservar a singularidade da cultura espiritual.[186]

A busca pela preservação da "pura identidade" nipônica não significou necessariamente êxito, as "marcas essenciais" também foram afetadas no processo de interculturalidade. Apesar da tentativa de resgatar os valores espirituais, éticos e de harmonização entre os componentes tradicionais e modernos, o tradicionalismo anterior não foi reabilitado, nem teria como ser. O "corpo" ("material") e a "alma" ("espiritual") formariam então o "todo japonês", todavia, essas demarcações não possuíam e possuem contornos tão delineados. O que se estabeleceu foi uma relação dialética entre "corpo" e "alma", de forma que um alterou as vigências do outro. A cultura japonesa se desenvolveu nessa conjuntura de negociação entre o "interno" e o "externo" forjada no contato e aprendizado com o "outro".

A identidade cultural nipônica se desenvolveu nessa inter-relação, construída a partir

---

[185] ORTIZ, Renato. *O próximo e o distante*: Japão e modernidade-mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 28.

[186] CHATTERJEE, Partha. Comunidade imaginada por quem? In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 230.

de referências. Como explicou Stuart Hall, "as identidades são construídas por meio da diferenciação e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é."[187] Esse "outro", no caso, foi o *gaijin* (estrangeiro). Sato Masayuki também expressou que em relação à formação cultural, "deve ser lembrado que o Japão tem construído sua cultura em grande medida 'copiando' os modelos estrangeiros, adotando e interagindo com sua cultura nativa, numa série de ondas de importações culturais".[188]

Essas importações vieram primeiro do próprio Oriente e posteriormente da parte ocidental. Ao longo dos séculos os japoneses, a partir do contato com China ou por intermédio da Coréia, foram aprimorando de forma lenta e gradual[189] a sua cultura, economia e organização política. A influência desses países colaborou fundamentalmente para o desenvolvimento dos sistemas de escritas, artísticos e religiosos. O lema *Wakon-Yôsai* (Espírito Japonês, conhecimento ocidental) advém de uma expressão mais antiga o *Wakon-Kansai* (Espírito japonês, conhecimento chinês) o que evidencia que a assimilação de pensamentos e práticas de culturas exógenas já era uma característica proeminente da sociedade nipônica.[190] Uma das idiossincrasias desse povo não se refere apenas à "cópia" de elementos alienígenas, mas também à "domesticação" dessas incorporações, que são rearticuladas e adaptadas às conjecturas internas.[191] "Colocando essa cultura de importação nos moldes de sua própria herança cultural, adaptando-a às condições locais, o Japão foi

---

[187] HALL, Stuart. Quem precisa de identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis/RJ: Vozes, 2000. p. 101.

[188] MASAYUKI, Sato. The world and its people in japanese. Cartographic imagination. In: PAGDEN, Anthony (org.). *Facing each other*. **Johns Hopkins University, USA:** Ashgate Variorum, 2000, p. 121. Tradução minha.

[189] Segundo Wenceslau de Moraes "a adaptação da civilização chineza nos costumes do archipelago não se fez repentinamente; como uma mudança de cenário; levou mais de mil anos para compôr-se. O que os japonezes fizeram foi adapta-la, melhorando-a para suas conveniencias e prazer; manifestando então uma aptidão maravilhosíssimas de processos para acceitar e embelezar a obra alheia, o que não exclui a ideia de se haverem demorado em tentativas e em retoques". MORAES, Wenceslau de. *Relance da alma japoneza*. Portugal, Lisboa-Brasil: Sociedade Editora Arthur Brandão, 1926. p. 218.

[190] Manuel de Oliveira Lima também constatou essa característica e alegou que "uma tendência arraigada na mente nacional é a imitação de modelos estrangeiros. (...) Da mesma foram que se atirou a civilização chinesa, agora atira-se sobre a nossa; e em ambos os casos certas reservas foram feitas". LIMA, Manuel de Oliveira. *No Japão – Impressões da terra e da gente.* Rio de Janeiro: Laemmert & C. Livreiros Editores, 1903. p. 8.

[191] Na visão de Wenceslau de Moraes, "antes os japonezes davam amplas provas da sua feição particularíssima de carater para irem a civilisação estranha, – "imitadores! – comentam então os estrangeiros quando querem beliscar os melindres deste povo. Sim, imitadores, como todos nós somos, como todas as nações são imitadoras umas das outras; e ainda com mais razão deveriam ser os japonezes, povo insular, isolado do mundo, propondo-se um belo dia adoptar para o seu usoa civilisação de Europa. Mas, imitadores de primeira ordem: e não tão fieis a copia do modelo como alguns querem supor. Imitando, mas melhorando, adaptando as coisas, quando possível as necessidades particulares, as suas preferencias raciais". MORAES, Wenceslau de. *Relance da história do Japão*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira Ltda.,1972. p. 165.

capaz empreender de alcançar um processo de desenvolvimento único em seu gênero”.[192] Os pioneirismos japoneses em relação a outras nações orientais estão intrinsicamente ligados à sua capacidade aglutinadora, rápida flexibilização do pensamento e adaptação a moldes culturais estrangeiros.

A ocidentalização impulsionou o desenvolvimento da modernização japonesa, esse processo pode ser analisado por dois vieses. O primeiro identificaria nela uma dominação, em que os elementos exógenos, vistos como superiores, teriam diminuído a autenticidade nipônica. Nesse sentido, haveria uma aculturação desigual. A segunda forma de analisar esse fenômeno estaria voltada para a “domesticação” das importações, que teriam sido moldados e adaptados as conjecturas internas japonesas. A aculturação não teria se dado por sobreposição, mas sim por acomodações. Este trabalho se orienta pela segunda perspectiva, visto que a capacidade de acomodar elementos exógenos às suas ingerências internas já estava presente no âmago da sociedade. Apesar disso, o processo de ocidentalização não ocorreu de forma tão harmônica e hermética de acordo com o plano governamental,[193] as acomodações foram efetuadas em meio a confrontos e entrelaçamentos.

As próximas páginas estarão voltadas para as exemplificações e aprofundamentos desses aspectos interculturais. Veremos como se articulou a incorporação de certos elementos estrangeiros e como estes alteraram o cotidiano e as estruturas sociais. Tentaremos analisar os conflitos, deslocamentos e remanejamentos no processo de acomodações culturais advindas da ocidentalização.

2.2 **Aspectos da ocidentalização: rearranjos sociopolíticos e culturais**

Em meio a “negociações” e rearticulações culturais, econômicas e políticas o Japão moderno foi se constituindo. Muitos consultores estrangeiros trouxeram consigo habilidades, comportamentos e conhecimentos que foram inseridos em diversos setores institucionais e

---

[192] MORISHIMA, Michio. Capitalisme et confucionisme. In: ORTIZ, Renato. *O próximo e o distante*: Japão e modernidade-mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 37.

[193] Henshall argumenta que a ocidentalização da sociedade era por vezes mais indiscriminada do que o governo gostaria, mas era um importante pano de fundo para as reformas políticas e econômicas. HENSHALL, Kenneth. *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, 2004. p. 114.

econômicos, esses novos saberes afetaram o cotidiano e as dinâmicas sociais instituídas.[194] A presença desses assessores nas mais diversas áreas foi crucial para o desenvolvimento do Japão moderno. Especialistas alemães auxiliaram nas universidades e escolas de medicina[195], assim como foram de suma importância suas contribuições na elaboração da constituição. Os americanos ajudaram a desenvolver a agricultura e o serviço postal. Os britânicos foram essenciais na criação das estações ferroviárias, telégrafo, no serviço público e na reorganização da marinha (baseada completamente no seu modelo). Já os franceses colaboraram com instruções militares e na parte jurídica, tanto no código civil quanto no criminal. As contribuições italianas estavam mais voltadas para as expressões artísticas, como pintura e esculturas. Apesar da presença em vários setores públicos e administrativos, poucos especialistas estrangeiros possuíam cargos de chefia, em sua maioria eram supervisionados por japoneses. Além disso, assim que os japoneses possuíam o conhecimento que precisavam e tinham a confiança de gerenciarem sozinhos os órgãos ou setores antes administrados pelos estrangeiros, os contratos com estes eram cancelados.[196] Numa das *Cartas do Japão*, de 29 de janeiro de 1908, Wenceslau de Moraes explica bem como funcionou esse sistema de substituição gradual da força de trabalho especializada e supervisão estrangeira.

> O Japão, aberto há meio seculo á civilisação occidental, precisando a princípio do auxílio de estranhos em todos os ramos do progresso, vem maravilhosamente, se emancipando dos seus mestres, conselheiros e dirigentes. Foi o que succedeu já com a grande industria, com as sciencias, com a arte da guerra; e é o que está dando agora com o commercio. Os japonezes aprendem as línguas do Occidente, instruem-se nos processos e segredos mercantis é nossa moda cuidam de acredita lá fóra as suas firmas por todos os meios oferecem, espalhance por toda a China, por toda a India, por toda a Europa, por toda a América: de modo que, tratandodo-se do commercio exterior, estes nipponico vão pouco a pouco dispensando-se de

[194] "A grande maioria, especialmente na década de 1870, teve um trabalho específico para fazer: construção de ferrovias, serviços em faróis, comando de navios a vapor, instalação de máquinas nas fábricas ou ensino nas escolas. (...) Eles recebiam salários mais elevados do que os de qualquer cidadão. Em outras palavras, eles eram instrumentos de reformas, como disse Hazel Jones, verdadeiras "máquinas vivas". BEASLEY, W. G. *The rise of modern Japan. Political, economic and social change since 1850*. England: Palgrave Macmillian, 2000. p. 88.

[195] O primeiro hospital segundo o padrão ocidental foi fundado ainda na Era Edo, em 1860, pelo médico holandês Pompe Van Meerdervoort (1829-1908) em Nagasaki. Mas foi somente sob prescrição do governo Meiji que o sistema de medicina ocidental baseado no modelo alemão foi oficialmente adotado. Anteriormente a medicina chinesa era a que norteava os tratamentos médicos.

[196] Manuel de Oliveira Lima deixou sua impressão sobre esse aspecto. Para ele, "no fundo o japonês, por mais europeizado que pareça, conservava desconfiança, senão aversão, ao estrangeiro e nunca de boa vontade lhe permitirá recolher os lucros que possam ser embolsados pelos seus compatriótas". FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO. Tóquio (1897-1903). *Cadernos do Centro de História e Documentação Diplomática* (CHDD). Brasília-DF, ano 11, n. 20, 2012. p. 342.

> intermediarios, tratando diretamente com as firmas estrangeiras ou de japonez para japonez.[197]

Para além desses fatores, com o inchaço populacional nas áreas urbanas, devido ao desenvolvimento econômico e dos transportes, todos os níveis sociais passam a ocupar os espaços que antes era habitado majoritariamente pela aristocracia, isso gerou uma mescla cultural e linguística. Ao longo do percurso de modernização alguns hábitos foram adquiridos, outros, no entanto, modificados ou abolidos. Veremos agora algumas exemplificações dessas mudanças socioculturais.

Entre os hábitos que passaram a ser adotados por causa da influência ocidental está o uso de joias ornamentais, que se tornou um sinal de distinção social. Os japoneses sempre tiveram seus adornos[198], mas, brincos, colares, braceletes e alianças não compunham esse conjunto de objetos. Seguindo o padrão ocidental, as mulheres passaram a usar joias e os homens a carregarem relógios de bolso, que começou a ser produzido maciçamente no Japão, assim como os relógios de parede. Outro comportamento adotado foi o banho de mar, antes feito somente pelos pescadores, que se popularizou e começou a ser valorizado por causa do discurso médico que o apontava como uma atividade benéfica para a saúde e também uma forma de lazer.[199] Essa nova percepção médica deve-se em parte a Nagoya Sensai (1838-1902), médico do domínio de Hizen, que ao voltar da Missão Iwakura fundou o sistema de medicina moderna no Japão. Nagoya também fez com que aprovassem uma lei que tornava obrigatório a vacinação contra a varíola quando dirigiu a Secretaria de Saúde no Ministério do Interior.

Os hábitos alimentares também se modificaram com a incorporação do *yoshoku* (comida ocidental). Wenceslau de Moraes expressou que: "é certo, com o advento da civilização occidental n'este paiz e o seu maravilhoso desenvolvimento, a alimentação do nipponico tende a tornar-se mais variada e abundante".[200] E justamente foi o que aconteceu. Carne bovina, leite e cervejas passaram a fazer parte do cardápio japonês. Surgiram

---

[197] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1907-1908)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928. p. 174.

[198] O uso de leques, por exemplo, que também servia para definir o status social. Se alguém mantivesse o leque fechado diante do outro, indicava que seu status era superior, mas se o abria simbolizava o oposto.

[199] Para o aprofundamento sobre a questão dos banhos de mar, vide a dissertação de SOUZA, Joy Nascimento A. de. *Natsume Sôseki – O olhar felino sobre as múltiplas faces do homem Meiji*. Dissertação (Mestrado em Língua, Cultura e Literatura Japonesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011. p. 12.

[200] MORAES, Wenceslau de. *A vida japoneza*. Terceira Série de Cartas do Japão (1905-1906). Porto: Livraria Chardrom Lello & Irmão, 1907. p. 414.

restaurantes especializados no preparo de pratos ocidentalizados devido o número crescente de estrangeiros no país e interesse da população. Ocorreu também uma mescla gastronômica, pois, muitos pratos hoje considerados tradicionais, como o *sukiyaki* (uma espécie de cozido), surgiram nesse período.

Um comportamento tradicional que foi abandonado, entre a maioria das pessoas, foi o *hagurome* (costume de escurecer os dentes com óxido de ferro), utilizado inicialmente pelos homens aristocratas e depois por mulheres de todos os segmentos sociais. Em muitas representações de gueixas em filmes essas apresentam os dentes enegrecidos, mas isso era uma prática comum entre todas as mulheres. Na Era Edo (1603-1868) indicava que a mulher já havia atingido a maturidade (por volta dos 13 anos).

As indumentárias também refletiram as mudanças socioculturais e políticas do período. A relevância do *ifuku* (vestimentas) se encontra no fato de que o vestuário é tanto uma convenção social quanto expressão cultural; a roupa oculta e revela tanto o corpo quanto o corpus simbólico que ela representa. A forma de se vestir também está relacionada a formas de controle, demarcações e distinções sociais. As transformações indumentárias estavam em consonância direta com as mudanças políticas, pois, na Era Edo a sociedade sofria, em diversos aspectos, um rígido controle. Leis suntuárias foram decretadas delimitando o comportamento e forma de se vestir, dessa maneira, a roupa era uma expressão de nivelamento social e reflexo do poder xogunal. O tipo de tecido, cor, estampa e formato indicavam a posição do indivíduo na sociedade. Quando o imperador assumiu o poder de fato em 1868, uma nova concepção de organização social, mais igualitária, visando a modernização do país, foi instaurada.[201] Não havia mais a obrigatoriedade de diferenciação externa entre os japoneses. As roupas semelhantes mostram o rearranjo social e as tentativas de adaptação as prerrogativas de um novo momento histórico. Os japoneses passaram a substituir lentamente o *wafuku* (roupa tradicional) pelo *yofuku* (vestes ocidentais). Esse processo não foi apenas devido a maior interação com os estrangeiros. O governo determinou que todos os funcionários públicos substituíssem suas vestes tradicionais por uniformes ocidentalizados.[202] De maneira geral, os homens adotaram mais depressa esse modelo,

---

[201] "Na nova sociedade, todos passaram a ser considerados cidadãos com direitos e deveres. O alargamento dos direitos de cidadania à toda a população, entendido como integração dos indivíduos à comunidade nacional, ou extensão de benefícios econômicos, educacionais e políticos a todos os japoneses, foi considerável imprescindível para a instauração da modernidade". SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 140.

[202] Ortiz expõe bem esse processo alegando que "Meiji irá expandir esse raio de ação das roupas ocidentais, disseminando-as entre os carteiros, policiais, empregados de escritórios, escolares. Em 1872, o imperador começa a aparecer em público vestindo-se à ocidental. Em 1884, o ministro de Assuntos Exteriores ordenou a

enquanto as mulheres ainda mantiveram o estilo tradicional até o início do século XX. Calças, ternos, camisas, vestidos e sapatos (antes só usavam a *geta* - espécie de tamanco de madeira) foram incorporados ao guarda-roupa japonês; até mesmo o quimono foi se adaptando, sendo confeccionado em outros tecidos e ganhando formatos mais simples. Wencesalu de Moraes, ao observar essas mudanças indumentárias, deu essa declaração: "pouco a pouco, dia a dia, vão desaparecendo os trajos primitivos, o casaco substituindo o *kimono*, a bota tosca substituindo a graciosa sandália. (...) Transformados, finalmente, postos á moda occidental".[203]

Com a extinção das leis suntuárias e da divisão social estabelecida no Período Tokugawa (1603-1868), todos se tornaram cidadãos perante o governo imperial. Apesar de muitos samurais terem sido incorporados ao exército imperial, a máquina administrativa estatal, o status que possuíam caiu vertiginosamente. Alguns passaram a exercer funções comerciais incompatíveis com as habilidades marciais anteriormente requeridas.[204] Como já vimos, na fala de Chamberlain, os trajes e modos dos guerreiros mudaram sobremaneira. Não usavam mais o *chommage* (estilo de cabelo preso em coque atrás e com a cabeça raspada na frente)[205] e nem portavam o *daisho* (conjunto de duas *katana*-espadas), símbolo de seu poder.[206] Tendo perdido a posição privilegiada, muitos ex samurais viram nas escolas de arte marciais um meio de subsistência. Inúmeras academias com estilos e técnicas diferentes foram criadas, mas ainda fundamentadas em comportamentos e ensinamentos tradicionais.

---

construção no pavilhão Rokumeikan, onde os oficiais e suas esposas se reuniam todas as noites para comemorar e dançar ao estilo estrangeiro. Agora é a vez da imperatriz abandonar os trajes tradicionais, cedendo os ditames da moda. Ela chega até mesmo a externar suas opiniões na revista feminina Choya Shinbun, recomendando as mulheres novas técnicas ocidentais de costura". ORTIZ, Renato. *O próximo e o distante*: Japão e modernidade-mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 55.

[203] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1911-1913).* Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928. p. 65.

[204] Em Tolushima Wenceslau de Moraes conta uma história que expressa bem essa adaptação do samurai aos novos arranjos sociais. Moraes conta que "o irmão, que a gente minha conhecida se lembra ainda de ter visto um garboso samurai, com dias espadas á cinta, ocupa a sua decrepitude a cultivar pelas próprias mãos uma horta adjacente ao casinhota, vendendo a hortaliça e os frutos a quem lhos quer comprar". ". MORAES, Wenceslau de. *O Bon-Odori em Tokushima*. Cadernos de Impressões Íntimas. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, 1916. p. 290.

[205] O sociólogo japonês Mita Munesuke esclarece que a percentagem de homens com o estilo de cabelo ocidental subiu de 10% em 1872 para 98% em 1887. Uma letra popular na Era Meiji dizia "Batam de leve numa cabeça com cabelo curto e tocará a música da civilização e iluminação". MITA, Munesuke. *Social Psychology of Modern Japan*. Londres, Kegan Paul International, 1992. p. 198.

[206] Moraes também discute sobre essas questões, alegando que no Japão era normal os samurais usarem um penteado característico com um feixe de cabelo no alto da cabeça. Observou que: "esse estranho penteado quasi que inteiramente desappareceu, usando-o hoje apenas alguns raríssimos aldeões. E, com o penteado, desappareceu o uso dos dois sabres, dos s*amurai* [sic]; e desappareceram os proprios s*amurai* [sic]; e dasappareceram muitos outros usos nipponicos". MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1907-1908).* Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. III. p. 64.

Como o uso de espadas e a prática do *Ken-jutsu* (treino de espadas) foram proibidos pelo governo o budô (esportes sem armas), como karatê, aikido e judô, foram amplamente difundidos.[207]

Além do desenvolvimento das artes marciais, outras formas de arte também sofreram alterações consideráveis. Uma série de inovações foi se articulando em meio às tradições formando um conjunto único de expressões artísticas. Nota-se num romance, num poema ou pintura o toque ocidental, mas a "pincelada" é feita por um japonês e essa marca é indeletável. Na conjuntura de mudanças, questionamentos, tentativas de auto-reflexão, maior difusão da imprensa e alfabetização,[208] que as influências estrangeiras se inserem na produção artística e literária. O desenvolvimento da imprensa jornalística também auxiliou nesse processo. Wenceslau de Moraes conta em uma de suas cartas que alguns japoneses tentaram investir na área, mas não foram bem-sucedidos. O cônsul português explica como o jornalismo foi dinamizado por estrangeiros no Japão. O jornalista inglês Jonh R. Black publicou um jornal em língua inglesa em 1876, o *Japan Gazette*, e o jornal japonês *Nisshin Shinjishi* (Notícias Diárias Confiáveis), a partir daí, segundo Moraes, a imprensa jornalística deslanchou no Japão.

> O *Nisshin Shinjishi*, publicado em 1872 pelo inglez John Black, um dos primeiros residentes europeu de Yokohama, foi, porém, o primeiro jornal digno d'este nome, moldado á europeia, com artigo de fundo, critica dos acontecimentos politicos, noticiarios, etc. Aos inicios do jornalismo japonez tambem andou muito ligado um portuguez de Macau, Rosa, ha um pouco mezes fallecido. (...) O jornalismo entrou em moda no Japão. Ha seis annos, havia n'este imperio 1:500 publicações periodicas, incluindo jornaes diarios, magazines, boletins de sociedades, revista de arte, etc.; o numero tem certamente augmentado. (...) Os jornaes japonezes são baratissimos; as melhores folhas diarias, com oito grandes paginas de leitura, não cutam mais 200 reis mensais aos assignantes. No Japão, toda gente sabe lêr e toga gente é curiosa de noticias; de maneira que toda a gente compra e lê o seu jornal.[209]

---

[207] Sobre artes marciais vide FRÉDÉRIC, Louis. *O Japão – Dicionário e civilização*. São Paulo: Editora Globo, 2008. p. 89.

[208] Numa carta de 4 de junho de 1910, Moraes forneceu dados relevantes sobre o desenvolvimento literário e de imprensa no Japão. "Póde fazer-se uma ideia do movimento litterario do Japão pelos seguintes dados, de origem official. Publicam-se actualmente no império 600 jornaes diarios. Juntando-lhes os magazines e as informações das agencias noticiosas, o numero total das publicações periódicas monta a 2.800. A média diaria de livros novos está calculada em 100 por dia". MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1910-1913)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. II. p. 167.

[209] MORAES, Wencesalu de. *Cartas do Japão*. Um Anno de Guerra. (1904-1905). Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1906. p. 66.

Voltando a questão literária, várias obras ocidentais foram traduzidas para o japonês, como as de Rousseau, Julio Verne, Defoe e Thomas Morus. Autores alemães e russos também foram lidos e traduzidos.

> Muitos autores e críticos, influenciados pelas obras de escritores como Zola, Maupassant e Rousseau, passam a pregar uma literatura mais autêntica e verdadeira, fiel à realidade e na qual os sentimentos dos personagens e seus processos internos seriam expressos de forma transparente.[210]

As mudanças de cunho político e econômico foram efetivadas mais rapidamente que as transformações literárias, visto que, entender a psicologia elaborada presente no romance, era mais complexo que por em prática modificações materiais e tecnológicas. Em 1885 Shoyo Tsubouchi[211] escreveu *Shosetsu Shinzu* (*A Essência do Romance),* que foi a primeira produção nacional voltada para a criação de um romance japonês, pois, até então, as narrativas eram feitas através do *wabun*, que vinha do estilo clássico chinês. Esse livro foi de extrema relevância para os autores japoneses que queriam entender melhor como se estruturava o romance e como poderiam desenvolver suas especificações narrativas e estéticas em japonês. Tsubouchi queria que o próprio japonês pudesse se retratar através do romance, pois muitos estrangeiros faziam representações do Japão que não condiziam com a forma que os japoneses e se viam ou gostariam que fossem propagadas ao mundo. Em uma das críticas que faz direcionada a Frenchman Dumas, Tsubouchi disse: "Escreveu algumas obras extremamente cruéis e alguns contos que tematizam uniões ilícitas, ele se deteve à lasciva descrição dos mistérios do quarto, tal como é comum em obras populares japonesas".[212]

Tsubouchi expressava que o romance deveria ser reconhecido como uma obra de arte, que representava o interior e o exterior, representados pela realidade e pelo sentimentalismo. A adequação do romance a linguagem japonesa era algo muito difícil de conciliar, pois, o estilo literário, chamado de *buntai,* era extremamente rebuscado, suas expressões sofisticadas não se adequavam a realidade do presente. Além dessas questões estilísticas, havia também a questão lingüística, pois a língua japonesa carecia de pontuação que dava ênfase e uma maior entonação nas falas e sentimentos expressos. O modelo chinês engessava as emoções e

---

[210] KAWANA, Karen Kazue. Ficção e realidade nas obras de Dazai Osamu. In: Estudos Japoneses/Centro de Estudos Japoneses. Departamento de Letras Orientais. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, n. 1 (1979). São Paulo: Oficina Editorial, 1979. p. 38.

[211] Nasceu em 1859 e veio a falecer em 1935. Estudou literatura na Inglaterra, foi um escritor, crítico, dramaturgo, tradutor, editor, educador e professor japonês na Universidade de Waseda. Traduziu Shakespeare e produziu peças japonesas baseadas em seus escritos.

[212] KENEE, Donald. *Modern japanese literature from 1868 to present day*. New York: Grove Press, 1985, p. 17.

imaginação dos japoneses, que vieram através dos modelos artísticos estrangeiros, sobretudo franceses e ingleses, se expressarem de forma mais livre o coloquial.

Num esforço de tornar a língua mais versátil, aumentar o acesso as obras literárias e facilitar a comunicação com os estrangeiros, o governo Meiji estabeleceu o *Gembun-Itchi* (unificação da língua escrita e falada). Uma língua nacional unificada, que homogeneizava e padronizava a comunicação, interessava tanto ao Estado quanto aos literatos.[213] O autor, tradutor e crítico literário Futabatei Shimei foi o primeiro a tentar definir os princípios da linguagem padrão. Em 1886 escreveu *Shotsei Soron* (A Teoria Geral do Romance) e, o primeiro novel da literatura japonesa, *Ukigomo* (Nuvens Flutuantes) em 1887. Futabatei, considerado o primeiro romancista moderno japonês, era discípulo e amigo de Tsubouchi, esses autores faziam parte de um grupo que estava empenhado em experimentar essa nova forma de linguagem na produção de romances mais fluidos que pudessem exprimir melhor a interioridade e o sentimentalismo, já que os que estilos existentes não conseguiam tal proeza.

Em pouco mais de duas décadas pós Restauração Meiji, a marca do ocidente se fez muito presente na produção literária, os enredos tornaram-se mais realistas, voltados para um público que tinha interesse na história, política e assuntos estrangeiros. Os romancistas aprenderam através do estudo e observação a produzir obras ficcionais com personagens desprendidos e bem-humorados. Ao contrário de outros personagens que eram retratados, geralmente soldados conquistadores e amantes, Futabatei escreve sobre um homem tímido que passa por diversas desventuras e perde o seu amor. Este homem é Buzô, um japonês que está num mundo onde precisa ajudar a si mesmo para sobreviver. A influência estrangeira do *self-help* está bem presente no enredo do romance.[214]

Outro romancista que se despontou foi Ogai Mori, que curiosamente estudava medicina na Alemanha e com isso conseguiu entender muito de perto a vida emocional e espiritual do "outro", isso ficou muito marcado nos seus romances. Escreveu, em 1890, *A menina dança* (*Maihime*), em que relatou muitas de suas experiências. O enredo é uma trágica história de amor reversa a *Madama Butterfly* de Puccine, em que um ocidental deixa uma

---

[213] A construção de uma língua nacional unificada também servia ao propósito de potencializar um vínculo coletivo existente. Segundo Hobsbawn, "as línguas nacionais são sempre, portanto, construtos semiartificiais e, ás vezes, virtualmente inventado (...). Frequentemente, essas línguas são tentativas de construir um idioma padronizado através da recombinação de uma multiplicidade de idiomas falados". HOBSBAWN, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 71.

[214] "Não surpreende por isso que as ideias conexas de 'sobrevivência dos mais aptos' e de 'espírito empreendedor' fossem muito populares. A obra de Samuel Smiles *Self Help* (1859), cujo tema era 'Os céus ajudam os que se ajudam a si mesmos', foi uma das primeiras obras inglesas a ser traduzidas para o japonês, em 1871. Foi um *best-seller*". HENSHALL, Kenneth. *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, 2004. p. 117.

japonesa, no caso de *A menina dança* é um japonês que abandona uma alemã. A partir de seus trabalhos, a autobiografia ficcional começou a fazer parte dos enredos da moderna literatura japonesa.

A poesia, apesar de manter muito a estrutura do estilo tradicional inspirado na China, também se modificou. Muitos poetas se inspiravam nos poemas europeus. *O som do vento do outono* (1896), de Toson Shimasaki, foi um exemplo, pois era derivado dos escritos por Shelleys: "À medida que nos aproximamos do final do período Meiji, notamos a presença da literatura francesa no meio literário japonês. Como não poderia deixar de ser, o Japão também tomou a França, sob certos aspectos, como modelo de civilização e cultura".[215] As artes plásticas também acompanharam o ritmo de transformações. Um dos expoentes da pintura em estilo ocidental foi Ryuzaburo Umehara, que morou dez anos na França onde conheceu Pierre-Auguste Renoir e se tornou seu pupilo. Ao voltar para o Japão, formou várias organizações de pintores. Era notável as influências francesas e de Renoir em suas obras. As incursões de Umehara em um novo estilo inspiraram muitos outros pintores japoneses.[216] O próprio palácio imperial, Akasaka Rikyû, em Tóquio, construído em 1872 para servir de residencia para o imperador Meiji, era decorado com pinturas francesas e japonesas do século XIX. No entanto, nem todos os pintores foram "afetados" pelos estilos ocidentais, muitos artistas queriam preservar o gene artístico asiático. A revista Kokka (Flores Nacionais) fundada em 1889 tinha esse propósito; exaltava as artes asiáticas, principalmente a japonesa, em reação, ao que julgava excessivo, ao entusiasmo pelas artes ocidentais.

Outra expressão artística que ganhou contornos diferentes foi a música, os *Ryûkôka* (cantos populares influenciados pela música europeia) se tornaram moda. As canções eram extraídas de peças, e posteriormente, de filmes europeus. A melodia era ocidental com letra japonesa. Muitas músicas infantis, cantos de guerra, líricos ou cantos de trabalho passaram a ser produzidos nesse formato. No teatro surgiu o *shingeki* (peça de estilo ocidental). Esse estilo era utilizado na maioria das vezes como instrumento de crítica social e política. Seu propulsor foi Kawakami Otojiro, que viajou a Europa e no seu retorno produziu peças de cunho político e adaptações de Shakespeare.

---

[235] OKAMOTO, Monica Setuyo. O realismo-naturalismo de Stendhal e Shimazaki Toson. Uma análise psicológica das personagens centrais: Julien e Ushimatsu. In: Estudos Japoneses/Centro de Estudos Japoneses. Departamento de Letras Orientais. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo – n. 1 (1979). São Paulo: Oficina Editorial, 1979. p. 49.

[216] Por exemplo: em 1896 foi fundada por Kuroda Seiki a *Hakubakai* (Sociedade do Cavalo Branco), uma associação de pintores e escultores de estilo ocidental. Essa sociedade, que foi influenciada pelos estilos franceses, era composta por artistas de renome como Andô Nakataro, Kume Keiichirô e Kuroda Kiyoteru.

Dentre as expressões artísticas que entraram em declínio, apesar de ter despertado fascínio entre os ocidentais,[217] se encontrava o *ukyo-e* (retratos do mundo flutuante). Essas xilogravuras tiveram seu auge na Era Edo e possuía diversas temáticas: eróticas, paisagens, cenas de viagens, a beleza feminina, a vida citadina, assim como os membros mais conhecidos do teatro de Kabuki, grandes lutadores de sumô e personagens históricos importantes.[218] Seus maiores expoentes foram Katsushika Hokusai (1760-1849) e Ando Hiroshige (1797-1858). Com a morte desses mestres e a modernização tecnológica, a produção do *ukiyo-e* diminuiu consideravelmente.

A xilogravura começou a disputar com a fotografia espaço no meio jornalístico e aos poucos os praticantes dessa arte foram desaparecendo. Apesar disso, com a abertura dos portos e comercialização direta com a Europa, muitos produtos importados do Japão chegavam embrulhados nessas pinturas, utilizadas, por seu valor comercial baixo, como *tsutsumu* (papéis de presentes). Os europeus, em especial os franceses, apreciaram muito a estética nipônica. Os *ukyo-e* influenciaram principalmente o Impressionismo e a Art Noveau. É perceptível como as pinturas de Van Gogh, Manet, Degas, Gauguin, entre outros, foram afetadas pelas gravuras japonesas.[219]

Mesmo com o interesse ocidental pelas xilogravuras japonesas, dentro do próprio Japão um gênero de *ukyo-e* que quase desapareceu foi o *Shunga* (Imagens da Primavera) que retratavam cenas eróticas explicitas. Os japoneses sempre viram com naturalidade as relações sexuais, como algo que fazia parte da vida cotidiana, por isso, as retratavam em suas pinturas. Porém, assim como os banhos públicos mistos, esse gênero foi visto também como libidinoso e inadequado aos padrões morais ocidentais.

---

[217] Um relato interessante que demonstra esse fascínio se encontra no diário de Edmond de Goncourt, um grande admirador das pinturas japonesas. Goncourt descreve seu contato com os desenhos orientais: "comprei outro dia na Porte chinoise (primeira loja de objeto de artes do Extremo Oriente em Paris) desenhos japoneses, impressos num papel que parece tecido que tem a maciez e elasticidade de uma lã. Nunca vi nada tão prodigioso, tão fantasista, tão admirável e poético como arte. São Tons delicados como tons de plumagem, brilhantes como esmaltes; mulheres que tem ar de sair de um sonho; uma magia que embriaga os olhos como um perfume do Oriente. Uma arte prodigiosa, natural, múltipla como uma flora, fascinante como um espelho mágico". (Observação minha entre parêntese). AZEVEDO, Aluízio. *O Japão*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão; Ministério das Relações Exteriores, 1986. p. 179.

[218] SUZUKI, Eico. *Literatura japonesa (712-1868)*. São Paulo. Editora do Escritor, 1977. p. 89.

[219] Essas questões foram pormenorizadas por Luiz Dantas na análise do livro de Aluízio Azevedo sobre o Japão. O mesmo informou que a "descoberta das estampas japonesas pelos pintores impressionistas foi determinante, sobretudo no terreno da paginação, da disposição de personagens e de objetos na tela. E raros foram os pintores dessa época que não prestaram uma homenagem à fonte japonesa de inspiração: o retrato de Émile Zola, por exemplo, por Manet, verdadeiro panfleto da renovação pictórica, tem como fundo uma parede recoberta de estampas japonesas. Van Gogh foi também grande admirador da arte japonesa, de quem o irmão Théo era colecionador". AZEVEDO, Aluízio. *Op. cit.*, 1986. p. 180.

Outra arte que entrou em decadência e passou a ser negligenciada foi a da cerâmica, que sempre foi muito presente no Japão, principalmente por causa do *chanoyu* (cerimônia do chá). Muitos fornos foram fechados e a produção se limitou a obras populares sem um caráter artístico proeminente.

Na arquitetura das cidades as mudanças eram nítidas, não só no formato dos prédios e residências, mas também nos materiais utilizados para as construções. Com a chegada dos arquitetos estrangeiros os estilos ocidentais foram introduzidos, assim como o uso de tijolos e cimentos. Anteriormente todas as construções eram feitas em madeira, o que contribuiu muito para propagações de incêndios catastróficos. Os prédios públicos passaram a ser feitos com tijolos, pedras e concretos, mas a maioria das residências ainda era composta exclusivamente de madeira com tetos cobertos de telhas.[220] O que se modificou mais nos lares foi a organização dos cômodos e introdução de móveis ocidentais, como, por exemplo, camas e sofás. Outros elementos que passaram a configurar o espaço urbano foram as esculturas de estilo ocidental. O Japão que nunca teve o hábito de construir estátuas, passou a produzi-las para homenagear os "grandes homens" da sua história.

Além das novas assimilações comportamentais e artísticas, na busca pelo moderno, os japoneses tentaram compreender as teorias que explicavam e constituíam a base do desenvolvimento ocidental. O *Bumei-kaika* (civilização e iluminação), que era visto como um estágio necessário na história mundial, estava impregnado de concepções evolucionistas de Herbert Spencer e do Darwinismo Social.

O que vemos no Japão no final do século XIX são debates intelectuais e religiosos sobre os valores ditos universais e nacionais e como eles se relacionavam. Com as novas estruturas sociais e a forma de governo, prescrições morais surgiram de vários setores; cada grupo pretendendo uma unidade nacional baseada em seus próprios preceitos. E muitos desses preceitos foram influenciados por correntes de pensamento ocidentais. Essas discussões de caráter universalistas, segundo Ortiz, só foram possíveis na Era Meiji, visto que, "o sistema social Tokugawa, devido à sua compartimentalização, não podia operar com valores universais, isto é, igualmente válido para todos".[221]

Em 1893, foi criada a primeira cadeira departamental de Ética na Universidade

---

[220] Wenceslau de Moraes observou que "desapareceu o samurai, mas persiste ainda a preferência pelo lar que elle habitava. É a casinha de madeira, de um só andar, isolada de visinhos contíguos, envolta no mysterio de um delicioso jardinzinho, graciosamente arborizado escrupulosamente vedado a estranhos". MORAES, Wenceslau de. *O Bon-Odori em Tokushima*. Cadernos de Impressões Íntimas. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, 1916. p. 64.

[221] ORTIZ, Renato. *O próximo e o distante*: Japão e modernidade-mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 75.

Imperial de Tóquio, o *Rigaku*. Os estudiosos do assunto desacreditavam da validade e da necessidade das religiões, pois elas não possuíam preceitos calcados na razão, mas sim, no etéreo. Buscavam hegemonia moral que fosse ao encontro dos interesses do Estado, eram produtores de moralidade e supressores de pensamentos considerados perigosos, dentre eles, os religiosos.[222]

Primeiramente, o *Ringaku* estava voltado para o conceito de civilização, o que era compreensível, porque em razão da emergência dos pensamentos ocidentais, a política de Estado objetivava atingir o status de nação civilizada para o Japão. A reforma cultural, *Bunmei Kaika* (civilização e iluminação), assim como a reforma legislativa, *Kaika Jorei* (legislação civilizadora), também partiam dessas premissas. Os estudiosos da ética justificavam todas as reformas de cunho civilizador. No entanto, no fim do século XIX, passado o período de "embriaguez" ocidental, as concepções civilizatórias decaíram. A "Ética Civilizadora" deu lugar à "Ética do Espírito" e, com isso, as tradições voltaram a ter relevância. A Ética do Espírito voltava-se para um senso de unidade nacional, baseado na abnegação e na lealdade patriótica.

Além das questões éticas, as religiosas também foram afetadas, principalmente pelos discursos científicos, utilizados para legitimar o valor social das religiões. Havia uma disputa entre o campo da ética e o religioso pela interioridade humana. Os acadêmicos tentaram expulsar os religiosos da discussão, alegando que o debate ético deveria se desenvolver dentro dos princípios científicos e racionais. Com isso, o discurso religioso aderiu ao científico e filosófico a fim de legitimar seu ponto de vista e conseguir adeptos num tempo de mesclas e importações culturais. Budistas e cristãos, cada qual com seus argumentos, tentaram provar a validade de seus preceitos e sua significância.

O cristianismo, fosse pelas outras religiões ou pelos acadêmicos, sempre foi visto como algo perigoso, pois seus dogmas destoavam muito das concepções de mundo japonesas. Moraes, em uma de suas cartas, fala um pouco sobre as incompatibilidades entre o cristianismo e a cultura religiosa japonesa. Ele discorre sobre o assunto através de alguns questionamentos:

> Ignoram, porventura, os missionários, que as características ethicas das populações indígenas d'esta vastíssima região, que considero, se oppõem em absoluto à adaptação do Christianismo? Ignoram que suas civilizações remotissimas emanam de crenças firmemente arreigadas, mantidas pela hereditariedade, pela tradição e pela educação, durante séculos sem conta, as quais catechista occidental baldadamente tentará apagar das consciencias? Ignoram – sejamos francos – que a

[222] REITAN, Richard M. *Making a moral society – Ethics and the state in Meiji Japan*. Honolulu: University of Hawaii Press, 2010. p. X.

> história do Christianismo no Oriente e Extremo- Oriente, desde o longínquo passado até nossos dias, é representado por uma serie de trágicas perseguições, de conquistas insaciáveis e sangrentas de intolerancia, de depotismo, que deixaram na alma asiatica uma impressão indelevel de terror e aversão pela doutrina? [223]

Para que pudessem se fortalecer e conquistarem adeptos, os cristãos discorriam que grande parte da modernização ocidental advinha de sua base moral fundamentada no cristianismo. No entanto, esse discurso foi aderido por poucos, e os japoneses que se convertiam adaptavam as dogmáticas mais fechadas do cristianismo, tornando-as mais flexíveis e compatíveis com as crenças locais, acentuando mais as questões éticas referentes ao dever e ao trabalho. Os budistas alegavam que a causa e o efeito tinham ligação direta com o *karma*. Para além dessa adequação, um exemplo bem claro da apropriação do discurso científico para legitimar uma prática religiosa se fez presente na forma como os japoneses passaram a cuidar de seus mortos. Para não perderem o domínio dos negócios funerários, os budistas começaram a argumentar que a cremação era uma forma mais civilizada, científica e benéfica para a saúde pública, além de um mérito religioso.[224] Hoje a cremação é uma prática comum entre os japoneses.

Como não conseguiam eliminar a influência religiosa do seio da sociedade nipônica, os acadêmicos de ética tentaram uma objetivação das crenças, uma espécie de religião positiva. No entanto, mesmo que a internalização da ciência e da ideia de progresso tenha modificado o espaço moral e religioso, não foi possível substituir a religião pelo pensamento racional. A religião constituía uma parte importante do "espírito" japonês e muito de seu desenvolvimento cultural, filosófico e moral provinha dela.

Já discutimos um pouco sobre as mudanças de hábitos, comportamentos, incorporações no mundo artístico e no plano das ideias, agora, tentaremos abordar questões referentes a algumas ações governamentais. Essas ações já foram discutidas no primeiro capítulo, mas focadas em vieses políticos e econômicos, o presente intuito é analisa-las por uma ótica interculturalista, pois, elas também se configuraram em práticas de negociações e rearticulações entre o *Yo* e *Wa*.

Como já vimos anteriormente, Lévi-Strauss afirma que o governo imperial filtrou o melhor de fora e preservou o que havia de melhor internamente. Entre tentativas, erros e

---

[223] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1907-1908)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928. p. 83.

[224] SANTOS, Alexandre Fontoura dos. Os conceitos de 'Feudalismo' e 'Absolutismo' aplicados a realidade histórica do Japão de 1185 a 1867. In: PEREIRA, Ronan Alves; SUZUKI, Tae (orgs.). *O Japão no caleidoscópio*: estudos da sociedade e da história japonesa. São Paulo: Pontes Editores, 2014. p. 56.

acertos buscava-se cercear algumas importações e desfrutar de outras. No entanto, mesmo que o intuito do governo Meiji fosse "absorver" somente o que fosse necessário para o desenvolvimento do Japão de forma controlada, muitas influências estrangeiras confrontaram a própria estrutura sócio-política vigente. Alguns resultados não ocorreram em conformidade com as intenções iniciais.

Com a introdução de um novo paradigma socioeconômico calcado no capitalismo industrial, as relações trabalhistas e individuais sofreram muitos impactos. Houve uma erosão de costumes sociais e aumento do apreço ao consumismo. Os grupos sociais passaram a se distinguir não por estatutos de nascença, mas sim por hierarquias econômicas. E o individualismo, impulsionado pela competitividade e pelo consumo, começou a germinar. De fato, um dos grandes problemas surgidos no contato com o ocidente foi a diferença de valores, um dos choques interculturais ocorreu em relação à definição do papel do indivíduo dentro da sociedade. "A ideologia ocidental abria para as pessoas a perspectiva de buscarem seu próprio destino, independentemente dos laços que as ligavam as suas comunidades".[225]

A Europa teve que lidar com o dilema da individualidade moderna, no Antigo Regime a sociedade estava organizada em uma base corporativa com papéis sociais previamente definidos, com a "dupla revolução",[226] essa organização hierarquizada tão rígida foi se esfacelando. Segundo Jerrold Seigel, "as capacidades pessoais e as energias produtivas que haviam sido cerceadas ou eliminadas pela força restritiva da tradição e do privilégio estavam agora livres para se desenvolverem tanto quando permitissem suas potencialidades inatas".[227] Esse processo, devido o contato com o ocidente e o fim da sociedade estamental, também estava despontando na Terra do Sol Nascente. Questionamentos quanto ao papel do indivíduo na sociedade começaram a surgir. Há um ditado muito conhecido no Japão que diz "O prego que se destaca é martelado", que implica justamente na preponderância do grupo social sobre o indivíduo. A igualdade entre os indivíduos desafiou uma tradição milenar; antes era nula a possibilidade de mobilidade social, mas na Era Meiji, um samurai e um agricultor possuíam os mesmos direitos, eram todos cidadãos com direitos e deveres.[228] O governo tentou

---

[225] SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 152.

[226] Expressão utilizada por Eric Hobsbawm referente a Revolução Industrial e Revolução Francesa. Em *A Era das Revoluções (1789-1848)*, Hobsbawm explica o contexto e forma desses acontecimentos e como influíram nas mudanças sociais, políticas e econômicas no mundo.

[227] SEIGEL, Jerrold. *Paris boêmia*: cultura, política e os limites da vida burguesa (1830-1930). Porto Alegre: L&PM Editores, 1992. p. 18.

[228] O escritor John William Robertson Scott fez uma observação interessante sobre as novas configurações sociais. Ele diz que "nos velhos tempos, o agricultor não se queixava; ele estava resignado porque acreditava que

estabelecer, através da filosofia confucionista, a manutenção da lealdade, hierarquia e corporativismo. Célia Sakurai argumenta sobre as acomodações desses valores externos (individualistas) as gerencias internas japonesas (corporativista), segundo a autora

> Para absorver valores tão distintos dos tradicionais sem se desestruturar completamente, o Japão os vestiu com roupas próprias. Assim, com o tempo, os japoneses aceitaram os princípios ocidentais da igualdade e da liberdade, reforçando, concomitantemente e sem se acreditarem contraditórios, a hierarquia e a lealdade para com os superiores no modelo confuciano da harmonia. Liberdade e igualdade, significavam, em termos japoneses, mais especificamente a possibilidade de ser membro de qualquer grupo- associativismo-, mas aceitando o pressuposto de que o indivíduo tem limites bem estabelecidos dentro do grupo. (...) O espírito comunitário, embora minado pela competitividade capitalista, se mantém dentro dos diversos ambientes em que o indivíduo participa e circunda.

Para além desses valores mais "fugidios", mesmo as importações que foram feitas por vontade e com controle do Estado, quando postas em prática, precisaram passar por reformas para que pudessem se adequar a realidade nipônica. Um exemplo remete a organização política; quando os líderes do governo viajaram pelos Estados Unidos e Europa ficaram bem impressionados com os sistemas políticos americano, francês e britânico, mas optaram pelo modelo monárquico prussiano, que se adequava mais as conjunturas históricas internas. De fato, quando os lideres japoneses planejaram a modernização do país, "eles estudaram as experiências europeia e americana; mas perceberam que a modernização alemã era a que possuía maior relevância, e agindo de acordo com esta percepção, usaram-na frequentemente como ponto de referência".[229] Voltaremos as atenções agora para as reformas jurídicas e educacionais, que também já foram discutidas no primeiro capítulo, no entanto sobre uma outra ótica, o enfoque no momento são as dinâmicas de acomodações que ocorreram no processo de ocidentalização referentes as reformas.

O processo formativo da Constituição de 1889 mostra bem o porquê da escolha pelo modelo prussiano mais autoritário. Em março de 1882, Ito Hirobumi, que ficou incumbido de elaborar a carta magna, foi para uma missão a Europa com o intuito de pesquisar os modelos constitucionais existentes. Ito foi orientado por Rudolph Gneist em Berlim, e por Lorenz Von Stein em Viena. Posteriormente Alfred Mosse e Hermann Roesler também auxiliaram Ito na execução de sua tarefa. Para Stein caberia ao *Estado Social* resguardar os direitos da

---

o seu destino não poderia ser alterado. Ele foi proibido de exercer outra função e foi limitado por lei a ter qualquer outra forma de vida. Agora, os agricultores podem ser soldados, mercadores ou funcionários; podem viver como quiserem. Eles passaram a comparar o seu padrão de vida com a dos outros grupos sociais". SCOTT, John W. Robertson. *The foundations of Japan*. London: Murray, 1922. p. 65.

[229] ABREU, Bernardino da Cunha Freitas. *Oliveira Lima: um olhar brasileiro no Japão*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. p. 70.

sociedade. Grande parte de sua concepção política gravitava em torno do conceito de "monarquia social" que consistia na visão de que a monarquia personificava a vontade geral dos grupos sociais e transcendia a luta entre as classes, pois, impedia a exploração dos fracos pelos fortes.[230] Esse argumento ia de encontro com a ênfase dada pelo governo a harmonia social. Cabia a monarquia zelar para "o bem de todos", mesmo que à custa de sacrifícios. O argumento da necessidade de harmonia também ia de encontro com as prerrogativas confucionistas. Beasley informa que "para os líderes Meiji, a dissidência política era sediciosa, porque enfraquecia o Estado".[231]

A assistência estrangeira também ocorreu em outros setores jurídicos. Os códigos, penal de 1880 e o criminal de 1890, foram preparados com a assistência do consultor francês, Gustave Boissonade. Já o código comercial de 1899 foi elaborado com a ajuda de Hermann Roessler. O código civil de 1898 também foi largamente influenciado pelo modelo germânico. Apesar dessas contribuições, questões relacionadas ao casamento continuaram sendo tratadas de acordo com os parâmetros tradicionais, haja vista, no âmbito matrimonial haviam muitas dissonâncias com os modelos europeus. Um exemplo dessas dissonâncias se referia ao divórcio. O Código Civil francês, apesar de adotado em 21 de março de 1804 sofreu poucas alterações em um século. Com relação ao matrimônio e ao divórcio os artigos deixavam claro a posição subalterna feminina.

> Os artigos dedicados ao casamento asseguram uma verdadeira superioridade do homem. O artigo 213 diz que o marido deverá proteger a sua esposa, e a sua esposa deve obediência ao marido. A esposa não poderia ter outro domicílio a não ser o do marido. Ela não poderia agir na justiça com sem autorização do marido. Ela era considerada incapaz para comprar ou vender sem o aval do marido ou sem consentimento escrito. O divórcio era apenas tolerável. Ele foi construído principalmente sob a forma do divórcio com culpas, especialmente por causa do adultério e com uma desigualdade surpreendente entre o marido e a esposa. Enquanto o marido poderia evocar o adultério da sua esposa, esta também poderia pedir também o divórcio contra seu marido adúltero unicamente quando ele tivesse

---

[230] Lorenz Von Stein (1815-1890), filósofo e jurista alemão, foi um dos precursores na construção teórica do *Estado Social* e da *dialética da ideia do direito social*. "Em seu livro *Movimentos sociais e monarquia* (1850), Von Stein constrói uma teoria sócio-reformadora administrativa, preocupada com a manutenção da ordem social, se destacando como uma alternativa para as revoluções violentas que eram visíveis, e constituiu um primeiro toque que iria inspirar a construção teórica do *Estado Social*. Com isso em mente, a ideia de direito social aparece como um elemento central dessa teoria. Baseado em um conceito próximo da teoria marxista da lei como superestrutura – através de uma interpretação muito própria da dialética hegeliana, a partir das ideias de solidariedade e de interesses mútuos- Von Stein tenta construir uma nova concepção de lei como realização da liberdade e da igualdade social". GUERRERO, Jinú Carvajalino. Solidaridad de interesses: la transformación del derecho como dominación en Lorenz Von Stein. *Revista de Estudios Sociales*. Universidad de Los Andes, Colombia: 74-85, may-agosto de 2013. p. 74. Tradução minha.

[231] BEASLEY, W. G. *The rise of modern Japan. Political, economic and social change since 1850*. England: Palgrave Macmillian, 2000. p. 77.

> uma concubina no domicílio comum. Existia também uma sanção penal contra a mulher adúltera. O procedimento do divórcio era judicial, formalista e pesado.[232]

No Japão, apesar da posição social feminina ter sido considerada pelos ocidentais como semi-servil (discutiremos um pouco mais essa visão no próximo capítulo), o Código Civil do império era mais igualitário. Wenceslau de Moraes, na carta de abril de 1909, traduz alguns artigos relacionados ao divórcio.

> Transcrição do Código Civil do Imperio (tradução literal)
> Art. 808.° - O marido e a mulher podem efectuar divorcio por mutuo consentimento.Art. 809.° A pessoa que não attingiu a idade de 25 annos, em ordem para effectuar divorcio por muito consentimento, precisa obter o consentimento das pessoas cujo consentimento é necessário para contrahir matrimonio.
> Art. 812.° - Se o marido e mulher se divorciam por mutuo consentimento, sem declararem a quem pertence a guarda dos filhos, esta pertence ao pae. Se o pae, em consequencia do divorcio, deixar a casa em que casou, a aguarda dos filhos cadbe á mãe.[233]

Moraes concluí a carta explicando que o divórcio mutuo também era consentido em casos de maltrato, abandono ou desaparecimento. No âmbito legal, a mulher nipônica era mais aparada que a europeia, por isso, os divórcios eram mais recorrentes.

A reforma da educação também foi profunda, seguindo o mesmo fluxo que outros setores, ocorreu uma ocidentalização inicial intensa e depois uma tentativa de retomada as tradições; o Rescrito de Educação, já discutido no capítulo anterior, personifica bem essa retomada. Até a restauração, o modelo educacional vigente era o sino-japonês clássico, posteriormente, foi feita uma completa reforma no sistema de ensino em linhas ocidentais, realizada principalmente por orientação americana. Livros didáticos e metodologias estrangeiras foram adotadas e o estágio primário teve as suas competências básicas alteradas. Em 1884 foi introduzido o inglês no currículo comum nas escolas e em 1880,[234] a pedido do Ministério da Educação, Luther Whiting Mason, músico americano, fundou o Tóquio Ongaku Gakkô (Escola de Música de Tóquio). Ele criou também uma escola de fabricação de instrumentos ocidentais. Novas modalidades esportivas como basebol (para meninos) e

---

[232] LUZ, Christine da. Como o Código Civil francês se adaptou ao longo do tempo. *Revista da EMERJ*, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 26, 2004, p. 27. Diponível em: http://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_online/edicoes/revista26/revista26_24.pdf. Acesso em: 28/02/2017.

[233] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1910-1913)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. II. p. 79.

[234] Wenceslau de Moraes fala um pouco sobre a introdução de línguas estrangeiras na instrução japonesa. Ele escreveu assim: "Hoje encontram-se muitos japonezes ilustrados, fallando inglez, francês, ou o alemão. Mas é a língua inglesa, obrigatório desde as escholas elementares de ambos os sexos, que tende a propagar-se pasmosamente, mesmo entre o povo". Idem, p. 289.

ginástica (para meninas) foram incentivadas no período. Com o tempo, os próprios professores, sentindo que a educação japonesa havia supervalorizado conteúdos e assuntos estrangeiros em detrimento dos próprios, enviaram, em meados de 1880, um documento ao imperado na tentativa de persuadi-lo a diminuir a assimilação indiscriminada dos moldes ocidentais no ensino.[235] A partir deste momento, com o Rescrito da Educação, houve uma maior equidade entre os conteúdos advindos de fora com os internos.

Tentamos discorrer, até o presente momento, a respeito de alguns impactos da ocidentalização sobre diversos aspectos sociopolíticos e culturais. Voltaremos as atenções agora para a perspectiva estrangeira desses impactos. Nesse momento de profundas transformações sociais, para além dos assistentes técnicos ocidentais, um grande fluxo de estrangeiros foi para o Japão com o intuito de compreender as dinâmicas e vigências locais com finalidades distintas. Diplomatas, missionários, escritores, artistas e cientistas estrangeiros através de suas viagens e experiências produziram materiais descritivos e analíticos significativos[236] acerca do processo de modernização japonesa. Sobre alguns aspectos havia uma visão conciliatória entre esses produtores de discursividade, mas também vigoravam muitas divergências.

> Na passagem do século XIX para o XX, mais uma vez, os ocidentais "peregrinaram" pelo Japão e produziram diversos relatos bem divergentes, ora enaltecendo os valores e a tradição dos nipônicos, ora veiculando um flagrante etnocentrismo expresso nas anotações do que chocava as mentes europeias da época.[237]

Esses textos e impressões são de suma importância para compreendermos o cenário sociopolítico e cultural da época. Haja vista, nas palavras de Renato Ortiz, "a literatura dos viajantes é vasta e sempre habitada por uma mesma intenção, traduzir para os que estão ausentes o que o olhar apreende (...). Com seus escritos e ensaios fotográficos, tinham a ambição de esclarecer aos observadores alienígenas aspectos fugidios".[238] Nessa próxima

---

[235] BEASLEY, W. G. *Op. cit.*, 2000, p. 80.

[236] Wenceslau de Moraes, que também elaborou vários textos com suas impressões sobre o Japão, escreveu sobre a o valor desses escritos, segundo o autor "o diário e o livro de impressões se recommendam por si duplamente. Para quem escreve, é um deleite isto de comentar as próprias impressões, de fazer parar no vôo a ideia passageira, que acode o espirito para, rápido, ir-se embora. (...) Taes escriptos, constituem certamente um valioso sistema educador, um poderoso disciplinador dos costumes, dispondo á pratica da sinceridade e das ações boas; e, substituindo o passatempo de lêr pelo passatempo de escrever, possuem o meritório privilégio de levare, os espíritos a escreverem o que sentem, em vez de sentirem o que lêem. MORAES, Wenceslau. *O Bon-Odori em Tokushima*. Cadernos de Impressões Íntimas. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, 1916.p. 30.

[237] PEREIRA, Ronan Alves; SUZUKI, Tae (orgs.). *O Japão no caleidoscópio*: estudos da sociedade e da história japonesa. São Paulo: Pontes Editores, 2014. p. 8.

[238] ORTIZ, Renato. *O próximo e o distante*: Japão e modernidade-mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 20.

parte do capítulo falaremos sobre alguns desses viajantes, que por pouco ou muito tempo, observaram de perto o Japão e formularam teorias e concepções a respeito do momento de ocidentalização. Tentaremos captar a visão do "outro", do *gaijin* (estrangeiro) sobre as ebulições da Era Meiji.

2.3 **A Terra do Sol Nascente sob a ótica dos *gaijin***

No prefácio do livro de Wenceslau de Moraes, *Cartas do Japão (Antes da Guerra) 1902-1904*, Bento Carqueja, coproprietário e diretor do jornal português *O Comércio do Porto*, expressa em poucas linhas o fascínio que o ocidental possuía sobre o Japão desde os primeiros contatos no século XVI e principalmente na Era Meiji, devido a modernização.[239] Vamos acompanhar um pouco sua fala e analisar alguns detalhes. Carqueja começa assim:

> Desde os tempos das narrativas semi-fabulosas dos primeiros viajantes que visitaram o Japão – e Portugal reclama primazias n'essas visitas e n'essas narrativas – a Europa tem olhado para aquelle paiz com estranha curiosidade. De cada vez lhe parece mais extravagante e sedutor, mais paradoxal e impenetrável. (...) O interesse pelo povo japonez subiu, porém, de ponto na velha Europa, quando ella começou a vê-lo tentar transformar de súbito os seus usos, para imitar os nossos, procurando acclimar no seu paiz as principais conquistas da nossa civilização. Esse interesse atingiu a culminancia, perante as múltiplas e sangrentas peripécias da guerra, em que o pequeno império investiu contra o colosso dos czares[240]

Como Carqueja expõe, após a Restauração Meiji o interesse sobre o Japão aumentou consideravelmente. "O Japão atraiu interesse considerável do restante das nações por causa de seu *status* como o primeiro país não-ocidental a conseguir modernizar-se".[241] No sentido de um país atrasado que se modernizou, o Japão oferecia similaridades com países ocidentais de

---

[239] Aluízio Azevedo foi um desses ocidentais que ficou fascinado com o Japão. "Após dois anos de purgatório na Galícia, numa sociedade que desprezava, Aluízio Azevedo encontrou-se projetado num mundo novo que o fascinou. Ficou como encantado por essa civilização milenar ainda um pouco virgem do contágio da civilização ocidental. (...) Conheceu destarte os costumes do Japão não como expectador, mas compartilhando a vida dos japoneses em seus aspectos mais íntimos". MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluízio Azevedo*: vida e obra (1857-1913). Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Garamond, 2013. p. 557.

[240] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão*. Antes da Guerra (1902-1904). Porto: Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1905. p. 13.

[241] ABREU, Bernardino da Cunha Freitas. *Oliveira Lima*: um olhar brasileiro no Japão. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. p. 70.

desenvolvimento tardio, como a Rússia e a Alemanha. O fato do Japão ter conseguido construir um aparato industrial e militar moderno capaz de derrotar uma nação europeia, fez com que os olhos dos outros países se voltassem com mais atenção para o arquipélago. Com a abertura do Japão as relações internacionais, toda a sorte de pessoas com finalidades distintas foram explorar as potencialidades e excepcionalidades nipônicas. Algumas dessas excepcionalidades eram percebidas não apenas em relação ao Ocidente, mas até mesmo em comparação com os outros países asiáticos; a questão do elevado asseio, por exemplo. Isto fica bem claro na fala de Oliveira Lima. Vejamos:

> O Japão é uma terra pobre, mas a pobreza japonesa possui um ar incomparavelmente digno, arranjado, decente. Tudo aqui parece limpo, assim como tudo na China parece sujo (…). Os percevejos, comparsas mudos mas não inativos de muitos hotéis europeus, personagens indispensáveis das novelas e narrações de viagens na Península Ibérica, são desconhecidos no Japão, onde é verdade que não se usam geralmente camas, porém onde há esteiras bem trançadas e colchões de cânhamo, que podiam ser repugnantes e são impecáveis (…). Alojei-me em muitos hotéis, dirigidos por europeus e dirigidos por japoneses, e não posso deixar de reconhecer que a limpeza dos segundos é infinitamente superior. Nada excede em asseio uma hospedaria propriamente japonesa (…). Também no Japão é desconhecido esse nefando composto europeu que se chama 'cheiro de humanidade.[242]

Entre esse grupo de estrangeiros haviam muitos intelectuais que descreveram um intenso interesse em compreender, o que é repetido em diversos textos, a "alma", a "essência" do povo japonês, que lhes pareciam tão distintas e "avessas" as suas próprias. Queriam conhecer o psicológico e o emocional japonês que lhes parecia inacessível. "São vários textos, inclusive acadêmicos, que sugerem a existência de uma sociedade 'enigmática', como se os japoneses partilhassem uma mente idiossincrática, nela encerrando os segredos de uma terra *incógnita*".[243]

A maioria desses japonistas demonstravam uma simpatia e admiração recorrente pelo seu objeto de análise, principalmente pelo Japão tradicional,[244] o que não impedia de emitirem opiniões etnocêntricas muitas vezes.[245] Esses escritores viajantes tinham um desejo de

---

[242] LIMA, Manuel de Oliveira. *No Japão – Impressões da terra e da gente.* Rio de Janeiro: Laemmert & C. Livreiros Editores, 1903. p. 127.

[243] ORTIZ, Renato. *Op. cit*., 2000. p. 20.

[244] Manuel de Oliveira Lima, por exemplo, confessou: "por fim amalgamei sensações próprias e dados alheios e compuz definitivamente o meu trabalho numa intenção de sympatia que se contem e de admiração que não se deixa vendar". LIMA, Manuel de Oliveira. *Op. cit*., p. 2.

[245] Pierre Loti, por exemplo, ao escrever o romance *Madame Chrysanthème* (1887), depois de passar pouco mais de três meses no Japão, expressou uma visão bem "estreita" sobre o país. Seus escritos se enquadram no

explorar o desconhecido, o novo, para então representá-lo.[246] Para além das paisagens, costumes e organizações sociopolíticas, queriam compreender a complexidade das mudanças advindas do Ocidente.

Grande parte desse interesse foi despertado pelo movimento japonistas que se propagou, principalmente pela Europa, no final do século XIX. Os primeiros a demonstrarem interesse pelo Japão foram os artistas plásticos. Assim como o Ocidente influenciou novas formas de configurações e representações artísticas japonesas, as produções nipônicas também enveredaram uma nova forma de expressão no Ocidente. Isso já foi retratado quando falamos sobre as influências dos *Ukyio-e* no Impressionismo, por exemplo. A índole contemplativa e estética japonesa, até nos pequenos detalhes, era tema de apreciação de artistas e estudiosos ocidentais.[247] O japonismo se configurou a partir da década de 60 do século XIX, com as Exposições Universais de Londres e Paris, em que se encontravam obras originárias da Terra do Sol Nascente e foi se disseminando para outros campos, inclusive o literário.

> A literatura e a cultura do século XIX caracterizam-se por um romantismo que apela constantemente ao longínquo Oriente. Ou seja, o orientalismo está presente nesta estrutura e nasce da ânsia de fuga ao velho racionalismo europeu, sempre na procura do exótico, não pelo seu carácter pitoresco, mas pelo sentido de viagem que encerra em si esta busca.[248]

O Japão da Era Meiji representava uma civilização distante, de passado prestigioso, vivendo um momento único de modernização acelerada. Isto atraia os olhares de homens que queriam expandir suas fronteiras geográficas e imaginárias a fim de emergirem na complexa

---

protótipo de literatura colonial, em que os japoneses eram retratados como inferiores. A escritora Setsuko Ono, em seu livro *A western image of Japan* (1972), esclareceu bem essas questões etnocêntricas expressas por Lotti.

[246] Lafcadio Hearn, que morou anos no Japão e inclusive obteve a cidadania japonesa, escreveu a respeito dessa necessidade de expandir as fronteiras geográficas e imaginárias: "E meu sonho era frequentar as velhas cidadelas portuguesas e espanholas em ruínas, subir o Amazonas e o Orenoco e descobrir romances de que ninguém suspeitava. Teria podido fazer isso e escrever livros que se venderiam ainda daqui a vinte anos". HEARN, Lafcadio. *The japanese letters*. Boston: Elizabeth Bisland, 1910. p. 93.

[247] Wenceslau de Moraes observou que "da existência humilde e simples dos japonezes, á qual devem a sua emotividade ingênua, a sua acuidade palpitante, como acabamos de ver nas coisas comezinhas, derivam também creações artísticas de alto brilhantismo esthetico; (...) Para não irmos mais longe, basta considerarmos a arte da jardinagem em miniaturas, incluindo o tratamento das plantas anãs, a qual recebeu inspiração na circumstancia do espaço ínfimo de que o japonez dispõe no seu jardim". MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1911-1913)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. III, p. 11.

[248] CAPITÃO, Maria Margarida da Silva Faria. *Entre duas civilizações*: o universo de leituras em Wenceslau de Moraes. Dissertação (Mestrado em Ensino do Português como língua segunda ou estrangeira). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2002. p. 30.

sociedade japonesa. Luiz Dantas ao analisar o livro *O Japão*, de Aluízio Azevedo, fez uma declaração que expressa bem esse momento. Dantas alegou que:

> Escrever sobre o Japão no final do século XIX implicava aderir a uma tendência artística, a um gosto, cuja primeira característica era a de ser cosmopolita. Europeus, americanos do norte e do sul, homens de letras ou artistas plásticos, o público cultivado em geral, achavam-se sensibilizados, fascinados, pela última grande descoberta do Ocidente, por sua última grande viagem.[249]

Homens como Lafcadio Hearn (professor americano de Literatura da Universidade de Tóquio), Aluízio Azevedo (vice-cônsul brasileiro em Yokohama), Basil Hall Chamberlain (professor britânico de Linguística da Universidade de Tóquio e tradutor), Wenceslau de Moraes (cônsul português de Kobe e Osaka), Manuel de Oliveira Lima (encarregado de Negócios na legação brasileira em Tóquio), entre outros, faziam parte desse grupo de indivíduos cosmopolitas que sentiram a necessidade de relatar e conjecturar sobre o que viam e descobriam através de suas pesquisas bibliográficas, visto que o ponto de partida era sempre as fontes ocidentais eruditas,[250] e de campo. O estudo livresco e as experiências obtidas se complementavam. Lafcadio lia e se correspondia com Chamberlain, assim como, Wenceslau, Alúizio e Oliveira Lima liam os dois.[251]

Essa primeira geração escritores ocidentais japonistas expressaram suas perspectivas e opiniões através de textos que transitavam entre a literatura e reportagem erudita. Apresentavam as paisagens geográficas, faziam considerações políticas, economicas e culturais. Forneceram um panorama histórico da época, mesmo com algumas imprecisões e

---

[249] AZEVEDO, Aluízio. *O Japão*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão; Ministério das Relações Exteriores, 1986. p. 20.

[250] Oliveira Lima antes de chegar ao Japão fez um trabalho investigativo através das bibliografias disponíveis sobre o contexto sócio histórico do arquipélago. "Desta forma, durante a viagem marítima entre Gênova e Tóquio, Oliveira Lima dedicou-se ao estudo de uma substancial bibliografia a respeito do Japão, desde o desenvolvimento histórico das conexões com o Mundo Ocidental, até os diversos aspectos sócio-culturais e políticos do país, passando pela análise do recente desenvolvimento sócio-econômico que vinha sendo operado no país desde meados da década de 1850; o famoso processo de 'ocidentalização' promovido pelo governo Meiji, que assombrava a muitos observadores no Ocidente, principalmente na Europa". ABREU, Bernardino da Cunha Freitas. *Oliveira Lima: um olhar brasileiro no Japão*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011, p. 108.

[251] Moraes demonstrava bastante apreço por Lafcadio. O mesmo foi mencionado em tal citação: "no logar da honra, perto da mesa de trabalho, mais ao alcance da mão, destacam-se pelo mimo das encadernações, artisticamente coloridas, as obras de Lafcadio Hearn. Eu não podia deixar de mencionar aqui, n'este caderno de impressões intimas do Japão, dedicadas especialmente a memória dos mortos, o nome deste desaparecido, gênio em letras, dedicadíssimo impressionista, que escreveu as páginas mais encantadoras sobre a alma japoneza, dadas à luz até hoje em linguagem europeia". MORAES, Wenceslau de. *O Bon-Odori em Tokushima*. Cadernos de Impressões Íntimas. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, 1916. p. 147.

parcialidades, sem deixar de lado o esmero literário. Tentavam esquivar-se das escritas superficiais, como as do romancista Pierre Lotti (o que nem sempre era alcançado), por isso, empregavam um esforço em descobrir a fundo de maneira minuciosa as dinâmicas mais pessoais e os costumes dos japoneses. Lafcadio exemplifica bem essa busca por se aproximar e aprofundar o conhecimento das familiaridades nipônicas. Ele escreveu: "Creio que é somente depois de ter vivido assim alguns anos, que poderei atingir o kokoro (coração, espírito) do povo, da vida religiosa e emotiva da família. Aí está minha única ambição". [252]

No entanto, compreender as relações sociais e culturais instituídas, tão distintas das dos ocidentais, se revelava uma empreitada árdua, pois, mesmo vencendo as barreiras linguísticas,[253] quando venciam, o que por si só já se configurava em uma tarefa complexa, ainda precisam transpor a barreira cultural. Sobre isso Wenceslau de Moraes alertou:

> No estado atual das coisas, querer perceber o japonez, em comparação com o europeu, pelo que o japonez diz sobre o assumpto, seria trabalho inútil, porque o japonez, se acaso se conhece a si próprio, o que ele certissimamente não conhece é o europeu. De um modo análogo, querer perceber o japonez do que d'elle diz o europeu, seria igualmente trabalho inútil, porque o europeu desconhece certissimamente o japonez. A difficuldade para o homem do Occidente poder desvendar, mesmo de leve, o mysterio moral do caracter nipponico tem sido expresso em sumula por alguns talentos privilegiados.[254]

A consciência dessa dificuldade também é relatada por outros escritores que tinham como objetivo compreender o Japão e os japoneses.[255] É muito recorrente nos textos o desejo de não apenas retratar o que viam, fazendo meros recortes impressionistas, mas também de se aprofundar através das experiências na cultura do país. Desta forma, "procura-se a autenticidade do Outro, mas percebendo também a impossibilidade de o conhecer: não se acredita na apreensão perfeita desta irredutível distância, mas exibe-se a percepção aguda e

---

[252] HEARN, Lafcadio. HEARN, Lafcadio. *The japanese letters*. Boston: Elizabeth Bisland, 1910. p. 62.

[253] Moraes escreveu sobre a importância de transpor a barreira linguística. O português sinaliza que "estudar a linguagem de um povo é colher de surpresa os elementos mais preciosos para julgar sua alma, isto é sua maneira de ser e sentir, do seu caracter emfim". MORAES, Wenceslau de. *Relance da alma japoneza*. Portugal, Lisboa-Brasil: Sociedade Editora Arthur Brandão, 1926. p. 28.

[254] Idem, p. 14.

[255] Lafcadio, por exemplo, expôs que: "falta saber ainda se serei capaz de escrever um bom livro sobre o Japão. Se conseguir serão necessários anos de trabalho contínuo e sério sem um verdadeiro lampejo. Os menores acontecimentos nesta vida oriental são tão diferentes dos nossos, e tão complexos em suas relações com os outros fatos, que para explicá-los, é preciso tempo e paciência consideráveis". ". HEARN, Lafcadio. *Op. cit.*, 1910. p. 55.

imediata de uma eterna incompreensão".[256] Mesmo tendo essa ciência, o intuito, geralmente, era de alcançar a inteligibilidade sobre a "essência" do "verdadeiro" japonês, o cidadão nipônico que não estava totalmente "contaminado" com a ocidentalização. Veremos alguns exemplos a seguir, primeiro na fala de Wenceslau de Moraes e posteriormente na de Aluízio Azevedo.

> O que eu quero é devassar a alma japoneza como ella é hoje, como ella foi hontem, no seu presente e no seu passado. (...) A alma japoneza é para nós europeus, e mais do que a de qualquer outro povo, um caprichoso e enorme ponto de interrogação.[257]

Aluízio Azevedo em uma carta direcionada ao irmão Arthur Azevedo, em 14 de agosto de 1898, também partilhava desse sentimento. A carta dizia assim:

> Desta mania de ficar conhecendo o verdadeiro Japão e a legítima vida japonesa, tenho experimentado das boas. Do que eu trazia de provisão da comida europeia, nada mais me resta e começo a familiarizar-me com a pitança japonesa. O grande caso é que meu livro há de ser verdadeiro, porque hei de entrar no coração do japonês como estou penetrando no íntimo do seu país e dos seus costumes.[258]

Outra impressão partilhada pelos ocidentais, que também era recorrentemente descrita, era a de contradição entre o que viam no Japão e o que viviam em seus respectivos lugares de origem. Desde a chegada dos primeiros europeus no Japão, essa contradição foi apresentada, primeiramente pelo padre Luís Fróis, em seu tratado de 1585. Fróis enumera uma série de características referentes a contraposição dos costumes europeus e japoneses.

> Os europeus acham bonitos os olhos grandes, os japoneses acham horríveis, eles consideram belos os olhos fechados, como se estivem chorando; as mulheres na Europa não saem de casa sem a permissão do marido, as japonesas tem a liberdade de ir onde quiserem, e o fazem sem que o marido nada saiba; os religiosos católicos fazem barba e portam a tonsura, os bonzos raspam a cabeça e os rostos todos os quatro dias; os europeus comem sempre com os dedos, os japoneses, homens e mulheres, desde crianças, utilizam dois pauzinhos.[259]

No século XIX, com a retomada de relações, os ocidentais continuavam com essa impressão. Era comum o Japão ser retratado como o "mundo às avessas", o "mundo ao contrário", como se tudo que "outro", no caso o japonês, fizesse, fosse diametralmente oposto ao que "nós", ocidentais, fazíamos. Chamberlain dedicou duas páginas em *Things Japaneses*,

---

[256] LABORINHO, Ana Paula. *O essencial sobre Wenceslau de Moraes*. Lisboa: Editora Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004. p. 48.

[257] MORAES, Wenceslau de. *Op. cit.*, 1926, p. 15.
[258] AZEVEDO, Aluízio. *Op. cit.*, 1986. p. 15.

[259] FRÓIS, Luís. Européens & Japonais: Traité sur les contradictions & différences de moeurs. In: ORTIZ, Renato. *O próximo e o distante*: Japão e modernidade-mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 19.

no tópico *Topsy-turvydom* ("de pernas para o ar"), para desenvolver "a ideia de que os japoneses fazem muitas coisas de modo exatamente contrário ao que os europeus consideravam natural e conveniente".[260] Ele escreveu, por exemplo, que os japoneses comiam o doce antes da refeição, mas não como sobremesa; que se montava a cavalo pelo lado direito e não pelo esquerdo; as costureiras enfiam suas agulhas empurrando o buraco pelo fio em vez de empurrar o fio pelo buraco; carregava-se o bebê nas costas e não no colo.[261] Seguindo seu exemplo, vários outros autores também dedicavam um tempo em seus escritos para retratar essa característica de inversão. Bento Carqueja foi um dos que se expressou a respeito, porém se equivocou em relação a leitura japonesa, que é feita de cima para a baixo, e não o inverso.

> No carater japonês, nos seus usos e nos seus costumes, encontra-se por vezes, exatamente o contrário do que nós, gente da Europa, nos move e comove. A honra determina o suicídio e o duello consite em estripar-se a si proprios os contendores; a polidez obriga a rir, em casos que para nós são de lágrimas; o ennobrecimento dos vivos remonta aos antepassados, em vez de de se refletir nos filhos; tudo se transfigura, a começar nas refeições, que principiam pela sobremesa, e nas iguarias, cujo gosto é irreconhecível, até acabar nos banhos, que europeu mal pode tolerar, e na escripta que se le de baixo para cima e da direita para esquerda em linhas verticais.[262]

Feliciano Antônio Marques Pereira, também apresenta um relato interessante, nos mesmos moldes que os de Chamberlain:

> Nós por cortezia tiramos o chapéo, e nos levantamos em pé: eles pelo contrário, lanção fora as chinelas, & sentão-se: & receber os hospedes em pé seria summa descortezia. Nós folgamos ter os cabellos louros e dentes brancos, elles os tingem de preto. Nós cavalgamos com o pé esquerdo, elles com o direyto. Julgam por coisa pestilencial aos enfermos gallinhas, frangos, doces, & quasi tudo o que nós lhe damos: & dão-lhes por cusa proveitosa peixe salgado & fresco, limos caramujos & outras cousas amargosas e salgadas: & acham por experiencia que lhes fazem proveyto.[263]

Wenceslau de Moraes, do mesmo modo, deu a sua contribuição sobre o assunto, o mesmo acrescentou que era comum esse tipo de temática e abordagem por estrangeiros:

> O número de coisa, que os japonezes executam ao revez de nossos methodos é legião; enumera-las, seria tarefa interminável; no entanto, falando ou escrevendo a

---

[260] LÉVI-STRAUSS, Claude. *A outra face da lua*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 84.

[261] CHAMBERLAIN, Basil Hall. *Things japanese*. London: K. Paul Trench Ltd., 1904. p. 428.

[262] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão*. Antes da Guerra (1902-1904). Porto: Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1905. p. 12.

[263] PEREIRA, Feliciano Antônio Marques. *Viagem da corveta Dom João I à capital do Japão no anno de 1860*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1863. p. 48.

> respeito do Japão, os estrangeiros téem por habito fazer menção de algumas d'dellas. Sigâmos o exemplo: O europeu come pão, japonês arroz; mães levam os filhos nas costas; comida salgada é adoçada e doces salgados, a sobremesa se come primeiro; o visitante não tira o chapéu, mas sim o sapato; japoneses são muito asseados ao contrário dos europeus.[264]

Poderíamos nos delongar mais nos exemplos, pois como afirmou Wenceslau enumerá-los seria tarefa interminável, mas encerraremos com a abordagem do primeiro brasileiro a publicar, em 1903, um livro sobre o Japão, Manuel de Oliveira Lima. Percebe-se ao lê-la que segue o mesmo padrão das demais e que escreve com palavras diferentes quase as mesmas informações que já lemos anteriormente. No entanto, devido sua argumentação final iremos analisá-la.

> Como o Japão é para nos o pais das contradições, das cousas ao revez, em que os livros se começam a ler do fim para o começo, os doces se comem antes do peixe e do arroz, os inferiores se sentam no chão em vez de se levantarem, e os pés se descobrem em lugar da cabeça para provar cortesia: aquillo que de longe ou de relance aparece mysterioso, deixa de se-lo de perto com ligeira reflexão.[265]

Oliveira Lima percebe que ao se aproximar mais do objeto de análise, o que antes parecia enigmático torna-se mais familiar e então muitos mistérios se diluem. Nem tudo que foi enumerado, por esses e outros autores, poderia de fato ser considerado uma característica diametralmente oposta, mas sim uma diferença. O fato de o europeu comer pão e o japonês arroz, por exemplo, é apenas um hábito alimentar diferente. Já o caso da escrita nipônica, da direita para esquerda na vertical, poderia ser apontado como um método inverso. No entanto, diferenças e oposições não são analisadas de forma distinta, tendia-se a encaixar todas as diferenças num mesmo quadro de inversão. Ou nas palavras de Lévi-Strauss, "centenas de comparações, formuladas de maneira concisa e construída no modo de paralelismo, sugerem ao leitor que não lhes assinalam somente as diferenças, mas que todas essas oposições constituem, na verdade, inversões".[266]

Lévi-Strauss ao conceder uma entrevista ao antropólogo Junzo Kawada, em 1993, para uma emissora de televisão (NHK) falou sobre a construção imagética desse "mundo

---

[264] MORAES, Wenceslau de. *Relance da alma japoneza*. Portugal, Lisboa-Brasil: Sociedade Editora Arthur Brandão, 1926. p. 15.

[265] LIMA, Manuel de Oliveira. *No Japão – Impressões da terra e da gente.* Rio de Janeiro: Laemmert & C. Livreiros Editores, 1903. p. 19.

[266] LÉVI-STRAUSS, Claude. *A outra face da lua.* São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 85.

invertido". As observações de Junzo foram providenciais para a compreensão dessa impressão exógena do Japão:

> Como o senhor escreveu, o Japão apresenta, em muitos campos, "um mundo ao avesso" da França. No trabalho artesanal, que lhe interessa em especial,[267] o observamos de modo bastante típico. Mas para esclarecer a causa dessa diferença de uso talvez devesse ter em conta fatores ecológicos e físicos ao mesmo tempo que culturais.[268]

Strauss inicia sua resposta indicando que essa visão não é necessariamente dele, ou propriamente francesa, mas sim uma mentalidade construída inicialmente no século XVI, com Luís Fróis e mais tarde, no século XIX, complementada e difundida por Chamberlain. Para concluir ele cita vários exemplos presentes no *Topsy-turvydom*.

Na réplica, Junzo esclarece alguns pontos sobre os exemplos já citados anteriormente e os contextualiza no sentido histórico e cultural. O antropólogo japonês argumentou:

> Para estudar esses fenômenos "*topsy-turvy*" na França e no Japão, penso que é preciso também levar em conta as vicissitudes históricas que podemos seguir por meio de documentos escritos ou iconográficos. O ato notado por Luís Fróis no século XVI, de que no Japão montava a cavalo pela direita, pode ser explicado pelo hábito da época, quando o guerreiro segurava então um longo arco na mão esquerda, *yunde* ou "a mão do arco", e agarrava as rédeas com a mão direita, *mete* ou "mão do cavalo". No entanto, alguns aspectos da vida, como certas técnicas do corpo, apresentam uma espantosa tenacidade apesar das enormes mudanças ocorridas em outro aspecto da vida. Por exemplo, o senhor disse há pouco "que o torno é empurrado com um pé no Velho Mundo, mas no Japão com o outro pé...". Na verdade, no Japão não se empurra com o outro pé, mas se puxa com o mesmo pé direito. Isso traz de resto outro exemplo que confirma sua hipótese sobre o caráter centrípeto da cultura japonesa, que se observa por meio das vicissitudes históricas.[269]

Essa citação se fez necessária para o esclarecimento de alguns pontos relevantes no que se refere a visão do *gaijin* sobre o Japão. Ao aferirmos oposições sem investigar suas influências geográficas, antropológicas e históricas, corremos o risco de elaborarmos uma análise simplista dos fenômenos sociais observados. Para os estrangeiros recém-chegados ao Japão, as novidades, as diferenças desconhecidas eram muito impactantes, por isso, as descreviam como oposições. No entanto, nesse sentido, o que era observado, na maioria das

---

[267] Numa passagem de seu livro Lévi-Strauss falou um pouco sobre como são produzidos alguns artefatos japoneses, de forma diferenciada. Ele escreveu: "Um objeto moldado em terracota, recentemente exumado durante as escavações arqueológicas, comprova que já no século VI os japoneses montavam a cavalo pela direita, contrariamente ao nosso costume. Ainda hoje o visitante estrangeiro se espanta que o marceneiro japonês serre puxando a ferramenta para si e não empurrando-a, à nossa maneira; e que do mesmo modo maneje a plaina, faca com dois cabos que, como seu nome indica, serve para aplainar e desbastar a madeira. No Japão o oleiro lança o torno com o pé esquerdo no sentido dos ponteiros do relógio, à diferença do oleiro europeu ou chinês, que lança o torno com o pé direito e o move, portanto, no outro sentido". Idem, p. 84.

[268] LÉVI-STRAUSS, Claude. *Op. cit*., p. 112.

[269] LÉVI-STRAUSS, Claude. *A outra face da lua*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 85.

vezes, não era um "espelho invertido", mas sim um "reflexo" diferente. Como Todorov colocou:

> Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um eu também, sujeito como eu. Somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão lá e eu estou só aqui, pode realmente separá-los e distingui-los de mim.[270]

Tratados de assuntos mais gerais, forcaremos agora particularmente na visão dos autores retratados acerca das intervenções e influências ocidentais na Era Meiji. A ocidentalização, majoritariamente, era vista de uma forma pejorativa, pois seria responsável pelo fim de uma era fantasiosa de harmonia e paz. Essa perspectiva se encaixa bem com o movimento literário e artístico do final do século XIX, o Exotismo. De acordo com Laborinho esta forma de pensamento constituiria uma forma de relativismo que tendia a distinguir um país, ou uma cultura, definidos exclusivamente pela relação com o observador.

> Nesse sentido, mais do que o elogio do Outro, estamos perante uma crítica de si, e menos do que a descrição de uma realidade, trata-se sobretudo da formulação de um ideal. Os melhores candidatos a este ideal exótico são os povos e culturas mais afastados e ignorados, pelo que o conhecimento dos países vai empurrando o lugar exótico cada vez mais para longe. Esse lugar é quase sempre valorizado enquanto sobrevivência de um primitivismo e de uma autenticidade em desaparecimento numa Europa em rápida industrialização.[271]

A Era Edo era retratada de uma forma romântica; diferente do que se via no presente observado, o Japão "puro" estava preservado, isso gerava uma sensação nostálgica de um passado não vivido.[272] O Japão tradicional era visto por alguns japonistas como uma sociedade "ideal", um exemplo a ser seguido.[273] "Em geral, estes autores observam, com

---

[270] TODOROV, Tzvetán. *A conquista da América:* a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1982. p. 3.

[271] LABORINHO, Ana Paula. *O essencial sobre Wenceslau de Moraes*. Lisboa: Editora Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004. p. 47.

[272] Aluízio Azevedo mostrou um panorama, de acordo com sua visão, de como seria o Japão na Era Edo, antes da invasão estrangeira. Ele começa assim: "a vida era fácil e simples, o país abundante, o clima em geral benigno, os patrões afáveis, o caráter do povo risonho e doce, como recomendou Ieiás, a fartura das terras e das águas afastava toda e qualquer insurreição de inferiores famintos contra superiores fartos; o patriarcalismo dos costumes, a sobriedade, o gosto da nudez, a ausência da moda, o enlevo pela natureza, punham a população ao abrigo dos apetites brutais e dos vícios caros e vaidosos de que se fazem os pronunciamentos e as plutocracias. Não se acusava no corpo da nação o menos sinal dessa implacável moléstia oriunda dos Estados Unidos da América do Norte – a febre do milhão, a cujo alucinador contágio nenhum país ocidental escapou até hoje". AZEVEDO, Aluízio. *O Japão*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão; Ministério das Relações Exteriores, 1986. p. 91.

[273] Na fala de Oliveira Lima, isso ficou bem nítido. Ele afirmou que: "O Japão é mais do que um formosíssimo espetáculo, de natureza e de arte, a ser admirado: é um bello exemplo, social e moral, a ser seguido pelos que

pesar e/ou repugnância, o ritmo acelerado da modernização ou "ocidentalização" da sociedade japonesa, com prejuízo para os seus valores tradicionais".[274] De acordo com Moraes:

> Há o Japão antigo e o Japão moderno; o segundo apesar de todo o seu esplendor, não ofusca o primeiro; despoetiza-o, dissolve-o, com efeito; (...) E é naturalmente a este Japão antigo, e ao que ainda resta dele ou o memoriza, nos aspectos naturais e na alma do povo, que a emotividade do estrangeiro mais se apega.[275]

O mundo das gueixas e dos samurais estava se perdendo e se transformando, isso era visto com desgosto por esses estudiosos defensores do isolacionismo japonês. Então, se refugiavam num passado idealizado,[276] sem as contrariedades do presente. Lafcadio Hearn exprime bem essa sensação:

> O Professor Chamberlain disse-me outro dia que a variabilidade dos sentimentos que se experimenta pelo Japão parece a oscilação de um pêndulo – que um dia pende para o pessimismo, e no dia seguinte para o otimismo. Sinto muitas vezes esse sentimento, e sem dúvida o senhor também o conheceu. Mas o sentimento pessimista coincide geralmente com alguma experiência do Novo Japão. Ao passo que o sentimento otimista se refere ao Velho Japão (...). Mas com que horrível rapidez o Japão se moderniza![277]

A culpa da erosão do Japão tradicional geralmente era imputada ao estrangeiro e sua invasão ao Japão. Poucos enxergavam as contradições presentes, algumas latentes, na sociedade e que eclodiram com a chegada de Comodoro Perry. Como já explicamos, no capítulo anterior, o sistema dos governos militares centralizados, o xogunato, findou devido uma série de eventos. A ordem feudal já estava em declínio antes das intervenções norte americanas e de outras nações que vieram a rebote posteriormente. O fim do *sakoku* (época de nação fechada) foi um catalisador de confrontos oriundos de questões domésticas. O colapso do xogunato ocorreu devido fatores internos e externos. Porém, independente dos motivos

---

d'elles carecem". LIMA, Manuel de Oliveira. *No Japão – Impressões da terra e da gente*. Rio de Janeiro: Laemmert & C. Livreiros Editores, 1903. p. 14.

[274] ABREU, Bernardino da Cunha Freitas. *Oliveira Lima: um olhar brasileiro no Japão*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1903. p. 99.

[275] MORAES, Wenceslau de. *A vida japoneza*. Terceira Série de Cartas do Japão (1905-1906). Porto: Livraria Chardrom Lello & Irmão, 1907. p. 12.

[276] A fala de Ortiz sobre Aluízio se enquadra bem no pensamento de outros japonistas. "Escrevendo em uma época na qual os esforços de modernização não tinham ainda dado os seus frutos, ele desconfia do destino de um país asiático recém-saído de seu despertar 'oriental'. Entre a modernidade incerta e a tradição milenar ele não hesita, seu exotismo romântico elege o passado como lugar utópico". ORTIZ, Renato. Aluísio de Azevedo e o Japão: uma apreciação crítica. *Tempo Social*; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 9 (2): 79-95, outubro de 1997. p. 85.

[277] HEARN, Lafcadio. *The japanese letters*. Boston, Elizabeth Bisland, 1910. p. 144.

que levaram ao fim do período antecedente a modernização, a impressão que se tinha é que os tempos áureos do Japão tradicional haviam ficado no passado com a perda dos costumes ancestrais. Na fala de Aluízio Azevedo isso ficou bem evidente:

> Isto, conquanto um pouco fora do meu programa, faz-se indispensável para clareza do resto desta singela obra de impressões pessoais; sem contar que o caso é de si bonito e novo, pois começa poeticamente por uma lenda maravilhosa e risonha, palpitante de quimeras e ficções divinas, e acaba na mais engravatada e burocrática monarquia constitucional, com os seus ministérios de casaca bordada, com as suas secretarias de Estado e os seus competentes amanuenses de calças puídas, e até, acreditai se quiserdes!, com o pálido bacharel apenas desabrochado da academia sem outro ideal na vida além de apanhar por empenho qualquer emprego público.[278]

A narrativa de Aluízio Azevedo, apesar de romântica e idealizada, nos apresenta um panorama do desenvolvimento histórico japonês, do mito de criação com *Amaterasu* (deusa do sol) até o período de modernização no final do século XIX. O imperador se despiu dos seus trajes majestosos e adotou um uniforme militar ao estilo ocidental. Esse prisma de análise evidencia uma era áurea e suntuosa que sucumbiu às normatizações de um Estado burocrático, representado por suas vestes ocidentalizadas.

Por outro lado, a ocidentalização também era vista como uma estratégia japonesa de proteção contra ao neocolonialismo, uma espécie de "mal necessário". Seria uma oportunidade da "nação asiática atrasada" se modernizar e fazer frente as potências imperialistas. A modernização fez com que o Japão se equiparasse as nações europeias desenvolvidas e se desvencilhasse da dominação das mesmas. Isso também gerava o sentimento de admiração com a capacidade nipônica de utilizar de maneira bem-sucedida as tecnologias do mundo ocidental ao seu favor. Tudo isso, de acordo com os japonistas, com o ônus da perda de sua tradicionalidade, tão profícua e rica.

Até aqui tentamos apresentar um panorama mais geral sobre as perspectivas estrangeiras do Japão na Era Meiji, mas no próximo capítulo nos concentraremos em uma em particular. De todos esses pesquisadores já citados, Wenceslau de Moraes, foi o que permaneceu mais tempo no Japão. Após 30 anos, vivendo em cidades movimentadas, como Kobe e Osaka, e em um recôndito, em Tokushima, Moraes através de suas experiências e estudos mostrou aos ocidentais, sobretudo aos portugueses, o Japão segundo seus olhos. Suas sondagens e imersão na cultura e na "alma" japonesa fizeram com que seus escritos não

---

[278] AZEVEDO, Aluízio. *O Japão*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão; Ministério das Relações Exteriores, 1986. p. 25.

ficassem na superficialidade de quem apenas observa,[279] mas de quem participa, se solidariza e se identifica com o seu objeto de análise. De acordo com Bento Carqueja,

> Wenceslau de Moraes, o ilustre oficial da nossa marinha de guerra, que reside há bastantes anos no Japão, e que já antes visitára alguns dos seus portos, tem consagrado a sua inteligência e o seu grande poder de reciprocidade mental no estudo do povo japonez, tanto na sua psychologia, como em múltiplas e surpreendentes manifestações da sua atividade.[280]

Em 1899, Moraes chega ao Japão e abre o primeiro consulado português no país, em Kobe e Osaka. O intuito era estreitar os laços diplomáticos entre os dois países e coletar informações pertinentes às possibilidades e tipos de estabelecimentos comerciais viáveis para mercadores portugueses. De 1902 a 1913 o cônsul escreveu cartas ao jornal *O Comércio do Porto*, intituladas, *Cartas do Japão*. Para além dessas cartas, ao longo dos 30 anos de permanência em terras nipônicas, Moraes escreveu uma série de livros sobre a história e cultura japonesa. No próximo capítulo, para além de falarmos um pouco da vida e obra do cônsul português, nos atentaremos de forma mais minuciosas aos escritos e perspectivas relatas nessas cartas endereçadas aos leitores portugueses.

---

[279] Wenceslau de Moraes expressou que não apenas foi um mero expectador dos acontecimentos, mas que sua estadia no Japão também influenciou em seu desenvolvimento pessoal: "O Japão foi o país onde eu mais vivi pelo espírito, onde a minha individualida de pensante mais viu alargarem-se os horizontes do raciocínio e da compreensão, onde as minhas forças emotivas mais pulsaramem presença dos encantos da natureza e da arte". MORAES, Wenceslau de. *O-Yoné e Ko-Haru*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006. p. 123.

[280] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão*. Antes da Guerra (1902-1904). Porto: Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1905. p. 17.

3 O JAPÃO DA ERA MEIJI PELOS OLHOS DE WENCESLAU DE MORAES

3.1 Vida e obra de um peregrino escritor

Antes de falarmos sobre as *Cartas do Japão* em si, apresentaremos um pouco da vida e da obra de Wenceslau de Moraes. Além das responsabilidades como cônsul, o português se dedicou bastante às atividades literárias e jornalísticas; escreveu diversos livros e produziu vários artigos ao longo dos anos, publicados em jornais e revistas.[281] Desempenhou um papel importante na "tradução" da vida oriental para o Ocidente, tentando aproximar uma realidade geocultural nova ao mundo familiar português. Com isso, seu conjunto de obras tornou-se uma fonte importante sobre o Japão. Para Maria Margarida da Silva Faria Capitão, "de todos os escritores do final do século XIX e primeira metade do século XX, é ele o exemplo mais notável como humanista e de simbiose dos valores europeus e orientais, conhecendo intimamente o povo japonês".[282]

Wenceslau José de Souza Moraes, filho do general Wenceslau de Souza Moraes, nasceu em 30 de maio de 1854 em Lisboa. Completou o curso na Escola Naval aos 21 anos e quando se tornou guarda-marinha foi servir na África, principalmente em Moçambique. Em 1880 foi promovido a segundo-tenente e em 1886, aos 32 anos, tornou-se capitão-tenente. Dois anos depois foi para Macau, desempenhando também missões em Hong-Kong e no Sião. Além de ser imediato da capitania do Porto de Macau foi professor de matemática elementar no Liceu de Macau, aberto em 1884. Nesse período, tornou-se amigo do poeta português Camilo Pessanha, com quem compartilhava muitos pensamentos negativos em relação à sociedade ocidental, que julgavam excessivamente materialista.

Em 1897 visitou o Japão em companhia do governador de Macau, Eduardo Galhardo, sendo recebido pelo próprio imperador chinês.[283] O marinheiro português já havia visitado o

---

[281] Como *O Commercio do Porto*, *O Lusitano*, *Boletim Commercial* (do Ministério dos Negócios Estrangeiros), *Brazil-Portugal*, *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, *Annaes do Club Militar Naval*.

[282] CAPITÃO, Maria Margarida da Silva Faria. *Entre duas civilizações*: o universo de leituras em Wenceslau de Moraes. Dissertação (Mestrado em Ensino do Português como língua segunda ou estrangeira). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2002. p. 29.

[283] Em *O Bon-Odori*, Wenceslau fez um relato do encontro. "Há dezessete annos, fazendo eu parte de uma missão diplomática portuguesa, era apresentado em audiência, em Kioto, ao imperador Mitsuhito, falecido há perto de dois anos, e a imperatriz, Hakuro, falecida há quarenta e seis dias". MORAES, Wenceslau de. *O Bon-Odori em Tokushima*. Cadernos de Impressões Íntimas. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, 1916. p. 185.

Japão outras vezes e mostrou-se admirado como o que viu,[284] mas somente em 1998 foi para o arquipélago em definitivo. As motivações de Wenceslau para tal mudança, para além do interesse pelo país, foram de cunho pessoal e profissional. Em Macau havia se casado, em 1889, com uma chinesa de ascendência europeia, Vong Ioc Chan, conhecida como Atchan, com quem teve dois filhos, José e João de Souza Moraes. Porém, com o passar do tempo a relação entre os dois se desgastou e Wenceslau se sentia sufocado com a vida que levava na China. Confessou a amigos que não conseguia amar a mãe de seus filhos e que isso o angustiava.[285]

No âmbito profissional, estava desgostoso, visto que uma pessoa menos graduada que ele conseguira uma promoção a capitão no Porto de Macau, o que lhe impossibilitou de continuar prestando serviços à Marinha portuguesa naquela cidade. Com isso, utilizou sua influência junto ao seu amigo Vicente Almeida d'Eça para criar um consulado no Japão. O próprio governador de Macau já havia enviado um relatório para Lisboa informando da necessidade de um consulado em Kobe, para se igualar as outras nações europeias. Wenceslau de Moraes tinha interesse em ocupar o cargo diplomático, pois poderia então recomeçar a vida e residir no lugar que tinha lhe agradado tanto. Aos 44 anos foi nomeado cônsul interino de Portugal em Kobe e Osaka, cidades portuárias cosmopolitas, o que lhe permitiu estar em constante contato com seu país de origem. Mesmo sem retornar para a família que constituiu na China, sempre trocava correspondência com os filhos e enviava provimentos para o seu sustento e custeio da educação.

No Japão, Wenceslau de Moraes viveu em companhia de O-Yoné Fukumoto a partir de 1900 até 1912, ano da morte dela causada por problemas cardíacos. O cônsul sempre expressou que viveu uma relação harmoniosa com O-Yoné e que essa perda o abalou muito.[286] Tanto que devido ao falecimento da companheira, em 10 de junho de 1913, pediu

---

[284] Em 4 de agosto de 1889, Moraes escrever uma carta à irmã Emília relatando o que viu quando visitou Nagasaki, Kobe e Yokohama naquele ano. Ele disse: "Estou n'um país delicioso, o Japão. Era aqui, em Nagasáqui, que eu desejaria passar o resto da minha vida, à sombra d'estas árvores que não têm parceiras no Mundo. […] Deixo com saudade este torrão abençoado por Deus, cheio de paisagens adoráveis, cheio de flores, cheio de sorrisos; terra feita para a alma se recolher em doces pensamentos, e para o espírito cansado da vida poder ainda purificar-se e elevar à Povidência um agradecimento". MORAES, Wenceslau de. *Cartas íntimas de Wenceslau de Moraes*. Lisboa: Imprensa Nacional de Publicidade, 1944. p. 31.

[285] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Extremo-Oriente*. Lisboa: Fundação Oriente, 1993. p. 129.

[286] Em uma carta a um amigo, Moraes assim se expressou: "Morreu aqui em Kobe, a meu lado, uma pessoa que eu muito estimava; os seus últimos gestos foram apertar por duas vezes a minha mão, que tinha entre as suas. É horrível!... Tenho sofrido imenso desde então. Eu sempre fui doentio, há 5 ou 6 anos vou sofrendo bastante, sinto-me fraquíssimo e até com o juízo meio perdido; pois desde a data que indiquei tenho sofrido muito mais, julgo que a minha vida está por pouco". DIAS, Jorge (ed.). *Do Kansai a Shikoku*: traços da última jornada de Wenceslau de Moraes. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988. p. 166.

exoneração do cargo que ocupava em Kobe e de oficial da Marinha. Nesse momento, intensificou um processo de "niponização", integrando-se cada vez mais à cultura, mudando seus trajes, costumes e alimentação.

> Afirmando encontrar-se numa situação incompatível quer com a posição de oficial português, quer com a sua nacionalidade de português, quer com o mundo. Iniciou-se assim uma mudança radical no seu percurso de vida: abdicando do seu estatuto de diplomata e da reforma a que tinha direito e que estava prestes a receber, trocou o seu chapéu, fato e gravata por um quimono, os sapatos ocidentais por *getas*, frequentou templos budistas e conviveu com as gentes locais.[287]

Após a exoneração do cargo de cônsul, decidiu sair dos centros urbanos e se refugiar no Sul do Japão, na província de Tokushima, terra natal de O-Yoné, em Shikoku. Nessa província viveu em companhia de Ko-Haru Saito, sobrinha de sua companheira falecida, porém, por pouco tempo, pois a mesma foi acometida de tuberculose e veio a óbito em 1916. Depois da morte de Ko-Haru, Moraes passou a viver apenas na companhia dos seus animais domésticos (uma gata, um galo e uma galinha). Recebia também algumas visitas esporádicas de amigos, a maioria ocidentais. No período em que morou em Tokushima dedicou-se exclusivamente a composições literárias, das quais falaremos um pouco a frente. Escrever, para além de um entretenimento, tornou-se uma necessidade. Desde então, viveu uma vida mais tranquila, contemplativa, reflexiva e solitária. A solidão era constantemente mencionada como algo que fazia parte da vida de um homem que vivia "entre mundos".

> Moraes cria um efeito de estranhamento em relação a sua pátria que também existirá relativamente ao universo nipônico: do mesmo modo que o mundo português fica embaciado pela distância, também o Japão se mantem longe, visto que o estrangeiro Moraes nunca alcançará a integração plena.[288]

Ele chamava o seu autoexílio de suicídio moral e se intitulava de "Zé Ninguém".[289] Possuía poucas conexões sociais e sua construção identitária tornou-se um tanto indefinida, haja vista que não era japonês e nem se identificava "por completo" como português. Apesar

---

[287] CAPITÃO, Maria Margarida da Silva Faria. *Entre duas civilizações*: o universo de leituras em Wenceslau de Moraes. Dissertação (Mestrado em Ensino do Português como língua segunda ou estrangeira). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2002. p. 14.

[288] LABORINHO, Ana Paula. *O essencial sobre Wenceslau de Moraes*. Lisboa: Editora Imprensa Nacional-Casa da Moeda,2004. p. 72.

[289] MORAES, Wenceslau de. *O Bon-Odori em Tokushima*. Cadernos de Impressões Íntimas. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, 1916. p. 346.

de ter conquistado a admiração dos japoneses, sempre foi considerado um *gaijin*.[290] Além de ser tratado como *Porutogaru san* (senhor Portugal), ele relatou que as crianças por vezes o chamavam de *Osoroshi* (medonho) e que algumas pessoas o fitavam com espanto e até desprezo.

Após uma vida de deslocamentos geográficos e encontros culturais, aos 75 anos, em 1º de julho de 1929, Wenceslau de Moraes faleceu sozinho em sua casa de arquitetura japonesa que, como ele retratou, era pequena, com poucos móveis e livros, além de um jardim que cuidava com primor. Um dia havia expressado o desejo de viver e falecer no Japão, o que finalmente foi concretizado.[291] Sem as ritualísticas cristãs foi cremado de acordo com as tradições japonesas. Por ter tido um funeral budista, todo ano lhe é dedicado um serviço religioso no Templo de Tokushima. Suas cinzas foram colocadas junto às da última companheira, Ko-Haru. Seguindo o ritual nipônico recebeu o seu *kaimyio* (nome póstumo escrito na placa funerária), *Soukou Inden Hensou Bunken Daikoji*, que pode ser traduzido como "peregrino escritor habitante de um castelo de algas" (as algas provavelmente fazem referência à ligação de Moraes com o mar em razão da antiga profissão de marinheiro). Além de a cidade de Tokushima dedicar, em sua memória, uma rua e um museu, no centenário de seu nascimento, em 1954, foi inaugurado um monumento em sua homenagem no Monte Bizan. Um medalhão de bronze e uma estátua foram feitos pelo escultor Seitaro Taruya, com a seguinte inscrição:

> Nasceu Wenceslau de Moraes em Lisboa, Portugal, em 1854. Capitão de fragata, exerceu as funções de adjunto do capitão do porto de Macau, sendo nomeado depois cônsul geral de Portugal em Kobe. Em 1913 renunciou ao posto, vinda residir em Tokushima- a terra natal de sua finada mulher O-Yoné- em companhia da sobrinha desta, Ko-Haru. Levando uma vida genuinamente japonesa, continuou escrevendo e, após a morte de Ko-Haru, dedicou-se ao culto de suas mulheres. Faleceu em 1º de julho de 1929. Deixou vinte livros, dentre os quais "Relance da Alma Japonesa", "O Bon-Odori em Tokushima", e "Y-Oné e Ko-Haru". Era tão amigo do Japão que foi qualificado de "aquele que trocou sua alma pela japonesa", tendo sido cognominado de "astro que brilha longe da pátria". Pena brilhante, fez propaganda da cultura e do folclore japonês no estrangeiro. Este monumento esta erigido no centro da área onde

[290] Em uma de suas cartas, Moraes pareceu descrever a si mesmo no Japão. Ele disse assim: "Não esqueçamos que o europeu residente é sempre um deslocado, incapaz de identificar-se com a terra de adoção, com a alma japoneza e mesmo com a linguagem e os costumes japonezes, ainda quando as suas sympathias o prendam ao paiz". MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1907-1908)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. III, p. 33.

[291] "Como eu quisera viver aqui, no enleve perene da cena, na paz de uma casinha de papel! Como eu quisera morrer aqui, volver à terra sem o cortejo agoirento das casacas, ignorado, jazendo para sempre à sombra dum bambual, onde as cigarras iriam cantarolando hinos eternos". MORAES, Wenceslau de. MORAES, Wenceslau de. *Dai Nippon*: o grande Japão. Lisboa: Imprensa Nacional, 1897. p. 297.

> o ilustre finado passeava diariamente. Em 1º de julho de 1954. O administrador de Tokushima, Shinkuro Nagao.[292]

Essas homenagens denotam o reconhecimento que Moraes obteve por meio de suas obras no território japonês. Mesmo que seu foco tenha sempre sido o leitor português, seus escritos não demoraram a ser traduzidos para o idioma local. Pesquisadores como Jitsuo Tsukuda, Minako Nonoyama, Katsura Shobo, Kazuo Okamoto, entre outros, participaram de traduções conjuntas dos trabalhos de Moraes a fim de investigar o olhar dos portugueses sobre o Oriente. A professora de Literatura Portuguesa da Universidade de Assuntos Estrangeiros de Tóquio, Takiko Okamura, afirmou que logo após sua morte, os livros de Moraes passaram a ser traduzidos e reconhecidos pelos nipônicos: "Ele foi considerado como um admirador do espírito japonês. Houve uma época em que sua figura foi utilizada pelos militares japoneses para a divulgação de seus princípios".[293] Para Armando Martins Janeira, diplomata português que estudou a fundo a vida e obra de Moraes, ele se destacou dos demais japonistas devido às suas concepções humanistas. Segundo Janeira:

> Pierre Loti é um fruto do imperialismo europeu, e a sua visão do Oriente é desdenhosa e senhorial; Lafcadio Hearn reflect menos essa atitude, o seu sangue grego dá-lhe uma visão ecumênica, mas a sua educação anglo-saxônica estreita-lhe a sensibilidade; Wenceslau de Moraes é declaradamente é adversário das ideias imperialistas do Ocidente, que constantemente combate prenunciando o seu declínio: dos três, Moraes é o único que pelo seu profundo humanismo atinge a verdadeira compreensão do Oriente e de seus grandes problemas humanos, o único que soube compreender a alma do povo japonês.[294]

Para além da renúncia de uma ótica dominante e conquistadora, outras questões contribuíram para que a produção literária de Moraes se tornasse bem conhecida no Japão. Em parte, a visibilidade que obteve adveio do interesse e da curiosidade dos japoneses de se verem pelos olhos do "outro". Isso também ocorreu, porém, em maior proporção, com o livro de Benedict Ruth, *O crisântemo e a espada* (1946) que apesar de ter sido escrito de forma controversa e suscetível a muitas críticas, tornou-se *best-seller* no Japão logo após sua publicação. Takeo Funabiki ao problematizar sobre a necessidade do *nihonjinron* (discussão sobre o homem japonês) explicou que os habitantes do arquipélago japonês começaram a

---

[292] JANEIRA, Armando Martins. *Wenceslau de Moraes*: antologia. Lisboa: Vega, 1993. p. 472.

[293] OKAMURA, Takiko. O Japão de Moraes. *Anais do X Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999.p. 46.

[294] JANEIRA, Armando Martins. *Op. cit.*, 1993. p. 24.

pensar sobre o Japão quando pensaram no exterior ao Japão.[295] No caso em questão, a equiparação da visão interna e externa sobre o Japão e o japonês se configura num exercício de autoconhecimento.

O que também colaborou para que Moraes ganhasse notoriedade foi o fato de que a mediação cultural estava muito presente em seus textos.[296] Seu legado escrito é um reflexo do pensamento português no mundo e sobre o mundo, sendo resultado do exercício de quem vê e tenta entender o "outro" em sua natureza distinta, ou seja, por meio de uma postura voltada para a alteridade.

> Sua decisão de viver como um japonês, em uma casa mobiliada nesse estilo, com uma alimentação igual à dos japoneses e seguindo a mesma religião dos seus vizinhos parece-nos parte de um processo empreendido por ele no intuito de melhor credenciá-lo a entender o Outro e, assim, a escrever sobre ele por meio da experiência de interação, e não de espetacularização proporcionada por uma observação a distância. Para tanto, foi fundamental a Wenceslau de Moraes o exercício da alteridade.[297]

Esse processo, no entanto, foi gradual, sendo aprimorado com a maturação do conhecimento e a maior interação com as dinâmicas de vida japonesas. No início de sua incursão sobre o Oriente, a perspectiva desenvolvida enquadrava-se bem às prerrogativas negativas orientalistas[298] voltadas para o registro impressionista do exotismo oriental. Com as experiências e observações, suas análises ficaram cada vez menos estereotipadas. Quando passou a interagir com o campo de investigação, seus textos foram se modificando e se tornando mais críticos, passando a adotar um tom reflexivo e problematizador. Moraes enxergava no oriental, sobretudo o japonês, um "outro" com quem podia interagir e aprender.

---

[295] FUNABIKI, Takeo. Da necessidade do Nihonjinron. In: PEREIRA, Ronan Alves; SUZUKI, Tae (orgs.). *O Japão no caleidoscópio*: estudos da sociedade e da história japonesa. São Paulo: Pontes Editores, 2014. p. 93

[296] De acordo com Franchetti, Wenceslau de Moraes "relata costumes típicos, traduz haicai, comenta a literatura, a arte e a história do Japão, tenta incentivar o comércio e a compreensão entre as duas pátrias. Moraes se esforça por mostrar aos portugueses a grande e sofisticadas civilização que se desenvolvia no outro extremo do mundo". FRANCHETTI, Paulo; DOI, Elza Taeko. *Haikai*: antologia e história. 2ª ed., Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2012. p. 38.

[297] HORIGOSHI, Erica. *Para entender o Japão*: aspectos da cultura japonesa em textos de Wenceslau de Moraes. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012. p. 78.

[298] Utilizamos o termo no sentido saidiano de invencionismo e apropriação imagética sobre o Oriente. Said faz uma análise crítica quanto às finalidades sociopolíticas dos estudos orientais (literários, eruditos e científicos) e sua vinculação com os interesses de nações imperialistas, alegando que as pesquisas orientalistas serviriam para justificar e afirmar políticas de dominação. O discurso orientalista, fundamentado em pressupostos eurocêntricos e depois norte-americanos, intui representar o Oriente, criando uma imagem distorcida deste, projetado como inferior e exótico. O Orientalismo é propagado por Said "como um discurso, por meio do qual a cultura europeia conseguiu administrar – e até – produzir o Oriente". SAID, Edward. *Orientalismo*: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das letras, 2007. p. 15.

Tzvetan Todorov fala que a relação com o outro não se desenvolve em uma única dimensão. Todorov estabelece, então, três eixos para situar a problemática da alteridade, mas explica que existe relações e afinidades estre esses três planos, porém, sem nenhuma implicação rigorosa, visto que, não se pode reduzi-los um ao outro, nem prever um a partir do outro. Esses eixos são:

> Primeiramente, um julgamento de valor (um plano axiológico): o outro é bom ou mau, gosto dele ou não gosto dele, ou, como se dizia na época, me é igual ou me é inferior (pois, evidentemente, na maior parte do tempo, sou bom e tenho auto-estima...). Há, em segundo lugar, a ação de aproximação ou de distanciamento em relação ao outro (um plano praxiológico): a dos valores do outro, identifico-me a ele; ou então assimilo o outro, impondo-lhe minha própria imagem; entre a submissão ao outro e a submissão do outro há ainda um terceiro termo, que é a neutralidade, ou indiferença. Em terceiro lugar, conheço ou ignoro a identidade do outro (seria o plano epistêmico); aqui não há, evidentemente, nenhum absoluto, mas uma gradação infinita entre os estados de conhecimento inferiores e superiores.[299]

Nos três planos Wenceslau de Moraes apresenta concepções valorativas positivas do "outro". Ele gosta, conhece e se identifica, mesmo na condição de estrangeiro, com o japonês. Não o enxerga como inferior e tenta assimilar a e aprofundar os seus conhecimentos sobre a cultura nipônica. A partir dessa ótica, apesar de inicialmente apresentar algumas ideias de cunho eurocêntrico, o cônsul português pode ser inserido nos parâmetros estabelecidos pelo teórico indiano Aijaz Ahmad como um orientalista positivo,[300] que ao contrário da perspectiva saidiana, não propagava de forma inventiva e depreciativa o Oriente e seus povos. Na visão de Moraes, o patrimônio cultural japonês deveria ser preservado e muito de suas práticas serviam de exemplo para os ocidentais. Em várias de suas obras declarou abertamente que a aproximação com os ocidentais era algo nocivo, apesar de necessária para o desenvolvimento econômico do Japão. Segundo Moraes, os japoneses estavam sendo corrompidos pelos europeus.[301] O europeu tinha um ritmo de vida voltado para as questões capitalistas, estava afastado da natureza e das preocupações com as essencialidades do espírito. Vejamos agora resumidamente algumas de suas produções e como essas questões foram apresentadas e discutidas. Tentaremos identificar o processo de desenvolvimento das análises do autor ao longo do tempo. Quando Moraes se estabeleceu em

---

[299] TODOROV, Tzvetán. *A conquista da América:* a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1982. p. 100.

[300] AHMAD, Aijaz. *Linguagens do presente.* São Paulo: Boitempo, 2002. p. 11.

[301] "Não deve já pôr-se dúvida nem ocultar-se, princípio que afinal de contas em nada surpreende: a civilização europeia, que corrompe como uma lepra a noção pura da arte, vai também apagando de afogadilho o que havia de intensamente enraizado, de simples, de modesto, de hospitaleiro, de nobre, de bom, no povo nipônico". JANEIRA, Armando Martins. *Wenceslau de Moraes*: antologia. Lisboa: Vega, 1993. p. 200.

Macau escreveu *Traços do Extremo-Oriente*, em 1895. Nessa obra, descreveu um Oriente envolto ainda em um véu contemplativo, mas também expôs as péssimas condições de vida dos chineses.[302] Moraes não se identificava com o modo de vida chinês; a pobreza extrema e a insalubridade dos ambientes eram bastante retratadas. Mas apreciava a arte e a cultura milenar, principalmente as fábulas.

Com relação ao Japão, o sentimento de identificação e de admiração pelo modo de vida era explícito[303] e isso ficou bem evidente em *Dai-Nippon* (Grande Japão), publicado em 1897, apesar de Moraes apresentar alguns traços de eurocentrismo. O autor descreveu os costumes, a arte e a história do Japão, mostrou-se bem admirado com as paisagens e as relações sociais de cordialidade. Fez relatos bem minuciosos das casas japonesas e das atitudes de seus moradores, sempre em comparação ou confrontação com a família europeia. Ao fazer isso estabeleceu uma relação dicotômica entre o Oriente e o Ocidente. Enfatizou a relação do homem japonês com a natureza e como existia uma busca de harmonização entre a arquitetura e o meio ambiente. Já o europeu não teria essa preocupação de harmonização com o meio natural; sua arquitetura seria mais refinada, pois o seu "ideal artístico não é a natureza rude e desordenada; imaginou uma harmonia ainda superior; inventou códigos para as linhas (...); a alma europeia presta culto a uma outra arte que se tem origens, são transcendentais".[304]

Ao identificar a superioridade europeia no que se referia às construções físicas, Moraes demonstrou que ainda não conseguia compreender a fundo as distinções socioculturais, de ambiente e de recursos naturais japoneses disponíveis. Seus parâmetros ainda estavam focados no europeu e na sua visão de mundo. Como escrevia para um leitor que pouco conhecia sobre o Japão, procurou contextualizar as relações e explicar detalhadamente o que via e percebia.

A partir de 1902 começou a se dedicar às *Cartas do Japão*, publicadas originalmente no jornal *Commercio do Porto*, das quais falaremos mais adiante de forma pormenorizada. Produziu *O culto do chá*, em 1905, em que explicava como ocorria o *chanoyu* (cerimônia do chá) e sua relevância. Para isso, utilizou o recurso textual descritivo e também ilustrações

---

[302] Esse trecho demonstra um pouco dessa visão: "Carregada de densos vapores pestilenciais, onde a miséria vivida não se assemelha às dificuldades na Europa, vive-se em jangadas no lodo do rio, vendem-se as filhas pequenas no mercado a troco de meia dúzia de patacas mexicanas". MORAES, Wenceslau de. *Relance da alma japoneza*. Portugal, Lisboa-Brasil: Sociedade Editora Arthur Brandão, 1926. p. 37.

[303] Segundo Laborinho, "se a China serve a visão decadentista de uma sociedade em ruínas, o Japão representará a iluminação salvífica que o escritor descreve a par das suas impressões". LABORINHO, Ana Paula. *O essencial sobre Wenceslau de Moraes*. Lisboa: Editora Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2004. p. 20.

[304] MORAES, Wenceslau de. *Dai Nippon*: o grande Japão. Lisboa: Imprensa Nacional, 1897. p. 133.

feitas por artistas de Kobe (Yoshiaki e Gotô Seikôdô), assim os leitores portugueses poderiam visualizar como ocorriam as cerimônias e entender como o chá era presente no dia a dia dos japoneses.[305]

No ano seguinte foi publicado *Paisagens da China e do Japão*. Neste trabalho, Moraes reuniu uma série de textos, 17 ao todo, e o dedicou a seus amigos Camilo Pessanha, João Vasco, J. Moreira de Sá, Henrique Carvalhosa, Feliciano do Rosário, Carlos Branco, Joaquim Costa e Sebastião Garcez. A cada texto dedicado apresentava contos e lendas populares provenientes da tradição oral chinesa e japonesa, festividades (como o Ano Novo Chinês ou *Hanami* – festas das flores no Japão), expressões culturais ou um devaneio acerca de algo observado.[306] O livro é repleto de fotografias e ilustrações e a linguagem é alegórica e imaginativa.

O Bon-Odori em Tokushima foi publicado em 1916 e reuniu 68 cartas redigidas em estilo diário íntimo. O livro retratou as tradicionalidade preservadas longe dos centros urbanos, como o *Bon-odori*, ou seja, a festa dançante dos mortos. Moraes, já há três anos residindo em Tokushima, teve a oportunidade de observar como essas festividades e honrarias aos ancestrais eram feitas. Ao se afastar das cidades em direção ao interior, sentia que estava mais próximo das raízes nipônicas e do "verdadeiro" japonês. Esse discurso também é encontrado nos textos de Oliveira Lima e Aluísio Azevedo. Eles acreditavam que "quanto menos urbana e "ocidentalizada", mais amistosa, sociável e menos suscetível se apresentam os diversos setores da sociedade japonesa".[307] Nesse livro, Moraes também falou bastante sobre o seu isolamento e sentimento de solidão.

Em 1923 saiu *O-Yoné e Ko-Haru*, em que o português explorou as ritualísticas familiares do pós-morte observadas quando suas companheiras faleceram. A linguagem literária está bem presente e possui um forte teor bibliográfico, o tom é intimista e melancólico. Moraes utilizou suas memórias para compor uma espécie de romance

---

[305] "O chá japonês tem a virtude de mitigar a sede. Assim se explica o hábito dos japoneses de não beberem água; mesmo na força dos calores, em pleno Agosto, a chávena de chá, saboreada a goles, lhes dá pleno consolo. (...) No Japão, toda a gente toma chá; ricos e pobres, nobres e plebeus. Bebe-se na ocasião das refeições e a toda hora, a pequeninos goles. No lar quando entra um visitante, oferece-se-lhe, após as reverências, uma almofada de regalo e uma chávena de chá. O mercador, quando quer ser amável com o freguês, serve-lhe antes de tudo uma chávena de chá". MORAES, Wenceslau de. *O culto do chá*. Lisboa: Olho D'Água, 1905. p. 23-24.

[306] "Antes assim. Impressões do acaso, apontamentos rápidos, vão me aparecendo preferíveis a um longo estudo que intentasse das mutações de scena que hoje, amanhã, meus olhos relanceam". MORAES, Wenceslau de. *Paisagens da China e do Japão*. Lisboa: Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, 1906. p. 197.

[307] CAPITÃO, Maria Margarida da Silva Faria. *Op. cit*., 2002. p. 154.

confessional. É umas das obras mais pessoais do autor, em que expôs seus sentimentos de impotência diante da morte e da perda. Vejamos no trecho abaixo:

> Eu Fugi da sala. Faltou-me de súbito a coragem. Tivera-a, durante perto de dois meses, para acompanhar Ko-Haru durante as minhas horas disponíveis, para prestar-lhe conselho, auxilio, para mitigar quando possível o mal de que lhe sofria e também para ir simulando plena confiança no seu restabelecimento, pois afigurava-se uma supina crueldade o acto de ir ceifar o vasto campo de esperanças que floriam no seu espírito. Agora, porém, quando Ko-Haru sabia tudo e esperava o fim, quando do fundo supersticioso do meu ser eu já excluíra de todo a ideia de um milagre, não podia mais fixa-la, fixar os seus olhos muito abertos, muito grandes, onde eu julguei adivinhar, de quando em quando, uma expressão de azedume, de queixa contra mim, por tê-la enganado, por deixa-la assim morrer.[308]

Relance da história do Japão (1925), como o título evidencia, é uma breve exposição sobre o Japão histórico. Moraes declarou que não desejava passar por historiador, mas sim comunicar por meio de uma ideia geral dos acontecimentos históricos, suas conclusões sobre o Japão e o povo japonês. Nas palavras do autor: "Eu não pretendo escrever uma História do Japão; propus-me apenas escrever um relance da História do Japão".[309] Os acontecimentos apresentados são: o Japão pré-histórico, a mitologia, o Japão antigo, a introdução do budismo, a chegada dos portugueses, a unificação territorial, a chegada dos norte-americanos, a restauração imperial e o Japão moderno.

A última obra de Moraes, *Relance da alma japoneza*, de 1926, tornou-se o seu livro mais conhecido no Japão. Nele abordou temas como linguagem, religião, história, vida familiar, Estado, amor, morte, arte, literatura, dentre outros. Após sua longa experiência com os japoneses, seja nos centros urbanos ou no recôndito de Tokushima, Moraes apresentou uma visão mais profunda do psicológico nipônico. Percebeu-se também que o exercício da alteridade estava em voga em suas análises. Quando estabeleceu uma análise comparativa, o intuito não era mostrar a superioridade do europeu, mas sim tentar compreender as diferenças e a igualdade entre japoneses e ocidentais numa relação de equidade. O que ocorreu muitas vezes, na verdade, foi o enaltecimento do que julgava ser essencialmente japonês em contraposição ao que não seria, ou seja, as características ou influências ocidentais presentes no meio social. Em *Relance da alma japoneza* o foco não é o Japão em si, mas o japonês e sua forma de pensar e sentir o mundo. Concordamos com Okamura quando questiona:

> O que é o japonês? Como era a estrutura psicológica do japonês? Vão brotando aos borbotões, essas dúvidas ao se defrontar com os mistérios psicológicos do japonês.

---

[308] MORAES, Wenceslau de. *O-Yoné e Ko-Haru*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006. p. 80.

[309] MORAES, Wenceslau de. *Relance da história do Japão*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira Ltda., 1972. p. 20.

> Até então, a sua observação era sobre o Japão era baseado num olhar externo. A paisagem transformada ao sabor das 4 estações; o Japão emergido através de artigos e estatísticas divulgadas em relatórios e jornais oficiais. A partir de então o que vai começar a atrair sua atenção é o Japão interior. É quando ele inicia uma profunda pesquisa do japonês dos meandros da alma nipônica que não podem ser percebidos apenas com o entrosamento superficial.[310]

Até o presente momento, procuramos de forma resumida apresentar um pouco da vida e da obra de Wenceslau de Moraes. Sua escrita autorreflexiva e etnográfica serviu para documentar uma época de profundas transformações na história do Japão. Os textos de Moraes extrapolam o caráter enciclopedista e didático. Possuía um olhar literário, mas também antropológico, e isso se evidência no interesse pelo convívio social, pelas festividades, o culto aos mortos e a estrutura familiar. O cotidiano, o efêmero e o extraordinário foram traduzidos para um público-leitor distante, de forma que pudesse se sentir mais próximo de um universo cultural longínquo, inicialmente apresentado como exótico, mas, com o passar do tempo, familiar.

De todo o corpo textual produzido por Moraes, no período que fez o Japão texto e pretexto de vida, as *Cartas do Japão*, sem sobra de dúvida, possuem o caráter mais jornalístico. É sobre esses relatos em formato epistolar que nos debruçaremos agora de forma mais minuciosa e prolongada.

3.2 **Cartas do Japão: aspectos gerais**

Apesar de a escrita autorreferencial, como diários, correspondências, biografias e autobiografias, sempre ter sido usada como fonte pelos historiadores, como salientou Ângela de Castro Gomes "apenas mais recentemente foi considerada uma fonte privilegiada e, principalmente, tornada, ela mesma, o objeto de pesquisa histórica".[311] O trabalho de crítica com esse documento não é maior ou menor do que se tem com outros, até porque, todo o dizer é ideologicamente marcado, os ditos não são apenas mensagens a serem decodificadas, somente uma parte do dizível é acessível.[312] No entanto, devido as propriedades subjetivas apresentadas nas escritas autorreferenciais, voltadas para dimensões íntimas e profundas,

---

[310] OKAMURA, Takiko. O Japão de Moraes. *Anais do X Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999, p. 38.

[311] GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 10.

[312] CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2011, p. 63.

novas metodologias e categorias de análise foram difundidas – "isto porque a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela 'sua' verdade".[313]

Dito isso, algumas precauções a fim de obter maior rigor analítico precisam ser tomadas. Uma delas refere-se ao objetivo almejado, que deve ser direcionado à ótica assumida pelo registro, ou seja, a perspectiva propagada pelo escritor das missivas. Deve haver uma "suspeita" do fato em si ou de sua veracidade, por causa do "excesso de sentido real pelo vivido".[314] Sendo assim, a proposta aqui é esquadrinhar o olhar de Wenceslau de Moraes sobre o Japão, com a finalidade de compreender a sua perspectiva sobre as transformações sociopolíticas e culturais decorrentes do aprofundamento de relações comerciais e políticas com o Ocidente, na Era Meiji. Mais uma vez citando Ângela de Castro Gomes, "não se trata de 'dizer o que houve', mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu, experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento".[315]

Embora as *Cartas do Japão* não se configurem em correspondências de foro íntimo, direcionadas a entes, amores ou amigos, mas sim ao leitor de um jornal português de comércio, ainda se enquadram nos parâmetros de uma escrita autorreferencial, pois "há também os textos que procuram registrar, evidentemente não de forma exclusiva, fatos referentes a uma temporalidade profissional, assumindo uma característica de linguagem mais distante de uma escrita íntima, sem deixar de ser uma escrita pessoal".[316]

As correspondências são artefatos culturais que ao serem estudadas podem revelar detalhes do cotidiano e de práticas de uma sociedade. A pesquisa desses artefatos, apesar das diversas abordagens, geralmente leva em consideração "a geografia da escritura e recepção das cartas, a frequência com que foram escritas, sua relação com o planejamento de alfabetização, assim como os seus vários usos",[317] entre outras informações.[318] Outra questão relevante é analisar o lugar social de quem escreve, a posição ocupada pelo missivista no

---

[313] GOMES, Ângela de Castro (org.). *Op. cit.*, 2004, p. 16.

[314] GOMES, Ângela de Castro (org.). *Op. cit.*, 2004, p. 17.

[315] GOMES, Ângela de Castro (org.). *Op. cit.*., 2004, p. 15.

[316] Ibidem, p.18.

[317] LYONS, Martyn. *A palavra impressa*: história da leitura no século XIX. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999. p. 60.

[318] "Quem escreve/lê as cartas? Em que condições e locais foram escritas? Onde foram encontradas e como estão guardadas? Qual ou quais o (s) seu (s) objetivos? Qual o seu ritmo e volume? Quais suas características como objeto material? Que assuntos/ temas envolvem? Como são explorados em termos de vocabulário e linguagem? ". GOMES, Ângela de Castro. *Op. cit.*, 2004. p. 21.

campo intelectual e político. A busca pela compreensão do sujeito se estabelece através do lugar de onde fala e da historicidade do discurso. Como Michel de Certeau expressou no livro *A escrita da história*, mais especificamente no capítulo II, "A operação historiográfica", não existem considerações ou leituras, tanto quanto se possa entendê-las, capazes de suprimir a particularidade do lugar de fala e o domínio da realização de uma investigação.[319] Cabe ao historiador ligar as ideias aos lugares. Faremos uso, então, desses diversos questionamentos para alcançar a perspectiva de Moraes em suas *Cartas do Japão*.

Comecemos com quem escreve/lê as cartas e o objetivo das mesmas. Quem escreve é um homem europeu, que nasceu em meados do século XIX, estrangeiro num país distante (o qual admirava) e com cultura bem distinta da sua. O lugar social que Moraes ocupava era o de cônsul português de Kobe e Osaka, ou seja, uma autoridade diplomática que, para além de estudioso dos assuntos japoneses, tinha acesso a documentos privilegiados e a eventos políticos privativos.

Como já dito anteriormente, as cartas eram direcionadas aos leitores do jornal *O Commercio do Porto*. Esse jornal foi inaugurado em 1854 e permaneceu aberto até 2005. Foi o segundo jornal, depois do *Açoriano Oriental*, mais antigo de Portugal. Até 1855 era intitulado *O Commercio*, sendo designado depois como *Commercio do Porto*. Inicialmente tinha publicação trissemanal (às segundas, quartas e sextas), mas depois de um ano aberto, devido ao sucesso nas vendas e a boa aceitação dos comerciantes, passou a ser diário. Era vendido no valor de 40 reis e seus editoriais tinham o foco no comércio, agricultura e indústria. As matérias eram instrutivas e variadas, havendo também espaço para assuntos relacionados à história e à cultura. No primeiro número, de 2 de janeiro de 1854, ficaram bem expressos os objetivos do jornal e como queria se colocar no mercado editorial:

> A Praça do Porto precisa dum jornal de Commercio, Agricultura e Industria, onde se tratem as materias económicas, historicas e instrutivas destes três poderosos elementos em que assenta a prosperidade das nações modernas. A Praça o reclama, pela sua importância no interior e pelo seu nome nos mercados estrangeiros. No país, a Praça do Porto é o centro comercial das províncias do Norte: fora dele é conhecida como depositária e exportadora do único género por que nos avaliam comercialmente os estranhos. Um jornal de Commercio que no Porto, se limite a dar os preços correntes. A entrada e saída das embarcações é, de certo, de bem curto e limitado alcance, e não corresponde à cidade, onde as três industrias fazem todos os esforços para se distinguir no mundo comercial. Nesta época, em que a nação portuguêsa, avida de ciência, busca a resolução de seus principais problemas de economia agrícola, industrial e de comércio, passando-os pela fieira da discussão, nas associações, nas câmaras e na imprensa, um jornal privativo dessas matérias será, entendemos nós, bem recebidos na Praça do Porto. Estamos longe de nos acreditarmos com a necessária habilitação para cabal desempenho de nosso propósito; pois demanda ele superioridade de forças, de que sabemos bem não estar

[319] CERTEAU, Michel de. *Op. cit.*, 2011. p. 45.

> de posse. Começando esta empresa, temos a consciência do pouco que valemos para tão grande objeto: mas vamos animados da esperança de sermos um despertador a espíritos de maiores conhecimentos para que nos auxiliem tomando conosco trabalho tão útil e tão interessante ao corpo comercial (...). Na história, na geografia, na jurisprudência privativa, na litteratura correspondente, o nos grandes sucessos estrangeiros, que possam affectar as três indústrias, tomaremos objeto para nossos artigos, que muitas vezes terão por fim o recreio e a instrucção de nossos leitores sem contudo sahirmos da particularidade que nos impomos.[320]

Os fundadores do jornal foram Henrique Carlos Miranda e Manuel Souza Carqueja; o sobrinho deste, Bento Carqueja, era diretor-editor do jornal. Muitos colaboradores importantes fizeram parte da história do periódico, como Camilo Castelo Branco, Moreira de Sá, João Arroyo, João de Deus, Guerra Junqueiro, entre tantos outros. *O Commercio do Porto* foi um dos primeiros jornais portugueses a ter correspondentes no estrangeiro. Além disso, era o único jornal de Portugal a noticiar informações sobre o Japão. Moraes fez um comentário a respeito desse exclusivismo como órgão *japonizador* no país:

> *O Commercio do Porto* é o jornal portuguez mais vulgarisador de cousas japonezas, ou antes o único vulgarisador de taes cousas; porque a verdade é esta: emquanto que na França e na Inglaterra, para não irmos mais longe, a imprensa e a litteratura tanto se vão ocupando actualmente de assumptos do Japão, entre nós, que fomos os primeiros a visitar o Japão, e possuímos uma colónia visinha d'elle, guarda-se sobre taes assumptos o mais indifferente silencio. É o *Commercio do Porto* que chama frequentemente a attenção dos negociantes portugueses para o commercio muito florescente d'este império. E' elle que publica, com benevolente regularidade, estas modestas cartas, não regateando espaço a minha tagarelice, que tantas vezes por enfadonha peccará.[321]

Seus leitores, em sua maioria, eram homens que possuíam interesses no mundo dos negócios referentes ao Norte de Portugal e sua relação com outras regiões. Moraes estabeleceu um vago perfil ao dizer: "Imagino que o leitor é, por exemplo, um modesto negociante de vinhos nacionais, ou amanuense em uma secretaria do governo, ou capitão da cavalaria do exército".[322]

Geralmente, Moraes escrevia uma carta por mês, a não ser quando algo importante acontecia e havia maior urgência de ser noticiado, mesmo que em média demorasse um mês para uma carta sair do Japão e chegar ao seu destino em Portugal. O tamanho das correspondências variava de 4 a 10 páginas, dependendo dos acontecimentos narrados e da

---

[320] Periódicos. Real Gabinete Português de Leitura (Rio de Janeiro). *O Commercio do Porto*. Porto, nº 1, sexta-feira, 2 de junho de 1854.

[321] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão*. Antes da Guerra (1902-1904). Porto: Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1905. p. 306.

[322] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1907-1908)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. II, p. 19.

inspiração do autor para escrever. Inicialmente, as *Cartas do Japão* eram de caráter essencialmente informativo, privilegiando o debate das questões de política, de economia e de história internacional, visando promover as relações mercantis entre Portugal e o Japão.[323] Mas, com o tempo, as cartas ganharam um tom mais intimista do autor para com o leitor. Pouco a pouco novos assuntos, menos formais, foram sendo introduzidos, a fim de mostrar como viviam e pensavam os japoneses. Moraes explicou os motivos dessa mudança:

> As *Cartas do Japão*, primitivamente e sucessivamente, tiveram início no intuito de satisfazer o desejo de um amável estranho, que a breve trecho eu tinha de incluir no número dos mais obsequiosos amigos. Sem programa formado, julguei no entretanto dever ir imprimindo-lhes uma índole essencialmente noticiosa, quando muito incentiva de um desejável estreitamento de relação sociais entre Portugal e Japão. Ora, aconteceu que a índole apontada, essencialmente noticiosa, acusou um curto prazo modificações muito sensíveis, transitando a pena para campos mais largos, de estudo, divagação e chimera. Aponto as causas. Em primeiro logar, cedo me convenci de que simples notícias do Japão nunca lograriam interessar leitores da minha terra. Em segundo logar, amoroso d'este paiz suggestivamente feiticeiro – vá a gente por freio ao temperamento!... – fugiu-me o espírito para a enlevo de relatar os seus encantos, colhidos ora no povo, ora nos aspectos da natureza, ora na arte, ora na lenda.[324]

Os assuntos abordados passaram a ser dos mais variados; se fossemos dedicar atenção a cada um, certamente, se alongariam sobremaneira as páginas e o tempo dedicado à produção deste trabalho. De trivialidades, como o formato das mãos dos japoneses, a características relevantes, como o senso de piedade familiar e lealdade,[325] tudo que era observado por Moraes era repassado ao leitor, a fim de que este pudesse também, mesmo que imageticamente, contemplar a vida nipônica. Para não nos alongarmos, expondo várias temáticas exploradas pelo autor, vejamos três exemplos de assuntos abordados de forma descritiva relacionados ao clima, florescimento das *sakura* (cerejeiras) e costumes alimentares.

De maneira um tanto jocosa, o cônsul português relatou as semelhanças e diferenças climáticas entre o Japão e as demais regiões observadas por ele. O que ficou evidente também

---

[323] Nas palavras de Bento Carqueja, "nas Cartas para O Commercio do Porto apparecenos o povo japonez sob a feição nova do trafego mercantil, da industria e de todas as outras menifestações da sua actual atividade utilitaria; mais ainda, e isto interessa-nos sobremaneira, as Cartas encerram valiosissima indicações sobre as possiveis relações commerciais entre o nosso paiz e o Japão". MORAES, Wenceslau de. *Op. cit*., 1905, p. 2.

[324] MORAES, Wenceslau de. *A vida japoneza*. Terceira Série de Cartas do Japão (1905-1906). Porto: Livraria Chardrom Lello & Irmão, 1907. p. VI.

[325] "A piedade familiar é, sem duvida alguma, a primeira virtude por excellencia, na China e no Japão. D'ella deriva, em linha recta, a lealdade ao soberano- pai e mãe de seu povo. É n'estas duas grandes forças sentimentais que se apoia, se baseia o inteiro edifício moral da família e da nação, nos dous impérios". MORAES, Wenceslau de. *Op. cit*., p. 404.

no texto é que Moraes estava atento ao que correspondentes de outros países escreviam sobre o Japão:[326]

> O Japão Central, onde geralmente habitam os residentes europeus e americanos, offerece quatro estações distintas, como em regra os países na nossa Europa; contando-se um estio bastante quente, que lembra em ardência o clima da Africa tropical, e um inverno rigoroso. O estio é esmagador, derruba o branco; os meses de julho e agosto são particularmente incompatíveis com qualquer tarefa literária que reclame explicação séria. Um brilhante chronista, que há pouco tempo expedia de cá, para um jornal frencez, interessantes correspondências, confessa em uma aos seus leitores que os calores caniculares o obrigavam a escrevel-a, vestido... com o que eu poderia dizer do costume primitivo do nosso pai Adão, quando andavam comendo maçãs no paraizo. (...) O inverno é felizmente reparador; o organismo reabilita-se, as energias exercem-se sem fadiga em qualquer ramo de atividade.[327]

Uma das características japonesas que pode ser sempre observada referia-se ao hábito contemplativo dos fenômenos naturais. O Festival *Hanami* (apreciar as flores), que ocorre do fim de março a começo de maio, reúne várias pessoas nos parques públicos até os dias atuais. Moraes abordou esse tema na carta de 26 de abril de 1904, ao falar sobre o florescimento das cerejeiras em Kyoto:

> Durante as tres primeiras semanas d'este mez, o Japão inteiro, especialmente Kyoto, onde, por acaso me encontrei, achou-se em grandes alvoroços, podendo dizer que toda a gente andava pelas ruas, com excepção de um raro moribundo de mau gosto... Questão de guerra? Uma esperada invasão dos russos no sólo sagrado de Nippon? Nada disto felizmente. É que as cerejeiras floriam, e nenhum bom japonez deixa passar esta quadra sem ir peregrinar pelos logares mais famosos, onde as deliciosas arvores – sakura em denominação indigena- se ostentam em indescriptiveis primores primaveris (...). As cerejeiras abundam por toda a parte no Japão. Em Tokyo, em Osaka, em Yoshino e em muitos outros sitios, ha pousos afamados aonde o povo corre para gosar a sua florescencia, em doce recolhimento. Folgam os olhos; as mãos não profanam taes encantos; ainda não vai longe o tempo em que era punido de morte aquelle que arrancasse uma haste ás cerejeiras dos jardins de Tokyo.[328]

Em vários momentos, Moraes dedicou um tempo para retratar os hábitos alimentares japoneses; sua variedade, ritualística, diferenças regionais e socioeconômicas. Na carta de 27 de janeiro de 1906 relatou:

> Sabe-se que o arroz é o pão do Japão. A tigela cheia de arroz cosido é a base de alimentação; juntem-se alguns fructos, um peixinho assado sobre brazas, alguns vegetaes, o usual pedaço de nabo curtido em salmoura, chá e uma gotta de saké (vinho de arroz), e teremos uma refeição indígena. Entenda-se uma refeição de gente

---

[326] Sempre citava os artigos do jornal J*apan Chronicle*, periódico inglês publicado em Kobe.

[327] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1907-1908)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. I. p. 15.

[328] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão*. Um Anno de Guerra. (1904-1905). Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1906. p. 62.

> abastada e habitando um centro de abundancia. Nos campos, o aldeão reduz a muito a sua lista de iguarias. O arroz e o pedaço de nabo em salmoura são para muitos o almoço e o jantar cotidiano; ás vezes, substitue-se ainda o arroz por cereaes mais inferiores, ou por babatas doces; não há saké e bebe-se água quente em vez de chá".[329]

O material das cartas não é rico apenas para historiadores, mas também para literatos, sociólogos e etnólogos, pois, para além dos relatos do cotidiano político e econômico, Moraes falava sobre as lendas, onomatopeias, estrutura linguística, religiões, *haikai*, costumes tradicionais, expressões artísticas, características físicas, emocionais e psicológica dos japoneses. A tradução de lendas, provérbios e histórias locais seria uma forma de dar voz ao japonês através da observação indireta.

Após serem publicadas no jornal, por iniciativa de alguns amigos, as cartas foram organizadas em livros,[330] sobre os quais dedicaremos mais atenção.[331] Moraes fala sobre a sua surpresa ao saber que as cartas haviam sido compiladas em livro. Ao receber o primeiro volume, agradeceu aos amigos e justificou-se, alegando que o trabalho jornalístico era corrido, o que atrapalhava o preciosismo da escrita. Por isso, intitulava-se em relação às cartas como um "escrevinhador de voos curtos". No prefácio do terceiro volume, *A vida japonesa. Terceira série de Cartas do Japão (1905-1906)*, ele explicou:

> Ainda uma observação. Estas cartas, escriptas ao correr da pena, como se diz, sobre o joelho- destinadas a um jornal e por isso sujeitas ás pressas impostas pelos horários dos correios, estavam bem longe de merecer a honra que lhes deram, sendo offerecidas ao público em volumes. D'este crime, de que poderiam acusar-me, lavo serenamente as mãos. Se porventura há na minha terra tribunaes e códigos que castiguem, então mettam na cadeia três amigos meus, que sem previa consulta, de surpresa, por mero impulso de benevolência carinhosa, resolveram a publicação. Os

[329] Ibidem, p. 268.

[330] Esses livros podem ser encontrados em suporte digital na Biblioteca Nacional de Portugal e também no Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro. No total foram produzidos 6 volumes e os três primeiros são: 1) *Cartas do Japão. Antes da Guerra (1902-1904)*, com 40 cartas; 2) *Cartas do Japão. Um ano de Guerra (1904-1905)*, com 30 cartas; 3) *A vida japonesa. Terceira série de Cartas do Japão (1905-1906)*, com 34 cartas. Os dois primeiros volumes foram publicados pela Livraria Magalhães & Moniz e o último, por isso teve o nome alterado, pela Livraria Chardrom Lello & Irmão.

[331] No prefácio do primeiro volume das *Cartas do Japão*, Bento Carqueja explica as motivações para o feito. Segundo o próprio: "Não deviam, pois, essas Cartas, tão cheias de encanto, viver a vida fugaz de um jornal. Ha n'ellas muito que aprender; encerram notas preciosas sobre a existencia de um povo, cujo progredimento mal póde ser medido pela ancia das suas aspirações. Tres amigos dedicados da Wenceslau de Moraes resolveram arrancar a esse sacrificio cruel as belas joias litterarias com que o *Commercio do Porto* tem deliciado os seus leitores. Eis o motivo do apparecimento d'este livro. – É uma verdadeira surpreza para o próprio autor". MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão*. Um Anno de Guerra. (1904-1905). Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1906. p. 3.

> nomes desses três amigos (aviso a polícia) podem ser lidos na primeira página de um livrinho exótico, também na minha lavra, intitulado *O Culto do Chá*.[332]

Os nomes dos amigos, que se encontram na primeira página do livro, são: Vicente Almeida d'Eça, Sebastião Peres Rodrigues e Bento Carqueja, diretor e editor de *O Commercio do Porto.* Em *O culto do chá,* Moraes explicou:

> Isto é a Trindade benevolente, que ainda há pouco, de tão longe, me enviou dentro das folhas de um livro – *As Cartas do Japão*- o perfume ineffavel da sua amizade, offereço este outro livro, exotico pela forma, mas não pelo sentimento de profunda gratidão, que inspirou essa primeira página.[333]

Os últimos três volumes foram publicados com recursos do próprio autor, pela Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, posteriormente, em 1928. São eles: *Cartas do Japão (1907-1908*), com 28 cartas; *Cartas do Japão (1909-1910),* com 25 cartas e *Cartas do Japão (1911-1913),* com 23 cartas. Moraes esclareceu para quem se destinavam as obras no prefácio ao primeiro volume:

> Tenta-se agora publicar, em outros volumes sucessivos, as Cartas, que a partir do ano de 1907, não passaram das colunas do jornal portuense. É claro que a importância de tais escritos, destinados principalmente à simples enumeração de factos perde muito com o andar dos tempos. Todavia alguns curiosos de coisas japonezas, ainda poderao encontrar suficiente interesse em uma ou outra página solta; é para eles que agora se recoleccionam as últimas *Cartas do Japão*, aparecidas no período que decorre desde o ano de 1907 até meados de 1913 - se não me engano, - quando autor, abandonando a vida pública, se retirou para o isolamento onde se encontra.[334]

No total foram escritas 180 cartas ao longo de 11 anos em que Moraes correspondeu-se com o jornal. Todas as missivas seguiram um padrão: a data era colocada em cima, seguida de um pequeno texto que enunciava os conteúdos abordados, o que facilita bastante a triagem dos assuntos discutidos. Em uma mesma correspondência, Moraes debatia a política internacional e descrevia curiosidades dos costumes alimentares. A carta de 18 de janeiro de 1911, por exemplo, começou com esse resumo:

> Como principia o anno referentemente à política do extremo-oriental; boatos sinistros; a attitude agressiva da imprensa dos Estados-Unidos contra o Japão; hypothese sobre o desejo de um rompimento; como são as coisas e como são os

---

[332] MORAES, Wenceslau de. *A vida japoneza*. Terceira Série de Cartas do Japão (1905-1906). Porto: Livraria Chardrom Lello & Irmão, 1907. p. XV.

[333] MORAES, Wenceslau de. *O culto do chá*. Lisboa: Olho D'Água, 1905. p. 14.

[334] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1907-1908)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. I. p. 5.

> homens; os americanos protectores da China; a idade do dinheiro e outra força tremenda; a lucta social. – Um artigo interessante do Japan Chronicle; a vida modestissima dos nipponicos; dados curiosos a tal respeito sobre as refeições, usos, costumes, etc.[335]

Explicando de forma resumida, apesar da gama de assuntos discutidos, particularmente nos três primeiros volumes há um enfoque maior em apresentar vantagens e viabilidades do comércio entre o Japão e Portugal.[336] No prefácio de *Cartas do Japão. Um Anno de Guerra (1904-1905)*, um dos três amigos de Moraes já citados, Vicente Almeida d'Eça, fez um pequeno resumo da predominância dos temas discutidos:

> Nas primeiras Cartas, descrevia-se, principalmente a situação econômica e política do Japão actual dando-se aqui e alem algumas indicações sobre as modalidades artisticas e intellectuais, tão interessantes, d'este povo. Mas a propria situação política apresentava, como feição proeminente, a lucta diplomatica do Japão com a Russia, lucta que dia a dia se ia exacerbando, até que veio a dar a declaração de guerra.[337]

Havia um grande empenho em noticiar a evolução dos acontecimentos referentes às tensões russo-nipônicas, esboçando franco favorecimento pelo poderio militar e naval japonês. Nas palavras do autor:

> As cartas ocupam-se de guerra, cuidando de registrar-lhe as peripercias e de apontar-lhe as consequências, próximas ou remotas, curtas ou hypothéticas. Ocuparam-se, claro esta, muito por alto; e com manifesta incompetência em matéria tão complexa. E não assumiram vãs prosápias de vir fazer História: simples notas impressionistas, n'um campo de publicidade que não favorecia profundo argumentos, quiseram simplesmente frisar os factos, acordar uma sympathia, induzir a um comentário.[338]

Moraes, como podemos perceber, não se propunha a fazer História, mas sim relatos dos fatos, apresentando a sua perspectiva sobre os mesmos. Não se via como informante, mas sim um comentador. Nas palavras do próprio missivista: "É, pois o que tenho feito, comentando, deduzindo hypotheses, com sobra de boa vontade, mas com mingua de tempo, o

---

[335] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1911-1913)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. III. p. 6.

[336] Moraes explica na carta de 11 de dezembro de 1902: "Tem sido assumpto principal das minhas singelas correspondencias o chamar a atenção dos comerciantes portugueses para este paiz, no intuito de desenvolver o commercio directo entre Portugal e o Japão". MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão*. Antes da Guerra (1902-1904). Porto: Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1905. p. 89.

[337] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão*. Antes da Guerra (1902-1904). Porto: Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1905, p. XVII.

[338] MORAES, Wenceslau de. *A vida japoneza*. Terceira Série de Cartas do Japão (1905-1906). Porto: Livraria Chardrom Lello & Irmão, 1907. p. XV.

que é peor, de competencia".[339]

O autor pretendia demonstrar o quanto o Japão se desenvolveu no final do século XIX. O país do Extremo-Oriente estava cada dia mais forte e ocidentalizado, segundo Moraes, tudo indicava que logo figuraria uma posição elevada no cenário mundial. Diante disso, emitiu um conselho repetidas vezes[340] a Portugal para estreitar os laços comercias com a Terra do Sol Nascente, a fim de que também pudesse ascender economicamente: "Apesar de se dedicar ao Japão, Moraes escreve para o público português apresentando o universo nipônico como modelo de qualidades necessárias a inversão da decadência nacional".[341]

O cotidiano japonês fez Moraes pensar e repensar o modo de vida português. Muitas vezes propôs uma comparação por meio da problematização de aspectos sociais portugueses e japoneses. Como uma das funções de um cônsul referia-se à promoção do comércio entre o seu Estado e o país em que residia, esforçava-se constantemente para demonstrar as vantagens comerciais que haveria entre Portugal e o Japão. Em várias cartas, de forma pormenorizada, mencionou os produtos que seriam mais proveitosos para tais negociações.

Segue o exemplo da carta de 23 de abril de 1902 e 16 de maio do mesmo ano. Na primeira carta indica os gêneros portugueses negociáveis. Diz assim:

> Prometi da indicação de generos que, em minha opinião, devem particularmente servir para estreitar as relações de commercio directo entre Portugal e Japão. Tratarei hoje dos generos portugueses: vinhos (generosos, espumosos e comuns), cortiças (bruta e em obra), conservas alimenticias (sardinha, fructas, etc.), azeite, vários produtos coloniais, como borracha, marfim, café". Na segunda carta fala sobre os produtos japoneses que teriam maior aceitação em Portugal. Moraes explica: " julgo que o arroz japonez (um dos melhores do mundo), a cera vegetal (substituindo a stearina e produtos analogos), a camphora, etc., poderão vantajosamente ser importados no nosso mercado.Com referencias aos artigos da industria, direi que uma grande variedade d'elles, recomendaveis pela sua barateza e bom gosto do fabrico, pela novidade que constituiriam nos centros portugueses de consumo, devem ser introduzidos em Portugal.[342]

Outra função consular correspondia à prestação de assistência aos nacionais que se encontrassem no Japão. Então, Moraes sabia com precisão quantos portugueses residiam no

---

[339] Ibidem, p. 3.

[340] Na carta de 6 de novembro de 1902, por exemplo, Moraes disse: "Tenho eu teimosamente procurado fazer valer, n'estas singelas correspondencias, a vantagem que resultará ao commercio portugnez com o Japão da visita a este imperio de um ou alguns representantes das nossas firmas mercantis". MORAES, Wenceslau de. *Op. cit.*,1905. p. 64.

[341] LABORINHO, Ana Paula. *O essencial sobre Wenceslau de Moraes*. Lisboa: Editora Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004. p. 24.

[342] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão*. Antes da Guerra (1902-1904). Porto: Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1905. p. 12.

país e seus investimentos no local. Por isso, tinha a exata noção do quadro de investimentos comerciais por parte dos portugueses no Japão.

Portugal, que já havia ocupado uma posição de poder privilegiada no mundo, por causa da Expansão Marítima, no final do século XIX encontrava-se em um lugar periférico na ordem socioeconômica mundial: "Assim como o Japão, Portugal precisava rapidamente encontrar uma forma de adquirir prestígio e poder perante os demais países da Europa".[343] No entanto, ao contrário do Japão, que se desenvolvia rapidamente, Portugal estagnou. Incomodava muito ao cônsul português a apatia do seu povo diante das transformações no mundo. Para Moraes, os portugueses não alavancavam seu desenvolvimento nacional por falta de modernização nas suas relações comercias. Ao ficar sabendo de um negócio (de cortiças) entre portugueses e japoneses que resultou em malogro, expressou-se sobre isso:

> Em regra (com algumas excepções), um paiz que não tem marinha mercante, não tem commercio; a mercadoria vai até onde vai a bandeira (a nossa vai até Madeira, até os Açores, até Cabo Verde, S. Tomé, até Angola, d'onde retrocede). O que está mais averiguado, é que um paiz não póde deixar-se adormecer durante séculos para acordar quando bem queira e encaminhar então suas iniciativas para um ramo qualquer de negociação que lhe agrade. Quando acordar tarde, nada pode fazer; encontra-se isolado, excluído da família mundial que trabalha, encerrado dentro de uma muralha de aço, indestrutível. (...) O que acontece com a cortiça, acontece igualmente com outros produtos portugueses, o vinho, por exemplo; acontece com o Japão, como com muitos outros mercados importadores. É bem triste confessal-o – somos uma nação independente, dizemo-lo nós, e parece que assim é- mas, o nosso commercio, encontra-se enfeudado, escravisado a meia duzia de estrangeiros, que exploram ao seu bel prazer o melhor que o torrão patrio nos offerece, importando em massa os generos e distribuindo-os depois no mundo inteiro, como melhor lhe convém, a seu especial benefício.[344]

Um dos objetivos de Moraes era, através das cartas, reabilitar o orgulho nacional português adormecido. Pesava moralmente ao cônsul que o presente de Portugal fosse tão incompatível com seu passado. Para Moraes, a forma de "despertar" a sua terra natal era expondo as dinâmicas políticas e econômicas internacionais, no intuito de aguçar o interesse dos portugueses em estabelecer relações comerciais com o Extremo-Oriente. Na carta de 21 de janeiro de 1903 isso ficou bem claro:

> Portugal, nação de antigos navegadores e de antigos commerciantes em longínquas regiões, parece ter esquecido desde ha muito a sua gloriosa tradição, passando a viver da monotonia caseira, desinteressando-se de tudo o que se passa para além das suas fronteiras, desinteressando-se dos centros de riqueza estranhos, que estão hoje

---

[343] HORIGOSHI, Erica. *Para entender o Japão*: aspectos da cultura japonesa em textos de Wenceslau de Moraes. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012. p. 22.

[344] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1907-1908)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. I, p. 18.

> attrahindo as actividades do mundo inteiro. Como consequência d'este estado apathico, aconteceu fatalmente que também o mundo inteiro se desinteressou de Portugal (...). Isto é lamentável, mas é assim; e não pode continuar assim, sob pena das mais amargas desilusões para a nação portugueza. Tratar por todos os modos de aguçar a curiosidade dos portuguezes pelo que se passa pelo mundo fora, affigura-se-me obra meritória, tendente a inspirar-lhes mais arrojados intentos e a chamal-os a noção dos seus deveres de actividade mundial. Um dos meios mais eficazes para attingir tal fim é, sem duvida, a obra litteraria, livro ou jornal.[345]

Para que os portugueses pudessem conhecer bem a história e as potencialidades dos japoneses, Moraes fez uma lista de livros que julgava apropriados para tal: "Vou apresentar aos leitores do *Commercio do Porto*, ao capricho da minha fatigada reminiscencia, os títulos de alguns livros interessantes que julgo deverão ser lidos com particular agrado".[346] Entre eles *Things japanese* (1890), de Chamberlain; *Japanese girls and women* (1891), de Alice Mabel Bacon; *La restauration impériale au Japon* (1892), de Layrle; *Glimpses of unifamiliar Japan* (1894), de Lafcadio; *Étude sur Hokousai* (1896), de Michel Revon; e *Essai sur l'historie du Japon* (1899), do marquês de la Mazelière.

Nos três últimos volumes das *Cartas do Japão*, com o desfecho da guerra russo-japonesa, apesar de passada a euforia com os assuntos bélicos, o enfoque nas tensões políticas internacionais permaneceu. Moraes procurava acompanhar o termômetro dos acontecimentos de perto para repassar aos leitores do jornal. Muitas vezes, criticava a imprensa internacional alegando que esta, de forma imparcial, exagerava nos fatos e incentivava desavenças entre o Japão e os demais países.

Na carta de 26 de fevereiro de 1907, demonstrou como a situação política internacional do Japão ainda era instável. Falou sobre as dificuldades enfrentadas pelos japoneses ao tentarem se estabelecer nos Estados Unidos, por conta da falta de reciprocidade norte-americana, e de encontrarem inconformidades nos acordos com a Rússia pós-guerra:

> A imprensa mundial, sempre propensa a exaggerar os factos, tem dito muitas cousas sobre estes dois pontos importantes; imaginando já não sei quantos conflitos, que parece, estão muito longe de sahir. A respeito do Tratado de Amisade e de Commercio, consta, com effeito, que algumas difficuldades teem surgido; principalmente motivadas pelo direito da pesca, que os nipponicos reclamam para si, nas águas territoriais da Sibéria. Pesam, porém, as opiniões mais dignas de crédito que tudo se aplanará em breve espaço. A Russia, segundo as mesmas opiniões, não quer, de modo algum, a renovação da guerra cujos resultados, contando com todas as probabilidades, seriam ainda mais desastrosos do que foram os primeiros. O Japão tambem não póde querel-a, devendo contar, sim, com os louros da vitória, mas sem compensações apreciaveis dos sacrifícios que fizeram, porque, para se

[345] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão*. Antes da Guerra (1902-1904). Porto: Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1905. p. 118.

[346] MORAES, Wenceslau de. *A vida japoneza*. Terceira Série de Cartas do Japão (1905-1906). Porto: Livraria Chardrom Lello & Irmão, 1907. p. 56.

> oppôr a taes compensações, levantar-se-hia agora contra elle a raça brancaem peso (...). Quanto ao incidente americano, anuncia-se já um acordo provável, reabrindo-se as escholas ás creanças dos residentes japonezes, em compensação de um novo regulamento repressivo, visando os trabalhadores nipponicos que pretendam emigrar para a república. Talvez assim se consiga uma aprazível suspensão dos azedumes, que ameaçavam complicar-se. O Japão, provavelmente, se mostrará conciliador; mas não lhe passando da memória, claro está, o que a lição lhe trouxe de substancial ensinamento. Já que aponta uma diminuição sensível nas importações vindas da América, era de esperar. Emfim, ficamos nós sabendo, e fica o Japão sabendo também, que o Commodoro Perry, vindo em 1853, em nome dos Estado Unidos americanos, impôs ao Japão, pela força, que abrisse as suas portas, esqueceu-se de dizer que assim era preciso, para que o estrangeiro pudesse entrar no sólo japonez, mas quanto ás portas da América, a republica reservava-se o direito de bater com ellas na cara dos nipponicos, quando estes com virtude de reciprocidade de conduta, para lá se dirigissem.[347]

Dois anos antes, em carta de 17 de maio de 1905, Moraes já havia comentado sobre a falta de equidade entre os ocidentais e asiáticos no que se referia ao transito livre em países estrangeiros. Segundo o cônsul, os países europeus e norte-americano defendiam as suas soberanias e liberdades, mas tolhiam os mesmos direitos as nações asiáticas. Isto é problematizado no trecho a seguir sobre a fala de uma autoridade política britânica:

> Há poucos dias, segundo nos informa o telegrapho, a voz auctorisada do presidente do ministério britânico proferiu, em pleno Parlamento, estas memoráveis palavras, a proposito da admissão de estranhos no Reino Unido: - " Nós somos perfeitamente justificados em determinar as condições, pelas quais devemos admitir os cidadãos das outras nações". – Ora, é claro: mas, conforme o sensato comentário de um jornal inglez impresso no Japão, os estadistas chineses e japonezes reprimirão a custo um sorriso sarcástico, ao lê-rem tão interessante telegramma. A fhrase que se apresenta com modos de sentença, é, fora de duvida, logicamente correcta; sendo cada qual livre de receber em sua casa, e com mais razão cada nação, o individuo ou indivíduos que muito bem quiser. No entretanto, parece que essa lógica occidental é destinada a curso exclusivo somente no Occidente".[348]

Como vimos acima, Moraes continuava a tratar das questões políticas, econômicas e internacionais, entretanto, ocorreu um aprofundamento das temáticas culturais. Outro aprofundamento também se deu na representação da mulher japonesa e do seu papel familiar e social. O tom de enaltecimento do Japão manteve-se do início ao fim das correspondências. Até mesmo o próprio Moraes, na carta de 25 de junho de 1912, questionou-se sobre a admiração que nutria pelo Japão e sua cultura, chegando à conclusão de que o que mais motivava a sua simpatia era o contato com o povo:

---

[347] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1907-1908)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. I, p. 32-33.

[348] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1907-1908)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. I, p. 43.

> Quando me suponho a pensar nas minhas sympathias internas pelo povo japonez, innegaveis, que me trazem acorrentado a esse paiz há não sei quantos annos sucessivos, acontece algumas vezes que a mim mesmo formulo esta pergunta: – não correrá, no meu sangue de europeu, algum sangue asiático, que explique, por affinidades naturaes, esta amoravel preferencia? ... – Mas não corre (...). Sou, meus senhores, um simples branco, um simples loiro, um genuino typo occidental (...). As minhas sympathias por esta gente encontram, porém, uma fácil explicação, sem ser preciso invocar outras. Eil-a: - na minha longa permanência no Japão, tenho mantido estreitas relações com o povo, o povo humilde e rude (...). O povo representa a classe mais interessante, mais sympathica, mais attrahente, da nação. Concentra em si as qualidades mais distintas que differenceiam um paiz de outro paiz. Possuem a maior massa de virtudes nacionais que inspiram piedade. O povo é o mais perfeito exemplar do animal humano, com meritos e defeitos, mas sem disfarces, sem hyprocrisia. Se quereis amar um paiz, passai, indifferente, diante da classe culta; passai, suspeitoso diante da classe operaria; parai em frente do povo, entrai em convivio com elle, ide passar horas tranquilas no seu lar, no seu albergue sem conforto. E eu tenho convivido com o povo japonez, durante longos annos.[349]

Para Moraes, o Japão apesar de sua modernização ainda preservava muitas características arcaicas que poderiam servir de exemplo para as demais nações. A tradição e a modernidade, ora separadas ora imbricadas, compunham o país que era observado e vivenciado dia a dia pelo cônsul. Na maioria das vezes as mudanças oriundas das importações culturais ocidentais não eram muito apreciadas, pois as tradições ancestrais e o exotismo do arquipélago iam se decompondo diante dos olhos de um homem europeu que idealizava um Japão forte, porém, totalmente independente, inclusive culturalmente. No entanto, Moraes tinha a percepção de que o mundo estava em constante mudança e que era inevitável, senão fundamental para a evolução do Japão, se "render" aos parâmetros da modernidade.[350] Falaremos mais sobre essas questões a seguir.

3.3 **Cartas do Japão: transformações sociopolíticas e culturais, modernidade e ocidentalização**

Tendo já falado sobre os aspectos gerais das *Cartas do Japão*, intentamos agora uma crítica mais precisa de certos tópicos, expostos no título acima. O foco da linha de análise proposta não é cronológico, mas sim temático. Faremos um exercício de idas e vindas na temporalidade das correspondências, pois, muitas vezes, um assunto que é retratado em um

---

[349] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1911-1913)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. III. p. 104.

[350] "Póde pôr-se em duvida se os japonezes de hoje, do Japão moderno, são mais felizes do que os japonezes do Japão antigo. Mas a evolução era fatal, impunha-se ao Japão, como se impõe a todas as nações". MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1911-1913)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. III. p. 107.

determinado ano é retomado tempos depois ou complementado. O intuito dessa operação é compreender a perspectiva de Wenceslau de Moraes sobre o Japão moderno e sua relação com o Ocidente, noticiadas em suas correspondências a *O Commercio do Porto.*

Como já informamos nos capítulos anteriores, a partir de 1868, com a Restauração Imperial, o Japão iniciou uma nova fase histórica: "A radical transformação politica que o paiz sofreu n'aquelle anno, marca o ponto de partida do seu grande desenvolvimento, como acontece com todas as outras actividades modernas d'este povo".[351] Quando o imperador Mutsuhito faleceu, em 31 de julho de 1912, Moraes escreveu uma carta aos leitores do jornal português relatando todos os cortejos e a tristeza do povo japonês com a perda do soberano. Mas, para além das informações sobre o luto no país, também fez questão de frisar o quanto o Japão avançou a partir da Era Meiji:

> O imperador Mutsuhito teve um longo reinado de 45 annos. Nenhum reinado de soberano japonez foi mais glorioso do que o seu. Podemos dizer mais: - nenhum reinado de soberano dos tempos modernos, sem distinção de paiz, igualou este em glorias, em brilhantismo, em triumpho, em vertiginoso avanço na senda do progresso. Para que não alcunhe de exagero o que acabo de escrever, basta que formule aqui estas perguntas, ás quaes o leitor responderá, em consciencia: - Qual é o paiz que, n'um periodo de 45 annos, emerge do retrahimento absoluto, da absoluta cegueira em materia de evolução mundial, da absoluta insignificancia politica, para se elevar prodigiosamente pelo caminho das ideias modernas, educando-se em todas as sciencias, em todas as industrias, firmando o seu acrisolado patriotismo com duas guerras gigantes, gloriosas, cruzando as armas contra duas potencias enormes – a China e a Russia- collocando-se, finalmente, ao lado das primeiras potencias mundiaes?...[352]

A afirmação a seguir está bem concatenada com o que foi exposto acima: "o facto é este: homens amarelos souberam sacudir o julgo de homens brancos; o que prova capacidade, e, conseguintemente, legalidade".[353] O contexto a que Moraes se referia tinha relação com o desfecho da Guerra Russo-Japonesa, contudo, também seria adequado e apropriado para qualificar a posição ocupada pelo Japão, no final do século XIX e início do XX, no cenário mundial. Apesar de ainda enfrentar tensões internacionais, crises econômicas e políticas, por conta da expansão militar, o Japão havia conseguido independência dos países ocidentais e começava a despontar como um conquistador imperialista. Sobre isso Moraes escreveu: "Já hoje não é permittido a ninguem ignorar que o imperio japonez é uma grande nação, pesando

---

[351] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão.* Antes da Guerra (1902-1904). Porto: Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1905. p. 285.

[352] MORAES, Wenceslau de. MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1911-1913).* Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. III. p. 109.

[353] MORAES, Wenceslau de. *A vida japoneza.* Terceira Série de Cartas do Japão (1905-1906). Porto: Livraria Chardrom Lello & Irmão, 1907. p. IX.

politicamente na balança do Mundo e impondo-se pelas suas energias e pelas suas actividades produtoras".[354]

Para Moraes, quando os ocidentais forçaram o Japão a sair do isolamento, só restaram ao arquipélago duas opções: submeter-se, seguindo o mesmo caminho dos demais países orientais, ou apropriar-se do conhecimento necessário para o seu fortalecimento. Os nipônicos, então, escolheram a segunda.[355] Nas palavras do cônsul:

> A sua antiga civilisação asiática era bem delicada e talvez bem mais racional do que nossa, e os japonezes são os primeiros a reconhecel-o; mas, se n'ella continuasse perserverando, o Japão seria hoje mui provavelmente uma simples colonia de qualquer Estado da Europa ou da America. – Sacrifique-se a civilisação dos antepassados, mas salve-se a independencia da patria- foi a divisa moral que impeliu os japonezes nos seus progressos.[356]

Esse assunto já tinha sido discutido na carta de 29 de abril de 1903:

> O Japão não carece só de impôr-se para defender o seu próprio território. Este paiz vivia até ha pouco isolado do mundo inteiro, e parece mesmo que vivia muito bem, dando-lhe tudo o solo e não precisando dos estranhos. Mas bateram-lhe á porta os estrangeiros e obrigaram-no pela força a abrir os seus portos, a entrar em relações com elles e a moldar-se pela sua civilisação. Os japonezes, cujo elevado patriotismo lhes não consentia que vissem o seu paiz transformado n'uma colónia da Europa ou da America, como talvez a Europa ou a America houvessem imaginado, acceitaram a imposição, civilisaram-se à nossa moda, crearam novas necessidades e tornaram-se, como era formoso que succedesse para se manterem, um povo industrial e commercial, interessado nas grandes actividades mundeaes.[357]

Nas palavras do cônsul português, desde que o Japão entrou em contato com o mundo "civilizado" o seu desenvolvimento econômico crescente foi notório. Vejamos no texto abaixo com dados estatísticos da época:

> O imperio do Japão entrou no seu novo regimen politico e administrativo, e como consequencia em convivio com o mundo europeu, em 1868. Em 1872, a sua população era de habitantes, 33.110:793, em 1879 de 35.768:847, em 1889 de 40:072:020, em 1899 de 44.260:604. Em 1869, o rendimento do Estado foi de

---

[354] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão*. Antes da Guerra (1902-1904). Porto: Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1905. p. 65.

[355] "Fomos nós, os occidentaes, que a impozemos, obrigando o Japão a sahir do seu mysterio, a abrir as suas portas á invasão dos brancos. O fferecia-se ao paiz do Sol Nascente uma de duas normas de conducta: ou persistir na sua civilisação classica e perecer as nossas mãos, tornando-se uma colonia a mais de qualquer Estado europeu; ou emancipar-se da tradição, civilisar-se a nossa moda, armar-se ate os dentes, impor-se ao respeito mundial, manter a sua independencia. Optou pela segunda hypotese". MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1907-1908)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. I, p. 232.

[356] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão*. Um Anno de Guerra. (1904-1905). Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1906. p. 161.

[357] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão*. Antes da Guerra (1902-1904). Porto: Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1905. p. 148.

> 34.438:400 *yens*: (1 *yen* = 500 réis) e a despeza de 20.785:840 *yens*; no actual anno economico de 1902-1903, o rendimento é de 282.432:964 *yens* e a despeza de 281.753:195 *yens*. O valor total da exportação foi em 1874 de 21.635:441 *yens*, em 1894 de 113.246:086 *yens*; o valor total da importação, para os mesmos annos, foi de 28.107:300 *yens*, e de 255.816:645 *yens*.Estes numeros eloquentissimos foram copiados da publicação ofíicial, «Financial and Económica! Anuual of Japon », de 1902. Accrescente-se que as industrias modernas, os caminhos de ferro, as Companhias de Navegação, todas as manifestações, emfim, da actividade publica, téem tido um notabilissimo impulso de anno para anno, desde que o Japão entrou em convivio com o mundo civilisado.[358]

O Japão cresceu e desvencilhou-se da colonização desse "mundo civilizado". Moraes também refletiu sobre isso quando abordou o tema do imperialismo. O escritor procurou de forma questionadora problematizar as ações dos ocidentais contra o Japão e demais povos explorados, inclusive, criticando a sociedade moderna e seu pacifismo considerado hipócrita. Na carta de 11 de março de 1908 essas questões foram discutidas:

> A doçura dos modernos costumes e a nova orientação dos philantropos só condemnam as contendas de brancos contra brancos; não de modo algum, por exemplo, de brancos contra pretos; podendo, pois, os nossos canhões de aço ir continuando a metralhar o gentio indefeso nos sertões, se que a rhetorica lacrimosa dos congressos pacifistas nos venha importunar com seus zumbidos.[359]

Uma das questões que o correspondente apontou foi que a dominação do homem branco e o seu senso de superioridade precisavam sucumbir.[360] Segundo Moraes, "o europeu de hoje pensa que elle é superior a todos os outros homens, e veio ao mundo para dominal-o; é conveniente demolir tambem esta chimera".[361] De acordo com Laborinho, para o autor das cartas, "a vitória de um povo não-branco e asiático sobre uma grande potência europeia, a Rússia, marca o despertar dos movimentos de libertação dos povos oprimidos e explorados. E, em simultâneo, o declínio das potências europeias".[362]

A criticidade de Moraes em relação às ações imperialistas ocidentais ficou bem

---

[358] Ibidem, p. 67.

[359] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1907-1908)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. I, p. 209.

[360] Na carta de 29 de janeiro de 1908 esse pensamento foi expresso por Moraes ao afirmar que "a orgulhosa ignorância occidental – falando só de nós – adimittia para si privilegios exclusivos, considerando como párias os povos de outra côr. Lições tremendas da éra em que vivemos vão demonstrando que não existem distincções radicais da humanidade, que dotes comuns animam todos os homens, que somos todos irmãos pelo sangue, pela civilisação, pelos ideaes". MORAES, Wenceslau de. *Op. cit*., vol. I. p. 174.

[361] MORAES, Wenceslau de. *A vida japoneza*. Terceira Série de Cartas do Japão (1905-1906). Porto: Livraria Chardrom Lello & Irmão, 1907. p. 20.

[362] LABORINHO, Ana Paula. *O essencial sobre Wenceslau de Moraes*. Lisboa: Editora Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 46.

evidente na carta de 13 de dezembro de 1903. Nessa correspondência, transcreveu um artigo de Lanessan, político francês que governou a Indochina, publicado no jornal francês *L' lndépendance Belge*. Nesse artigo, Lanessan falava sobre o perigo recorrente para as nações ocidentais de uma aproximação entre a China e o Japão. E alertava que a China poderia se fortalecer através da instrução japonesa. Se isso ocorresse, as potências imperialistas europeias e norte-americana sentiriam com a perda dos privilégios comerciais impostos a China. Moraes se mostrou admirado com o que chamou de "falta de imparcialidade" do francês, que só julgava as perdas ocidentais, mas não considerava o jugo das mesmas sobre as nações asiáticas. Seus argumentos foram:

> Que deve o Extremo-Oriente ao Occidente, estorvado na sua velha civilisação patriarchal, muito differente da nossa, mas não inferior em muitos pontos, pela invasão dos cobiçosos, dos insaciáveis da conquista? Deve-lhe a perda de innumeros retalhos do seu solo, deve-lhe as intrigas dos missionários e muitas cousas mais. (...) E não se diga que a acção expansiva dos occidentaes na China, se não é justificada pelas sympathias dos naturaes, é-o, todavia, plenamente pelo bem que resulta para as duas famílias europeia e americana, que constituem a facção mundial; por excellencia civilisadora, illustrada, humanitária, virtuosa; sendo o que é bom para ella, bom para a humanidade inteira. E grave soberbia o arrogarmos-nos estes privilegios... A nossa raça é actualmente a primeira em actividades de orientação pratica, em inventos mechanicos, o que atorna dominante no momento histórico presente; mas isto não quer dizer que seja a melhor, nem que a sua supremacia seja eterna, nem que á asiática, por exemplo, não caibam também um dia as mesmas honras.[363]

O cônsul português expôs que a China estava sendo usurpada e impedida de se desenvolver, devido à ambição desenfreada dos ocidentais. Por causa da Inglaterra, o ópio estava sendo comercializado livremente e destruindo a população chinesa e o seu modo de vida. Apesar de discordar de várias observações de Lanessan, em um ponto Moraes corroborava as suas ideias sobre a potencialidade da influência japonesa sobre a China. Para o cônsul, o processo de modernização e fortalecimento por que passou o povo japonês serviria de exemplo motivacional para os demais países asiáticos.[364] O Japão, mesmo que não tivesse assumido esse papel, poderia ser o libertador das nações oprimidas da Ásia. Como foi a primeira nação oriental a conquistar independência e reconhecimento dos ocidentais, caberia a

---

[363] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão*. Antes da Guerra (1902-1904). Porto: Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1905. p. 275.

[364] Na carta de 14 de agosto de 1908, Moraes afirma que "os japonezes, sem proposito formado, inconscientemente, rasgaram vastíssimo horisonte ao ideal dos povos opprimidos, deram nascença a uma moral inteiramente nova, que visa os direitos das raças de côr, até agora desprezados. E, ou as apparencias enganam muito, ou este seculo XX, apenas em comêço, vai distinguindo-se na historia por uma palpitante evolução dos asiáticos e dos africanos, na conquista do bem e da ventura. MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1907-1908)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. I. p. 260.

Terra do Sol Nascente essa missão. Na carta de 7 de agosto de 1907, Moraes fez a seguinte colocação:

> O Japão tem manifestamente uma enorme missão a cumprir, a qual poderá ou não levar a cabo, mas parece que levará. Tal missão é a de acordar energias latentes na massa inteira das populações asiaticas, chamando-as a comprehenção dos seus direitos, ao amor de suas tradições e do sólo patrio, ao trabalho proficuo, á marcha progressiva das civilisações, á integração asiática, emfim; e chamando-as também, como consequencia impreterivel, á conquista de sua independencia, hoje compromettida pelos brancos.[365]

Diante desse contexto apontado, para os ocidentais o Japão representava o "perigo amarelo". Moraes o definiu como "o perigo que as nações occidentaes, representadas principalmente pela Europa e pela America, julgam ver para os seus interesses n'um grande desenvolvimento moral e economico das nações extremo-orientaes, impellidas pelo sôpro vivificador do povo japonez.[366] O receio das nações ocidentais imperialistas era de que o Japão, como a primeira potência do Extremo Oriente, através da sua influência, direcionasse os países vizinhos para a liberdade e a independência.

O medo do "perigo amarelo" possuía certos fundamentos, pois o Japão ansiava pela hegemonia sobre as nações do Extremo Oriente. Do ponto de vista econômico e político, a integridade dos territórios asiáticos era importante; não era vantajoso para o Japão a partilha da China e da Coreia pelos europeus e norte-americanos. Vejamos a colocação de Moraes a respeito de como era vital para o Japão a relação econômica com os demais países do Extremo-Oriente, na carta de 28 de maio de 1904:

> Resumindo: a França admitte o povo amarello como uma vacca leiteira para seu uso, a qual vá mugindo emquanto ella tem leite, e se nada mais. Se a vacca escouceia, indigna-se e põe-se de lado dos outros sujeitos que tambem se servem da mesma vacca para idênticos ou peores fins. O que França não admitte, e com ella, diga-se toda a verdade, a grande maioria das nações occidentaes, é que uma tribu d'estes amarelos, à qual impozemos a nossa civilisação, a adaptasse a si tão bem, que se erga agora forte e instruida e pretenda defender a sua integridade e os seus interesses, pretendendo defender tambem a integridade e os interesses dos povos visinhos, menos fortes, com as quaes conta naturalmente para o agradecimento pacifico da própria expansão e das próprias actividades. O Japão não nutre o designio de arrancar a França um de suas províncias, ou á Allemanha, ou á Italia, ou outra nação qualquer occidental; protesta apenas, com os meios que póde dispor, contra a conquista que algumas d'aquellas nações intentam no sólo asiático e que evidentemente equivalerá a uma enorme barreira contra o seu commercio, pois a

---

[365] MORAES, Wenceslau de. *Op. cit.*, 1928, vol. I. p. 93.

[366] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1911-1913)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. III. p. 22.

> Asia é e tem que continuar ser o seu natural cliente, e sem o tal cliente o Japão não pode viver.[367]

Concluindo essa linha de raciocínio sobre o imperialismo, podemos intuir que o posicionamento de Moraes era contra a dominação europeia e norte-americana no Extremo-Oriente. No entanto, quando se referiu às ações imperialistas do Japão, o tom foi mais condescendente. Segundo Moraes, como já foi dito, o Japão era uma espécie de exemplo a ser seguido e o único país capaz de libertar os outros países asiáticos do jugo ocidental. Mas, para que isso ocorresse, deveria tomar as rédeas da situação política e econômica desses países e até subjuga-los, se fosse o caso.[368] Era o verso e reverso de uma mesma moeda: a Ásia para os japoneses, assim como a "América, para os americanos", como disse James Monroe. O discurso de Moraes para justificar a dominação japonesa era o mesmo utilizado pelos imperialistas europeus: as demais nações asiáticas careciam de uma luz indicadora para o caminho da civilização, e essa luz seria o próprio Japão.

Esse caminho da civilização só foi alcançado pelos nipônicos devido à sua capacidade assimiladora. O que muitos ocidentais chamavam de dom da imitação ou cópia, Moraes preferia denominar de adaptação ou nacionalização. Para ele, graças a essa característica aglutinadora é que o Japão conseguiu chegar ao patamar de nação moderna. Na carta de 18 de agosto de 1904, pronunciou-se sobre isso:

> Uma das características do feito moral dos japonezes mais frequentemente citada, sobre a qual o humorismo dos criticos mais ironicamente se tem manifestado é, sem duvida, o seu dom de imitação, a que eu julgo melhor dever chamar adaptação, nacionalização. Effectivamente, nenhum povo como o japonez tem tanto melhores provas de suas qualidades imitativas, apropriando as manifestações das civilizações estranhas, adaptando-as no seu meio: mas taes qualidades, em que muitos intencionalmente só respingam ridiculos e themas faciosos, afiguram-se-me, pelo contrario, altamente meritorias, devendo a elllas o imperio nipônico a surprehendente evolução dos seus progressos e a proeminente situação que ocupa hoje na sociedade das nações.[369]

Moraes expressava admiração com a flexibilidade apresentada pelo japonês diante das adversidades do mundo moderno. Sempre, no entanto, demonstrou pesar por algumas

---

[367] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão*. Um Anno de Guerra. (1904-1905). Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1906. p. 98.

[368] Na carta de 27 de setembro de 1904 esse posicionamento é declarado. Moraes explica que "as condições actuais da Coréa, chamada irrisoriamente *um imperio*, e o que se deve esperar ainda, mereceriam sincera piedade do observador imparcial, se não se tornassem evidentes o cahos interno em que labuta e a miseria irremediavel do povo entregue á sua simples iniciativa; por outro lado, a posição geographica da Coréa, tornando-a a chave do mar do Japão, desenvolve taes cobiças, que fatalmente este paiz em decadencia deverá sofrer o jugo dos russos ou dos japonezes; sejam, pois, os japonezes, como a solução mais justa do problema. Idem, p. 181.

[369] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão*. Um Anno de Guerra. (1904-1905). Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1906. p. 123.

consequências advindas das relações interculturais e nostalgia de um passado tradicional, sob alguns aspectos, relegado. Como foi discutido no capítulo anterior, as relações estabelecidas desde a abertura do arquipélago com os europeus e norte-americanos, implicaram em mudanças não apenas nas esferas política e econômica. O processo de modernização e ocidentalização teve impacto nas relações sociais e culturais. Alguns desses impactos, segundo Moraes, não foram tão benéficos, pois atingiram o âmago do "ser japonês".

Para alguns japonistas, os nipônicos apresentavam um alto senso moral, enquanto os ocidentais degeneravam-se cada vez mais. Assim como o cônsul português, Aluízio Azevedo afirmava que o Japão só teria a perder se relacionando com as grandes potências imperialistas, pois "não tardaria a adquirir as mesmas taras congenitais (desrespeito dos valores cavalheirescos, ambição desmedida, decadência das velhas formas de arte em proveito do industrialismo banal etc.)".[370] Por isso, Moraes julgava que o povo nipônico não deveria se ocidentalizar demais, para que não perdesse a sua "pureza de espírito". Na correspondência de 10 de março de 1904 essas questões de ordem moral ocidental foram assim apresentadas:

> O solitário que considero, vê-se mesmo impellido a admittir desde já indicios prenunciadores da decadencia do branco. O enfraquecimento physico do homem ocidental é manifesto. Quando este duro aviso não bastasse, outros symptomas de ordem moral se apresentam, embora custe confessal-os. São eles a lenta dissolução dos laços de família, dos brios civicos, da honestidade publica, a crescente venalidade das cosciencias, a mingua de escrupulos, a ausencia de ideal, o gradual rebaixamento moral, emfim, das sociedades.[371]

Em outra carta, anos mais tarde, de 10 de dezembro de 1911, Moraes voltou a falar sobre o assunto da moralidade ocidental, mas enfatizando a perversão dos hábitos chineses. Após uma longa reflexão acerca das rápidas mudanças que ocorriam em seu tempo e de como dia a dia as características dos povos tendiam a desaparecer e a se igualar, demonstrou inquietação e desagrado com o fim do uso do rabicho chinês. O fim do penteado, significava muito mais do que uma mudança estilística, simbolizava o abandono de uma era de distinção e de orgulho:

> Vai-se o rabicho, e com elle ir-se-hão tambem as lindas cabaias de sêdas magnificas, os barretes encimados pelo botão hierarchico, os gestos graves, muitos usos interessantes e muitas qualidades apreciaveis dos chinezes; e estes, transformados,

---

[370] AZEVEDO, Aluízio. *O Japão*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão; Ministério das Relações Exteriores, 1986. p. 17.

[371] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão*. Um Anno de Guerra. (1904-1905). Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1906. p. 21.

> finalmente, postos à moda occidental, aparecer-nos-hão um bello dia em bandos de gente qualquer, rostos lembrando os de estranhos mestiços, chapelinho de palha á fadista, jaquetão sordido, calças esfarrapadas, sapatos rotos; e das bôccas alvares, explodirão imprecações, dictadas, pelo alcoolismo torpe que se absorve com o whisky, nas tavernas.[372]

Para além da questão moral, outras implicações da ocidentalização eram encaradas com apreensão. Na carta de 06 de junho de 1906, o cônsul explicitou bem sua preocupação com a incorporação dos moldes ocidentais na sociedade, pois julgava que o povo japonês, com isso, perdia suas características autóctones primorosas:

> O Japão ocidentalisa-se. A julgar pelas simples aparências do povo japonez, a julgar pelas rápidas modificações que se operam no seu traje, nas suas maneiras, nos seus habitos. (...) Especialisando os novos e ainda mais as raparigas; estes nipponicos acariciados pelas recentes glórias, sentem uma notável necessidade de viver como nós, a nossa moda. O facto deveras lamentavel, para aquelles que precisamente sympathisam com o Japão pelo seu cunho originalissimo, que fazia dele um povo a parte, differente de tudo que era visto, de certo modo, um povo eleito, com seus defeitos por certo – porque não era um povo anjo- mas sem os defeitos nossos, o que já era muito bom... Com esta febre imitativa receamo nós, os seus amigos devotados que, com o correr dos tempos, os defeitos próprios se acumulem os defeitos alheios (...). Transformando-se assim, possivelmente essa família abençoada n'uma quinta essencia de tudo que há de mau por este mundo! O mundo occidental offerece com effeito, n'este momento historico, um triste quadro, imprópria para imitar-se. A velha Europa minada de corrupções, de rivalidades, de estultas ambições de degenerados, de mil interesses que se degladiam, parece ir soçobrando (...). Mas, a jovem América não se encontra melhor. É isso que o Japão quer imitar? [373]

Nesta última correspondência fica bem evidente o posicionamento de Moraes em relação à ocidentalização no Japão. Outro ponto discutido nas *Cartas do Japão* se refere ao perigo da miscigenação. Herbert Spencer já havia alertado sobre isso em consultorias ao governo japonês sobre as ameaças que o Japão corria ao se relacionar com as nações ocidentais.[374] Na carta de 10 de março de 1904 Moraes esclareceu mais sobre a visão de Spencer e mostrou que compartilhava do mesmo pensamento no que se referia à mistura de raças:

---

[372] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1911-1913)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. III. p. 56.

[373] MORAES, Wenceslau de. *A vida japoneza*. Terceira Série de Cartas do Japão (1905-1906). Porto: Livraria Chardrom Lello & Irmão, 1907. p. 122.

[374] Kenneth Henshall explica que "Spencer era tido em tão alta consideração que foi consultado particularmente pelas mais altas instâncias do governo de meados do Período Meiji para os aconselhar sobre as melhores políticas para o país. A sua resposta, numa carta de 26 de Agosto de 1892 (...), entre outras coisas, aconselhava que a política japonesa deveria ser a de manter os Americanos e os Britânicos tanto quanto possível a distância. Deveria ser proibido o acesso à propriedade por parte dos estrangeiros, estabelecer restrições aos direitos dos estrangeiros a fazer negócios e a raça japonesa deveria ser mantida pura, não se cruzando com estrangeiras". HENSHALL, Kenneth. *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, 2004. p. 117.

> Escripta por Herbert Spencer, o eminente pensador inglez a pouco falecido, e dirigida ao barão kanedo, politico japonez, occupando recentemente o logar de ministério de Tokio. Spencer, que mantinha relações muito intimas com o barão Kanedo, expunha-lhe em forma de carta, há cerca de 12 annos, as suas opiniões pessoaes sobre este paiz; tal carta só agora acaba de ser dada a publicidade (...). Com relação aos casamentos entre japonezes e estrangeiros, o filosopho inglez é categorico, aconselhando terminantemente que sejam prohibidos taes enlaces. Os mestiços, quer se trate de sêres humanos ou de outros animaes, dão sempre maus produtos quando entrem em jogo variedades muito dissimilhantes, principalmente a partir da segunda geração; taes produtos traduzem uma tão incalculavel mistura de caracteres, que bem póde chamar-se-lhes organazações chasticas; e é isto que se dará, fatalmente, com os japonezes, se não se esforçarem por conservar a sua raça afastada quanto possivel das outras raças. (...) O que ressalta, sem duvida alguma, d'estas considerações é como que um desejo carinhoso de que a familia japoneza, como uma tribu de eleição, se mantenha pura de outros contactos e ciosa do seu sólo, para prosseguir no desempenho dos seus destinos; quando um tal desejo emana de um vulto como Herbert Spencer, uma das grandes glorias da humanidade intelectual, o conceito não deve passar despercebido e correr na enxurrada das banalidades.[375]

Anos depois, na carta de 25 de março de 1911, Moraes voltou a falar sobre a temática da miscigenação e persistiu na mesma visão expressa acima:

> Fallando geralmente, o mestiço, cuja resistencia para vida, como animal humano, está longe de ficar provada nos exemplos fortuitos com que acaso deparamos, será sempre, como typo moral, um soffredor; sofrendo pela intima lucta entre duas mentalidades tão distinctas, que herdou, a do pai e a da mãe, mentalidades irreconciliaveis. Quando a população mestiça abundasse o Japão, a ponto de pesar na orientação pensante do seu povo, o imperio haveria perdido a sua maravilhosa homogeneidade ethica que hoje lhe notamos e que tanto tem influido em seus triumphos.[376]

Para além da questão moral e da miscigenação, outros aspectos da aproximação japonesa com os ocidentais foram debatidos por Moraes. De forma mais pontual, analisaremos as influências ocidentais que, segundo o cônsul, de alguma maneira "empobreciam" a cultura tradicional japonesa. Comecemos pelas transformações encontradas no campo das artes.

Wenceslau de Moraes era um apreciador das artes orientais, sobretudo, a nipônica. Para o cônsul português, as influências ocidentais nas representações artísticas significavam um desvio de rota, algo que não acrescentava, mas sim diminuía. Fez uma crítica ao que chamava de universalização das artes, a padronização modernizadora, que diminuía o refinamento das artes tradicionais japonesas. Nesse sentido, os artistas ao tentar se "adequar"

---

[375] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão*. Um Anno de Guerra. (1904-1905). Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1906. p. 22.

[376] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1911-1913)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. III. p. 33.

aos padrões estéticos europeus, imitando seus formatos e técnicas, estariam perdendo sua identidade. Segundo Moraes, a busca evolutiva deveria ser feita dentro de seus próprios eixos e não com apropriações externas. Na carta de 30 de junho de 1903, ao falar sobre a Exposição de Osaka, destinada a divulgar produtos estrangeiros, a insatisfação com as assimilações artísticas ocidentais ficou patente:

> No palácio das Bellas-Artes é que o visitante soffre uma verdadeira decepção. As numerosas pinturas expostas denunciam uma preoccupação de *réclame*, do modernismo, de arremedo de arte europea, que muito as prejudicam. A pintura nacional, que é a aguarella sobre sêda, dedicada a assumptos graciosos e singelos, é encantadora de mimo e suggestão; ora, os enormes quadros da Exposição de Osaka apenas muito de longe, em geral, nos dão ideia d'esse encanto. Com respeito a esculptura, os japonezes, que são admiráveis nas miniaturas em marfim, como attestam em todos os museus as suas deliciosas *netsuké*,[377] dão-se agora a trabalhos gigantescos, em que as figuras se apresentam em grandeza natural, ou mais do que natural, despidas de todo o enlêvo. Morreu a arte japoneza? Não o creio; mas encontra-se n'uma phase infeliz, embebida de ideias evolutivas, de imitação. Emquanto os homens se distinguirem entre si em grupos de differente sentimentalidade, de differentes aptidões estheticas, a arte não pode ser uma, nem sujeitar-se [sic] a regras universaes, mas sim manifestar-se segundo as qualidades sensitivas de cada um d'esses grupos, que constituem em geral as nações. É d'isto que conviria que os japonezes se compenetrassem, lembrando-se de que a sua individualidade moral ó distinctissima da dos povos occidentaes, e de que a sua arte, para não cahir na vulgaridade, tem de ser exclusivamente japoneza, melhorando-se sem duvida pela evolução, mas seguindo sempre as tradições dos seus grandes mestres.[378]

Outro aspecto que incomodava o cônsul português eram as incorporações de atividades estrangeiras no cotidiano japonês. Na carta de 15 de maio de 1908, expressou seu descontentamento com certas importações culturais presentes no meio urbano:

> Ao lado da simples vida do povo, desenrola-se – falando especialmente dos grandes centros – a vida das classes cultas, formadas pelo alto commercio, pelo funccionalismo official, pelo exercito e pela armada, já bastantemente complicados de costumes e de sentimentos de importação, traduzidos da nossa civilisação occidental. O modernismo alastra-se, como uma grande nodoa de azeite, e chegará

---

[377] Netsuke são pequenas esculturas de marfim ou madeira. "Há os katabori (temas esculpidos), os kagami-buta (em forma de pequenos recipientes com tampas), os manjû (em forma de botão), e os ryûsa (com trabalhos vazados). Há também os nesuke de forma oblonga chamados sachi-netsuke e os ichiraku (numa espécie de vime fino). Entretanto, alguns netsuke podem simplesmente ter a forma de um objeto usual, como uma pequena pá (que serve de cinzeiro). Os katabori-netsuke são os mais procurados, pois frequentemente são magníficas obras de arte em miniatura, representando máscaras, animais, personagens de lendas, vegetais, flores, frutas, peixes e crustáceos. A imaginação dos escultures de nesuke (que às vezes também eram pintores ou gravadores em metal) não conheceu limites". FRÉDÉRIC, Louis. *O Japão – Dicionário e civilização*. São Paulo: Editora Globo, 2008. p. 866.

[378] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão.* Antes da Guerra (1902-1904). Porto: Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1905. p. 190.

> um dia a todos. É uma lastima!... (...). No entretanto, não podemos condemnar similhante transformação.[379]

Em outra de suas correspondências, de 29 de agosto de 1903, esclareceu por meio de uma exemplificação pontual o seu desagrado com as importações ocidentais. Explicou que no período de férias, devido ao calor extenuante, as pessoas se refugiavam nos campos próximos às cidades. Mas essa atividade de lazer não o atraía, pois havia poucas atividades nativas para se fazer, restando apenas as ocidentalizadas. Ir para campos mais afastados, com ausência de estrangeiros, o impossibilitaria de estar a par dos assuntos das cidades, então preferia não se deslocar:

> Ora eu não vou para o campo, faço excepção a grande corrente de viajeiros, fico no meu nicho habitual. Isto, meus senhores, por vários motivos, sendo o primeiro o detestar cordealmente o *campo offlcial*, consagrado pela moda, nas visinhanças da cidade e por isto ofterecendo grandes commodidades, mas enfadonho pelos hábitos da pragmática que os estrangeiros ali implantaram desde alguns annos, pelo seu t*ennis* que é preciso jogar, pelo seu *wisky* que é preciso beber, pelas suas damas deslambidas que é preciso cortejar, O campo que eu adoro, aqui no Japão, e que me convida a longas horas de paz, durante estas calmas supremas, o campo distante, afastado dos centros, dos caminhos de ferro, quasi inaccessivel à praga dos *touristes*; e onde, à paizagem pittoresca e agreste, à doce frescura das ribeiras, à densa sombra das florestas, se allia o caracter hospitaleiro e respeitoso do japonez ainda não pervertido pelo contacto com os europeus, guardando todos os seus velhos costumes e todas as suas velhas usanças.[380]

Na fala de Moraes percebe-se uma recusa do novo, uma recusa do Japão enquanto um país moderno. Por isso, a busca por lugares mais afastados dos centros urbanos, mais primitivos, onde a modernização ainda não havia chegado e alterado de forma drástica os costumes tradicionais. Contudo, mesmo nesses recônditos o progresso chegaria e afetaria os hábitos incutidos pela ancestralidade nipônica. Em 1 de novembro de 1908, Moraes falou sobre uma festividade nacional que aos poucos foi se deslocando para os lugares mais afastados, por conta da modernização dos costumes. Seu receio era de que o Bon-odori (festas dos mortos) desaparecesse por completo.

> A festa dos mortos era sempre commemorada com dansas e cantigas caprichosas, variando nos detalhes de provincia para provincia, mas todos com o mesmo intuito de divertirem os defuntos. O modernismo vai acabando com tal uso, que apenas persiste em algumas aldeias e cidades provincianas, afastada dos grandes centros do progresso; mas, em breve, as dansas dos mortos, Bon-Odori, de todo acabarão,

---

[379] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão* (1910-1913). Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928. p. 232.

[380] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão* (1910-1913). Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928. p. 219.

> porque o progresso, sem excepção para o Nippon, é o pertinaz demolidor das crenças e práticas commoventes, ingênuas, do bom povo.[381]

Para Moraes a modernização, assim como o progresso material, possuía alguns efeitos negativos. Assim como Baudelaire, décadas antes, encarava o progresso material dos tempos modernos com desconfiança e incredulidade,[382] Moraes também não via nele garantias de desenvolvimento para a humanidade, e na carta de 1º de março de 1911 expressou isso:

> O que vai se manifestando tristemente é que, à medida que a sciencia avança em seus progressos, o problema humano mais intrincado se apresenta. O aeronauta domina o espaço; a eletricidade alcança maravilhas; a balistica faz prodigios; mas como salvar a humanidade da miséria que é inherente aos seus destinos?[383]

Um dos efeitos negativos do progresso material na modernidade foi relacionado à saúde mental das pessoas. Na carta de 4 de fevereiro de 1911, foram feitas considerações acerca das causalidades modernizadoras na vida dos japoneses. Em seus relatos, Moraes sempre utilizava, além das informações obtidas pela observação e contatos que possuía como cônsul, as matérias jornalísticas das cidades onde se encontrava. Isso auxilia um pouco na compreensão do que era relevante ser noticiado na época. As fontes locais nos orientaram sobre os assuntos e temáticas recorrentes no período abordado. Moraes atribuiu, de acordo com um discurso de autoridade médica anunciado, que os japoneses estariam sofrendo consequências psicológicas por causa da modernização e adequação as novas condições sociais:

> Diz um jornal local que, na opinião do doutor Goto, diretor do hospital de doenças cerebrais, em Tôkyo, o numero de indivíduos soffrendo de perturbações mentaes é, no Japão, proporcionalmente superior ao que se nota em outros paizes. Na

---

[381] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1907-1908)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. I. p. 257.

[382] No texto sobre a Exposição Universal de 1855, Baudelaire pronunciou-se sobre a ideia moderna de progresso. Baudelaire acreditava que o progresso material, como o vapor, a eletricidade, iluminação a gás, não deveria ser confundindo com o progresso moral ou espiritual. O autor fez então um questionamento: "Se os víveres hoje são mais baratos e de melhor qualidade do que os de ontem, isso é um progresso incontestável na ordem material. Mas, por favor, onde está a garantia de progresso para o futuro? Pois os discípulos dos filósofos do vapor e dos inflamáveis químicos a entenderam assim: o progresso só lhes aparece sob a forma de uma série indefinida. Onde está essa garantia? Ela não existe, afirmo, a não ser em nossa credulidade e em nossa fatuidade. Deixo de lado a questão do saber se, tornando mais complexa a humanidade na proporção dos novos prazeres que lhe traz, o progresso indefinido não seria sua mais engenhosa e cruel tortura se, procedendo por uma obstinada negação de si mesmo, ele não seria um modo de suicídio sempre renovado, e se, enclausurado no círculo de fogo da lógica divina, ele não se assemelharia ao escorpião que pica a si mesmo com sua temível cauda, esse eterno *desideratum* que gera seu eterno desespero". BAUDELAIRE, Charles. *A modernidade de Baudelaire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 37.

[383] Moraes, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1911-1913)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. III. p. 58.

> Inglaterra, a percentagem de pacientes é de de 399 por 100.000 pessoas da população; em Nova York, é de 399; no Canadá, é de 238; na Suissa, é de 224; na Alemanha, é de 191; em França, é de 177; no Japão, a percentagem é de 500 pessoas por 100.000 da população. Comquanto seja impossivel obter aproveitáveis estatística nos tempos anteriores, é provável que se tenha dado um certo aumento de casos de loucura entre os japonezes, devido a brusca mudança nas condições de vida social e politica do povo, a partir do inicio da presente evolução do império, isto é, há cerca de uns cinquenta annos para cá. Por muitos séculos, este povo viveu praticamente excluído do contato com o mundo inteiro; consequentemente, os seus nervos encontram-se debeis, incapazes de suportarem os impulsos da pressão exterior. Sem aviso prévio, que o preparasse para a grande transformação, eil-o envolvido de surpresa na effervescente actividade do século XIX. Não deve, pois, surprehender que os esforços impostos pela nova ordem das coisas hajam causado um desarranjo mental entre os nipponicos (...). Assim diz, pouco mais ou menos, o doutor Goto, ao qual devemos attribuir ampla competencia no assumpto. O fenômeno social, a que venho alludir, deixa-nos uma impressão de dôr, de compungimento, considerando o facto da evolução moderna de um grande império asiático, pagando a aprendizagem ao custo do equilíbrio mental da população surpresa...[384]

A teoria de Wenceslau de Moraes era baseada no discurso médico, mas também na visão de muitos outros contemporâneos sobre os efeitos da modernidade na vida social. Moraes não informou de qual fonte o jornal local tirou os dados estatísticos apresentados, e também não tivemos acesso a estudos médicos que nos informem sobre as gravidades e consequências da modernização nos estados psicológicos dos japoneses na Era Meiji.[385] Vejamos o exemplo abaixo:

> Alguns dos acessórios da civilização moderna, como os caminhos de ferro, os barcos de vapor, os carros elétricos, accusam uma positiva tendencia a aumentar os casos de loucura. O cinematographo, por exemplo, que se tomou tão popular, deve necessariamente exercer mui injurioso efeito nos cérebros infantis.[386]

Além dos efeitos físicos da modernidade, havia também os de cunho social. Um movimento do mundo moderno que não agradava o cônsul português era o feminismo. O movimento de emancipação feminina já ocupava nas sociedades europeias e americana grande espaço de discussões, com isso, seus ecos chegaram às terras do Extremo-Oriente. Para Moraes o caso não merecia espanto, afinal de contas, o Japão era conhecido por sua capacidade de adaptação as grandes questões mundiais. De certo modo, devido ao enraizamento do confucionismo, Moraes acreditava que o feminismo não teria forças para

---

[384] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão* (1910-1913). Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928. p. 15.

[385] Sabemos que muitas doenças que eram identificadas como insanidade, hoje possuem outras categorizações e tratamentos. Era um discurso um tanto comum atribuir distúrbios mentais e físicos causado pelo uso de inventividades modernas.

[386] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão* (1910-1913). Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928. p. 15.

"destruir o grande edifício social" constituído. Porém, a ideia da transformação da japonesa, figura idealizada, em uma mulher "masculinizada" e autoritária atordoava o cônsul. Em muitos momentos falou sobre a mulher japonesa em suas cartas, sempre retratando os seus encantos, sua leveza e graciosidade. As *musumé* (garota ou filha), como se chamavam as nipônicas, eram representadas como pacatas, modestas e gentis. Moraes apreciava os traços físicos e as representações artísticas femininas, dizia que não havia mulher igual à japonesa no mundo. Simbolicamente, ela representaria o Japão tradicional, aquele que deveria ser preservado. De acordo com Marta Pacheco Pinto,

> A *musumé* é percepcionada como uma figura do Japão tradicional e, por conseguinte, guardiã de uma identidade nacional em perda. A ideia de primitivismo que a mulher exótica protagoniza opõe-se assim à massificação da vida cultural que transformou o Ocidente e ameaçaria agora transformar o Oriente.[387]

Por representar o Japão tradicional, o papel social e familiar da japonesa deveria ser preservado de interferências externas, principalmente, do feminismo, vistas como ameaças ao primitivismo japonês. Moraes partilhava da mesma concepção de Aluízio Azevedo sobre as distinções entre as japonesas e as mulheres ocidentais, que buscavam igualdade de direitos. Azevedo escreveu um ensaio intitulado *Japonesas e norte-americanas*,[388] em que enfatizava a superioridade da nipônica, visto que as americanas estariam subvertendo a "ordem natural" de organização familiar. Moraes também via na insurgência feminina uma anomalia dos tempos modernos; a mulher estaria se masculinizando. O escritor criticava a atitude emancipada que algumas mulheres ocidentais possuíam, pois com isso, estavam desvirtuando a moral familiar, querendo se equiparar ao marido, provedor e protetor do lar. Na carta de 25 de março de 1911, esse posicionamento antifeminista ficou declarado:

> O problema do feminismo surgiu na Europa e na America, apupado pelos risos sarcásticos do elemento másculo. Hoje, já não provoca mais risos; pesa, pela intensidade das suas exigencias, nos destinos sociaes das nações. Pouco importa. A mulher apresentava-se na familia, até a pouco tempo, como um ser débil, delicado, carecendo de apoio e direção. Encontrou no homem, naturalmente, o seu tutor.

---

[387] PINTO, Marta Pacheco. *Traduzir o outro oriental. A configuração da figura feminina na literatura portuguesa (António Feijó e Wenceslau de Moraes)*. Tese (Doutorado em Tradução; especialidade História da Tradução). Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2013. p. 555.

[388] Luiz Dantas antes de comentar sobre essa temática, explica que este ensaio foi destinado *Almanaque Brasileiro Garnier* de 1904. Nas palavras de Dantas, "esse texto é um tanto desconcertante, espantoso, por suas ideias arquiconservadoras sobre a mulher. "Japonesas e norte-americanas" é uma apologia da mulher oriental enquanto exemplo de submissão e de virtudes domésticas tradicionais, em oposição a mulher americana, liberada, mas já contaminada pelos mesmos vícios que afetam a sociedade masculina". AZEVEDO, Aluísio. *O Japão*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão; Ministério das Relações Exteriores, 1986. p. 17.

> Parece que as coisas se inverteram, pelo menos nos grandes centros. O homem pallido, neurasthenico, indolente, com flôr ao peito, usando gravata vermelha, chapéu verde, cheviotes vistosos, parece tender a afeminar-se. A dama, preferindo tecidos de côr sobria e córte esguio, usando collarinho alto, empunhando bengala, mostra masculinisar-se no seu todo. Se, pois, é persistente o phenomeno, se o homem se debilita e se a mulher mais se avigora, nada mais natural do que esta vá prescindindo da tutella, inutil, reclamando para si igualdade de direitos, realisando-se mais tarde por ventura, sem sombra de ridiculo, o proverbio referente á casa de Gonçalo, onde a gallinha governa mais do que o gallo. É uma simples questão de equilíbrio, de compensação de energias, necessaria ao bem comum. Perduravel, se a corrente se mantém; efêmera, se o homem reganha, por um renovado de forças, o seu papel predominante.[389]

Na carta de 17 de maio de 1905, indicou qual seria a relevância feminina na sociedade. Primeiramente, declarou que a mulher, no campo social, seria inferior aos homens. Chegou a argumentar que na história não havia grandes feitos e personagens femininos. O papel social predominante da mulher, o seu valor primordial, estava na gestão do lar, o seu estado "natural" seria o de cuidadora da família. Vejamos:

> O seu verdadeiro reino, onde ela ostenta primores deliciosíssimos; é no seio da família; é ali que as altas qualidades feminis se panteteiam adoráveis; a graça, a delicadeza, a doçura, a caridade, o amor. Digamos que o destino da mulher é o de dulcificar e existência do homem, o rude luctador: pai, ou esposo, ou filho. Se não lhe agrada esta condição, não sei, realmente, o que lhe diga. A muitos (e muitíssimas!) provocarão risos sarcásticos as linhas, que acabo de escrever. Outros lhes reconhecerão acaso alguns vislumbres de verdade; mas acrescentarão que os arrojos actuais do feminismo correspondem a um estagio angustioso da mulher, luctando pela própria emancipação, justamente quando o seu natural protetor lhe foge, se furta as responsabilidades da família e mostra tantas vezes ignorar o reconhecimento, que deve ao ente débil e sensitivel, que a natureza pôz a sua guarda.[390]

Completou a carta dizendo que no Ocidente, pela legislação, a mulher ainda era considerada inferior. A diferença era que o homem japonês era mais sincero em seus atos que o homem europeu. O julgamento ocidental sobre a submissão da mulher no Japão, que a colocava em posição servil, seria exagerado e hipócrita. Para Moraes, o argumento de que a japonesa era uma escrava deveria ser refutado, pois, no lar ela possuía voz dominante:

> Vivia exclusivamente para a familia, para cuidar de seus filhos, para educal-os. Não é uma escrava, embora erradamente assim a julguem muitas vezes na Europa. O lar é o seu reino; a sua força esta nos seus encantos; para promover esta ultima

---

[389] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1911-1913)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. III. p. 35.

[390] MORAES, Wenceslau de. *A vida japoneza*. Terceira Série de Cartas do Japão (1905-1906). Porto: Livraria Chardrom Lello & Irmão, 1907. p. 39.

> circumstancia, lá esta um velho proverbio japonez, que diz que, com a flauta feita de um tamanco de mulher, se atrahe um veado no outomno.[391]

Além disso, Moraes argumentava que, em alguns aspectos, a japonesa possuía mais autonomia e liberdade que as mulheres ocidentais. Para isso, exemplificou que as responsabilidades com as negociações nos mercados cabiam às japonesas, que ao contrário das mulheres ocidentais estavam sempre expostas ao ar, nos passeios, em excursões. Na carta de 4 de maio de 1909, falou sobre a liberdade feminina no Japão:

> A japoneza de hoje (...) passeia, diverte-se pelos campos, pelas ruas, frequenta os theatros, os mercados, os templos; desde creança até aos dezoito ou vinta anos, encontramol-a sosinha ou com outras raparigas, sobraçando os seus livrinhos, caminho da escola, onde adquire, em geral, uma ecudação scientifica muito superior à educação da Europa.[392]

Manuel de Oliveira Lima possuía uma visão destoante da de Aluísio Azevedo e de Wenceslau de Moraes sobre o valor do feminismo no Japão, considerando-o necessário.[393] Ao falar sobre a condição da mulher em *Impressões da terra e da gente*, Oliveira Lima refletiu sobre a forma de vida da japonesa e concluiu:

> Não é fácil tratar, ou melhor, qualificar a condição da mulher no Japão. Por um lado é infeliz, porque a mulher não é emancipada, no sentido europeu, quero dizer, occidental da palavra; por outro, porém, é grata, porquanto a sua sujeição é doce e voluntaria, e tempera-a uma larga dose de ternura conjugal.[394]

Na carta de 25 de março de 1911, Moraes opinou sobre quem julgava ser mais feliz, a japonesa ou a ocidental, chegando à conclusão de que cada qual era feliz à sua própria maneira, de acordo com seu próprio meio de vida:

---

[391] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1910-1913)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. II, p. 36.

[392] Ibidem, p. 42.

[393] Oliveira Lima argumentava que "no terreno em questão as velleidades revolucionarias que produzir a mudança de ideal, prognosticam todavia a possibilidade de uma consequencia util, consistindo na elevação da condição social da mulher, a qual, á luz da civilização, não pode digna nem proveitosamente continuar a ser de sujeição moral e de obediência passiva. O feminismo está por isso destinado um problema importantíssimo na nova vida japoneza. (...) N'uma palavra, no Japão, como n'outras terras, a mulher está-se emancipando da tyrannia dos preconceituosos e do jugo das teorias. Aqui, porem, a emancipação é uma conquista mais trabalhosa, porque tem que ir de encontro a muitíssimos séculos de predominio de uma concepção radicalmente diversa". LIMA, Manuel de. *No Japão – Impressões da terra e da gente.* Rio de Janeiro: Laemmert & C. Livreiros Editores, 1903, p. 210-212.

[394] Ibidem, p. 199.

> Se perguntássemos qual é mais feliz, se a mulher occidental, possuindo já muitas liberdades e trabalhando por adquirir muitas outras, se a mulher japoneza, indiferente a tudo que não seja o seu lar e o seu marido, não encontraríamos resposta decisiva. Cada qual no seu meio e no seu tempo.[395]

Com todos esses fragmentos de pensamentos, podemos concluir que Moraes ansiava que a Terra do Sol Nascente, mesmo se modernizando e se ocidentalizando, pudesse preservar sua tradicionalidade para que alcançasse o equilíbrio de renovar-se sem perder-se. Moraes refletiu que o Japão já havia passado por "ondas" de influências dos países orientais e passaria também pela onda da influência ocidental, resguardando suas qualidades. Esse pensamento ficou registrado na carta de 6 de junho de 1906:

> O Japão não tinha civilisação sua, absorveu a da China, mas modificando-a, mas corrigindo-a, mas transformando-a, chegando finalmente ao que chegou, cheio de vida e sutileza, em energias e arte, tão differente do que se derramára da origem protectora; pois, acreditemos que o Japão também absorverá a civilisação occidental, mas modificando-a, mas corrigindo-a, mas transformando-a, ficando sempre original e graciosa.[396]

O cônsul queria que o Japão progredisse e que se destacasse mais no cenário mundial, despontando no Oriente como um líder a ser seguido, sem que para isso perdesse suas raízes, sua tradição e primitivismo, pois era esse Japão primitivo, distinto do modo de vida ocidental, que agradava o português. A chegada dos ocidentais e a capacidade de adaptação dos nipônicos aceleraram o processo de modernização, o que possibilitou ascensão e reconhecimento. Mas isso também desencadeou uma série de mudanças, algumas programadas, sistematizadas, outras mais fugidias. Após sair do isolamento e participar do sistema-mundo integrado, o Japão teve que se adequar às prerrogativas de um novo contexto político e econômico. Moraes acompanhou de perto o cotidiano de mudanças do final do século XIX e início do século XX, momento em que o governo central já estava mais estruturado e fortalecido.

Nas *Cartas do Japão* fica bem evidente que depois de duas vitórias bélicas, contra a China e a Rússia, as concepções imperialistas dominavam cada vez mais os planos governamentais e apelos populares. Tentamos analisar os livros publicados com as correspondências enviadas ao jornal *O Commercio do Porto*, com o intuito de compreender as dinâmicas do pensamento de Moraes sobre o processo de interculturalidade e o

---

[395] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão (1911-1913)*. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928, vol. III. p. 36.

[396] MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão*. Um Anno de Guerra. (1904-1905). Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1906. p. 383.

desenvolvimento do Japão Moderno, levando em consideração o “excesso de sentido real pelo vivido”. Intentamos destacar suas perspectivas a respeito das transformações sócio-políticas e culturais da Era Meiji, dando relevo às suas palavras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avançado o tempo, é chegada a hora do término com ponderações referentes ao ponto de partida e de chegada. Esse percurso não foi feito em linhas retas, mas em idas e vindas. É curioso e ao mesmo tempo instigante perceber que ao longo da pesquisa e das análises nos deparamos com jornadas não planejadas. E como algumas ideias e percepções tão seguras inicialmente vão sendo abaladas e complementadas por elementos novos e, às vezes, até não conciliatórios. Na tentativa de alinhavar um constructo mental difuso num corpo orgânico, entre caminhos e descaminhos, alcançamos o que buscávamos inicialmente: respostas.

As ideias foram moldadas e remoldadas num fluxo contínuo de descobertas e críticas. Concepções mais genéricas no processo de criação foram sendo lapidadas na elaboração da pesquisa. Os olhares externos foram de extrema relevância para o balanceamento e o filtro de informações, assim como a escolha das fontes. Esses olhares auxiliaram também na possibilidade de um trabalho mais alinhado com uma ótica realista e palpável, de acordo com o tempo disponibilizado para a sua composição.

A motivação inicial desta empreitada de estudos está relacionada com a vontade de compreender mais sobre a história e a cultura de povos orientais, visto que durante uma jornada acadêmica as oportunidades de aprofundar os conhecimentos sobre eles foram muito remotas. Porém, o Oriente é muito vasto, e tanto o Oriente Médio quanto o Extremo Oriente estavam dentro das zonas de interesse. Por uma questão de identificação cultural o foco recaiu sobre o Extremo Oriente, mais precisamente sobre o Japão. Com tantos períodos da história japonesa, a Era Meiji (1868-1912) foi escolhida por ser considerada um divisor de águas entre o Japão isolado marcado, pela tradicionalidade, e um Japão moderno, aberto às inventividades ocidentais. Apesar dessa aparente divisão de um “tempo” para outro, a relação entre tradição e modernidade não se estabeleceu de forma dicotômica, mas sim dialética. Entre conflitos e simultaneidades a modernização nipônica foi construída, e isso gerou uma série de encontros, confrontos e possibilidade em todos os campos sociais.

Delimitados o objeto, o tempo e o espaço, faltava definir o *corpus* documental. Por causa do entrave linguístico, o acesso a fontes nipônicas ficou impossibilitado, assim como a apreensão direta da perspectiva dos japoneses do período em questão. Devido a isso, várias fontes de estrangeiros, de diversas profissões e produzidas com finalidades distintas, foram selecionadas para compor o quadro de análise. Porém, no tempo de uma dissertação não

cabem tantos protagonistas e as *Cartas do Japão* de Wenceslau de Moraes foram escolhidas como fontes prioritárias. Moraes escreveu durante onze anos para *O Commercio do Porto* sobre experiências, vislumbres e posicionamentos políticos que possuía, portanto, nos forneceu-nos relatos contínuos e consistentes das mudanças e permanências do Japão no fim do século XIX.

Inicialmente dois objetivos norteavam essa pesquisa, o primeiro era compreender o processo histórico constitutivo da Era Meiji, como transcorreram as assimilações dos moldes ocidentais e como estes influíram na consolidação do Japão moderno. O segundo, era apreender de que forma a ocidentalização e modernização japonesa foram compreendidas pelos estrangeiros. Enveredamos mais para este caminho relacionado a perspectiva do "outro", mas sem deixar de refletir sobre o primeiro objetivo.

Feita esta breve recapitulação do ponto de partida, explicando motivações e objetivos, nos ateremos agora às ponderações conclusivas, ou seja, ao ponto de chegada. Explicamos no primeiro capítulo que durante séculos os japoneses, por meio do contato com a China e a Coréia, foram aprimorando a sua cultura, economia e organização política. A influência desses países foi fundamental para o desenvolvimento dos sistemas de escritas, artísticos e religiosos. Tanto o confucionismo quanto o budismo foram incorporados à vida social e moldaram as formas de pensar e de agir dos nipônicos. A assimilação de pensamentos e práticas de culturas exógenas já era uma característica presente na sociedade japonesa. Uma das idiossincrasias desse povo não se refere apenas à "cópia" de elementos alienígenas, mas à "domesticação" dessas incorporações, que são rearticuladas e adaptadas às conjecturas internas japonesas. Em meados do século XIX, essa cultura de importação já era proeminente e devido a isso o Japão foi capaz de alcançar um desenvolvimento único em seu gênero. Logo, convimos que os pioneirismos japoneses em relação a outras nações orientais estão intrinsicamente ligados à sua capacidade aglutinadora, rápida flexibilização do pensamento e adaptação a moldes culturais estrangeiros.

Quando os ocidentais chegaram ao Japão, inicialmente no século XVI, portugueses, espanhois e, sobretudo, holandeses, trouxeram consigo os conhecimentos científicos até então desconhecidos. Além das ciências, os portugueses apresentaram aos japoneses armamentos mais modernos que revolucionaram os sistemas estratégicos de batalha. Apesar dessas contribuições, a tríade comércio, cruz e espada, representava uma ameaça constante à soberania nipônica. Devido a querelas religiosas, políticas e econômicas, em meados do século XVII o Japão isolou-se novamente, mantendo um contato limitado com holandeses, chineses e coreanos. Em 1853, com a chegada dos navios negros norte-americanos esse

isolamento foi rompido e mais uma vez os japoneses tiveram que lidar com os ocidentais, no entanto, o mundo capitalista industrial impunha uma nova forma de relação. Sendo assim, diante do poderio superior estrangeiro, coube ao Japão aceitar as incumbências externas até que alcançasse poder de voz e de ação.

Devido à imposição ocidental de abertura dos portos, todas as potencialidades convulsivas internas que eram contemporizadas pelo xogunato eclodiram. Foi o contexto político e econômico externo – oriundo do imperialismo ocidental, que condensou as contradições latentes, – o responsável pela queda do *Bakufu*. A resposta japonesa ao impacto desses acontecimentos foi uma modernização ocidentalizada defensiva.

Com a restauração do poder imperial em 1868 uma sociedade composta de estamentos bem delimitados se decompôs em um corpo relativamente orgânico de cidadãos com deveres e direitos. A partir daí a ideia de nação japonesa se originou, visto que nesse período se estabeleceu um tipo inteiramente distinto de organização social. Uma organização que gravitava em torno de um senso de unidade construído a partir de uma nova estruturação política. A reinterpretação do passado foi importante nesse processo, a *invenção das tradições* na Era Meiji foi uma forma de constituir o nacionalismo. A figura do imperador, legitimada pelo seu passado mítico, serviu como alicerce unificador no projeto de modernização e a construção do Estado-nação.

Por meio de uma planificação política, com reflexos econômicos e culturais, a Terra do Sol Nascente injetou em seu programa de governo e convívio social moldes ocidentais que pudessem impulsionar seu desenvolvimento econômico e militar. Para além das medidas governamentais e das orientações econômicas e militares, a visão de mundo, os comportamentos e as representações culturais também foram modificadas ao longo do processo de crescimento e de emancipação japonesa.

No segundo capítulos expomos que apesar de muitas vezes a relação entre tradição e modernidade, no contexto japonês, ser apresentada como harmônica, a sua concepção se estabeleceu de forma conflituosa. O processo de ocidentalização e de modernização foi realizado em meio a confrontos, entrelaçamentos e renegociações culturais, econômicas e políticas.

As perspectivas estrangeiras sobre esses conflitos e adaptações foram apresentadas. Esclarecemos o modo pelo qual homens como Lafcadio Hearn, Aluízio Azevedo, Basil Hall Chamberlain e Manuel de Oliveira Lima, entre outros, percebiam o Japão e as complexidade e impactos da ocidentalização na Era Meiji. Esses intelectuais demonstraram um interesse em compreender a psiquê do povo japonês, que lhes parecia ao mesmo tempo distante e até, sob

alguns aspectos, inacessível.

De maneira geral, esses estudiosos queriam alcançar a inteligibilidade acerca do que consideravam ser o "verdadeiro japonês", ou seja, o cidadão nipônico que ainda estava fortemente conectado à tradição e não havia se "contaminado" com as influências ocidentais. Por isso, a Era Edo era retratada de forma idealizada, representada como um período de paz e harmonia, sem interferências externas. Isso gerava uma nostalgia de um passado pouco experienciado, ou mesmo, não vivido. Ao mesmo tempo que a rápida modernização japonesa causava admiração nos japonistas, também era vista de forma perjorativa, pois "apagava" as marcas de um Japão tradicional mítico. Outra visão que os ocidentais possuíam do Japão era a de um "mundo ao contrário", como se todas as formas de operacionalização e pensamento fossem o inverso das do Ocidente. Era como se as novidades e não similaridades fossem opostas à cultura europeia ou norte-americana. Tudo que era diferente era enquadrado dentro desse conceito de "espelho invertido".

Dentro desse contexto de análise da perspectiva estrangeira enquadrava-se o cônsul português Wenceslau de Moraes. Esse peregrino escritor desempenhou um papel importante na tarefa de explorar o Japão e mostrar aos ocidentais essa terra distante. No terceiro capítulo explicitamos que as *Cartas do Japão* para além de fornecerem um panorama geral dos acontecimentos também registravam as minúcias cotidianas.

Com um olhar valorativo sobre os japoneses e seu modo de vida, Moraes apresentou aos leitores do jornal *O Commercio do Porto* um povo que servia como exemplo de superação política e econômica, com valores éticos arraigados. Um povo que valia a pena conhecer e investir comercialmente, caso os portugueses decidissem sair do ostracismo econômico e reconquistar espaço no novo sistema capitalista que se apresentava. As ações imperialistas desse sistema voltadas para explorações do Extremo Oriente foram problematizadas e questionadas pelo escritor. Moraes via o Japão como uma potência oriental que serviria de norte para os demais países orientais explorados, mesmo que pare isso tivesse que servir de "tutor" até o momento que conseguissem subsidiar sua própria liberdade.

Além de falar da potencialidade de influência japonesa sobre o Extremo Oriente, Moraes também se posicionou acerca do processo de ocidentalização da Era Meiji. Assim como os demais japonistas, via com apreensão certas assimilações de moldes exógenos ocidentais. Para Moraes, as influências ocidentais nos hábitos, relações sociais ou expressões artísticas, não acrescentavam muito positivamente na cultura japonesa. E mesmo a modernização e o progresso material, advindos dessas relações interculturais, possuíam efeitos negativos na saúde física e mental das pessoas.

Todo esse constructo argumentativo foi formulado por um homem ocidental cosmopolita que viva “entre lugares”, numa espécie de ambivalência identitária. Nos primeiros anos que morou no Japão ainda estava muito conectado a Portugal e envolto em questões diplomáticas e comerciais que pudessem auxiliar o seu país a se desenvolver economicamente. Mas, com o passar dos anos, em virtude das experiências e do convívio com os japoneses, foi se afastando cada vez mais dessa figura engajada com obrigações trabalhistas e sociais. A escrita que buscamos demonstrar por meio das citações de suas cartas foi desse momento inicial, em que Moraes estava concentrado na atividade consular e correspondente de um jornal de prestígio.

Logo, ao tentar fazer com que os leitores entendessem o contexto de mudanças que os japoneses passavam no fim do século XIX, Wenceslau de Moraes escreveu sobre o processo de ocidentalização como algo que impulsionou o desenvolvimento do Japão moderno, mas ao mesmo tempo afetou a vigência do Japão tradicional. Nesse sentido, o autor não enxergava a relação entre modernidade e tradição de forma dialética, mas sim dicotômica e excludente. O autor queria que o Japão crescesse no cenário político-econômico, mas não perdesse suas “raízes” culturais. No entanto, no processo de modernização essas “raízes” também foram afetadas com as assimilações, confrontos e adaptações culturais.

Para concluir, como dito no início, poucas são as oportunidades de se estudar o Oriente em uma jornada acadêmica de forma aprofundada. Há várias possibilidades de pesquisa, inclusive sobre a Era Meiji e perspectiva estrangeira que ainda podem ser trabalhadas. Há muitos outros autores que escreveram sobre o Japão no período e não foram citados. Como a britânica Marie Stopes, palaeobotânica e militante das causas femininas, que escreveu um diário sobre suas experiências no Japão no início do século XX; ou o professor de engenharia Willian Dixon, que também registrou suas vivências do final do século XIX, entre outros. Uma proposta investigativa adicional relevante seria a busca por apreender diretamante a perspectiva japonesa por meio de fontes nativas. Diferentemente disso, esta dissertação propôs-se a compreender a perspectiva do *gaijin* como uma forma de contribuição para um campo de estudos que ainda carece de maiores investigações e aprofundamentos.

REFERÊNCIAS

Obras sobre Wenceslau de Moraes

CAPITÃO, Maria Margarida da Silva Faria. *Entre duas civilizações*: o universo de leituras em Wenceslau de Moraes. Dissertação (Mestrado em Ensino do Português como língua segunda ou estrangeira). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2002.

HORIGOSHI, Erica. *Para entender o Japão*: aspectos da cultura japonesa em textos de Wenceslau de Moraes. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

JANEIRA, Armando Martins. *Wenceslau de Moraes*: Antologia. Lisboa: Vega, 1993.

LABORINHO, Ana Paula. *O Essencial sobre Wenceslau de Moraes*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

MOTTA, Alfredo. *Wenceslau de Moraes e seus trabalhos literários*. Lisboa: Livraria Ferin, 1966.

OKAMURA, Takiko. O Japão de Moraes. *Anais do X Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999.

PEREIRA, José António Rodrigues. *Wenceslau de Souza de Moraes*: o marinheiro e a armada do seu tempo. Lisboa: Edições Culturais da Marinha, 2004.

Sobre as relações culturais, políticas e econômicas entre Oriente e Ocidente

ABREU, Bernardino da Cunha Freitas. *Oliveira Lima*: um olhar brasileiro no Japão. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado absolutista*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

AZEVEDO. Murilo Nunes de. *O pensamento do Extremo Oriente*. São Paulo: Pensamento, 1982.

BUENO, André. *História da China antiga*. 2000. Disponível: em China-antiga.blogspot.com.br/2007/07/introduo.html 08/08/2013.

BURUMA, Lan; MAGALIT, Avishai. *Ocidentalismo – O Ocidente aos olhos de seus inimigos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

CANEDO, Letícia Bicalho. *A descolonização da Ásia e da África*. São Paulo: Atual, 2007.

CHATTERJEE, Partha. Comunidade imaginada por quem? In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

CHESNEAUX, Jean. *A Ásia oriental nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Editora Pioneira, 1976.

IRWIN, Robert. *Pelo amor ao saber*. *Os orientalistas e seus inimigos*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ISHIBASHI, Maria Imaculada. *Ponte entre Oriente e Ocidente*. São Paulo: Scortecci, 2000.

MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluízio Azevedo*: vida e obra (1857-1913). Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Garamond, 2013.

ORTIZ, Renato. *Mundialização*: saberes e crenças. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PANIKKAR, K. M. *A dominação ocidental na Ásia*. Rio de Janeiro: Editora Saga S.A, 1989.

RAMOS, Manuela D. Leão. *António Feijó e Camilo Pessanha no Panorama do Orientalismo Português*. Lisboa: Fundação Oriente, 2001.

RIVIERI, Jean. *Oriente e Ocidente*. Rio de Janeiro: Salvat, 1980.

RUSHDIE, Salman. *Oriente, Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SAID, Edward W. *Fora do lugar*: memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Orientalismo*: O Oriente com invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUZA, Joy Nascimento A. de. *Natsume Sôseki*: o olhar felino sobre as múltiplas faces do homem Meiji. Dissertação (Mestrado em Língua, Cultura e Literatura Japonesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

Sobre o Japão

AKAMATSU, Paul. *Meiji 1868*. *Revolution and counter revolution in Japan*. New York: Harper & Row Publishers, 1972.

AKIKO, Kurihara. *Breve história do Japão*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 2009.

ARAÚJO, Gabriel Antunes. *A língua portuguesa no Japão*. São Paulo: Paulistana, 2008.

AUSLIN, R. Michael. *Negotiating with imperialism. The unequal treaties and the culture of japanese diplomacy*. USA: Paperback Edition, 2006.

BATH, Sérgio. *Japão ontem e hoje.* São Paulo: Editora Ática, 1993.

BEASLEY, W. G. *The rise of modern Japan.* Political, economic and social change since 1850. England: Palgrave Macmillian, 2000.

_____. *The Meiji Restoration*. Stanford: Stanford University Press, 1979.

_____. *The modern history of Japan.* New York: Frederic A. Praeger Publishers, 1963.

BENEDICT, Ruth. *O crisântemo e a espada.* São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

BLOCH, Marc. *La sociedad feudal*: las classes y el gobierno de los hombres. México: Union Tipográfica Editorial Hispano Americana, 1958.

CAMBRIDGE THE HISTORY OF JAPAN. *Early modern Japan*. USA: Cambridge University Press, 1991, vol. 4.

CAMBRIDGE THE HISTORY OF JAPAN. *Early modern Japan*. USA: Cambridge University Press, 1991, vol. 5.

CARRIER, James G. *Occidentalism*: images of the west. Oxford: Clarendon Press, 1995.

COLLCUTT, Jansen Kamakura. *Atlas do Japão*. *Grandes civilizações do passado.* Catalunya: Andrômeda Oxford Limited, 2008.

COLLCUTT, Martin; JANSEN, Marius; KUMAKURA, Isao. *Japão*: o Império do Sol Nascente. Lisboa: Edições Del Prado, 1997.

CRAIG, M. Albert. *Choshu in the Meiji Restoration*. USA: Lexington Books, 2000.

DAIKICHI, Irokawa. *The culture of Meiji period*. Princeton: Princeton University Press, 1985.

DUUS, Peter. Economic dimensions of Meiji Imperialism: the case of Korea, 1838-1922. In: MYERS, H. Ramon; PEATTIE, Mark R. (orgs.). *The japanese colonial empire, 1895-1945*. Princeton: Princeton University Press, 1984.

FRANCHETTI, Paulo; DOI, Elza Taeko. *Haikai*: antologia e história. 2ª ed., Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2012.

FRÉDÉRIC, Louis. *O Japão – Dicionário e civilização.* São Paulo: Editora Globo, 2008.

FUNABIKI, Takeo. Da necessidade do Nihonjinron. In: PEREIRA, Ronan Alves; SUZUKI, Tae (orgs.). *O Japão no caleidoscópio*: estudos da sociedade e da história japonesa. São Paulo: Pontes Editores, 2014.

GREINER, Christine; SOUZA, Marco (orgs.) *Imagens do Japão*: experiências e invenções. São Paulo: Annablume; Fundação Japão, 2012.

GLUCK, Carol. *Japan's modern myths*. Princeton: Princeton University Press, 1987.

GORDON, Andrew. *A modern history of Japan*: from Tokugawa times to the present. Oxford: Oxford University Press, 2003.

HALL, John Whitney. *Japan – from prehistory to modern time*. Michigan: The University of Michigan, 1991.

HANE, Mikiso. *Modern Japan a history survey*. Colorado: Westview Press, 1992.

HAWKS F. L. Narrative of an expedition of an american squadron to the China seas and Japan, performed in the Years 1852, 1853, and 1854. In. CAMBRIDGE THE HISTORY OF JAPAN. *Early modern Japan*. USA: Cambridge University Press, 1991, vol. 5.

HENSHAL, Kenneth. *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, 2004.

ISHIHARA, Shintaro. *O Japão que sabe dizer não*. São Paulo: Siciliano, 1991.

JANSEN, B. Marius. *China in the Tokugawa World*. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

_____. *The emergence of Meiji Japan. England*. Cambridge University Press, 1995.

_____. *The making-of modern Japan*. USA: First Harvard University Press Paperback Edition, 2002.

KEENE, Donald. *The japanese discovery of Europe*. USA: Stanford University Press, 1969.
KWABARA, Takeo. *Japan and western civilization*. Tóquio: University of Tokyo Press, 1978.

LAMBOURNE, Lionel. *Japonisme. Cultural crossings between Japan and the West*. USA: Paperback, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *A outra face da lua*: escritos sobre o Japão. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MARUYAMA, Masao. *Studies in the intellectual history of Tokugawa Japan*. Tokyo: University of Tokyo Press, 1990.

MASAYUKI, Sato. The world and its people in japanese. Cartographic imagination. In: PAGDEN, Anthony (org.). *Facing each other*. **Johns Hopkins University, USA:** Ashgate Variorum, 2000.

MORISHIMA, Michio. Capitalisme et confucionisme. In: ORTIZ, Renato. *O próximo e o distante*: Japão e modernidade-mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MOTTA, Antônio (org.). *O Japão não é longe daqui*. Recife: Ed. UFPE; Toquio: Japan Foundation, 2011.

NAKAMURA, Takafusa. *Desenvolvimento econômico do Japão moderno.* Tóquio: Ministério de Negócios Estrangeiros, 1985.

OKAMOTO, Shumpei. *The japanese oligarchy and the Russo-Japanese war*. New York: Columbia University Press, 1970.

ORTIZ, Renato. *O próximo e o distante*: Japão e modernidade-mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PERALVA, Osvaldo. *Um retrato do Japão*. São Paulo: Editora Moderna, 1982.

PEREIRA, Ronan Alves; SUZUKI, Tae (orgs.). *O Japão no caleidoscópio*: estudos da sociedade e da história japonesa. São Paulo: Pontes Editores, 2014.

PYLE, Kenneth B. *The making of modern Japan*. Canada: D. C. Hearth and Company, 1995.

REISCHAUER, Edwin O. *Japan, the history of a nation*. Tokyo: Charles E. Tuttle Company Publishers, 1989.

SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. São Paulo: Contexto, 2007.

SANSOM, G. B. *Japan*: a short cultural history. Tokyo: Charles E. Tuttle, 1973.

_____. *The western world and Japan*. Published by the Charles E. Tutlle Company, INC. of Runttand, Vermont and Tokio, Japan with editorial officers at Suido, 1950.

SCHADEN, Egon. *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
SETTE, Luiz Paulo Lindenberg. *A revolução samurai.* São Paulo: Massao Ohno Editor, 1991.

STORRY, Richard. *A history of modern Japan*. Sidney: Penguin Books, 1961.

TANAKA, Stefan. *Japan's Orient – Redering past into history*. Berkeley; Los Angeles and Londres: University of California Press, 1993.

TAZAWA, Yutaka; MATSUBARA, Saburo; OKUDA, Shunsuke; NAGAHATA, Yasunori (orgs.). *História cultural do Japão*: uma perspectiva. Tokyo: Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão, 1985.

TEIXEIRA, Maria Madalena Wurth. *A sabedoria do Japão*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1984.

TOBY, Ronald P. *State and diplomacy in early modern Japan*: Asia in the development of the Tokugawa Bakufu. California: Stanford University Press, 1984.

YAMAMOTO, Tsunemoto. *Hagakure*: o livro do samurai. São Paulo: Ibrasa, 2004.

YAMASHIRO, José. *Japão passado e presente*. São Paulo: IBRASA, 1986.

Obras de teoria e metodologia

BAUDELAIRE, Charles. *A modernidade de Baudelaire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados. Mapas da interculturalidade.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora Forense Ltda., 2011.
GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOODY, Jack. *O roubo da História*. São Paulo: Contexto, 2008.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

HOBSBAWM, Eric. J. *A era das revoluções, 1789-1848*. 24ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____.; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. *Nações e Nacionalismo desde 1780*: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A antropologia face aos problemas do mundo moderno. In: SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. São Paulo: Contexto, 2007.

PANIKKAR, K. M. *Religión, filosofía y cultura*. Madrid: Universidad Complutense, 1996.

TODOROV, Tzvetán. *A conquista da América:* a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

Webgrafia

http://www.japan-guide.com/e/e641.html

http://www.jacar.go.jp/DAS/meta/MetaOutServlet

http://www.kufs.ac.jp/toshokan/hearn&moraes/main.htm

https://archive.org/details/westernworldandj012243mbp

http://www.mofa.go.jp/region/latin/brazil/index.html

https://www.academia.edu/2214758/Historiografia_Japonesa_e_a_Era_Meiji_aspectos_e_quest%C3%B5es_sobre_a_forma%C3%A7%C3%A3o_das_ci%C3%AAncias_hist%C3%B3ricas_no_Jap%C3%A3o_Moderno

FONTES

Periódicos

Real Gabinete Português de Leitura (Rio de Janeiro)

O Commercio do Porto. Porto, nº 1, sexta-feira, 2 de junho de 1854.

Impressos e relatos de viagens

AZEVEDO, Aluízio. *O Japão*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão; Ministério das Relações Exteriores, 1986.

CHAMBERLAIN, Basil Hall. *Things japanese*. London: K. Paul Trench Ltda., 1904.

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO. Tóquio (1897-1903). *Cadernos do Centro de História e Documentação Diplomática* (CHDD). Brasília-DF, ano 11, n. 20, 2012, p. 159-403.

HEARN, Lafcadio. *The japanese letters*. Boston: Elizabeth Bisland, 1910.

LIMA, Manuel de Oliveira. *No Japão – Impressões da terra e da gente*. Rio de Janeiro: Laemmert & C. Livreiros Editores, 1903.

PEREIRA, Feliciano Antônio Marques. *Viagem da corveta Dom João I à capital do Japão*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1863.

SOUZA, Pe. Francisco (org.). *Oriente conquistado a Jesus Cristo pelos padres da Companhia de Jesus da província de Goa*. Lisboa, parte II, conquista IV, divisão II, 1710.

Obras de Wenceslau de Moraes

MORAES, Wenceslau de. *O "Bon-Odori" em Tokushima*: cadernos de impressões íntimas. Porto: Magalhães & Moniz, 1916.

_____. *Cartas do Japão*. Antes da Guerra (1902-1904). Porto: Livraria Magalhães & Moniz Editora, 1905.

_____. *Cartas do Japão*. Um anno de Guerra (1904-1905). Porto: Livraria Magalhães & Moniz, 1906.

_____. *Cartas do Japão (1907-1908).* Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928.

_____. *Cartas do Japão (1909-1910)*. Lisboa: Sociedade Arthur Brandão & Cª. 1928.

_____. *Cartas do Japão (1911-1913).* Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão & Cª, 1928.

_____. *Cartas íntimas de Wenceslau de Moraes*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1945.

_____. *O culto do chá*. Lisboa: Olho D'Água, 1905.

_____. *Dai Nippon*: o grande Japão. Lisboa: Sociedade de Geografia, 1897.

_____. *O-Yoné e Ko-Haru.* Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

_____. *Paisagens da China e do Japão*. Lisboa: Livraria Tavares Cardoso, 1906.

_____. *Relance da alma japoneza*. Portugal; Lisboa-Brasil: Sociedade Editora Arthur Brandão, 1925.

_____. *Relance da história do Japão*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira Ltda., 1972.

_____. *Traços do Extremo Oriente*: Siam-China-Japão. Lisboa: Livraria Antônio Maria Pereira, 1895.

_____. *A vida japonesa.* Terceira Série de Cartas do Japão (1905-1906). Porto: Livraria Chardrom Lello & Irmão, 1907.